

DESEJO
PROIBIDO
Livro 3

Amor

sem medidas

SOPHIE JACKSON



Como se mede um
amor que parece
maior que o mundo?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Amor
sem medidas



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



Amor

sem medidas

SOPHIE JACKSON



ARQUEIRO

Título original: *A Measure of Love*

Copyright © 2016 por Sophie Louise Jackson
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Gallery Books, selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Mateus Erthal

revisão: Mariana Rimoli e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: isitdesign

imagem de capa: © rubberball/ Getty Images

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15a

Jackson, Sophie

Amor sem medidas [recurso eletrônico]/ Sophie Jackson; tradução de Janaína Senna. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Desejo proibido; 3)

tradução de: *A measure of love*

Sequência de: *Paixão libertadora*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-751-7 (recurso eletrônico)

. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título. III. Série.

17-42536

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-3940
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para você. Obrigada.

Meu coração é e sempre será seu.

– Jane Austen

PRÓLOGO

Ele tinha 8 anos quando a viu pela primeira vez.

Encantado, ficou parado com a bicicleta entre as pernas, vendo a família tirar caixas de um caminhão de mudanças diante daquela casa na rua da escola. Ela rodopiava no gramado. Quando girava, o cabelo louro – preso em mairas-chiquinhas – se lançava pelo ar como as pás da hélice de um helicóptero. Usava um short jeans, sandálias cor-de-rosa e uma camiseta de um rosa ainda mais forte, com o desenho de um arco-íris no peito. A menina saltitava e pulava, cantava e ria sob o sol quente. Não tinha uma preocupação sequer.

E era simplesmente a criatura mais linda que ele já vira.

Pensando agora, ele tinha quase certeza de que havia se apaixonado naquele mesmo dia. Ela era leve, cheia de cores, empolgante. E uma novidade. Risos nos dias de verão e aventuras depois da escola. Embora os irmãos pegassem no pé dele sem dó nem piedade, ele e a garota logo ficaram amigos e passaram a andar de bicicleta juntos. Ela tinha até um skate e o ensinou a usá-lo. Subia em árvores, atirava pedras em prédios abandonados e roubava balas de uma loja; era só ele dizer que duvidava e ela fazia.

Ela era a coisa mais legal do mundo.

Cresceram juntos, brigaram, fizeram as pazes e trocaram o primeiro beijo quando tinham 14 anos, bem na época em que ele percebeu que gostava dela de um jeito que o fazia se sentir meio estranho. Ela já não era apenas sua melhor amiga: era algo mais. Era nela que ele pensava quando estava sozinho e o irmão mostrava as fotos das revistas que a mãe não deixava que eles lessem.

No dia em que a garota fez 17 anos, o rapaz finalmente lhe mostrou o que ela representava para ele. Na caçamba da picape, forrada com mantas e almofadas, penetrou o corpo dela sob as estrelas, sussurrando quanto a amava, prometendo que isso nunca iria mudar. Que os sentimentos que ele nutria por ela sempre seriam os mesmos. Que nunca haveria mais ninguém na sua vida. Ela era tudo de que precisava, tudo que poderia desejar.

Eles tinham todo o futuro pela frente, nus e ofegantes em meio ao clima de verão, bem colados um ao outro, e nem imaginavam que, apesar de todas aquelas promessas, a vida tinha outros planos para os dois.

1

– Mais forte! Ai, meu Deus, mais forte!

Riley Moore deu um risinho e segurou as pernas esguias apoiadas em seus ombros.

– Que Deus, que nada. – Ele começou a fazer movimentos mais vigorosos, exatamente como ela havia pedido. – Sou só eu.

Caramba, como ele precisava daquilo!

– Assim! Mais!

O cabelo da mulher se espalhava pelo travesseiro como uma imensa mancha negra. Ela arqueou as costas e começou a apertá-lo entre as suas pernas, se contraindo de tal forma que bastaram mais três estocadas firmes e profundas para ele gozar, soltando um grunhido alto. Depois, ofegante, Riley desabou sobre o corpo dela, mergulhando no seu pescoço e nas poças de suor em suas clavículas.

– Cacete, Moore! – exclamou ela, deixando as pernas caírem de volta na cama. Pôs uma das mãos entre os seios e balançou a cabeça. – Você tem que me ligar mais vezes, querido – completou, dando uns tapinhas na nuca dele.

– Já volto – respondeu Riley, levantando a cabeça e erguendo o corpo de cima dela.

Tirou a camisinha, jogou-a no lixo e atirou uma toalha para a mulher esparramada na cama, sem fôlego. Observou enquanto ela enxugava o corpo, descendo a toalha do pescoço até as coxas e entre elas. Carla era muito bonita, um verdadeiro furacão transando, mas a relação dos dois se limitava a sexo e, havia meses, funcionava perfeitamente bem.

Sorrindo, Riley mijou na privada, sentindo aquela espécie de aura pós-transa envolvê-lo como em um abraço aconchegante. Balançou o pau, lavou as mãos e voltou pelado para o quarto. Com a cabeça, fez um gesto de aprovação ao ver que ela já estava parcialmente vestida, fechando o sutiã. Adorava a inexistência de qualquer obstáculo emocional entre eles. Carla vestiu a blusa branca e checou a maquiagem num espelhinho, levando a mão às marcas vermelhas que a barba malfeita de Riley havia deixado no seu pescoço.

Ela lhe lançou uma olhadela acusatória e ele deu de ombros. Carla adorava aquilo, como a maioria das mulheres que já tinham ido para a cama com ele. Algumas chegavam até a pedir que deixasse marcas, o que Riley fazia sem pestanejar. Era muito sexy ver o próprio desejo gravado na pele de suas amantes.

Ele pegou a calça jeans junto à porta do quarto, onde Carla a havia atirado, e se vestiu sem fechar o zíper. Ela passou por ele ajeitando o cabelo e foi pegar a bolsa que estava na mesinha de cabeceira do seu lado. Carla retirou o celular e pressionou uma ou duas teclas, com a testa franzida.

– Preciso ir – disse ela, jogando o telefone de volta na bolsa. – O trabalho me chama.

Riley assentiu, olhando aquelas pernas delineadas pela saia justa que ia até os joelhos. Caramba, que pernas lindas! O restante das roupas era sem graça, peças profissionais. Por um instante, ele se perguntou

se outros homens poderiam descobrir aquela mulher selvagem escondida por trajes tão conservadores. Quem diria que uma contadora poderia ser tão interessante? Carla se virou para Riley, que estava parado atrás dela, encostado na parede de modo despreocupado, e foi descendo com o dedo indicador até o meio do peito dele, ainda úmido.

– Mais uma vez, obrigada, gato – murmurou ela, dando um beijinho no canto da boca de Riley. – Há um bom tempo eu não tinha um encontro assim na hora do almoço. Tenho certeza que em breve vamos nos ver de novo.

– Também tenho – falou ele, com uma piscadela.

Carla sorriu, deu mais uma ajeitada no cabelo e foi embora. Riley soltou uma risadinha e voltou ao banheiro para tomar um banho e tirar o cheiro de sexo, impregnado em cada poro de sua pele.

Meia hora depois, estava de volta à oficina O'Hare, debaixo de um incrível Ford Galaxie 1965, embalado pelo som do Guns N' Roses nas alturas e pelo prazer que sentia no trabalho. Adorava investigar os veículos que chegavam à oficina. Sempre adorara tudo aquilo, desde que o pai lhe apresentara o primeiro motor, quando ele tinha 10 anos. Riley fora o único dos quatro filhos de Park Moore que demonstrara algum interesse pelo negócio do pai, que se empenhara bastante em prepará-lo para assumir tudo, inclusive pagando seus estudos na Universidade de Nova York.

Não que isso tivesse servido para alguma coisa...

Com um suspiro, Riley pegou uma chave de roda. Ele não deixaria a relação complicada com o pai estragar o seu dia. Além do mais, só podia culpar a si mesmo pela situação. Um processo por receptação de objetos roubados e uma sentença de dezoito meses de detenção no presídio Arthur Kill acabaram com todas as esperanças que Park pudesse ter em relação ao futuro empresarial do filho. Um antecedente criminal não o levaria muito longe.

– Ei, Moore, está aí embaixo?

Riley sorriu ao ouvir o tom de voz agitado de Max O'Hare.

– Estou, cara. O que houve?

Botas surgiram na lateral do carro, na altura dos tornozelos de Riley.

– Preciso que me ajude com estas notas fiscais. Estou ficando vesgo de tanto olhar para elas.

Riley riu e parou o que estava fazendo. Com um impulso dos pés, fez a prancha deslizar e sair de baixo do carro. Piscando por causa das luzes fortes no teto, ele olhou para Max, que parecia exausto.

– Matemática não é comigo – resmungou Max, acenando com um punhado de papéis bem diante do nariz de Riley. – Socorro!

Bufando, Riley se levantou da prancha e pegou os papéis das mãos do amigo.

– Eu ajudo, claro.

Max havia herdado a oficina depois da morte do pai. Durante algum tempo, até conseguiu administrar o negócio, mas, cerca de um ano e meio antes, tinha sido internado numa clínica de reabilitação por causa das drogas. Fora um período bem difícil, mas, enquanto Max se recuperava, Riley assumiu a O'Hare com a ajuda financeira de Carter, amigo dos dois, e fez com que o lugar continuasse a lucrar.

Eles já eram amigos por quase uma década, e ajudá-lo era o mínimo que Riley podia fazer. Depois que Max voltara para casa, resolveram somar os conhecimentos que tinham de negócios e de carros e tocar aquilo juntos, aproveitando o fato de Carter estar disposto a investir na oficina. Antes do tempo na prisão e quase dois anos após ter se formado pela Universidade de Nova York, Riley tivera um negócio

próprio: uma pequena mas bem-sucedida oficina mecânica, do outro lado da cidade. Claro que, durante os meses passados em Arthur Kill, Riley perdera muitos clientes e, por fim, precisou vender a empresa. Usou o dinheiro para quitar o apartamento e todas as dívidas que tinha, entre elas uma que herdou do pai: os 100 mil dólares de mensalidades da graduação. Riley ficou arrasado por ter que abrir mão da oficina daquele jeito, mas não tinha escolha.

Ele estava desesperado para voltar à ativa e a sociedade com Max surgiu como a solução perfeita.

Max pensava como ele e, agora que o amigo dividia o tempo entre a Virgínia Ocidental e Nova York, a maior parte das responsabilidades administrativas da oficina ficaram nas mãos de Riley, o que ele aceitou numa boa. Em geral, as pessoas o enxergavam apenas como um mulherengo sarado e cheio de tatuagens – o que em parte era verdade. Porém, apesar das aparências, Riley era bastante inteligente e a única coisa de que gostava mais do que mulheres e motores eram os números.

– Pronto para hoje à noite? – perguntou ele a Max, quando estavam entrando no escritório.

– Paintball? – indagou o amigo, fechando a porta. – Já nasci pronto, cara. – Estalou os dedos das mãos. – Prepare-se para se ferrar bonito.

Rindo, Riley sentou na cadeira atrás da grande escrivaninha de madeira.

– Você está sabendo que o meu irmão vai levar três dos antigos amigos fuzileiros com ele, não está? Acho que não sou só *eu* que vou me ferrar.

– Não estou nem aí... – respondeu Max, com um gesto de desdém. – Desde que não mirem no meu pau, por mim tudo bem.

Riley ergueu a sobrancelha.

– Eles são fuzileiros. Mirar no saco é o que eles fazem..

Os dois riram. Era bom ver Max tão relaxado e feliz. As coisas nem sempre foram assim. Era uma luta diária para se manter livre das drogas, mas a mulher dele, Grace, lhe dera uma nova vontade de viver. E Riley não poderia estar mais alegre com isso. Acreditava que, de todos os seus amigos, era Max quem mais merecia ser feliz.

Os últimos doze meses tinham trazido mudanças importantes ao grupo de amigos mais próximos de Riley. Carter estava casado havia quase um ano e, apesar de uns poucos momentos de turbulência no início, ele parecia mais apaixonado do que nunca. Lá estava Max, feliz da vida, e ainda havia os caras na oficina, sempre falando das mulheres e dos filhos.

Riley imaginava que isso tudo era normal quando um homem e os amigos estão chegando à casa dos 30 anos: a vida muda e as pessoas viram adultas. Mas Riley não estava convencido de que iria cumprir essa última etapa, por mais idade que tivesse. Ainda assim, mesmo quando estava todo contente, mergulhando de cabeça no trabalho ou ligando para alguma garota da sua lista de sexo casual sempre que sentia necessidade – o que acontecia com bastante frequência –, ele se pegava imaginando como seria se finalmente decidisse sossegar.

Os pais tiveram um casamento feliz por mais de 35 anos, com quatro filhos, portanto a ideia de assumir um compromisso sério com alguém não era uma realidade que Riley desconhecesse. Na verdade, ele tinha 8 anos quando pensou nisso pela primeira vez...

– Então, e aí?

Riley ergueu os olhos e viu Max sentado do outro lado da escrivaninha. O amigo olhava ansioso para

as notas fiscais, que Riley encarava sem prestar a menor atenção. Não fazia ideia do que estava escrito ali. Mesmo assim, passou a mão pelo queixo barbado e sorriu.

– Está tudo bem, cara. Não se preocupe.

Max estreitou os olhos.

– Tem certeza? – Voltou a se recostar na cadeira. – Tem certeza de que está tudo bem?

Riley conhecia aquele tom de voz. De vez em quando, Max o usava para implicar com o amigo. E a culpa era toda sua. Algum tempo antes, quando Max ainda estava paquerando Grace, Riley fez um comentário idiota sobre perder o amor ou qualquer besteira do gênero e, sabe-se lá por quê, Max nunca se esquecera disso.

Aquilo só significava que o amigo estava preocupado, mas Riley não estava com a menor vontade de falar sobre o próprio passado, embora o sonho da véspera – a imagem detalhada da primeira vez que tinha visto *a garota*, toda de rosa e com mairias-chiquinhas louras – ainda ocupasse um espaço lá no fundo de sua mente. Era tão estranho... Fazia tempo que não tinha um sonho assim, e foi por isso que Riley chamou Carla para uma rapidinha na hora do almoço: um alívio passageiro para a tristeza que ainda persistia.

Enquanto a imagem da menina linda e loura continuava a dançar pelos números impressos nos papéis que tinha nas mãos, Riley pigarreou, tentando ao máximo manter as lembranças bem trancadas em sua mente.

Lexie.

Não, pensou ele, se punindo em silêncio. Aquilo era passado. E não havia como mudar o passado, por mais que desejasse o contrário.

– Está tudo às mil maravilhas – respondeu Riley, espalhando as notas fiscais na mesa.

Não era mentira. Estava dizendo a verdade. Tudo *estava* bem. Vinha trabalhando muito. Tinha ótimos amigos e mulheres para esquentar sua cama sempre que quisesse. E, ainda por cima, morava na cidade que tanto amava. Que motivo teria para se sentir triste?

– Pode parar – continuou, com os olhos ainda pregados nos papéis. – Dá para ouvir daqui a sua cabeça dando voltas.

Max bufou e cruzou os braços.

– Ok. Fique aí então com os seus segredos.

Riley ergueu os olhos.

– É o que vou fazer – replicou, voltando a examinar as notas fiscais.

– Hoje você chegou um pouco mais tarde do almoço – comentou Max, num tom descontraído, nitidamente tentando mudar de estratégia. – Quem era a garota?

Riley soltou uma risada e balançou a cabeça.

– Por que você acha que tem uma garota na história?

– Porque você é igualzinho ao Obi-Wan Kenobi com as mulheres.

– Qual é! – disse Riley, franzindo a testa e erguendo os olhos. – Por favor, eu sou o Han Solo.

– Que seja... – O amigo insistiu, com um gesto: – E então, quem era?

Riley suspirou, conformando-se com o fato de que conhecia Max bem o bastante para saber que ele não iria desistir.

– Carla.

As sobrancelhas de Max se ergueram de repente.

– A das pernas deliciosas? A contadora?

Riley coçou a nuca com a ponta de uma caneta que pegou de cima da escrivaninha.

– A própria.

Max se encostou novamente na poltrona.

– Legal! Ela é gostosa.

Era mesmo. Sem dúvida alguma. E ótima de cama. Mas, por melhor que tivesse sido, Riley ainda sentia uma pequena tensão nos ombros, que estava lá desde que acordara daquele maldito sonho. *Ela rodopiava e ria. As cores giravam, o cabelo louro brilhava.* Riley sentiu os lábios começarem a se repuxar levemente diante da lembrança daquelas benditas sandálias cor-de-rosa que ela tinha usado durante todo o verão. *Céus!* Esfregou as sobrancelhas com o dedo. Os dois tinham 8 anos e não faziam ideia do que a vida reservaria para eles.

E isso não era triste?

Não sabia onde ela morava, nem mesmo se tinha ficado em Michigan, onde se conheceram. Pelo menos foi lá que a tinha visto pela última vez, no aniversário de trinta anos de casados dos pais, cinco anos antes.

Depois que Riley voltara para Nova York, atendendo ao pedido firme de Lexie para que nunca mais se aproximasse ou tentasse falar com ela, ele começou a procurar velhos amigos em busca de informações a respeito dela. Mas não durou muito. Desde aquela noite em que a deixou chorando na varanda da casa da mãe, Riley não tinha o direito de querer saber de Lexie Pierce ou de se preocupar com ela.

Tinha rompido todos aqueles laços e sabia como seria difícil reconstruí-los. Muita coisa havia sido feita, e muitas palavras foram ditas. Ele tinha aprontado demais, feito péssimas escolhas e magoado aqueles que mais amava.

Além disso, pensou ele em tom de deboche, finalmente se concentrando nos números que estavam à sua frente, só naquelas novelas horrorosas que a sua mãe gostava de ver é que um sujeito conseguia ficar com a mulher que amava havia 21 anos.

■ ■ ■

– Cacete, acho que você quebrou minha costela!

Carter levantou a camiseta pela centésima vez, exibindo a mancha roxa redonda que se intensificava debaixo do seu mamilo esquerdo.

– Olha só o que eles fizeram comigo! – exclamou, agora se dirigindo à garçonete que servia água no copo de Tate.

Ela deu um risinho e balançou a cabeça antes de se afastar.

O machucado era resultado de um lance de Riley no paintball, quando ele disparou a arma no estilo do filme *Bad Boys*. Foi simplesmente incrível, e Carter passou quase três horas reclamando do hematoma. Pelo visto, estava doendo mesmo. E Riley não conseguia parar de rir.

– Deixa de ser chorão – disse Tate, irmão de Riley, rindo e cutucando o amigo fuzileiro, Steve. – Nem deve estar doendo tanto assim.

– Que saco! – resmungou Carter, puxando a camisa para baixo e se ajeitando na cadeira.

Uma algazarra de gozações tomou conta da mesa e, mais uma vez, ele tentou se vingar dando um tapa em Riley.

– Também estou machucado – protestou Riley, se esquivando do ataque do amigo. – Esse cara aqui não me ajudou em nada – brincou, cutucando o bíceps do irmão.

– Pois você deveria me agradecer – disse Tate sorrindo e dando de ombros.

– Por quê?

– Por aturar você.

– Ah, claro. – Riley revirou os olhos. – Muito atencioso da sua parte! Eu devia aproveitar e pedir para você furar o meu pau com uma agulha quente.

Tate não se abalou.

– Tenho um garfo – disse, pegando os talheres.

– Ótimo – respondeu Riley. – Pode ficar com ele. E junte com o resto que já está enfiado no seu rabo.

– Meu Deus! – lamentou Max, passando as mãos pelo rosto. – Eu tinha esquecido como vocês dois eram..

Os irmãos olharam para Max como se ele fosse louco e disseram, ao mesmo tempo:

– O quê?

Todos na mesa riram. Na verdade, Riley estava orgulhoso porque o irmão tinha ganhado a partida de paintball com apenas alguns disparos. Quando ainda estava no Exército, Tate fora ferido na explosão de uma bomba. Depois disso, Riley e o restante da família passaram semanas sem saber se o rapaz voltaria a abrir os olhos, e jamais imaginaram que ele algum dia poderia derrotar um bando de babacas numa disputa de paintball! Para alguém que precisava usar uma bengala durante 80% do tempo e dependia de tantos analgésicos, Tate era uma lição para todos eles.

– Coloca gelo e toma um anti-inflamatório. Vai ficar bom logo, logo – disse Tate para Carter.

– Obrigado, *doutor* – respondeu o amigo, em tom de gozação.

– Ei, olhe pelo lado bom – falou Ben, um colega de trabalho de Carter que estava sentado ao lado de Max. – É uma desculpa para Kat cuidar de você.

Carter apontou um dedo na direção dele.

– Isso é verdade.

– Pelo amor de Deus! – retrucou Max, debochando. – Quando ela olhar para você, vai perguntar o que aconteceu e cair na gargalhada.

Carter virou o dedo para Max.

– Isso também é verdade – disse, e deu uma risadinha segurando o copo de Coca diante do rosto. – Mas pelo menos devo ganhar alguns pontos no quesito masculinidade, né?

Riley e Max trocaram um olhar de dúvida, fazendo Carter rir ainda mais. Nossa, Riley adorava aquilo. Essas noites só com os amigos tinham começado pouco depois da despedida de solteiro de Carter em Las Vegas. Dessa vez, o público era grande: dez ao todo, incluindo Paul e Cam, da oficina. A quantidade de participantes variava, dependendo de quem estava disponível, mas Riley, Max, Carter e Tate tentavam se reunir pelo menos uma vez a cada dois ou três meses.

Ir a boates e beber estavam fora da lista de atividades possíveis, já que Max e Tate continuavam se recuperando dos seus vícios, mas isso não tinha a menor importância. Eles jogavam paintball, boliche ou simplesmente se reuniam para jantar. O que contava mesmo era passarem algum tempo juntos, se

divertindo e falando da vida, do trabalho e de mulheres. Não que Riley tivesse muito a conversar com os outros sobre esse último assunto: agora, ele e Tate eram os únicos solteiros ali. Isso, porém, não os impedia de fazer comentários sobre o relacionamento dos demais.

– Então, rapazes, conto com vocês na exposição da Grace esse fim de semana? – perguntou Max antes de dar uma mordida caprichada no seu *cheeseburger* com bacon.

A namorada de Max era fotógrafa e ultimamente vinha atraindo muita atenção no mundo das artes.

Riley fez que sim com a cabeça.

– Até já comprei o meu ingresso.

– Claro – disse Carter, enquanto Ben erguia os polegares, concordando. Os olhos de Carter se voltaram para Riley. – Quem você vai levar desta vez, Moore?

– A latina? – indagou Paul, animado, com os olhos cinzentos arregalados.

– Não, cara, aquela que foi modelo da Victoria Secret – interveio Cam, quase pulando da cadeira.

Riley deu um risinho.

– Vou levar quem for sortuda o bastante para ser a escolhida.

Carter balançou a cabeça e Tate, ao seu lado, resmungou qualquer coisa. Riley passou o braço pelos ombros do irmão.

– Ei, qual é? Não fique com ciúme. Não me importo de compartilhar...

Tate se desvencilhou do abraço.

– A única coisa que vai compartilhar é uma DST. Só espero que esteja protegendo esse troço aí.

– Sempre – respondeu Riley, pondo uma batata frita na boca.

– Ele, sozinho, consegue manter todas as fábricas de camisinha funcionando – observou Max, com um olhar brincalhão.

Riley inclinou a cabeça, fingindo seriedade.

– Ora, vejam só... O cara está num relacionamento monogâmico há cinco segundos e já se acha o guardião da moral. – Ele se abaixou para desviar do sachê de ketchup que veio voando na sua direção e apontou para o outro lado da mesa. – Violência nunca foi solução para nada.

– É, mas faz eu me sentir bem melhor – retrucou Max, voltando a se esparramar na cadeira.

– Eu também me sinto melhor – disse Tate, dando um tapa na nuca do irmão.

Riley preparou o braço para revidar, mas Tate ergueu a palma da mão para ele.

– Ah! Não vai bater num aleijado, vai?

Com uma gargalhada, Riley empurrou o irmão.

– E que aleijado!

Tate sorriu, então enfiou a mão no bolso. Pegou o celular e franziu a testa ao olhar para a tela. Empurrou a cadeira, pegou a bengala e, levantando-se, atendeu a ligação.

– Oi, mãe.

Riley observou o irmão ir até a porta do restaurante, onde poderia ouvir melhor. Uma sensação nada comum de preocupação se instalou na sua garganta. Não era estranho a mãe ligar, muito pelo contrário. Mas tinha alguma coisa naquele horário, quase nove da noite num dia de semana, que deixou os pelos da nuca de Riley arrepiados.

– Está tudo bem? – perguntou Carter, baixinho.

Riley assentiu, sem tirar os olhos do irmão.

– Claro.

Assim que Tate enrijeceu e endireitou as costas, Riley soube que havia acontecido alguma coisa. O medo se confirmou quando o irmão veio caminhando de volta, com as sobrancelhas franzidas e os olhos procurando por ele em meio às garçonetes e aos outros clientes. Riley sentiu o estômago se revirar e se levantou depressa, fazendo a cadeira arranhar o assoalho de madeira. Quanto Tate chegou à mesa, ainda estava com o celular colado no ouvido.

– ... foi o que o médico disse?

– Médico? – perguntou Riley, embolando o guardanapo e atirando em cima do prato que ainda não tinha terminado. – O que...

Tate balançou a cabeça, impedindo o irmão de continuar.

– Bom, é o procedimento habitual. É. E os sinais vitais? – Franziu mais a testa e engoliu em seco. – Seb está aí?

Riley pegou a carteira e atirou algumas notas de 20 em cima da mesa, pagando por duas refeições que eles mal tinham começado a comer. Carter e Max também se levantaram, parecendo prontos para fazerem o possível para ajudar. Tate podia ter o mesmo sangue que Riley, mas nem por isso aqueles dois outros homens ao seu lado eram menos seus irmãos.

Tate esfregou a testa com as pontas dos dedos, nervoso.

– Claro, mãe, estamos a caminho. Agente firme, ok? Vamos pegar o primeiro avião que conseguirmos.

Carter já estava tirando o celular do bolso para fazer uma ligação.

– O que foi? – perguntou Riley a Tate, assim que o irmão desligou o telefone.

Tate suspirou.

– Papai teve outro infarto – respondeu.

Riley soltou o ar pelo nariz com força, sentindo o peito apertado.

– Merda! Ele está mal?

Observou atentamente o rosto do irmão, percebendo o médico que havia nele aflorar.

– Está sendo preparado para a cirurgia – respondeu Tate.

Riley não pôde deixar de notar que o irmão não tinha respondido à sua pergunta.

– Seb já está lá – acrescentou, referindo-se ao irmão caçula. – Precisamos arranjar um voo.

Carter, com o celular colado ao ouvido, ergueu uma das mãos, pedindo que eles esperassem um pouco.

– Isso. Serão dois passageiros – disse ele, dirigindo-se a quem quer que estivesse do outro lado da linha. – Assim que o avião estiver pronto. Ok. Direto para... – Carter ergueu uma das sobrancelhas para Riley, numa pergunta silenciosa.

– Aeroporto Cherry Capital, Traverse City – disse Tate e, então, virou-se para Riley. – Ele está no Centro Médico de Munson. Vamos levar uns quinze minutos de táxi até lá.

Riley meneou a cabeça. Sentia a ansiedade e o desespero percorrendo todo o seu corpo. Não estava acostumado àqueles sentimentos e, honestamente, aquilo o deixava apavorado. O seu pai. No hospital. Desde o período que passara na prisão, a relação entre os dois era no mínimo complicada, e a ideia de que o pai pudesse morrer antes que Riley tivesse tempo de se acertar com ele o deixava em pânico. Respirou fundo e fechou os olhos. Que diabo ia fazer se alguma coisa acontecesse com o pai? Sua mãe

ficaria arrasada. Era o segundo ataque cardíaco que ele tinha em dois anos e, da última vez, os médicos disseram que...

Riley pressionou a testa com a mão e pigarreou, numa tentativa de se acalmar.

Carter desligou e deu uns tapinhas de leve no celular.

– O jato da empresa vai estar pronto para levar vocês dois em cerca de uma hora e meia.

Mal se contendo de tanta gratidão, Riley fitou o amigo nos olhos e deu uma palmadinha no ombro de Carter.

– Obrigado, cara!

– Estou às ordens para o que precisarem.

– Vamos! – exclamou Tate, apressando o irmão. Passou pelos amigos e atravessou o restaurante, indo em direção à saída. – Dá tempo de passar na sua casa e pegar algumas coisas antes. Vamos a pé. Vai ser mais rápido do que tentar pegar um táxi.

Riley pegou o paletó no encosto da cadeira.

– Vamos de táxi, Tate. A sua perna não vai aguentar essa distância. – Riley ignorou o olhar fulminante do irmão. Já estava imune àquilo. – Temos tempo – acrescentou, para acalmar os ânimos.

Não gostava de se referir à deficiência do irmão na frente de outras pessoas, mas, às vezes, o babaca era teimoso demais...

Tate suspirou e comprimiu os lábios. Era o seu jeito de dizer “Discutimos isso mais tarde”. Depois, voltou a andar e saiu para a rua.

Riley seguiu o irmão, mas ainda falou com os amigos que, agora, estavam de pé em volta da mesa:

– Telefone quando chegar lá. – Então, se dirigiu a Carter: – Mais uma vez, obrigado. Max, não consegui... As contas da oficina precisam...

– Vai logo – disse Max, apontando na direção da porta por onde Tate havia saído. – Está tudo bem. Pode deixar que eu cuido disso.

Riley baixou a cabeça, se virou e, ao sair do restaurante, viu que o táxi que o irmão havia chamado já estava junto ao meio-fio. Tate abriu a porta e olhou para trás, na sua direção. Parou por um instante e os seus olhos, sempre tão seguros e cautelosos, brilhavam de medo. Riley gelou. A única vez que tinha visto aquele olhar no rosto do irmão foi na manhã em que ele acordou do coma induzido, enquanto os médicos cuidavam dos terríveis ferimentos que Tate havia sofrido em missão.

– Puta que pariu! – exclamou Riley. – E se...

– Nem pense nisso – interrompeu Tate, com uma voz calma que fez Riley se lembrar da época em que eram crianças.

Tate pôs a mão no ombro do irmão.

– Cara... – Riley ergueu os olhos para o céu. – Não falo com ele desde...

Meu Deus, já fazia quase três anos! A conversa tinha ocorrido no outono depois que saíra da prisão. Trocaram palavras ásperas e, depois, só silêncio, o que foi provavelmente pior do que qualquer palavra de desapontamento ou amargura que pudesse brotar dos lábios do pai.

Quando ele tivera o primeiro ataque cardíaco, dois anos antes, Riley foi vê-lo no hospital e ficou com a mãe até ele recuperar a consciência. Mas os dois não se falaram. O pai ainda estava tão bravo que não queria nem olhar para ele. Sabendo muito bem que tipo de homem era Park Moore, e respeitando o tempo

do pai para digerir e assimilar a decepção que tivera com o filho, Riley simplesmente ficou de boca fechada.

– Venha – disse Tate, indicando o táxi com um gesto. – Temos que ir. Vai dar tudo certo.

Riley tinha esperanças de que o irmão tivesse razão, já que, para ser honesto, não era apenas a ideia de ver o pai que fazia o seu coração disparar.

2

Vinte e um anos antes...

Por três dias, ele ficou só olhando. Até que ela falou com ele.

Tinha acabado de terminar o segundo ano e estava de férias. A cada dia, inventava novas desculpas para os pais como pretexto para ir ao parque – que ficava a cinco minutos de distância e era o único lugar aonde podia ir sem os irmãos, e mesmo assim “só por meia hora” – e passar pela casa dela. Ficava parado sempre no mesmo lugar, junto a uma árvore, com a bicicleta apoiada entre as pernas, espiando enquanto aquela loura fascinante dançava pelo quintal da frente da casa.

Ela tinha um cachorro e uma irmã menor, com quem brincava muito. As duas pareciam se dar bem, o que deixava Riley meio confuso, já que ele e os irmãos estavam sempre brigando. Principalmente com Dex, que era o mais velho e achava que podia mandar em Riley, Tate e Seb. O irmão mais novo costumava chamar Dex de babaca. Na última vez que fez isso, a mãe ouviu e o deixou de castigo o fim de semana inteiro. Aprenderam que cochichar ou fazer gestos era bem mais seguro do que xingar o irmão em voz alta.

Naquele dia, a garota estava com uma pistola de água e mirava nas árvores, esguichando nas folhas, e, depois, nas plantas penduradas na entrada da casa. Tinha boa pontaria. Muito melhor do que a dele. Ela armava a pistola, inclinava a cabeça, fechava um dos olhos, botava a língua para fora e disparava, erguendo o punho no ar sempre que acertava o alvo.

Ele também tinha uma pistola de água em casa. Será que ela ia ficar chateada se ele quisesse brincar também? Estava pensando num jeito de se aproximar e perguntar isso a ela, tentando descobrir por que aquela ideia dava uma sensação estranha na barriga, quando percebeu que a menina tinha parado de atirar e estava olhando para ele, do outro lado da rua, cobrindo os olhos com a mão para protegê-los do sol.

Riley ficou paralisado, como um coelho surpreendido à noite pelos faróis de um carro, e começou a remexer no guidão da bicicleta. De soslaio, viu a garota vindo na sua direção, mas ela parou na beira da calçada, sem atravessar a rua, e pôs as mãos na cintura.

– Ei! – gritou ela, com a pistola apontada para baixo e a água pingando na perna. – Ei, menino!

Ele ergueu os olhos, sentindo a boca seca. Olhou para os lados e só então apontou para si mesmo, num gesto interrogativo.

– É, você mesmo – confirmou ela. – Está perdido?

Deu para perceber que a garota tinha uma voz bem forte, apesar de ser pequena. Ele fez que não com a cabeça.

– Você mora na rua?

Riley franziu a testa e balançou a cabeça mais uma vez.

– É maluco?

Ele pestanejou e ela sorriu, então acrescentou:

– Você mora nessa árvore? Está sempre por aí.

O rosto do garoto ficou vermelho de vergonha. Não que estivesse tentando se esconder, mas o fato de ela ter reparado na presença dele fez com que se sentisse meio bobo.

– Sabe brincar com pistola de água?

A menina apoiou a dela nos quadris. Só precisava de um chapéu de caubói para completar o visual.

Dessa vez ele assentiu.

– Você fala?

Ele não abriu a boca, mas assentiu novamente.

– Pode atravessar a rua?

Na verdade, não podia. Mas estava tudo tranquilo, e não tinha ninguém por perto. Riley fez que sim com a cabeça.

– Então não fique parado aí. Vem brincar!

Ela ergueu a pistola e disparou. Por mais potente que parecesse aquela arma, a água só molhou a ponta da sandália de Riley, respingando nos dedos do seu pé.

Ele abriu um sorriso largo e manobrou a bicicleta, preferindo empurrá-la a pedalar, e atravessou a rua. Mais de perto, percebeu como os olhos dela eram brilhantes, parecendo o céu de verão acima deles. Viu que o cabelo não era apenas louro, mas quase branco, dourado e brilhante, como o laguinho que tinham no quintal dos fundos de casa. Nunca tinha visto nada como ela... Num dos braços da menina, viu a tatuagem de uma flor e, no outro, a de um gato rosa. Como será que ela convencera os pais a deixá-la fazer aquilo? Ficou muito curioso.

Ela o observou por um breve instante e, com a cabeça, fez um gesto indicando o Batman da camiseta dele.

– E então, você tem nome? Ou devo chamar você de Batman?

Ele tossiu um pouquinho antes de responder:

– Riley.

Ela sorriu, exibindo duas falhas nos dentes de baixo.

– Oi, Riley. Sou a Lexie.

Nas duas semanas seguintes, Riley viu Lexie praticamente todos os dias, atirando em alienígenas e aprendendo tudo o que precisava saber sobre o incrível telescópio que ela tinha na varanda dos fundos, sempre garantindo para a mãe que o parque era mesmo muito legal e perguntando se podia passar o tempo todo por lá, por favor, por favor, já que tinha 8 anos e era um menino comportado.

Parada diante da pia da cozinha, enxugando as mãos num pano de prato, a mãe ergueu uma das sobrancelhas com interesse quando ele lhe disse tudo aquilo mais uma vez.

– Afinal, do que você tanto gosta nesse parque, Riley? – perguntou, com um sorrisinho.

– É... hã... divertido – balbuciou ele, batendo com a ponta do pé no piso de linóleo. – Tem um monte de amigos meus lá.

– E garotas.

Riley se virou para lançar um olhar fulminante ao irmão Tate, que tinha aparecido ali de repente e agora estava rindo ao ver a sua expressão.

– Tem meninas lá? – indagou a mãe, com um tom mais carinhoso que de provocação.

Riley sentiu as bochechas ficarem quentes e tentou escondê-las com a camiseta do Super-Homem que estava usando.

– Não.

– Ele não vai para o parque coisa nenhuma – acusou Tate às costas de Riley, a boca cheia de manteiga de amendoim que estava comendo direto do pote com uma colher. – Fui atrás dele. Ele fica parado junto a uma árvore na Wick Avenue.

Riley se virou e deu um empurrão no irmão linguarudo. Com toda a força.

– Cala a boca!

– Riley! – ralhou a mãe, afastando Tate e segurando o outro filho pelo cotovelo. – Nada de ficar batendo nos outros, rapazinho.

Riley reclamou e conseguiu se desvencilhar da mãe, que tirou o pote de manteiga de amendoim das mãos de Tate. Batendo os pés, Riley foi até a mesa da cozinha, arrastou uma cadeira e se sentou nela, bravo. Que saco! Agora que o seu segredo tinha sido revelado, sabia que a mãe ia deixá-lo de castigo ou proibi-lo de sair para se encontrar com Lexie. Só de pensar nisso, sentiu o estômago se revirar.

Ela se sentou à sua frente e pôs as mãos em cima da mesa, com os dedos entrelaçados.

– E então? – perguntou ela, com toda a calma. – Quer me contar o que a Wick Avenue tem de tão interessante?

– Não... – murmurou o menino, sem tirar os olhos do próprio colo.

– Tem certeza?

Ele soltou o ar com força pelo nariz.

– Não tem nada.

– Não é o que parece. Se você vai lá todos os dias é porque deve ter alguma coisa muito interessante.

Ao erguer o olhar, Riley deu de cara com os olhos verdes suaves da mãe e com um ligeiro sorriso que surgia em seus lábios. Ela estendeu a mão na direção da fruteira que estava entre os dois, pegou duas uvas num cacho e ofereceu uma ao filho. Riley pegou a fruta e a atirou na boca. Uvas verdes sem caroço, as suas preferidas.

– Fiquei amigo de uma pessoa que mora lá – respondeu ele baixinho, com o queixo encostado no peito.

Podia sentir o calor do rosto enrubescido.

– Arranjou um amigo – disse a mãe. – Como ele se chama?

Riley ficou todo atrapalhado.

– Ela... se chama Lexie.

A mãe ficou calada por um instante e, depois, ofereceu mais uma uva a ele.

– Que nome bonito!

O menino ergueu os olhos, espantado.

– Ela é mesmo – disse. – Quer dizer, é mesmo. O nome dela é bonito.

A mãe riu, parecendo achar divertido o embaraço do filho. Estendeu a mão e acariciou a franja dele.

– É ótimo você fazer novos amigos. Mas não quero que vá sozinho para a Wick Avenue. Fica longe daqui e é uma rua bem movimentada.

Riley engoliu em seco. Imaginava que era isso o que ia acontecer, mas, mesmo assim, ficou triste. Como ia conseguir ver Lexie de novo?

– Da próxima vez que quiser ir lá, levo você de carro.

Ele ergueu a cabeça bruscamente.

– Sério?

– Sério.

Riley pulou da cadeira e quase caiu, tropeçando nos pés do móvel.

– Podemos ir agora?

– Agora?

– É. Eu disse que ia lá hoje. Tem uma missão espacial importante, mas precisamos de um foguete. Lexie sabe o nome de todos os planetas e até de algumas estrelas. Sabia que as estrelas têm nome? Ela me mostrou no telescópio. Então, estamos construindo uma nave no bosque que fica nos fundos da casa dela. Mas não estamos entrando muito no mato, porque a mãe dela disse que a gente não podia. Aí o pai dela cortou uns pedacinhos de madeira que a gente pode usar sempre que ele está lá para ajudar. Só que ele sempre me chama de “esse menino” em vez de me chamar pelo meu nome. E vamos começar hoje.

A mãe de Riley riu novamente.

– Uma nave para uma missão espacial importante, sei...

– É! Lexie vai pilotar. Eu vou ser o copiloto, mas vou continuar sendo Han Solo.

– Bom, por que não disse isso antes? Naves espaciais são mesmo um assunto importante.

– Eu sei! – exclamou Riley, aliviado ao ver que a mãe compreendia a sua ansiedade.

– Vamos lá.

Riley não ficou nem um pouco sem graça quando o carro parou na frente da casa de Lexie, mas teve vontade de sumir quando sua mãe insistiu em conhecer a mãe da menina, Christine, antes de ir embora. Ele ficou parado no quintal, com Lexie ao seu lado, enquanto as duas mulheres falavam baixinho e riam, referindo-se a algo que ambas pareciam achar muito divertido e, ao mesmo tempo, olhando para eles dois de um jeito que deixou Riley com vontade de esconder o rosto com as mãos.

– Quem sabe Riley não fica para o jantar? – perguntou Lexie de repente, fazendo com que o menino quase caísse para trás de tanto susto.

Ela lhe deu uma olhadela rápida e mexeu o corpo de um lado para outro.

– O que foi? – sussurrou. – Você não quer?

Ele queria, sim. Claro que queria! Tudo que conhecia do lado de dentro da casa de Lexie era a cozinha e o banheiro do térreo. Achava que ver um pouco mais era bem emocionante. E passar mais tempo com ela ia ser ótimo.

– Acho perfeito – concordou Christine, com um sorriso que a mãe de Riley retribuiu. – Tudo bem, Riley?

– Claro – respondeu o menino mais que depressa. Olhou para Lexie e viu que ela estava com um

sorrisinho. – Claro.

– Podemos ir agora? – perguntou a garota aos pulos e, puxando o amigo pela manga, saiu para longe das mães. – Precisamos completar uma missão!

– Venho buscar você às sete! – gritou a mãe de Riley.

Mas ele nem respondeu. Simplesmente acenou para ela sem se virar e continuou correndo para os fundos da casa com Lexie.

■ ■ ■

O avião que Carter arranhou para Riley e Tate era elegância pura. Havia umas vinte poltronas, todas estofadas de couro creme. Bar completo, mesas de mogno, TV de tela plana e uma comissária bonita que ficava vermelha e dava umas risadinhas sempre que Riley pedia uma bebida qualquer. Ele acharia ótimo retribuir, ou pelo menos apreciar a visão da moça de uniforme, mas, sinceramente, estava com a cabeça longe demais para aquilo.

Ficou só pensando, tomando o seu bourbon num copo de cristal. Já fazia dois anos que não ia à sua terra natal. Sabia que deveria ter voltado antes e adoraria não ser tão covarde, mas, que inferno, eles tinham brigado. A pontinha de culpa que sentiu quando a mãe telefonou era agora uma onda gigantesca e tomava conta do seu corpo. Riley passou a mão pelo rosto e apoiou a cabeça no encosto da poltrona quando o avião começou a sacudir por causa de uma zona de turbulência.

Tate olhou na direção do irmão.

– Papai vai ficar bem, Ri. – Ele suspirou, esfregando o joelho ruim. – Não fique remoendo mil coisas. Isso não faz o seu gênero.

Pela janela, a luz da extremidade da asa direita do avião continuava a piscar.

– Não estou remoendo nada – replicou Riley. – Só estou preocupado.

– Eu também, cara. Eu também.

Cerca de uma hora e meia mais tarde, os dois entravam apressados pelas portas do Centro Médico de Munson. Na recepção, Tate disse algumas palavras que pareciam termos médicos e deu o nome do pai deles a uma enfermeira que estava no balcão.

– O pai de vocês ainda está em cirurgia – disse ela, enfim, com as unhas batendo nas teclas do computador. – Podem subir para a sala de espera no quarto andar. O médico vai procurar vocês.

Foi lá que encontraram a mãe.

Riley a adorava. Será que ele era um filhinho de mamãe? Provavelmente, mas estava se lixando para isso. Era um rótulo que ele se orgulhava de ostentar. Joan Moore era, e sempre tinha sido, uma pessoa corajosa e forte. O fato de ser a única mulher numa casa cheia de meninos bagunceiros e com um marido que passava muitas horas no trabalho teria sido um desafio para qualquer uma, mas ela sempre conseguiu fazer tudo aquilo parecer fácil.

Riley não se lembrava de já ter visto a mãe estressada ou infeliz, e podia contar nos dedos de uma das mãos as ocasiões em que ela havia gritado com ele, com os irmãos ou com seu pai. A mãe tinha uma dose altíssima de paciência e de otimismo, qualidades que usava sem pensar duas vezes para manter os filhos na linha. E funcionava. Embora o disciplinador da casa sempre fosse o pai, Park, era a ela que Riley sempre se esforçava para agradar.

Nunca se esqueceria da expressão da mãe quando foi visitá-lo em Arthur Kill pela primeira vez.

Partiu o coração de Riley. Apesar de ele ser, desde os 16 anos, muito mais alto do que aquela mulher de 1,67 metro, a evidente decepção de Joan tinha reduzido Riley a um minúsculo nada, e ele nunca mais queria voltar a ver aquele olhar na mãe.

– Mãe? – disse ele, do vão da porta.

Ela levantou a cabeça depressa, os olhos verdes cansados e vermelhos. A simples ideia de ela estar chorando despertou alguma coisa ferozmente protetora em Riley, algo que fez com que as suas pernas percorressem a distância que os separava o mais depressa possível. Ele a tomou nos braços, envolvendo-a num abraço apertado enquanto Tate, que não era lá muito de abraços, permaneceu parado um pouco atrás. A cabeça de Joan batia abaixo do queixo do filho, e o cheiro tão familiar daquele perfume adocicado no seu cabelo louro já grisalho levou Riley a fechar os olhos. Ele ficou assustado ao perceber o quanto a mãe parecia pequena e vulnerável ali nos seus braços.

– Ah, Riley... – murmurou ela, com o rosto enfiado no peito do filho.

Ele a acalmou com afagos, apertando-a um pouco mais contra o corpo.

– Está tudo bem, mãe. Ele vai ficar bem.

– O que aconteceu? – perguntou Tate parado ao lado, num raro rompante de frustração.

Joan ergueu os olhos, separou-se de Riley e estendeu a mão para segurar o braço do outro filho.

– Ele estava consertando o telhado naquela maldita varandinha.

Tanto Riley quanto Tate fecharam a cara.

– Eu disse que era besteira – continuou ela, esfregando as mãos no jeans e voltando a se sentar. – Mas vocês sabem como ele é.

– Teimoso como uma mula – observou Tate, balançando a cabeça. – Onde estava Seb?

– Tinha ido comprar umas coisas para o jantar. Quando ele voltou, o pai de vocês já estava sendo colocado na ambulância.

Riley se sentou ao lado da mãe.

– Papai conseguiu descer antes de...

– Não. – Joan umedeceu os lábios e os comprimiu. – Ouvi um grito e, depois, um barulhão. Ele caiu no gramado, mas mesmo assim foi uma queda de uns bons 3 metros. Bateu com a cabeça e... Liguei para a emergência na hora. – A voz de Joan ficou trêmula, e ela levou a mão à boca. – O médico disse a você que estão querendo colocar um stent na válvula dele? – perguntou, hesitante, olhando para Tate, que confirmou com um aceno de cabeça. – Mas não sabem qual foi a extensão dos danos no coração.

Tate se sentou do outro lado da mãe, passando o braço pelos ombros dela.

– Tenho certeza que vai dar tudo certo. Trouxeram ele para cá bem depressa. Existem tantos recursos para tratar o coração hoje em dia...

– Eu sei, mas eles estão preocupados... Não faz tanto tempo que...

Riley trincou os dentes. Detestava ouvir aquele tremor na voz da mãe. Vê-la assim tão desanimada era ao mesmo tempo estranho e assustador. Adoraria poder dizer alguma coisa que a fizesse se sentir melhor, mas não sabia o quê. Até Tate, que era sempre o mais calmo e objetivo dos irmãos, parecia mais ansioso do que o normal.

– Oi, gente.

Parado no vão da porta, com dois copos de café nas mãos, estava Seb. Fazia seis meses que Riley não via o irmão caçula, desde que tinha voado de Chicago a Nova York para o Natal. Ele parecia tão

cansado quanto o próprio Riley. Seb se aproximou, entregou um dos copos à mãe e aceitou de bom grado o abraço de Riley. Apesar de ser um profissional de educação física e ter o porte típico de um jogador de rúgbi – o que de fato ele era –, Seb não chegava à altura do irmão, que tinha quase 1,90 metro e levava sempre certa vantagem quando os dois brigavam.

– E aí, cara? – disse Riley, dando uns tapinhas nas costas do caçula.

– E aí?

Seb recuou e endireitou os ombros largos. Os olhos azul-acinzentados estavam opacos; ele não tinha feito a barba, e o cabelo castanho estava tão comprido que ele agora o prendia num rabinho na nuca. Se a situação fosse diferente, Riley com certeza teria começado a implicar com o visual do irmão, mas, naquelas circunstâncias, ficou calado enquanto Seb apertava a mão de Tate.

– Alguma notícia? – perguntou.

Joan fez que não com a cabeça, apertando o copo de café junto ao peito.

– Que droga! – exclamou o rapaz, antes de tomar uns goles de café. Fez uma careta, olhando para a bebida com cara de nojo. – Está horrível!

As cadeiras daquela sala de espera eram o pesadelo de qualquer quiroprático, por isso os quatro acabariam andando para lá e para cá durante boa parte das duas horas que teriam de esperar ali.

– Tem notícias de Dex? – perguntou Riley, olhando para um quadro de avisos repleto de panfletos.

– Está na Tailândia, a trabalho – respondeu Joan, passando a mão pelo cabelo e segurando um bocejo. – Liguei para ele, mas com a diferença de fuso...

O mais velho dos quatro irmãos viajava pelo mundo todo, trabalhava com computadores e ganhava rios de dinheiro. Era um hacker... ou alguma coisa assim. Pelo que Riley sabia, um expert no assunto.

Depois de pelo menos mais duas horas, a porta da sala de espera finalmente se abriu, despertando Riley e Seb de um sono irregular. O médico ainda usava aquele traje verde e a máscara cirúrgica estava pendurada no pescoço. Ele deu um leve sorriso, que fez com que o seu bigode grisalho se retorcesse. Ao vê-lo, Riley, antes sonolento, acordou numa fração de segundo. Levantou-se imediatamente, pondo a mão no ombro da mãe, pronto para apoiá-la caso as notícias fossem ruins.

– Sra. Moore, sou o Dr. Fitz. Fui eu que operei o seu marido.

O médico então olhou para Riley e seus irmãos.

– Perfeito – replicou Joan, fazendo um gesto amplo para indicar os rapazes na sala. – Estes são os meus filhos. Como está Park?

O médico cruzou os braços, e Riley sentiu o peito apertar.

– Está na UTI. A cirurgia correu bem. Consegui introduzir o stent e verificar as válvulas, que me pareceram em bom estado. Mas o coração dele está muito fraco. Apesar da boa condição física do Sr. Moore, dois ataques cardíacos em tão pouco tempo são muita coisa para um homem de 62 anos.

– Posso vê-lo? – perguntou Joan de imediato.

O médico suspirou de leve.

– Pode, sim, mas só por dez minutos. O paciente precisa de repouso.

Ela pegou a bolsa e o casaco. Enquanto isso, Riley ficou olhando, esperando que alguém falasse mais alguma coisa, e ouvindo o som dos próprios batimentos cardíacos. Fechou os olhos e apertou a ponte do nariz, tentando acalmar a pulsação.

Quem falou primeiro foi Tate, fazendo perguntas que Riley não chegou exatamente a compreender,

mas que foram muito bem-vindas. Não que elas o tivessem deixado mais tranquilo: Riley ouviu o médico dizer, em alto e bom som, que o pai deles ainda não estava fora de perigo.

Quando Riley voltou a abrir os olhos, o médico e Joan já tinham saído.

– E agora? – perguntou Seb, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

– Vamos esperar a mamãe e, depois, vamos para casa – respondeu Tate, erguendo a mão na direção de Riley, que tinha aberto a boca para protestar. – Não há nada que a gente possa fazer aqui. Ele está no melhor lugar possível. Podemos vir para cá amanhã logo cedo. Todos nós precisamos dormir.

Riley olhou o relógio e viu que eram quase cinco da manhã. Depois, encarou Seb, que deu de ombros.

– Ok – disse Riley, sentindo-se cansado de repente. – Tudo bem.

3

Dezoito anos antes...

Christine, a mãe de Lexie, abriu a porta da frente e sorriu.

– Oi, Riley. Como foi hoje na escola?

Em vez de responder, o garoto olhou por cima dos ombros dela, em direção à escada que levava ao quarto da amiga. Christine abriu bem a porta para deixá-lo passar.

Riley entrou e, como sempre fazia, botou a mochila na parte inferior do cabideiro, ao lado da de Lexie. Tirou o casaco de inverno e o pendurou ali.

– Ela melhorou?

Fazia três dias que Lexie não ia à escola, e Riley tinha que admitir que achava isso um saco. O trajeto de ida e volta e a hora do almoço eram sem dúvida bem tranquilos. E chatíssimos. O menino não queria admitir que sentia saudade da amiga.

– Lexie só desceu na hora do almoço – respondeu Christine, indo para a cozinha. – Acabei de fazer chocolate quente. Que tal levar lá em cima para ela?

Riley deu de ombros e a seguiu. Normalmente, se sentia muito à vontade naquela casa, mas ainda achava esquisito ficar conversando com a mãe de Lexie sem a amiga por perto.

– Ela ainda está doente?

Christine despejou o líquido quente em três xícaras, olhando para o menino uma ou duas vezes.

– Não. Acho que já passou, seja lá o que tenha sido.

Ela pegou o pacote de açúcar e Riley fez que sim com a cabeça. Gostava de chocolate quente bem doce.

– Então, talvez você possa me ajudar com uma coisa, Riley – acrescentou a mulher, colocando o açúcar nas xícaras.

Ele franziu a testa e se aproximou um pouco mais.

– Ajudar?

Christine concordou com um hã-hã e se virou para ele, passando uma das xícaras para o menino. A mãe de Lexie se apoiou na bancada, soprando o próprio chocolate quente.

– Será que você conhece um garoto lá da escola chamado Blake Richards?

Ao ouvir aquele nome, Riley contraiu os lábios e fechou a cara. Claro que ele conhecia. Todo mundo conhecia Blake Richards. Era o aluno novo do quinto ano, que tinha aparecido um pouco antes das férias de Natal. E ele conversava muito com Lexie. Também fazia a menina rir, e Riley não gostava nada daquilo. Não gostava dele. Blake era tão metido... E tinha um cabelo estranho.

– Ele é legal? – perguntou Christine.

Riley ergueu os olhos para ela. Christine tinha uma expressão preocupada no rosto.

– Não conheço ele muito bem – murmurou o menino.

Essa era uma grande mentira. Simplesmente não tinha feito o mínimo esforço para se aproximar daquele cara. Lexie parecia gostar dele. Riley passou a língua pelos lábios, irritado só de pensar nisso.

– Por quê? – perguntou ele.

Christine colocou a xícara na bancada, perto da pia.

– Lexie não quis me dizer nada porque sou a mãe dela e sei que uma menina de 11 anos não gosta de contar certas coisas para a mãe, mas talvez ela conte para você.

Riley estava confuso.

– Contar o quê?

– Acho que Blake Richards pode ter... deixado Lexie chateada.

Diante dessas palavras, algo sombrio e furioso se remexeu no peito de Riley, fazendo o menino apertar a xícara que tinha nas mãos. Se alguém tivesse magoado Lexie, ele não ia deixar as coisas assim.

– O que quer dizer com isso?

– É só uma sensação. – Christine deu um sorrisinho. – Pode não ser nada. Quem sabe você não consegue descobrir? – Antes que ele pudesse responder, ela entregou a Riley a terceira xícara de chocolate. – Tome. Leve para ela. Quer ficar para o jantar? Estou fazendo costeletas de cordeiro.

Era o prato favorito de Riley.

– Claro.

– Vou ligar para a sua mãe avisando.

Segurando as duas xícaras de chocolate quente, Riley subiu a escada em direção ao quarto da amiga e bateu à porta com o cotovelo.

A voz que ouviu parecia cansada e não tinha nada a ver com a Lexie que ele conhecia.

– O que é?

– Sou eu! – gritou Riley. – Trouxe chocolate quente.

– Pode entrar.

Usando o mesmo cotovelo para baixar a maçaneta, o menino conseguiu abrir a porta. A primeira coisa que viu quando entrou foi um montinho debaixo de um cobertor cor-de-rosa bem forte. Na verdade, quase todo aquele quarto era rosa. Tudo, desde o carpete até as cortinas, tinha algum dos tons de um flamingo. Só a escrivaninha e o guarda-roupa não eram dessa cor, embora Lexie vivesse insistindo para mandar pintá-los.

Riley se aproximou da cama de Lexie e revirou os olhos ao perceber os novos pôsteres que ela havia colocado na parede ali perto, ao lado das Spice Girls e do sistema solar que ela já tinha havia anos. Eram daquele sujeito do Titanic, de cabelo todo despenteado. Lexie dissera que ele era “sonhador”, seja lá o que isso significasse. Na verdade, olhando para os tais pôsteres, Riley se lembrou de Blake Richards e da palavra nova que Tate havia ensinado a ele: repugnante.

Colocou a xícara de chocolate na mesinha de cabeceira da amiga e foi se sentar perto da cama. Ficou balançando a cadeira para um lado e para outro, remexendo na pilha de livros e de CDs que

havia na estante mais próxima. Apesar de ter uma boa seleção de bandas e de cantores entre eles, Lexie continuava ouvindo Spice Girls e Backstreet Boys o tempo todo, mas Riley não se importava: gostava de ver a garota cantar e dançar ao som daquelas músicas.

O cobertor se moveu, e a cabeça da menina foi aparecendo aos poucos. Pela borda, ela estreitou os olhos e fez uma careta. Riley nunca tinha visto Lexie tão feia assim. O cabelo louro estava todo espetado, e os olhos azuis estavam cercados por olheiras grandes e escuras.

– Como você está? – perguntou ele.

– Um lixo – respondeu ela, em tom baixo e com a voz rouca.

Ela estendeu a mão para pegar a xícara e os óculos que tinha começado a usar três meses antes e se sentou, recostando-se na cabeceira da cama, com um suspiro. Apesar de Lexie reclamar de ter que usar óculos, Riley gostava deles. Eram rosa, claro, e, na sua opinião, davam a ela um ar sofisticado.

Num momento em que Lexie se ajeitou na cama, Riley percebeu que ela estava usando o moletom do Esquadrão Suicida que ele tinha lhe emprestado numa noite em que estavam juntos atrás da sua casa e ela ficou com frio. Por alguma razão estranha, ele gostou de ver Lexie usando aquilo.

– Vai à escola amanhã? – perguntou Riley, cheio de esperanças.

Lexie encolheu um dos ombros, sem tirar os olhos da bebida quente.

– Só se estiver melhor.

– Sua mãe disse que você já não está mais doente.

A menina não respondeu, mas puxou o cobertor para mais perto dela. Olhando para a amiga, Riley começou a refletir sobre o que Christine tinha dito a ele. Não conseguia se lembrar de Blake Richards fazendo alguma maldade com Lexie, o que não significava, porém, que isso não tivesse acontecido. Os dois tinham três aulas juntos, o que Riley detestava, e, portanto, a possibilidade existia. Mas, com toda a certeza, ela teria lhe contado alguma coisa.

– Você me diria se estivesse com algum problema, não diria? – perguntou Riley, ligando o som.

Não foi nenhuma surpresa para ele quando começou a tocar “Wannabe”, das Spice Girls.

Em vez de cantar junto, Lexie franziu as sobrancelhas.

– Como assim?

Riley mordeu a bochecha, conhecendo a amiga bem o bastante para saber que ela ia ficar furiosa se ele contasse o que Christine dissera.

– Sei lá – murmurou, olhando para os próprios pés. – Se alguém fizesse, não sei... alguma maldade com você ou qualquer coisa assim...

Quando ergueu os olhos, viu uma expressão que não era muito frequente no rosto de Lexie: pânico. Apertou os lábios, sentindo subitamente uma vontade enorme de ir atrás de Blake Richards e dar um soco na cara dele. Nunca tinha esmurrado ninguém na vida, a não ser talvez os irmãos, mas, nesse caso, era sempre de brincadeira. Pelo menos era o que diziam para a mãe deles.

– Lexie – disse ele, suavemente. – Blake Richards fez alguma coisa com você?

– N-Não – balbuciou ela, piscando repetidas vezes. – Não. De onde tirou essa ideia? O que foi que ele disse?

Riley se recostou na cadeira, tentando ignorar a mentira da amiga e odiando se dar conta de que não tinha percebido o que estava acontecendo com ela.

– Ele não me disse nada. Ele nem fala comigo. Só achei que devia perguntar.

Lexie o encarou, estreitando os olhos que, de repente, pareceram ainda mais brilhantes.

– Foi a minha mãe que disse alguma coisa a você, não foi?

A única resposta de Riley foi tomar um gole do chocolate.

Lexie suspirou.

– Ele não fez nenhuma maldade comigo – disse ela por fim, mas o tom não era nada convincente.

– Mas, se ele fizesse, você me contaria?

– Por quê? – Um sorrisinho brotou dos lábios da garota. – Você ia dar uma surra nele?

– Talvez – respondeu Riley, com um ar despreocupado. – Se você quisesse...

E ele estava falando sério. Por que não? Lexie era sua amiga. Era a sua melhor amiga. Riley deu batidinhas na xícara e balançou a cabeça.

– Seja como for, nunca entendi por que você gosta dele.

– Não gosto – murmurou a menina. – Além do mais, isso não tem a menor importância. Ele está namorando Hannah Grand agora.

– Hannah Grand? – perguntou Riley, incrédulo. – Aquela idiota de cabelo castanho que disse que você era horrorosa no terceiro ano?

Lexie fez que sim com a cabeça e cruzou os braços. Riley lembrou que ela ficou muito brava quando Hannah Grand disse aquilo. Ele se lembrou também de ficar olhando enquanto a irmã de Lexie, Savannah, e a mãe delas tentavam convencer a garota de que ela era perfeita.

Riley balançou a cabeça.

– Então ele é tão idiota quanto ela.

Lexie não reagiu, mexendo na unha do polegar. Foi então que algo ocorreu a Riley:

– Foi ela que disse alguma coisa para você?

– Nada que valha a pena repetir – respondeu a menina, dando de ombros.

– Lexie...

– Está tudo bem.

Sem conseguir pensar em nenhuma solução ou palavra de consolo, Riley se limitou a perguntar:

– Isso significa que você vai à escola amanhã? Aquele lugar fica tão chato sem você...

Ela o encarou por tanto tempo que ele começou a se remexer na cadeira.

– Prometo que vou – disse Lexie.

Na manhã seguinte, ela estava à espera dele nos degraus da varanda, exatamente como havia prometido. Parecia estar bem melhor e chegou até a sorrir quando o viu descendo a rua. Sempre fazia isso, mas cada uma das vezes era como se fosse a primeira. Foram andando para a escola, falando sobre o jogo dos Cardinals na semana seguinte e da nova revistinha do Super-Homem que a mãe de Riley tinha dado a ele na véspera.

Se Riley parasse para pensar, veria que aquelas idas e vindas da escola eram a coisa de que ele mais gostava. Podia ficar o resto da vida olhando Lexie andar pelo meio-fio como se fosse uma trapezista, segurando no ombro dele sempre que perdia o equilíbrio, e rindo das suas ambições de ser a Arlequina do Coringa dele ou a Mulher-Gato do seu Batman. Adorava o fato de ela não implicar com a obsessão dele por quadrinhos. Conseguiu até convencê-la a ler algumas revistas...

– Mas eu queria ter uma cauda bem comprida e umas orelhas fofas – disse Lexie, em tom de

queixa, quando Riley contou para ela da fantasia de bobo da corte que a Arlequina usava no desenho.
– Não quero esses sininhos. Está decidido. Tenho que ser a Mulher-Gato.

– Ok – respondeu o menino, tranquilizando a amiga enquanto os dois seguiam pelos corredores da escola, rumo aos seus armários. – Eu também prefiro ser o Batman. – Riley ajeitou seu pulôver do Lanterna Verde. – Sabe que você também poderia ser a Mulher-Maravilha? Pelo menos teria estrelas na roupa...

– Mulher-Maravilha e Batman? Vocês dois só falam dessas bobagens?

Riley virou a cabeça na direção de onde tinha vindo aquela frase e viu Hannah Grand parada junto ao armário dela, ao lado de ninguém mais, ninguém menos que Blake Richards. O penteado idiota do garoto estava tão idiota como sempre, e Hannah sorria de um jeito que fez Riley se lembrar de uma cobra pronta para dar o bote. Ela era miudinha, com pernas finas e dentes grandes, e estava usando um suéter roxo cheio de corações enormes. Na cabeça de Riley, Hannah parecia inofensiva, mas, só de saber que ela tinha deixado Lexie triste, o garoto já ficava com raiva.

– Qual é o problema? – perguntou ele entre os dentes.

A mão de Lexie no pulso de Riley fez o garoto se virar para ela.

– Deixa pra lá – murmurou Lexie, desencorajando Riley com um movimento da cabeça.

Por trás das lentes dos óculos, os olhos da menina aos poucos começaram a assumir aquele ar de pânico mais uma vez.

– Não vale a pena – insistiu ela.

– Olha como ela se esconde atrás do namorado – observou a garota, com uma risada tão falsa quanto as das amigas que a rodeavam.

– Ele não é meu namorado – retrucou Lexie, furiosa.

O tom brusco daquelas palavras atingiu Riley em cheio.

– Claro que não – disse Hannah, pondo uma das mãos na cintura. – Por que ele ia querer alguma coisa com uma garota que ainda nem usa sutiã?

Os olhos de Riley se arregalaram, e Lexie bufou. Com o rosto todo vermelho e sem saber o que dizer, ele apenas olhou para a amiga. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Só a vira chorar uma vez: quando ela quebrara o braço ao cair da nave espacial que tinham construído. Ver Lexie assim tão magoada por causa de alguém o fez querer abraçá-la com força e atirar a mochila na cara de Hannah.

Para alívio de Riley, Lexie abriu a boca para dizer algo que, ele tinha certeza, seria bem venenoso. Mas ela não disse nada. Em vez disso, encurvou os ombros, fechou a boca novamente e se virou para o armário.

– Não vai dizer nada? – insistiu Hannah. – Que novidade!

– Lex – sussurrou Riley, ignorando Hannah, furioso por ver que a amiga, geralmente tagarela e espirituosa, tinha virado aquela garota calada e desamparada ali ao seu lado.

– Está tudo bem – respondeu Lexie, evitando olhar para ele e tirando os livros da mochila. – Vamos embora.

– Isso mesmo – disse Hannah às suas costas, fechando o próprio armário. – Vão lá continuar a ser nerds. Que gente esquisita... Vamos, Blake.

– Escute aqui! – gritou Riley, aprumando as costas e sentindo a raiva tomar conta do corpo. Com o

dedo apontado para Hannah e para o resto daquele bando de idiotas, ele perguntou: – Por que você não cala essa sua boca?

– Senão vai acontecer o quê? – indagou Blake Richards.

O sorrisinho estampado no rosto do garoto só fez o sangue de Riley ferver ainda mais.

Ah, Riley adoraria ensinar Blake Richards a não mexer com os amigos dele! Depois de um instante de reflexão, porém, baixou a mão. Embora quisesse muito dar uma surra em todos aqueles que tinham magoado Lexie, não queria entrar numa briga na escola. O pai dele ficaria uma fera.

– Ah, meu Deus! – exclamou Hannah, rindo ao ver que Riley tinha se calado. – Esses dois são patéticos. O Lanterna-Vergonhoso e a gatinha dele, Lexie, a Mulher-Maravilha que nem usa sutiã...

Ao lado de Riley, Lexie fungava e ajeitava os óculos ao som dos risos que se espalhavam ao redor dos dois. Sem pensar duas vezes, Riley apoiou a mão no ombro dela e apertou um pouco.

– Está tudo bem – declarou a menina, enquanto uma única lágrima escorria pelo rosto vermelho dela, acertando Riley como um soco no estômago.

– Ei, Hannah! – gritou ele, virando lentamente para encarar a garota. – Eu sei o seu segredo!

– O meu o quê?

– O seu segredo.

Ela revirou os olhos, com ar debochado.

– E qual seria esse segredo?

– Eu sei por que você é assim, uma vaca.

As exclamações que tomaram conta do corredor foram se tornando ensurdecedoras à medida que mais e mais pessoas iam parando para ouvir aquela briga. Ao lado de Riley, Lexie ficou paralisada.

Hannah Grand empalideceu.

– O que foi que você disse?

– Já entendi tudo – acrescentou o menino, dando de ombros. – Você está com inveja. E com razão...

– Inveja? Eu? – perguntou a garota, com a voz ainda mais esganiçada. – De quem? Dela? – acrescentou, apontando para Lexie, que agora olhava para o amigo em estado de choque.

– Claro – respondeu ele. – Explico melhor: a Lexie – disse, indicando a menina ao seu lado com um gesto – tem milhares de opções... Não me entenda mal, ela já é linda, mas, quando for mais velha, vai poder trocar os óculos por lentes de contato ou até comprar todos os sutiãs que ela quiser.

Hannah deu um sorriso irônico.

– Duvido. Mas, e daí?

– Já você, Hannah... Que opções você tem?

– Como assim?

– A sua cara. – Riley deu um risinho de deboche. – Falando sério, você sempre vai ser feia. Um sutiã e lentes de contato não vão conseguir mudar isso, né? – Ele se virou para Lexie, ignorando a resposta despeitada que Hannah gritava naquele momento, e sorriu ao ver que a amiga também sorria. – Venha. Vamos embora daqui.

Quando, graças a um telefonema da escola, a mãe de Riley ficou sabendo do que tinha acontecido pela manhã, ela deixou o filho de castigo por uma semana, sem poder sair de casa. Mas ela fez isso por causa do linguajar que ele tinha usado, e não porque achasse que o filho tinha feito alguma coisa

errada. Pelo contrário: ficou orgulhosa ao ver que Riley tinha defendido Lexie e deu um beijo nele por isso. Ele ficou feliz, embora tenha tratado de limpar a bochecha o mais depressa possível.

– Escolha melhor as palavras da próxima vez – disse ela.

Mais tarde, naquele mesmo dia, quando Riley estava deitado na cama lendo uma revista em quadrinhos, ele ouviu o som familiar de pedrinhas batendo de leve na vidraça. Deu um pulo da cama, correu e abriu a janela, sorrindo para a menina loura de óculos cor-de-rosa que estava ali no quintal dos fundos.

– Oi. Veio me libertar?

Lexie riu baixinho e respondeu num sussurro:

– Não. Não posso demorar. Mamãe não sabe que estou aqui. Só vim trazer uma coisa para você. – Ela pegou uma bola de futebol da sacola que trazia pendurada nas costas. – Pegue!

Riley estendeu os braços e conseguiu pegar a bola na primeira tentativa. Foi então que percebeu que havia um papel preso nela por um elástico.

– Abra – ordenou a menina.

Riley desdobrou o papel e viu um desenho da Terra com todos os detalhes dos mares azuis e dos continentes verdes. Ele franziu a testa.

– O que é isso? – perguntou, desconcertado, enfiando a cabeça pelo vão da janela.

Por um instante, Lexie pareceu hesitar em responder, o que não era nada comum nela. A menina deixou os braços caírem ao lado do corpo.

– É para agradecer por hoje. – Lexie deu de ombros. – Sei que o que eu disse... o que eu disse a Hannah... que você não era...

– Seu namorado – completou Riley.

As palavras dela ainda machucavam, quase como se alguém tivesse arrancado um band-aid do seu coração.

– É. – Lexie assentiu, com ar solene. – Não é que eu não... Só queria dar alguma coisa para mostrar o que você significa para mim.

Riley contraiu os lábios e voltou a olhar o desenho.

– Um planeta?

Lexie fez que não com a cabeça.

– Não, seu bobo. – Lexie ficou mais séria. – O mundo. O mundo inteirinho.

Riley mal conseguia respirar. Finalmente ele tinha compreendido o que ela estava querendo dizer: “Você é o mundo inteirinho para mim.” Com toda a certeza o garoto agora estava parecendo um peixe com a boca aberta, sem conseguir dizer nada.

– Ah!

Lexie subiu na bicicleta.

– Boa noite, Riley.

Ela saiu pedalando no escuro, deixando o menino com uma sensação de calor, apesar do ar gélido.

– Boa noite, Lexie.

4

Aqueles sonhos tão vívidos não pegaram Riley de surpresa. Afinal, ele estava de volta ao quarto da sua infância, cercado pelos cheiros da casa dos pais. Os sonhos mesclados de lembranças sempre apareciam quando ele ficava ali. Às vezes eram intensos demais, e esse era um dos tantos motivos pelos quais não visitava mais aquela casa. Não que não gostasse dos sonhos; na pior das hipóteses, eles o enchiam de uma calma e de um aconchego que só havia vivenciado quando criança. Eram lembranças que ele sempre guardaria com carinho, recordações de uma época em que a vida era fácil e descomplicada, mas que, diante do estado atual do seu pai, tornavam-se absolutamente supérfluas.

Riley tivera a sorte de ter uma infância feliz, cercada de amor. Um sorriso surgiu no seu rosto enquanto ele olhava ao redor, para os pôsteres de filmes e umas poucas fotos da escola, da faculdade e da família espalhadas pelas paredes cinzentas, além dos velhos móveis que, em sua maioria, estavam ali desde que ele tinha 15 anos. Vivera momentos incríveis naquele quarto, naquela casa.

Suspirou, pôs uma das mãos na nuca e olhou para a janela por onde havia apanhado a bola de futebol e o desenho de Lexie, ambos tão importantes para ele na época. O desenho *ainda* era importante. Riley tinha guardado aquele papel por todos esses anos, dobrado com cuidado dentro de uma caixa no fundo de uma cômoda, no apartamento de Nova York. De vez em quando, se permitia olhar para o desenho, só para se ver sorrindo.

Talvez fosse bobagem dar tanta importância assim a um presente, ainda mais quando isso representava algo que não existia mais. Mas, e daí? Riley era sem dúvida apegado ao desenho de Lexie.

Olhou para o relógio de pulso e viu que já eram quase dez da manhã. Afastou as cobertas e, depois de remexer na mochila que tinha arrumado às pressas, pegou uma calça de moletom. Abriu a porta, foi ao banheiro e saiu andando pelo corredor em direção ao quarto de Seb.

Bateu uma vez e empurrou a porta. O irmão, que estava acordado, mas ainda deitado na cama, o encarou por trás do celular como se ele fosse maluco.

– Bom dia – disse Seb, num tom irônico.

– Olha, vou dizer uma coisa... – observou Riley, entrando sem ser convidado. – Que bom que você tem esse celular para brincar hoje em dia. Teria sido muito, muito estranho entrar aqui e encontrar você brincando consigo mesmo.

Seb deu um risinho e balançou a cabeça.

– Se tivesse chegado uns vinte minutos antes, a história teria sido bem diferente.

– Chegue para lá – ordenou Riley e, assim que o irmão obedeceu, ele se atirou na cama ao seu lado.

Era algo que faziam quase todo domingo de manhã quando os dois ainda moravam naquela casa. Sem dúvida, Riley era mais próximo de Tate, mas Seb e ele sempre tiveram pequenas tradições que ninguém mais conseguia realmente compreender.

Riley cruzou as pernas na altura dos tornozelos e ficou deitado ali, com as mãos na nuca, percebendo que a mãe também não tinha feito muitas mudanças na decoração do quarto de Seb. As paredes ainda eram daquele azul-claro de antigamente, e as estrelinhas que brilhavam no escuro, que o irmão ganhara ao fazer 8 anos, continuavam a pontilhar o teto.

– Tate passou por aqui mais cedo? – perguntou.

Seb botou o celular na mesinha de cabeceira.

– Passou. Por volta das sete. Disse que eu não precisava me apressar. – Seb esfregou o rosto com a mão e olhou para Riley. – Não adianta ficar todo mundo sentado lá no hospital.

Riley resmungou. Ele também achava que os quatro circulando pela sala de espera do hospital não seria de muita ajuda para o pai. Mesmo assim, queria fazer algo útil.

– E então, como vão as coisas? – perguntou ao caçula. – O trabalho está legal?

Dos quatro irmãos, Seb era provavelmente o mais calado e o menos confiante. Portanto, Riley ficou todo orgulhoso quando ele abriu a própria academia, dois anos antes.

– Tudo bem. – O celular tocou e ele esticou o braço para apanhá-lo. – Temos muito movimento.

Leu a mensagem e suspirou, pondo o aparelho de volta na mesinha.

– Quanto tempo vai ficar aqui?

– Este fim de semana estou de folga. Reservei a passagem para domingo. Freya está cuidando da academia.

Freya era a sócia de Seb. Os dois eram amigos desde a faculdade e, até onde Riley sabia, a relação entre eles sempre tinha sido apenas de amizade. Mas não conseguia entender como isso era possível: Freya era uma gata.

O celular de Seb tocou novamente.

– Tem alguém morrendo de saudade de você – observou Riley. – E essa aí? É o seu novo brinquedinho?

– Não sei do que você está falando.

Riley riu.

– Ah, fala sério! Você passa o dia inteiro cercado de corpos perfeitos, todos usando aquelas roupas justinhas. Isso é praticamente uma Disneylândia para um cara como você. Não é possível que não esteja saindo com alguém..

Seb deu uma risadinha e ergueu as sobrancelhas.

– Nada que valha a pena mencionar.

Aquela resposta deixou Riley confuso. Em geral, o irmão falava abertamente das pessoas com quem andava transando, e olha que ele transava muito. Que filho da mãe!

– Ela não está sendo legal com você? – perguntou Riley, em um tom mais sério.

Seb aproximou o celular do peito e manteve os olhos fixos no teto.

– *Ele* não está sendo legal com você? – insistiu Riley.

Quando tinha 20 anos, Seb assumiu ser bissexual, para grande surpresa da família. Nunca levara um rapaz para casa, mas Riley sabia que o irmão já tinha namorado alguns caras. Não sabia se tinham sido relacionamentos sérios ou não, mas tanto ele quanto o resto da família apoiaram o caçula.

Seb suspirou e se virou para o irmão.

– Está tudo bem, Ri. Sério.

Riley resolveu esquecer o assunto, pelo menos por enquanto, resmungou e baixou os olhos para os próprios pés descalços, remexendo os dedos.

– E você? – indagou Seb. – Está saindo com alguém?

– Nada que vá além de um encontro na hora do almoço.

– Continua transando e sumindo, é? E elas concordam, mesmo com essa barba aí...

Riley fez um ruído de descaso, ignorando o fato de que as palavras do irmão, por mais verdadeiras que fossem, deixavam o seu peito apertado. Não ia sair gritando aos quatro ventos a quantidade de mulheres que passavam pela sua cama, mas era assim que as coisas funcionavam e ele não se envergonhava disso. Curtia aquelas mulheres e tinha certeza de que elas também gostavam. Jogava limpo com todas elas e sempre as tratava muito bem.

Ter a cama vazia à noite com tanta frequência era algo que deixava Riley triste? Não. Mas ele também não pensava em preencher esse vazio se apaixonando. É claro que ter alguém para amar e abraçar à noite era uma ideia reconfortante, e Riley de vez em quando deixava que pensamentos assim passassem pela sua cabeça, como tinha feito na véspera, na oficina. Mas essa ideia sempre acabava se desfazendo antes de conseguir um mínimo de força.

Por uma fração de segundo, o rosto risonho de Lexie passou mais uma vez pela sua mente.

Você é o mundo inteirinho para mim.

– E então? Qual é o plano? Vai tomar coragem e procurar por ela? – perguntou Seb baixinho, como se tivesse lido os pensamentos do irmão.

Riley pigarreou, tentando se livrar da ansiedade que parecia ter ficado presa na sua garganta.

– Nem sei se ela voltou para cá. A última notícia que tive foi que ela havia se mudado com a mãe depois de venderem a casa.

– É. Foi o que ouvi também – confirmou Seb. – Sabe para onde?

Riley fez que não com a cabeça. Não queria nem pensar em passar pela Wick Avenue, só de imaginar que a casa ainda estivesse vazia. Aquilo não ia parecer verdade para ele...

– Vai tentar descobrir? – insistiu Seb.

Aquela era a pergunta-chave.

– Não faço a menor ideia.

A possibilidade de finalmente encontrar Lexie depois de cinco anos do mais absoluto silêncio trazia todo tipo de sentimentos a Riley, que fazia o possível para ignorá-los. Não porque estivesse emocionalmente abalado, longe disso. Simplesmente não via motivos para se envolver com “o que poderia ter acontecido”, “e se” ou “talvez”. Os dois tinham seguido caminhos muito diferentes na vida e, por mais chato que isso fosse, eram mínimas as chances de que esses caminhos voltassem a se cruzar algum dia. E isso na melhor das hipóteses.

No entanto, Riley se recusava a mergulhar naquelas lamentações. Ele se sentou na cama, bem no momento em que sua barriga roncou furiosamente.

– Não sei quanto a você – disse ao irmão, levantando-se e percebendo que não tinha comido nada desde o dia anterior, em Nova York –, mas estou precisando de muita comida e de café para afogar toda a nostalgia que este lugar me traz.

– Eu ouvi a sua barriga reclamando – resmungou Seb, erguendo uma das sobrancelhas.

Algo na voz do irmão disse a Riley que ele não queria apenas ser agradável.

– Mamãe disse que tinha comida pronta – continuou o rapaz, se espreguiçando. – Mas temos que fazer compras. Tia Carol e Maggie vão vir amanhã.

Riley sorriu diante da perspectiva de encontrar a prima favorita.

– Então levante esse rabo daí. – Ele empurrou o irmão, que quase caiu da cama. – Preciso de bacon.

Riley preparou o café da manhã para ele e para o irmão caçula. Depois, pegaram o Buick Riviera do pai e foram comprar alguns itens básicos. Bom, e talvez algumas coisas nem tão básicas assim, como chocolate e sorvete, já que Seb e Tate eram loucos por doces, e algumas garrafas de bebida, porque Riley estava precisando de uma motivação depois do drama das últimas 24 horas.

Tate e a mãe chegaram em casa pouco antes das sete da noite. Pareciam cansados e desanimados, e não traziam muitas notícias. O pai ainda estava inconsciente, mas o coração estava funcionando. Na opinião do médico, Park Moore era um guerreiro, mas ainda tinha muita estrada pela frente antes de sair dessa.

Imaginando que nem o irmão nem a mãe estivessem com muita fome, Riley desistiu da ideia de cozinhar e pediu pizza. Depois, serviu uma taça de vinho para a mãe. Quando pegou a bebida da mão do filho, Joan se encolheu toda na poltrona bem grande que ficava num canto da sala de estar.

– Não sabia que tínhamos vinho em casa – disse ela, antes de tomar um gole.

– Não tinha, não – respondeu Riley, tomando sua cerveja. – Achei que você podia precisar de uns goles, para diminuir a tensão.

– Obrigada – disse ela, deixando a cabeça cair no encosto alto da poltrona. – Eu precisava mesmo.

– Quando papai vai sair da UTI? – perguntou Seb, enquanto Riley colocava as caixas de pizza em cima da mesinha de centro.

Tate levantou a tampa de uma das caixas, apesar de ter dito antes que não estava com fome.

– Vão continuar monitorando o progresso dele com bastante cuidado, até as condições físicas melhorarem. – Ele pegou uma fatia e deu uma mordida. – E disseram que vão telefonar se houver qualquer alteração. – Parou em meio à mastigação, olhando para Seb como se visse o irmão ali pela primeira vez. – Onde diabo arranjou isso?

O caçula ergueu a mão que segurava a pizza para exibir a camiseta.

– Incrível, né?

– É – concordou Tate, quase babando pela camiseta original de *Jurassic Park* que o irmão estava usando. A reação de Riley tinha sido a mesma. – De onde é?

Seb deu um sorrisinho, mastigando a pizza.

– É que conheço um cara...

– Um só? – comentou Riley. – Agora entendi por que você está meio agitadinho. Aliás, já posso falar do cabelo ou ainda é meio cedo para isso?

Tate soltou uma risadinha e Seb revirou os olhos, jogando uma mecha do cabelo para trás. Estava um pouco abaixo das orelhas dele.

– Não, não pode. Pelo menos se quiser que eu deixe a sua barba em paz.

Riley deu uma gargalhada.

– Por quê? A minha barba só está um pouquinho maior do que da última vez que você me viu.

– É – respondeu Seb, com a boca cheia de pizza. – E agora parece ainda mais que você grampeou um hamster na sua cara.

– Mas um hamster incrível *de verdade* – disse Riley, passando a mão pelo queixo.

Tinha deixado a barba crescer no presídio, onde, por motivos óbvios, lâminas não eram um artigo muito acessível. Gostou tanto que resolvera mantê-la assim. Apesar do que Seb tinha dito, sabia que ficava bonito com ela.

O caçula olhou para Tate, finalmente respondendo à pergunta sobre a camiseta:

– Achei no eBay.

– Você e essas camisetas, meninos... – comentou Joan lá da poltrona.

Ela ignorou os insultos, os guardanapos e a linguagem nada educada que circularam pela sala de estar. Seb tinha deixado uma fatia fina de pizza de muçarela no braço da poltrona, mas Joan ainda não tinha tocado nela.

– Não consigo entender isso... – continuou ela.

– Não esquite a cabeça – respondeu Riley, dando um tapinha carinhoso na mão da mãe.

Ela estreitou os olhos, apontando para o peito do filho.

– Espero que você nunca tenha usado isso aí na oficina.

Riley estava com uma camiseta comprada numa pequena loja amish de beira de estrada. Encontrara o lugar durante uma viagem ao estado da Pensilvânia, que havia feito antes de ir para a faculdade. Aquela camiseta era uma das quatro que ele tinha deixado no armário da casa dos pais. Estampada no peito, estava a frase: “I ♥ Intercourse”. O pacato lugar existia de verdade, mas a palavra “intercourse” também significava “relação sexual” em inglês. O trocadilho ainda fazia o rapaz, mesmo agora, aos 29 anos, rir como se ainda estivesse na escola. Ele guardava uma foto tirada ao lado de uma placa no acostamento da estrada, dando as boas-vindas aos visitantes que chegavam à localidade.

– Claro que já usei na oficina, e milhares de amigos seus me viram lá – disse Riley, piscando com ar inocente. – Por quê? Não devia?

Joan deu um risinho meio murcho e, pela primeira vez desde que Riley e Tate tinham chegado, seu rosto se iluminou.

Permaneceram sentados ali por mais algumas horas, conversando. Todos faziam o possível para esquecer o motivo de estarem ali, reunidos de forma tão abrupta. Por mais que fosse agradável ficar na sala da casa dos pais com os irmãos, a situação deixou Riley melancólico. Ele precisava mesmo se dedicar mais à família.

Encontrava com Tate pelo menos uma vez por mês, mas Seb, Dex e os pais mereciam mais do que os telefonemas quinzenais ou as visitas a cada dois anos. Claro que todos eram ocupados, tinham o seu trabalho, a sua rotina, mas o fato de o pai ter ficado doente fez Riley perceber o quanto a família era importante para ele e como vinha sendo descuidado com aquelas pessoas.

Joan conseguiu comer alguns pedacinhos da sua fatia de pizza e tomou metade da taça de vinho. Depois, foi se deitar. Riley a seguiu de mansinho, só para ter certeza de que estava tudo bem.

– Não precisa me botar para dormir – disse a mãe num tom carinhoso, quando o viu parado junto à porta do quarto.

O rapaz sorriu e deu de ombros, apoiado no batente, observando-a tirar os brincos. Joan se sentou na beira da cama e tirou os sapatos, com movimentos bruscos das pernas.

– Eu sei – disse Riley. – Foi um longo dia, não foi?

Ela concordou e tirou o relógio, colocando-o na mesinha de cabeceira. Riley deu uma olhada pelo

quarto e viu os chinelos do pai perto do guarda-roupa, onde a coleção de gravatas dele ficava pendurada. Sentiu um desconforto e engoliu em seco.

– Ele vai sair dessa, não vai, mãe?

A voz de Riley soou trêmula, e os olhos de Joan se tornaram mais suaves. Ela deu um tapinha na cama, ao seu lado. Com passadas fortes, Riley se aproximou e sentou-se junto da mãe, adorando sentir o braço dela nos seus ombros.

– Se conheço o seu pai – sussurrou ela pertinho do ouvido do filho –, ele vai fazer o possível e o impossível para melhorar e terminar o conserto daquele maldito telhado.

Riley deu um risinho abafado e fez que sim com a cabeça. Joan apertou mais o abraço.

– A última vez que nos falamos foi... – começou a dizer, mas o resto da frase ficou entalado na garganta. A emoção foi mais forte que ele. Tentou mais uma vez: – Eu o decepcionei. Decepcionei todos vocês.

– Querido – murmurou Joan –, todos nós cometemos erros. Já disse isso a você. O seu pai *sabe* disso. Ele próprio já cometeu alguns. Aquele homem pode ser teimoso como uma mula, mas, seja lá o que tenha acontecido antes, o seu pai ama muito você. Nunca duvide, está bem? Faça isso por mim, ok?

– Ok – foi o que Riley conseguiu dizer.

A mãe deu um beijo na testa do filho, como sempre fazia quando ele era pequeno.

■ ■ ■

No dia seguinte, a tia Carol e a prima Maggie chegaram ao hospital antes da hora do almoço. Foram até a sala de espera, onde Riley e Joan estavam desde as oito da manhã. Nem Tate nem Seb tinham contestado quando o rapaz disse que ia acompanhar a mãe naquela manhã.

Carol era irmã gêmea de Joan e a tia favorita de Riley. Era uma daquelas tias bacanas que mais parecem uma irmã mais velha. Maggie era a caçula dos três filhos de Carol – os outros dois irmãos estavam na Marinha, como o pai – e, por ter crescido como a única mulher da sua geração, a moça era capaz de implicar e até de brigar de igual para igual com qualquer um dos homens da família.

Não que pudesse brigar muito agora, com o barrigão de seis meses de gravidez e a filhinha de 5 anos, Rose, agarrada às suas pernas.

Maggie sorriu para o primo, com brilho nos olhos castanhos.

– Ei, você – disse ela, quando se abraçaram. – Já faz um bom tempo, hein?

Riley deu um beijo no rosto da prima.

– Verdade. Sou um chato.

– E essa barba? – observou a prima, cutucando o queixo dele.

Riley afastou a mão, rindo, e foi abraçar a tia.

– Não dê ouvidos a ela – retrucou tia Carol. – Você fica muito bonito com barba.

– E com um ar de mendigo – acrescentou Maggie, inclinando a cabeça para examiná-lo melhor.

– A sua sorte é poder se esconder atrás desses dois aí – disse Riley, apontando para Rosie e para a barriga de Maggie. – Ou eu ia dar um bom chute na sua bunda.

Maggie fez um gesto de descaso.

– Não se iluda. Mesmo assim, eu poderia ganhar de você.

Aquelas provocações quebraram o gelo. O clima na sala de espera tinha estado bem tenso durante as

últimas horas, passadas sem que a família soubesse como estava Park. Mas isso ainda era bom, já que não ter notícias é geralmente sinal de boas notícias. Mesmo assim, Riley estava aflito. Era um alívio se ver de novo em meio àquele clima familiar. Porém, ao se dar conta de que não via a prima desde o último infarto do pai, foi como se mais uma tonelada de culpa caísse sobre ele, e sabia que merecia se sentir assim.

Olhou para Rosie quando Joan a colocou no colo e sorriu.

– Ei, mocinha, você cresceu muito desde a última vez.

Rosie tinha os mesmos olhos da mãe. Tinha também o mesmo cabelo, bem preto, preso numa única trança. A menininha escondeu o rosto no pescoço de Joan, mas Riley pôde ver que ela estava sorrindo.

– Não assuste a minha filha com essa barba! – brincou Maggie.

Riley deu uma risada.

– Ah, ela não chega a *esse* ponto. – Passou a mão pelo queixo peludo. – Você está é com inveja porque tem que raspar a sua toda manhã.

Riley soltou um grito de brincadeira quando a prima deu um tapa no braço dele. Fez a mesma coisa quando Rosie, que, pelo visto, já tinha se cansado da história toda de timidez, também lhe deu um tapinha descontraído.

Conseguiram distrair a menina por cerca de uma hora, mas, depois disso, ela começou a ficar inquieta. E não era para menos, pensou Riley. Era um tédio ficar ali naquela sala abafada, onde tudo que tinha para fazer era olhar para uma TV na parede.

– Que tal sair com as meninas e procurar alguma coisa para comer? – sugeriu Joan, olhando para o filho enquanto Rosie choramingava e recusava tudo que Maggie oferecia como distração. – Saiam um pouco. Leve-a lá para o parque.

Riley franziu a testa. Embora a ideia de sair daquele lugar fosse tentadora, não gostava muito da perspectiva de deixar a mãe ali sozinha, ou da possibilidade de finalmente receberem alguma notícia do pai.

– Você vai ficar bem?

– Vai logo – ordenou tia Carol. – Eu fico com ela. Vão tomar um pouco de ar.

– E traga algum doce para mim quando voltar – acrescentou Joan.

O parque ficava a uns quinze minutos de carro do hospital e, por causa do tempo e das férias de verão, o trânsito não estava nada bom. Maggie e Riley se sentaram ao sol, em um cobertor que ela havia encontrado na mala do carro, e ficaram vendo Rosie brincar na imensa caixa de areia, atirando coisas e fazendo castelos com outras duas crianças que ela conseguiu recrutar para o seu projeto.

– E então, como você está? – perguntou Maggie, tomando o seu milk-shake de chocolate com um canudinho.

Riley deu de ombros, apoiando-se com as mãos para trás e olhando a menina através dos óculos escuros.

– O médico disse que papai é um guerreiro. É tudo que sabemos por enquanto.

Maggie assentiu.

– A sua mãe parece cansada.

E não era de se espantar.

– Ela tem ido todo dia ao hospital e passa pelo menos duas horas lá.

– Você pretende ficar até quando?

– O tempo que ela precisar.

Riley vinha ligando para Max toda manhã, deixando o amigo a par da situação. Max dissera a ele que poderia ficar o tempo que fosse necessário, e Riley nem discutiu. Tinha que ficar com a família. Só isso.

O rapaz fez uma careta quando a prima ergueu a tampa do milk-shake e mergulhou uma batatinha frita no sorvete.

– Esses desejos estão me enchendo o saco – disse ela, explicando-se.

Riley deu uma risadinha e abriu ainda mais o sorriso quando Rosie se aproximou, trazendo uma folha e um galho que tinha apanhado enquanto brincava.

– Obrigado – disse ele, sorridente.

A menina voltou para a caixa de areia. O lindo vestido cor-de-rosa estava todo sujo de ketchup, migalhas de nuggets, suco e areia. O cabelo, preso numas mairas-chiquinhas muito fofas, balançava para lá e para cá, batendo no rosto dela.

– Impossível manter Rose com uma aparência apresentável. Nem vale a pena tentar – observou Maggie, com um suspiro de resignação. – Ela está sempre toda bagunçada.

– Tal mãe, tal filha – exclamou Riley, com um risinho maroto.

Maggie se ajeitou no cobertor e apoiou a cabeça no ombro do primo.

– E eu ia dizer que é tão bom ter você de volta a Michigan...

Com aquele céu azul, a relativa tranquilidade do parque e o calor da manhã, Riley tinha que concordar com ela. Apesar das circunstâncias, era mesmo bom estar em casa. Claro que ele sentia falta da agitação de Nova York, mas, no fundo, Traverse City fazia parte dele.

– Alguma vez pensou em voltar para cá? – perguntou Maggie.

– Na verdade, não – respondeu ele, sendo honesto.

– Foi a melhor coisa que fiz na vida. – Maggie tinha voltado de Indiana para Michigan pouco depois que Rosie nasceu. Ela e o marido compraram uma casa a menos de duas horas da residência de Joan. – Quero que os meus filhos cresçam como eu cresci.

Era uma boa ideia. Riley não tinha certeza se queria que os filhos dele crescessem em Nova York, e Michigan era um bom lugar para isso. Mas, antes de mais nada, precisava ter filhos, perspectiva não muito provável diante do tipo de relacionamentos que vinha tendo.

Rosie tirou as sandálias e começou a esfregar os pezinhos na areia, deixando a mãe bem irritada. Riley tinha que admitir: aquela menina era uma gracinha, e vê-la brincar ali, assim tão despreocupada, relaxou um pouco a tensão que pesava nos seus ombros.

Rosie começou a jogar areia para o alto, morrendo de rir. Riley se levantou e foi até onde a menina estava cavando, formando um montinho entre as pernas. Ele se agachou e começou a ajudar a criança, ignorando as reclamações da prima, que dizia que o carro ia ficar imundo.

Quando Riley olhou para o local em que Maggie estava, pronto para gritar algo como “relaxa”, percebeu uma mulher magra, de cabelo castanho-claro, de pé perto do escorregador, a poucos metros de distância. Baixou os óculos escuros e estreitou os olhos, se esforçando para enxergar melhor, embora, intuitivamente, soubesse quem era.

Ele se levantou bem devagar, limpando as mãos cheias de areia na parte de trás da calça jeans. Foi então que reparou no menino lourinho com quem a mulher estava brincando e que devia ter uns 4 anos.

Maggie virou a cabeça para ver o que o primo estava olhando.

– Quem é ela?

– Savannah – respondeu ele, logo tratando de olhar ao redor, com o coração aos pulos diante da simples ideia de que Lexie poderia estar em algum lugar ali perto.

Mas não a viu. Quando se virou de novo, Savannah olhava diretamente para ele, com os olhos azuis arregalados como se tivesse visto um fantasma.

– Sav – foi tudo que ele conseguiu dizer, aproximando-se um pouquinho dela.

Nem imaginava qual seria a reação da moça ao vê-lo ali. Era a irmã de Lexie, e muita coisa havia acontecido nos últimos anos.

Savannah não respondeu. Limitou-se a murmurar alguma coisa para o garotinho, que já ia subindo os degraus do escorregador, e segurou a sua mão. Foi se afastando com ele, apesar das reclamações do menino, que queria escorregar mais uma vez. Ela não brigou com ele, mas o pegou no colo, encaixando a criança no quadril.

Riley só recuperou o fôlego depois que os dois desapareceram em meio às outras pessoas. Estava boquiaberto. Apesar da grande probabilidade de que algo assim pudesse acontecer, não estava preparado de verdade para enfrentar Lexie ou a família dela. A adrenalina corria pelo seu corpo, fazendo seu coração bater com força.

– Está tudo bem? – perguntou Maggie ao seu lado.

Claro que a prima não conhecia toda a história da sua relação com Lexie, mas Riley podia apostar que a mãe tinha contado alguma coisa.

O rapaz fez que sim com a cabeça, incapaz de falar, e voltou para brincar com Rosie, rezando para não passar mal de tanto nervosismo.

5

Lexie Pierce se apoiou no balcão que ocupava quase toda a parede dos fundos da loja. Ela sorria para a jovem que nos últimos vinte minutos tentava decidir se comprava um anel para usar no indicador ou uma pulseira para combinar com o relógio. Para algumas pessoas, podia ser extremamente frustrante ficar ali vendo alguém soltar “ahs” e “ohs” diante de uma joia, mas, para Lexie, essa era a melhor parte do trabalho.

– Os dois são tão bonitos... – disse a mulher pela oitava vez, segurando o anel numa das mãos e a pulseira na outra, como se avaliasse o valor das duas peças.

Lexie tinha que concordar com ela. Eram suas criações mais recentes, lindíssimas, e suas favoritas: o anel que trazia impressa a inscrição *riso*, e a pulseira com a palavra *cantar*.

Com um suspiro, a mulher baixou as mãos.

– Não consigo escolher.

Lexie deu uma risadinha e pôs a mão no braço da cliente. Era algo que sempre tentava quando atendia alguém tão indeciso. Tocar as pessoas parecia acalmá-las e, geralmente, acabava ajudando na tomada de decisão.

– Qual é o seu nome?

– Amanda.

– Amanda, o meu é Lexie. Posso dar uma sugestão?

Logo a mulher pareceu aliviada.

– Claro que pode.

Com um gesto, Lexie apontou para a parede que ficava do outro lado da sala. Originalmente, era recoberta de espelhos, mas, ao longo dos três anos de existência da loja, foi pouco a pouco desaparecendo atrás de centenas de cartõezinhos cor-de-rosa.

Indo até aquele verdadeiro painel rosa, Lexie disse:

– Essa é a Parede do Amor. – Ela ajeitou os óculos, escolheu um dos cartões e, com todo o cuidado, o retirou do espelho. – Peço a cada cliente que vem aqui para escrever alguma coisa antes de ir embora. Veja.

Lexie entregou o papelzinho a Amanda, que perguntou:

– Escrever para quem?

– Para si mesma – respondeu Lexie.

Alguns daqueles bilhetes a faziam rir; outros, chorar. Parte deles a levava a agradecer a Deus pela família que tanto amava e pelos amigos que se preocupavam com ela.

– Peço às minhas clientes que olhem no espelho e escrevam sobre pelo menos uma coisa de que

gostam nelas mesmas. Todos eles já vêm assinados, olha só – acrescentou, apontando para a parte inferior do papelzinho, onde se lia: *Com amor, você*.

– O nome da loja... – murmurou Amanda ao ler o bilhete que Lexie tinha lhe entregado: “Adoro os seus olhos verdes, o seu cabelo ruivo e a sua tenacidade. Com amor, você”.

O papelzinho que estava perto desse simplesmente declarava: “A sua bunda! Hahaha! Com amor, você”.

– Tem gente que acha fácil escrever várias coisas – observou Lexie. – Mas tem quem ache difícil escrever uma única coisinha.

– É fantástico! – exclamou Amanda, observando um dos bilhetes, que dizia: “As suas maluquices culinárias!”

Lexie sorriu.

– Portanto, essa é a minha sugestão. – Virou-se para olhar a cliente e estendeu a ela um papelzinho em branco, exceto, claro, pelas palavras “Com amor, você” na parte inferior. – Escreva três coisas de que gosta em você e dou 20% de desconto na pulseira.

Amanda arregalou os olhos.

– É sério?

– Se você for sincera, sem dúvida alguma.

Parecendo assustada diante daquela perspectiva, a cliente perguntou:

– Espere um pouco... Três coisas?

Lexie voltou a pôr a mão no braço de Amanda.

– Use o espelho. Pode ser mais fácil do que você imagina. Quando tiver terminado, me chame.

Lexie se afastou da Parede do Amor, sorrindo para os fregueses habituais e parando para se apresentar aos novos. Deu uma olhada para o outro lado da loja, onde Jaime, a gerente, falava com um rapaz que tinha comprado um cordão para o namorado, explicando a diferença entre gravação e impressão. Eles faziam as duas coisas na loja e, geralmente, o cliente esperava ali até ficar pronto. Cada uma das peças, dependendo do design, podia conter uma mensagem de até dez palavras.

– Lexie?

Ao ouvir seu nome, a moça se virou na direção da mais nova vendedora da equipe, Annie. Ela parecia meio atrapalhada.

– Desculpe, mas esse senhor – disse Annie, indicando um homem bem-vestido parado junto ao caixa – quer saber se podemos criar uma joia para a noiva dele... Quer dizer, para a *futura* noiva. Vai pedi-la em casamento e quer um anel especial.

– Claro, sem problemas.

É, ia ser um dia cheio, algo que Lexie adorava. Ao mesmo tempo que vivia preocupada, batalhando para investir num sonho de muitos anos, sempre que via os recibos e as etiquetas com a marca “Com Amor, Você – by Lexie” impressa, sentia uma onda de orgulho e de empolgação. Precisara trabalhar duro, além de ter paciência e persistência, para chegar àquele ponto, mas tudo tinha valido a pena, sem dúvida.

Enquanto se aproximava do cliente de Annie, Lexie viu seu reflexo de relance na parede espelhada. Concluiu que gostava do que via. O cabelo, preso para cima com dois lápis, ainda era louro como quando ela era criança, e os óculos que usava quando os olhos estavam muito cansados das lentes de contato eram daquele mesmo tom de rosa de que sempre tinha gostado. As tatuagens, que se estendiam do

ombro ao cotovelo do lado esquerdo, bem como as que tinha na parte interna do braço direito, traziam cor e uma história para a sua pele, que, sem elas, seria pálida e sem graça. Os vários piercings em cada orelha, além de um outro no nariz, brilhavam lindamente à luz das luminárias da loja.

Depois que se tornaram adultas, Savannah passou a descrever a irmã como alguém que tinha um “lado sexy”. Lexie ficava feliz em aceitar o elogio, especialmente vindo de uma mulher tão bonita e inteligente quanto sua irmã mais nova.

Uma hora depois, o design do anel de noivado tinha sido aprovado pelo ansioso futuro noivo. O anel e a pulseira de Amanda já estavam pagos e embrulhados, e o seu bilhete havia sido colado na Parede do Amor. Nele, lia-se: “O seu espírito indomável, a sua criatividade e os seus lábios carnudos.” Toda orgulhosa, Lexie dobrou a pontinha do cartão. No começo, Savannah não tinha levado muita fé nessa história de dar descontos para quem escrevesse aqueles cartões, mas o argumento da irmã para defender a ideia era forte demais. Se era preciso perder uns poucos dólares em algumas das peças para que alguém pudesse se apreciar e valorizar por um momento, que assim fosse. Podia até parecer bobagem, mas nem por isso Lexie deixava de acreditar naquilo.

Estava arrumando uma vitrine cheia de colares quando a porta da loja se abriu e Savannah entrou. Os cabelos da nuca de Lexie se arrepiaram assim que ela reparou na expressão da irmã.

– O que foi? – perguntou de imediato. – Onde está...

Savannah ergueu as mãos, acalmando a irmã.

– Tudo bem. Ele está com a mamãe.

O coração de Lexie, que já estava quase na boca, voltou ao normal. Com um aceno de cabeça, ela indicou a porta que dava para a sala onde eram feitas as gravações nas peças. Lá também ficava a pequena cozinha, além do estoque e das escadas que levavam ao apartamento que ela alugava para Jaime.

Mal tinha fechado a porta às suas costas, Savannah exclamou:

– Riley está na cidade!

Era estranho como a vida podia seguir com tanta calma, com tanta perfeição... até tudo mudar de repente, bastando alguém dizer umas poucas palavras como “O seu pai morreu” ou “Cansei de tentar”. Já fazia muito tempo que aquilo tinha acontecido pela última vez, mas, mesmo assim, Lexie sabia que estava prestes a acontecer de novo.

Sim, aquele era um desses momentos.

Não sabia dizer por quanto tempo ficou olhando a irmã antes de conseguir recuperar a fala.

– Onde?

– No parque.

– Ele viu você?

Savannah fez que sim com a cabeça e se aproximou de uma pequena geladeira, que ficava num canto da cozinha. Tirou uma garrafa de água e desatarraxou a tampa.

– É, ele nos viu, sim.

Nós. Nem precisava mais fazer a segunda pergunta: a resposta estava clara como o dia no rosto da irmã. Lexie se deixou cair de encontro à parede mais próxima, sentindo os joelhos bambearem.

– Estava a certa distância, e viemos embora antes que ele pudesse se aproximar e dizer mais alguma coisa.

Lexie empalideceu.

– Ele falou com você?

– Disse o meu nome.

Ela tirou os óculos e, com os dedos, pressionou o osso do nariz.

– Merda!

Parte dela sabia que era inevitável ver Riley de novo. Soube disso desde que tinha voltado a morar em Traverse City, três anos antes, e descoberto que Joan e Park Moore continuavam vivendo na cidade. Mas Lexie tinha esperança de conseguir evitar Riley, como havia feito da outra vez que ele viera. As últimas palavras que trocaram não foram lá muito amorosas e carinhosas, e, quando ela precisou conversar com Riley, ele estava preso e ficaria dezoito meses na cadeia. Com tudo que tinha acontecido desde então, além de todas as preocupações que teria caso se relacionasse com um ex-presidiário, o tempo foi passando, passando... E com ele a oportunidade.

Por uma amiga que trabalhava no hospital, ficou sabendo que Park Moore tinha sido internado mas, depois que perguntou pelo estado de saúde dele, respirou fundo e concluiu que Riley e os irmãos passariam o tempo todo a cerca de 5 quilômetros de distância, em Munson, e que tudo ficaria bem.

Nunca passou pela cabeça de Lexie que ele pudesse aparecer naquele maldito parque.

– Com quem ele estava? – A pergunta saiu antes que ela pudesse segurar, mesmo que soubesse que não tinha absolutamente nenhum direito de fazê-la.

Savannah deu de ombros, mantendo os olhos pregados no chão.

– Com uma mulher grávida que não reconheci. Estava brincando com uma garotinha na caixa de areia.

O coração de Lexie bateu tão forte que ela precisou se segurar na maçaneta da porta ao lado, numa tentativa de se manter de pé. Os ouvidos zumbiam. *Mulher grávida. Uma garotinha.* Ele, brincando com a menina na caixa de areia. E, ai meu Deus, será que podia imaginar os dois, Riley e ela, juntos? Soltou a respiração, que saiu meio entrecortada. *Não.* Não se permitiria imaginar isso, nem deixar que perguntas sombrias ocupassem a sua cabeça. A dor era muito grande...

Savannah chegou mais perto da irmã.

– O que você vai fazer?

– Nada – respondeu Lexie, balançando a cabeça e recolocando os óculos.

Savannah suspirou, de pura frustração.

– Lex.

– Não. Ele vai ficar aqui até o pai melhorar. Depois, volta para Nova York e tudo vai ficar bem.

Savannah passou a língua pelos lábios.

– Talvez seja a hora de contar para ele. Sei que você queria esperar, mas as aulas começam em setembro. Foi o prazo que você mesma estipulou.

Lexie fez que sim com a cabeça, num gesto brusco.

– Eu sei. – Ela estava apavorada. – Eu sei.

– Lex. – Savannah chegou ainda mais perto. – E se ele resolver vir para este lado da cidade?

O coração dela disparou.

– Aí eu vejo o que fazer. – Engoliu em seco. – *Eu resolvo...*

■ ■ ■

Quinze anos antes...

– Riley, venha me ajudar aqui atrás, por favor.

Todo esparramado no sofá, Riley ignorou o chamado do pai, revirou os olhos e enfiou mais uma colherada de cereal na boca.

– Riley Lincoln Moore, isso não foi um pedido.

Sentado no chão, diante da TV, Dex bufou.

– Cara, ele usou o seu nome completo e hoje nem é domingo...

Não, não era domingo. Era sábado. Um sábado depois de uma semana infernal, e a última coisa que Riley queria era ajudar o pai a... Sabe-se lá para que diabo ele precisava da sua ajuda. Os olhos azuis de Dex brilhavam divertidos por detrás dos óculos de aro escuro, e Riley fez uma careta de desprezo para o irmão mais velho, que começou a rir muito.

– Estou ocupado! – gritou Riley. – Mas Dex está super a fim de ajudar você.

O sorriso desapareceu do rosto de Dex como uma pedra que afundava na água.

– Sério? – perguntou o irmão.

O tapa na cabeça conteve a resposta espertinha que Riley pretendia dar a Dex, mas também o fez cuspir leite na calça do pijama com estampa de *The Flash*.

– Porra! – exclamou Riley, segurando a tigela com uma única mão e os braços bem abertos.

Prendeu a respiração, percebendo que tinha dito um palavrão na frente do pai.

– Levante daí! – ordenou Park Moore, agora na sala, fuzilando o filho com os olhos. Parecia que o pai não ia deixar aquele xingamento passar.

– Mas, pai... – começou Riley, com um tom de lamento que poderia perfeitamente resultar em outro tapa.

– Nem “mas”, nem meio “mas” – retrucou o pai, com o dedo bem na cara do filho. – Levante daí. Você nem consegue manter essas roupas limpas. E me encontre no quintal dos fundos em dez minutos. Pode ter certeza de que não vai querer que eu entre de novo para chamar você.

Aquele olhar sempre fazia os quatro filhos de Park Moore correrem como raios na direção em que o pai queria e, apesar de Riley estar se sentindo péssimo, aquela vez não foi uma exceção. Deixou a tigela na pia da cozinha, subiu depressa a escada e, depois de se limpar, vestiu uma calça jeans velha e uma camiseta para, então, ir ao encontro do pai no quintal.

Park Moore era um homem grande. Sem precisar de qualquer musculação, tinha os ombros largos como portas de celeiro e mãos que mais pareciam pás. Quando era ainda menor, Riley tinha uma profunda admiração pelo tamanho daquelas mãos, mas, agora, o que sentia era inveja. Tinha esperanças de que Deus lhe desse mãos assim quando ficasse mais velho.

Até que Riley não podia se queixar: tinha dado uma boa espichada no último ano, chegando a mais de 1,80 metro de altura, mas os braços e as pernas continuavam finos e desengonçados. O pior é que o irmão caçula, Seb, já tinha músculos, e isso com 12 anos. Tate, com o sonho de ser militar, vivia correndo e participando de competições esportivas na escola, o que o deixava bem musculoso. Riley não era nenhum fracote, também corria e jogava futebol americano três vezes por semana. No entanto, continuava a parecer um vara-pau.

Aquilo não era justo.

A vida não era justa!

Riley bufou, olhando para as pilhas de tábuas e de tinta ao lado do pai.

– E então, o que vamos fazer? – perguntou, com ar petulante.

– Vamos construir a cerca que a sua mãe está querendo.

Riley franziu a testa.

– Ela não vem falando dessa cerca desde o Natal? – Olhou ao redor. – Estamos em maio.

– Exatamente – respondeu Park, com um suspiro de irritação. – Mas, agora que estou de férias do trabalho, tenho tempo para trabalhar e preciso da sua ajuda.

Enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, Riley deu de ombros.

– Ajudar a fazer o quê?

– Preciso que derrube a cerca velha e me ajude a instalar a nova.

O rapaz encarou o pai por um instante e reparou na enorme marreta apoiada numa pilha de toras de madeira.

– Tenho que usar isso?

Park acompanhou o olhar do filho.

– Será que posso ter certeza de que não vai se matar ou matar alguém com ela?

– Não posso prometer nada se Dex aparecer aqui fora, mas vou fazer o possível – respondeu Riley, percebendo que o pai dava um sorriso de canto de boca.

– Então, estamos combinados.

Riley ergueu a marreta acima da velha cerca que, na verdade, parecia prestes a cair até mesmo com um simples ventinho. Ele olhou para o pai às suas costas.

– Deixe as mãos mais perto da cabeça da ferramenta – disse Park, segurando no ar uma marreta inexistente, com os punhos bem fechados. – Se deixar ela ficar muito longe do corpo, bom, você vai ter problemas.

O rapaz seguiu as instruções do pai. Olhou direto para a cerca, tomou um pequeno impulso e desceu a marreta em cima dela. A madeira e os mourões de cimento cederam sob o golpe, soltando um rangido. Riley repetiu o movimento com mais força ainda até que, depois de apenas três marretadas, tanto tábuas quanto mourões não passavam de escombros aos seus pés.

– Está no caminho – observou Park, num tom de voz satisfeito e talvez até um tanto surpreso. Girou o dedo indicador. – Agora, faça a mesma coisa com o resto.

Riley deu um risinho e saiu derrubando a cerca, entusiasmado. Aquela ardência gostosa nos braços e o prazer de ouvir os estalidos e os rangidos da velha cerca quase conseguiram acabar com a raiva que vinha sentindo por dentro na última semana. Quase esqueceu como ficou magoado quando soube que Lexie ia ao baile do fim de ano da escola com o babaca do Blake Richards em vez de ir com ele. O surto de ciúme que levou Riley a imprensar o sujeito de encontro ao armário, depois de ouvir aquele cretino falando de Lexie e contando vantagem aos amigos, foi aos poucos indo de um verdadeiro inferno para uma ligeira chateação.

É, bater em coisas era uma forma muito boa de relaxar.

Quando já tinham terminado praticamente metade do quintal, Park foi buscar duas latas de refrigerante e dois sanduíches para eles comerem na varanda dos fundos. Riley se sentou com um grunhido, os músculos das costas reclamando um pouco, e tratou de comer o lanche.

– Você fez um bom trabalho – elogiou Park, olhando a tarefa realizada pelo filho e, depois, se

virando para ele. – Está se sentindo melhor?

Riley prendeu a respiração. Podia detectar uma daquelas conversas de pai e filho a quilômetros de distância, e é claro que não tinha a mínima vontade de falar de Lexie com o pai. Já bastavam as perguntas da mãe.

– Estou bem – disse, na falta de qualquer outra coisa para dizer.

– A sua mãe está preocupada.

– Está tudo bem.

– É o que você diz, mas posso ser bem insistente.

Riley devolveu o sanduíche parcialmente comido ao prato a seus pés e soltou o ar com força.

– Não estou a fim de falar sobre isso.

– Já entendi. – Park assentiu, sentado ali perto do filho. – Entendi mesmo. E não vou insistir.

Riley bufou e revirou os olhos.

– De qualquer jeito, é provável que mamãe já tenha contado tudo.

– É provável que você tenha razão – concordou o pai.

Riley não conseguiu conter o sorriso ao ouvir isso.

– Não foi nada de mais.

Park também botou o prato com o sanduíche no chão e chegou mais perto, até os ombros dos dois se tocarem.

– Faz tanto tempo que você e Lexie são amigos...

– Verdade – respondeu Riley, com amargura. – O que, pelo visto, não tem a mínima importância para ela.

– E isso dói porque você gosta dela.

Riley pigarreou e deu de ombros.

– Lexie é minha amiga.

– E é uma menina muito bonita.

O som que Riley emitiu foi algo entre um protesto e um risinho constrangido. Ele balançou a cabeça. Azar se o pai estava certo. É. Lexie era bonita. Cerrou os punhos, colocando-os entre os joelhos.

Está bem, muito bonita mesmo.

Nos últimos meses, Riley vinha reparando nisso cada vez mais: o jeito como o cabelo louro dela estava sempre lindo; como o nariz se franzia quando ele a fazia rir; ou como a sua pele era macia, quando ele tinha alguma chance de tocar nela. A lista de coisas de que gostava em Lexie parecia crescer a cada dia, deixando a cabeça dele muito confusa. Riley não sabia como aquilo tinha acontecido, ou por quê, mas a sua melhor amiga, com quem havia construído naves espaciais, caçado minhocas e subido em árvores, era agora uma garota que provocava uma sensação estranha na barriga dele quando os dois se tocavam. Sabia que sempre tinha sido um pouco possessivo em relação a ela, defendendo e protegendo Lexie quando necessário; afinal, ela era a sua melhor amiga. Agora, porém, as coisas estavam diferentes. O que Riley sentia estava diferente. Já não bastava serem apenas amigos.

Fazia o possível para agir normalmente quando estava perto dela e acreditava que estava conseguindo. Pelo menos, ninguém tinha comentado nada. A não ser, talvez, sua mãe e Seb. Mesmo

assim... Riley não podia negar que parte dele tinha esperanças de que Lexie sentisse a mesma coisa, mas, pelo visto, já que ela ia ao baile com outro cara, aquilo era só ilusão.

– Não tem importância – murmurou o garoto, antes de tomar um gole caprichado do refrigerante.

– É por causa do tal do Richards? – perguntou Park. Riley bufou ao perceber o jeito como o pai tinha pronunciado aquele nome. – Então, ela preferiu ir ao baile com ele em vez de você?

Riley passou a mão pelo cabelo.

Park insistiu, baixinho:

– O que foi que ela disse quando você a convidou para o baile?

Riley franziu as sobrancelhas.

– Nada. Eu não convidei.

O pai estreitou os olhos.

– Ah, não convidou? – repetiu o pai, tentando esclarecer as coisas. Riley fez que não com a cabeça.

– Mas pensei que você quisesse ir com ela...

– Eu quero. Queria... – balbuciou ele.

– Então por que diabo não a convidou?

– Porque... – Riley tentou dar uma resposta, mas, de repente, se sentiu atingido pela assustadora sensação de que tinha estragado tudo. – Simplesmente presumi que ela...

A frase foi interrompida pela sonora gargalhada do pai, que ecoou pelo quintal. Geralmente, o riso de Park Moore era bastante contagiante. Dessa vez, porém, deixou Riley bastante chateado.

– Que bom que você acha isso tão engraçado – disse o garoto.

Park conseguiu pôr a mão nas costas do filho antes que ele se levantasse e voltasse para dentro de casa.

– Ah, Riley... – Park tentou se conter, cobrindo a boca com o dorso da mão. – Filho... – balbuciou.

– Ouça bem. Se eu tiver que dar a você um único conselho na vida sobre as mulheres, é que nunca se deve presumir nada!

Confuso, o filho fez uma careta.

– Mas nós somos amigos e...

– É provável que ela tenha ficado esperando o seu convite.

Aquelas palavras penetraram lentamente na cabeça de Riley. Lexie vinha mesmo agindo de um modo estranho, ultimamente. Ficava brava sempre que alguém mencionava o tal baile e vez ou outra dizia que “nem queria um vestido novo mesmo”.

– Ah, merda!

– Verdade – concordou o pai.

Riley cobriu o rosto com as mãos.

– E agora? O que eu faço?

Nem se importou com o tom desesperado da voz. Ele estava desesperado.

– Vá convidá-la.

Uau! Parecia tão simples...

– Ela não está falando comigo – admitiu Riley. – Eu disse que era idiotice ela ir com Blake e... umas outras coisinhas. – Pigarreou, odiando cada palavra dura que tinha dito a Lexie na última vez que conversaram. – Não estamos nos falando desde segunda-feira.

O pai se sentou um pouco mais para a frente, estendeu a mão e tirou a carteira de um dos bolsos de trás da calça jeans. Pegou 10 dólares, que entregou ao filho.

– E o meu segundo conselho em relação às mulheres é: flores sempre funcionam como pedido de desculpas.

Riley quase engasgou.

– Quer que eu compre flores para ela?

Park fez que sim com a cabeça.

– E peça mil desculpas.

– E depois?

– Depois a convide para ir ao baile.

– Mas e se...

– Não tem nenhum “se”.

– Como pode ter certeza de que ela...

– Ela vai, sim.

Riley ficou de pé, agarrando os 10 dólares com o punho fechado.

– Ok. – Apontou na direção do pai. – Flores. E, depois, convido Lexie.

Park também ficou de pé, com um largo sorriso... e talvez até orgulhoso do filho.

– O plano parece perfeito.

■ ■ ■

Riley pegou as flores que tinha prendido no guidão e largou a bicicleta no gramado da casa de Lexie. Subiu os degraus da varanda correndo, ergueu a mão para bater, mas parou. De repente, estava com dificuldade para respirar e conseguia ouvir o próprio coração, de tão forte que batia.

– Deixe de ser covarde – murmurou, sabendo que era exatamente isso que Tate diria se estivesse ali.

Armou-se de coragem e bateu duas vezes.

Depois de um breve instante, durante o qual ele respirou fundo algumas vezes para se acalmar, a porta se abriu. Riley se viu cara a cara com uma camisa xadrez azul e vermelha e uma baforada de fumaça de charuto.

– Sr. Pierce – balbuciou Riley, olhando com um sorriso nervoso para aquele homem.

Detestava o fato de se sentir intimidado pelo Sr. Pierce, principalmente porque sabia como ele era um sujeito legal com a mulher e as filhas. Lexie achava a implicância que o pai tinha com Riley uma bobagem. Mas, naquela época, ela era e sempre tinha sido a garotinha do papai.

O Sr. Pierce deu uma olhada nas flores que Riley trazia nas mãos e ergueu uma das sobrancelhas.

Riley sentiu o rosto enrubescer.

– Lexie está em casa?

O Sr. Pierce bufou, daquele jeito que sempre fazia quando Riley estava por perto. Então, gritou:

– Alexis, aquele garoto está aqui!

Ao ouvir a voz de Lexie vindo lá do topo da escada, Riley sentiu a garganta se estreitar.

– O quê?

O Sr. Pierce voltou para dentro, quase fechando a porta na cara de Riley.

– Aquele garoto. Está aqui na porta. Com flores.

– Ele está aqui com o quê?

Riley fechou os olhos e ergueu o rosto para o céu. As coisas não estavam acontecendo exatamente como ele havia imaginado.

– O que está fazendo aqui?

A pergunta de Lexie o fez abrir os olhos. Ela estava parada com uma das mãos na cintura e um ar sério no rosto. Como o pai, olhou para as flores com um misto de desconfiança e de espanto.

Riley tossiu, ergueu o buquê e o estendeu na direção dela.

– Tome. São para você. – Ela o encarou como se ele fosse um bicho estranho. – São margaridas – prosseguiu o garoto, dizendo o óbvio. – Sei que você gosta.

Lexie olhou repetidas vezes para as flores e para o rosto de Riley, até que, com alguma hesitação, estendeu a mão para pegá-las.

– Hmm, obrigada.

– De nada. – Riley a viu levar as flores até o nariz, para cheirá-las. – São para eu me desculpar.

– Por quê? – perguntou ela.

Pela cara de Lexie, dava para perceber que ela sabia muito bem por que Riley estava pedindo desculpas.

– Por ser um idiota.

– Riley! – exclamou ela, irritada. – Se você me trazer flores todas as vezes que agir como um idiota, vou poder abrir uma floricultura...

Não dava para saber ao certo, mas o riso que veio do interior da casa pareceu ser do Sr. Pierce.

– Sei disso – concordou ele. – Mas as flores também são para eu pedir desculpas por... não ter convidado você para o baile.

Por uma fração de segundo, Lexie pareceu espantada.

– Sem problemas.

– Não – retrucou Riley. – Tem problema, sim. Eu devia... Eu devia ter convidado você.

Ela deu umas batidinhas no chão com a ponta do pé.

– Mas não convidou, então...

Percebendo o tom de amargura na voz dela, Riley ficou sem saber o que fazer.

– Sei que você aceitou ir ao baile com o Blake. E sei que eu disse a você umas coisas não muito legais.

Lexie ergueu a cabeça, num movimento rápido. Os olhos faiscavam.

– Você me chamou de mulherzinha desesperada, de candidata a Hannah Grand!

Riley estremeceu, com os olhos pregados no chão. A mágoa que dava para sentir nas palavras de Lexie o fez perceber como tinha sido um idiota.

– Eu sei. E peço desculpas. Não era a minha intenção. – Deu de ombros. – Bom, era, sim. Mas só porque fiquei furioso. Ele não merece levar você ao baile e só quer fazer isso porque você vai estar toda bonita e ele quer chamar atenção. E você merece mais do que isso, Lex...

– Riley.

Ele calou a boca e respirou fundo.

– Olhe... Estava pensando se... – começou ele.

– Se o quê?

– Se você não iria comigo.

Lexie contraiu os lábios, repuxando-os um pouco para o lado esquerdo.

– Acha que merece que eu apareça, como você mesmo disse, “toda bonita” ao seu lado?

O olhar do garoto percorreu o batente da porta enquanto ele procurava uma resposta.

– Não.

– Não?

– Você vai ficar linda de qualquer jeito, pouco importa com quem vá ao baile – disse ele, erguendo os ombros. – Mas não é por isso que quero que vá comigo.

Ela suspirou, aparentemente confusa ou perdendo a paciência.

– Ok. Então por que quer me levar?

– Porque você é a minha melhor amiga – respondeu ele, prontamente. – E porque...

Tomando coragem, Riley enfiou a mão no bolso de trás da calça e pegou um papel que ele tinha guardado por anos, dobrado com cuidado dentro de uma caixinha no fundo da cômoda.

– Lembra quando me deu isso? – perguntou ele, desdobrando o desenho da Terra que Lexie havia feito para ele no dia em que ele a defendeu.

Algo passou pelos olhos azuis da menina quando ela fez que sim com a cabeça, e Riley sentiu um frio na barriga. Meu Deus, como ela era bonita!

– Lembra o que me disse que esse desenho significava? – continuou o menino. – O que eu representava para você?

Lexie passou a língua pelos lábios e, mais uma vez, fez que sim com a cabeça. Riley nunca a tinha visto assim tão calada, mas se recusou a deixar que isso o preocupasse.

– Bom... Trouxe isso para devolver a você – disse Riley, enfim.

Ela piscou, como se finalmente voltasse ao seu estado normal.

– O quê?!

– Estou devolvendo a você.

O buquê de margaridas acertou a coxa de Riley ao mesmo tempo que as sobrancelhas de Lexie se franziam.

– Por quê?

Riley engoliu em seco e ergueu o queixo, fitando os olhos dela.

– Porque queria que você soubesse que significa a mesma coisa para mim.

– A mesma coisa? – sussurrou ela.

– O mundo inteirinho.

Pela primeira vez, percebeu uma onda rosada inundar o rosto de Lexie. Ela trocou o pé de apoio e baixou a cabeça, escondendo um sorriso.

– Ah!

– Bom... – Ele respirou fundo e estufou o peito. – Sei que fui um idiota, mas queria saber se... Você quer ir ao baile comigo?

O sorriso começou nos olhos de Lexie e foi descendo pelas suas bochechas até chegar à boca. Aquela boca que, de repente, Riley sentia uma vontade enorme de beijar. Seus pulmões ficaram apertados.

– Ok – respondeu ela, baixinho.

Ele piscou e os seus olhos encontraram os dela.

– Ok?

– Foi o que eu disse, não foi?

Riley sorriu diante do tom meio debochado da voz de Lexie, aquele tom que ele adorava provocar sempre que surgia uma oportunidade.

– Foi. Ok. Ótimo!

– Alexis! – A voz do Sr. Pierce soou vinda das profundezas da casa, num tom que parecia cada vez mais divertido. – Diga para esse menino ir embora. Você tem dever de casa para fazer, e ainda vamos visitar a sua avó.

– Ok, pai – respondeu ela, sempre sorrindo. Virou-se para Riley e sussurrou: – Passo lá quando voltar.

E, sem dizer mais uma palavra, se inclinou e deu um beijo no rosto dele. Antes que Riley pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, ela soltou uma risadinha, apertou as flores contra o peito e fechou a porta.

6

– Papai acordou.

A voz de Tate tirou Riley de um sono profundo, recheado de lembranças doces e vívidas de margaridas, bailes e vestidos cor-de-rosa.

Lembrava de tudo como se fosse o dia anterior. Os pais indo buscar Lexie na casa dela na noite do baile, o vestido lindo que ela estava usando, os olhares tímidos, os toques esquivos e finalmente, *finalmente*, o momento em que ficou tão perto dela que não conseguiu resistir ao desejo de unir a boca à de Lexie. O primeiro beijo. O *seu* primeiro beijo. Lexie era tão suave, e o gosto de baunilha que Riley sentiu fez a cabeça dele girar. Ele a segurou pela cintura, sentindo que ela apertava o seu braço, e torceu para estar fazendo tudo certo. Porque tudo parecia estar *tão* certo... Sempre foi assim com ela.

Aquele beijo não durou mais que alguns segundos, mas, quando os dois se separaram, estavam com a respiração ofegante e se sentiam meio atordoados. Pela expressão do olhar de Lexie, Riley compreendeu que tudo entre eles tinha mudado.

Riley abriu os olhos e viu Tate de pé ao lado da cama. Era bem cedo. O sol ainda não estava batendo na janela do quarto, algo que sempre acontecia às oito da manhã, mas o irmão já estava pronto para sair. Embora já não estivesse na ativa da Marinha havia mais de cinco anos, ainda costumava se levantar antes do nascer do sol.

As palavras de Tate acabaram trazendo Riley de volta à realidade, obrigando-o a se sentar depressa.

– Ele está bem? E mamãe?

O irmão assentiu.

– Acabaram de ligar do hospital. Foi mamãe que falou com eles. Papai está grogue, mas bem. Falou com a enfermeira, e o médico está indo dar uma olhada nele.

Aliviado, Riley se deixou cair novamente, esfregando os olhos com o dorso das mãos.

– Você está indo para o hospital?

– Estou. Vou levar mamãe. Pode avisar Seb?

– Claro. Vamos até lá mais tarde. Talvez seja melhor não chegar todo mundo junto.

E Riley ainda não estava exatamente preparado para se encontrar com o pai. Claro que ia fazer isso, mas não queria criar mais tensão e estresse num momento já tão emotivo. Sabendo que os pais e os irmãos estavam bem, não se importava nem um pouco em ficar em segundo plano. Ele e o pai iam conversar, precisavam fazer isso, mas não enquanto Park estivesse na UTI se recuperando de um segundo ataque cardíaco.

– Está certo – disse Tate, virando-se para sair. – Ligo para você. Maggie vem aqui com Rosie. Pelo visto, ela está preocupada, achando que não podemos nos virar sozinhos.

Riley deu um risinho.

– Já estamos bem crescidos. Claro que podemos nos virar.

Depois que Tate e Joan saíram, Riley desceu, preparou um café e, com a caneca na mão, sentou-se à mesa da cozinha. Tentava não pensar no que sentira ao ver Savannah no dia anterior. Ela ficara tão chocada ao vê-lo... Isso não devia ser tanta surpresa assim para ele, já que fazia um tempão que não vinha a Michigan. Mas Riley não conseguia evitar a sensação de que não era só isso. Podia jurar que a irmã de Lexie estava em pânico.

E o garotinho. Era tão estranho... Riley sabia que a família Pierce tinha se mudado de Traverse City pouco depois da sua última visita à cidade, cinco anos antes. Mesmo assim, alguém teria ficado sabendo se Savannah houvesse tido um filho. Mas, afinal, o que ele tinha a ver com isso? Nada. Aquilo não era problema dele. Riley suspirou, olhando pela janela da cozinha e vendo, no quintal, a cerca que havia construído com o pai. Já fazia quinze anos e ela continuava lá, firme e forte. Sorriu, lembrando-se daquele dia fantástico. Os sentimentos, porém, eram bem mais poderosos do que de costume, já que o sonho da noite anterior ainda lhe martelava a cabeça.

O telefone da casa tocou, tirando Riley bruscamente das suas lembranças. Ele pulou do banquinho e foi até o corredor, onde ficava o aparelho. Precisou dizer “alô” três vezes até conseguir uma resposta.

– Riley? Riley, sou eu, Dex. Está me ouvindo?

Ele tapou o ouvido com um dos dedos, tentando bloquear qualquer outro som.

– A ligação está bem ruim.

– É essa droga de celular – resmungou o irmão. – Espere só um minuto, ok?

Riley fez o que Dex pediu e ficou ouvindo uns barulhos estranhos, um zumbido e, depois, um instante de silêncio. Quando a voz do irmão voltou, estava muito mais nítida.

– Caramba, cara – disse Riley, brincando. – Que empresa é essa que nem consegue fazer um celular funcionar direito?

Dex deu uma risadinha.

– Nem me fale. O mau tempo está deixando a internet e as linhas telefônicas um caos por aqui. Para um bando de nerds e de geeks da informática, isso é um inferno.

Riley apoiou o braço na parede, só então se dando conta de que era muito bom ouvir a voz de Dex.

– E, tirando isso, como vão as coisas? Tailândia, não é?

– Pois é – respondeu o irmão, num tom despreocupado. – Nada mau. Mas muito trabalho, sabe? E como está o papai? Recebi uma mensagem de texto da mamãe, dizendo que ele acordou.

– É. Hoje de manhã. Ele está bem. Tate e mamãe foram até lá. Estou aqui com Seb.

Ouviu um suspiro do outro lado da linha.

– Queria tanto estar aí...

Riley fez que sim com a cabeça, apesar de saber que o irmão não veria o gesto.

– Eu sei, cara, mas não tem muita coisa para fazer por aqui a não ser se preocupar e ficar andando de um lado para outro.

Dex soltou uma risada.

– Imagino. Mas só de saber que ele está doente, eu fico me sentindo ainda mais longe de casa. – Ele pigarreou. – De qualquer maneira, é bom falar com você, Riley. Já faz um tempão...

Riley fez uma careta.

– Verdade. Devíamos combinar alguma coisa quando você estiver perto de Nova York.

– Parece uma boa ideia, desde que você não me leve de novo àquela boate. Tem coisas na vida que a gente não consegue mais “desver”, infelizmente.

Riley riu, lembrando do barzinho de strip-tease aonde levou Dex no dia do aniversário do irmão, dois anos antes. A cara dele quando os dois entraram naquele lugar merecia uma foto, e Dex quase teve um infarto quando Riley pagou uma das garotas para fazer uma dança de colo como presente de aniversário. Dex até bebia e farreava sem problemas, mas, dos quatro irmãos, era com certeza o mais fechado quando se tratava de sexo. E não era por não conseguir mulheres interessantes. Simplesmente não parecia muito interessado. Chegava a ser hilário o fato de ele nem se dar conta da atenção que recebia do sexo oposto; as mulheres pareciam adorar aquele jeito geek, sempre de óculos e gravata.

Se Riley não tivesse surpreendido o irmão uma vez, quando Dex estava com uma garota que conheceu na faculdade, ia até se perguntar se ele sabia o que fazer com uma mulher.

– Vou ser legal, prometo – disse Riley.

– Só acredito vendo – replicou Dex, num tom divertido. – E você? Continua jovem, livre e solteiro?

– Claro – respondeu Riley. Mas o sonho com Lexie ainda dominava sua cabeça. – Não existe coisa melhor, cara.

Seb apareceu na porta da cozinha com o cabelo todo despenteado, sem camisa e coçando o peito. Antes que Dex pudesse fazer mais perguntas sobre a situação amorosa de Riley, ele disse:

– Seb está aqui. Quer falar com ele?

– Claro – respondeu Dex. – E se cuide, ok?

– Não faço outra coisa. – Riley passou o telefone para Seb e voltou para o banquinho da cozinha.

Continuou tomando o café, que já tinha esfriado. Ouviu parte da conversa dos irmãos e a reação do caçula ao ouvir que o pai havia acordado.

Então, Seb se despediu e desligou.

– Estamos sozinhos em casa? – perguntou o caçula, bocejando.

– Maggie vai chegar mais tarde – respondeu Riley, ficando de pé e se dirigindo à pia, onde deixou a caneca.

Seb assentiu, servindo uma caneca de café. Ele se apoiou na borda da bancada.

– Até lá, qual é o plano?

Riley olhou para o céu azul. O sol ainda estava baixo, mas o calor já passava pela janela. O rapaz sorriu.

– Está a fim de sujar as mãos?

Na verdade, o pai até tinha feito um bom trabalho consertando o telhado, mas ainda faltava muita coisa. Depois de subir a escada até o teto, os dois irmãos começaram a retirar as telhas danificadas e a ajustar tudo, relembando o tempo em que eram crianças. Chegaram a chorar de rir, lembrando o dia em que Tate acertou a própria bunda com uma pistola de ar comprimido. “Eu estava tentando ser John McClane, de *Duro de matar!*” E daquela vez que Dex, com 17 anos na época, vomitou depois de beber loucamente e, como castigo, o pai o fez beber ainda mais. “Não ouse vomitar e desperdiçar essa cerveja, filho.” Lembraram-se também de Seb, aos 3 anos, andando pela casa com a tábua de uma privadinha infantil entalada no pescoço, e que a mãe levou três horas para conseguir retirar. “Não vou levá-lo para o hospital com uma tampa de privada no pescoço, Park!”

Depois de algumas horas de trabalho, os dois irmãos, então sem camisa, se deitaram na parte já

consertada do telhado, a fim de descansarem por uns instantes. Tate tinha mandado uma mensagem de texto para Riley, dizendo que o pai ia ser transferido da UTI para um quarto. Lá ele ficaria em observação, mas o cirurgião estava satisfeito. As notícias eram boas, e o aperto que Riley vinha sentindo no peito desde que soube que o pai estava doente diminuiu um pouco.

– Adivinhe quem eu vi no parque ontem – disse Riley casualmente, e Seb se virou para encará-lo, com um dos olhos fechados por causa do sol. – Savannah Pierce.

– Não brinca!

Riley ergueu as sobrancelhas.

– Pois é. Meio estranho encontrá-la ali.

– E o que você achou dela?

Riley soltou o ar com força, achando graça. Seb e Savannah tinham ficado juntos algumas noites, depois de terem bebido, quando estavam no último ano do ensino médio. A garota ficou bem interessada nele, mas Seb nunca levou aquela história a sério.

– Ela parecia em choque – respondeu Riley.

– Não duvido, mas não foi isso que eu perguntei.

– Eu sei. – Riley fechou os olhos por causa da claridade. – Ela está ótima. Ouviu dizer que ela teve um bebê?

Seb pulou, como se tivesse levado um tapa. Parecia atônito.

– Ela teve um *bebê*?

– Estava com um garotinho lá no parque – respondeu Riley, dando de ombros. – Nunca ficou sabendo de nada sobre isso?

– Nadinha. Não fiquei sabendo de muita coisa depois que saí daqui.

Era o que Riley imaginava, e foi exatamente o que Tate disse quando fez a mesma pergunta a ele. Nem por isso ficou menos frustrado. Detestava ver que aquilo ainda mexia tanto com ele, mas não podia mudar seus sentimentos por Lexie. Também não podia fazer o tempo voltar para apagar tudo o que disseram um ao outro.

– Tem alguém em casa?

Riley e Seb espiaram pela beira do telhado e viram Maggie sorrindo, parada ali embaixo com as mãos nas costas, o que fazia com que a barriga de grávida parecesse ainda maior. Com os braços levantados, cantando alguma coisa, Rosie rodopiava pelo quintal dos fundos.

– Quando esses dois corpinhos lindos terminarem de se bronzear, venham até a cozinha! – pediu Maggie. – Trouxe sanduíches.

– Adoro você, Mags! – disseram os irmãos, em uníssono.

– Claro, claro – resmungou a prima, voltando para dentro da casa.

■ ■ ■

A Unidade de Terapia Semi-Intensiva era bem mais acolhedora do que a UTI, embora, para Riley, isso ficasse em segundo plano diante do medo e da tristeza que pareciam entranhados nas paredes daquele setor do hospital. Nem a pintura de um lilás clarinho nem as enfermeiras sempre sorridentes melhoravam o astral, enquanto ele percorria, com Seb e Maggie, o corredor que levava ao quarto do pai.

Na verdade, Riley estava se sentindo enjoado. Não era da sua natureza ser fresco, mas ele sabia

quanta coisa já havia acontecido em sua vida, e não tinha certeza se haveria espaço para mais. Na porta do quarto, a mãe os recebeu com beijos e abraços e os fez entrar, dizendo baixinho que não deviam ficar muito tempo ali, porque “papai ainda está meio atordoado”.

As primeiras coisas que Riley viu foram os fios e os aparelhos soltando aqueles bipes e assobios que, por si só, já eram bem assustadores. Havia um curativo branco no peito do pai e um tubo de oxigênio preso ao seu nariz. A segunda coisa que notou foi como o pai parecia pequeno. Pequeno e insuportavelmente fraco. Trincou os dentes e enfiou as mãos nos bolsos, lutando para expulsar a sensação de desamparo que tomou conta dele.

Seb foi o primeiro a se aproximar da cama, ocupando o lugar de Tate. Ele pôs a mão no braço de Park.

– Oi, pai.

O canto da boca do pai se retorceu um pouco. Ele abriu os olhos e piscou como resposta.

– Ainda está difícil falar porque a garganta dele está dolorida – explicou Joan. – Não deixaram ele beber nada.

– Bela maneira de consertar o telhado, hein? – disse Seb, e todos riram quando Park ergueu o polegar trêmulo. – Da próxima vez, é melhor aprontar uma dessas *antes* de subir na escada.

Seb se inclinou e deu um beijo na testa do pai.

Joan sorriu e voltou os olhos para Riley.

– Riley também está aqui, Park – disse, passando a mão no braço do filho.

Os olhos cansados de Park se moveram pelo quarto. Quando os olhares dos dois se encontraram, Riley sentiu um inexplicável nó na garganta.

– Bom ver você, pai – conseguiu dizer.

Era a coisa mais cordial que dizia àquele homem em quase cinco anos.

Depois de um instante tenso, com Joan apertando o braço do filho ainda mais forte, Park piscou exatamente como tinha feito com o caçula e baixou um pouco o queixo, como se respondesse ao cumprimento. Aquilo deixou claro para Riley que ele ainda tinha uma longa estrada pela frente, mas o gesto do pai ultrapassava todas as suas expectativas.

Uma enfermeira gorducha apareceu no quarto com uma bolsa de um líquido qualquer e teve dificuldades para passar entre Riley e a mãe.

– Nada de multidão com o meu paciente – alertou ela. – Só mais cinco minutos.

– Nancy, essa é Maggie, a minha sobrinha. Esses dois são os meus outros filhos – disse Joan, apontando para cada um deles. – Riley e Sebastian.

Nancy deu uma olhadela para ambos enquanto trocava o soro de Park e contraiu os lábios.

– Bonitos rapazes – comentou. – Mas beleza não vai ajudar o meu paciente a melhorar. Quatro minutos.

Riley teve que esconder um risinho quando viu Tate girar o dedo junto à têmpora, como se ela estivesse louca.

– Que tal a gente ir andando e fazer umas compras para o jantar? – sugeriu Maggie. – Talvez dar uma volta pelas lojas? Tenho que ir buscar Rosie na creche. Vamos deixar você em paz, tio Park. Rosie está louca para ir até a loja da Disney.

– Eca! Sério? – disse Riley, batendo nas coxas com as palmas das mãos.

– Não ligue para ele – disse Tate, com um risinho cínico. – Só está reclamando porque a Disney adora a Marvel. Exatamente como eu – acrescentou, apontando para a camiseta que estava usando, onde se lia “Quem diabo é Bucky?”.

Sem entender nada, Maggie balançou a cabeça, olhando para o primo.

– Quem diabo é Bucky?

Também olhando para o irmão, Riley soltou uma risada e, ao mesmo tempo, Seb suplicou:

– Não faça isso, Mags. Por favor!

– Ela não sabe quem é Bucky! – exclamou Riley, com uma gargalhada que abafou o pedido do caçula.

Tate fez uma careta, cruzando os braços diante do peito.

– Ela também não sabe quem é Bane.

– Nem começa – retrucou Riley, apontando o dedo para Tate. Voltou então os olhos para Maggie. – Está falando sério? Não viu *O Cavaleiro das Trevas ressurge*? Com Tom Hardy? – A única resposta que recebeu foi uma expressão vaga da prima. – Meu Deus, Mags! Como podemos ser parentes?!

– Alguém faz isso parar – resmungou Seb.

– Deixa comigo – disse Joan. Carinhosamente, foi levando Riley até a porta e, com um gesto, chamou Tate. – Vá com a Maggie. Sebastian pode ficar aqui e me fazer companhia. – Ela segurou o rosto de Tate com as duas mãos. – Você está precisando tomar um arzinho, querido. E ficar sentado aí nessa cadeira não é nada bom para a sua perna.

– Estou bem, mãe – protestou o rapaz.

– Até pode ser, mas já estou cansada dessa sua carinha linda.

– Pfff! Já vi monstros mais bonitos... – Riley riu e se desviou do punho do irmão, que vinha na direção do seu braço. – Isso foi golpe baixo, cara! – acrescentou. – Sabe que não posso revidar porque você é aleijado.

– Riley! – exclamou Joan.

– O que foi? – perguntou Riley, com ar incrédulo, apontando para Tate. – Foi ele que disse isso.

Mas Tate não respondeu, apenas deu uma risada que ecoou no corredor.

■ ■ ■

– Isso aqui é o próprio inferno – resmungou Riley, olhando os pacotes de figurinhas dos Vingadores que ocupavam boa parte das prateleiras da loja da Disney. – Acho que aqueles nuggets que comi estão querendo sair.

– Ah, para com isso! – exclamou Maggie, brigando com ele em tom de brincadeira. – Rosie adora esta loja.

Riley olhou para a menina, que rodava e saltitava para lá e para cá, cantarolando. Não conseguiu conter um sorriso. Ela estava tão fofa com aquele vestido azul e os sapatinhos brilhantes...

– Sabe que todo dia ela me pede para pentear o cabelo dela como o da Elsa? Afinal, Rosie também é uma rainha.

– Claro que é. E isso deve ser bem divertido – acrescentou Riley, implicando com a prima.

Maggie suspirou quando a filha pegou e abraçou uma boneca da Elsa.

– Só pode ser brincadeira! Fico rezando para que a Disney lance alguma coisa diferente para eu finalmente poder variar as músicas no carro!

– A trilha sonora de *Frozen*?

– Sei todas as letras de cor. Juro.

Riley soltou uma risada e deu uns tapinhas no ombro da prima.

– Que Deus abençoe a Disney.

Viu então Tate pegar um boneco do Homem de Ferro e, depois, um outro que parecia o Thor. Balançou a cabeça.

– Pelo menos tem coisas de *Star Wars* – acrescentou, olhando uns Yodas de pelúcia.

Foi dar uma volta pelo local onde estavam os Legos da *Millenium Falcon*, tentando abrir caminho em meio às crianças e aos adultos que não conseguiam resistir à tentação de qualquer coisa criada por George Lucas. Pegou uma das caixas, tentando se convencer de que pagar mais de 60 dólares por um Lego era um absurdo... mesmo que a embalagem incluísse um Han Solo e um Chewbacca absolutamente incríveis.

– Caramba! Mesmo de Lego o Han Solo fica bonito.

– Gosto mais do Luke Skywalker.

A vizinha infantil, mas decidida, vinha da altura dos seus joelhos. Riley baixou os olhos e deu de cara com uma cabeça loura quase engolida pelos sabres de luz da segunda prateleira.

– Acho que você não tem bom gosto, rapaz – observou ele.

O menino reapareceu com um sabre azul na mão.

– Han Sssolo não tem um desssesss.

Riley sorriu do jeito como o garotinho pronunciava os “S”.

– Verdade – admitiu, exibindo a caixa que tinha nas mãos. – Mas ele tem a *Millenium Falcon*, que é muito melhor do que um sabre de luz, não concorda?

Ainda abaixado, e com o sabre bem colado ao peito, o menino ergueu a cabeça. Tinha uns olhos grandes, castanho-claros, tão parecidos com os seus que Riley chegou a tomar um susto.

– Não – respondeu o menino, dividindo a atenção entre Riley e o brinquedo. – Luke Skywalker tem a Força – declarou o garotinho, piscando, como se desafiasse Riley a rebater aquele argumento.

Rindo, Riley devolveu a caixa de Lego à prateleira.

– Eu me rendo. Como posso negar isso?

– Não pode – retrucou o menino, se levantando. – E não pode usar roupa de Batman. Você tem barba. Já é grande.

Riley sorriu.

– Isso é discutível. Adoro o Batman. Tenho até meias com desenho dele.

O menino ficou entusiasmado.

– Eu também! E tenho um pijama. Sempre ganho um novo no Natal.

– Sério? Você é o garoto mais legal *do mundo*!

– Eu sei.

Riley caiu na gargalhada.

– Noah?

– Oi! – gritou o menino, olhando para um ponto às costas de Riley.

– Eu disse para você ficar de mão dada comigo e não... Ah!

Riley reconheceu aquela voz antes mesmo de se virar para ver quem estava na outra ponta do

corredor. *Cacete!* A voz era exatamente como ele lembrava, e só de ouvi-la o coração acelerou. O nome dela escapou dos seus lábios num sussurro quando ele finalmente se permitiu virar. Ao fazer isso, percebeu que precisava se segurar na borda da prateleira mais próxima de tanto que as pernas tremiam.

– Riley...

Os olhos de Lexie pularam do homem para o garotinho parado ao seu lado. Ela parecia tão espantada quanto ele, mas isso não o deixou menos abalado. Na verdade, ela parecia aterrorizada.

– Eu... O que... Como... Como vai?

Riley pigarreou.

– Bem.

Ele tentou abrir um largo sorriso, mas o que saiu foi forçado e tenso. E, caramba, não é que Lexie tinha um piercing no nariz?

– E você? Tudo bom? – balbuciou ele. – Você está... tão bem..

Quanta besteira! Ela estava linda. O cabelo continuava louro como sempre, mas, agora, usava uma franja que emoldurava o rosto. O restante, preso numa trança comprida, batia nos ombros dela. Usava uns óculos que nunca tinha visto, mas que, claro, eram rosa, a cor que sempre associou a Lexie. E, apesar do aro não ser fino, eles não escondiam o azul dos olhos dela.

Estava usando uma regata preta que mostrava a tatuagem no braço e no ombro, com um short jeans que destacava as pernas. E nos pés? Bom... Já era de se esperar: aquelas botinas Doc Marten de cadarço. Riley sentiu um calor intenso na barriga. Apesar do que tinham feito um ao outro, do que tinham dito um ao outro, ela continuava sendo aquela menina destemida com quem crescera; a menina que sempre ganhava dele em qualquer esporte que praticassem ou jogo que disputassem; a menina que não aceitava desaforo de ninguém. Nem dele.

Ela fez que sim com um gesto rápido da cabeça.

– Tudo bom.

– Ótimo.

Riley passou a mão na testa, onde uma dor de cabeça começava a se insinuar.

– Temos que ir, Noah.

Lexie estendeu a mão para o menino que, como Riley de repente percebeu, era o mesmo que ele tinha visto com Savannah.

– Encontrei o sabre de luz do Skywalker! – exclamou ele, erguendo o brinquedo acima da cabeça.

– Já percebi – disse Lexie com um sorriso que, no passado, ela reservava exclusivamente para Riley.

– Mas o seu aniversário só vai ser daqui a sete meses. Então, coloca isso de volta na prateleira, por favor. Quem sabe não pede um sabre ao Papai Noel este ano? Vamos... Tenho que voltar para o trabalho.

Noah suspirou, mas não contestou. Bem devagarinho, pôs o brinquedo na prateleira e saiu andando na direção de Lexie, pisando firme com seus tênis All Star infantis.

– Um colega fã de *Star Wars* – comentou Riley, com uma risada desajeitada. – Está no caminho certo.

A expressão de Lexie, porém, não era nada divertida.

– É. Ok. – Pegou o menino pela mão. – Tchau.

– Tchau – disse Riley. – Tchau, Noah.

O garoto se despediu com um gesto, mas seguiu atrás de Lexie sem se virar para trás.

– Caramba! Foi mesmo tão estranho quanto parecia? – perguntou Tate baixinho, parado às suas

costas.

– Pior – admitiu Riley. Soltou o ar com força e olhou para o irmão. – Estou sangrando? Tenho a impressão de ter levado uma cacetada.

O sorriso de Tate era discreto e compreensivo.

– Não. Você está inteiro.

– Preciso de uma cerveja. – Riley se encolheu com o peso da culpa ao lembrar do alcoolismo de Tate e da luta que o irmão travava para se livrar da bebida. – Desculpe.

– Ei, cara! Se está precisando, vamos sair daqui para você tomar uma maldita cerveja.

– Eu *adoraria* poder tomar uma também. – Maggie vinha chegando e não tirava os olhos da porta da loja por onde Lexie e Noah tinham saído. – Quem era?

Riley passou a mão pela barba e suspirou.

– Uma velha amiga.

Maggie apontou para a saída.

– Sabe de uma coisa? Tenho certeza de que é a dona da loja onde mamãe e eu estivemos na semana passada.

Riley olhou para Tate.

– Loja?

– É – continuou Maggie, olhando ao redor à procura de Rosie. – Uma joalheria bem legal. Venha para cá, Rosie, por favor. Foi onde eu comprei esse anel.

Estendeu a mão exibindo o anel de prata no dedo médio. Riley aproximou o rosto e viu a palavra “serenidade” impressa na joia. Era um anel lindo, e ele sorriu instintivamente.

Voltou os olhos para o irmão.

– Topa dar uma circulada pela cidade amanhã?

Tate deu um risinho.

– Por que não?

7

Doze anos antes...

– Oi, cara – disse Riley, entrando na cozinha e vendo Tate sentado diante do balcão, comendo uma torrada.

Fazia pouco mais de uma semana que ele tinha chegado da faculdade de medicina, e Riley precisava admitir que era ótimo ter o irmão de volta. Com Dex trabalhando em São Francisco e Seb praticando todos os tipos de esporte que a humanidade já inventou, depois das aulas e em cada momento livre que tinha, a casa andava tranquila demais.

– Oi – disse Tate.

Riley sentiu que o olhar do irmão o seguia pela cozinha.

– Está parecendo culpado por alguma coisa. O que foi?

– Nada – respondeu Riley sem se virar, despejando cereais numa tigela. Mas não era exatamente verdade. – É aniversário de Lexie.

Tate cruzou os braços.

– Ah, é?

O irmão assentiu, se virou e se apoiou na bancada, enfiando na boca uma colherada do cereal. Tate o encarou, esperando.

– O que está querendo de mim? – perguntou ele a Riley, finalmente.

Riley esticou o pescoço para espiar pela porta da cozinha e ver se o pai ou a mãe estavam por perto. Satisfeito por ver que estavam sozinhos, respirou fundo.

– Pode me emprestar a caminhonete? – Tate ergueu as sobrancelhas diante daquele pedido. – É para ajudar com o presente dela.

– E o seu carro não serve? – perguntou Tate, e Riley fez que não com a cabeça. – Será que posso perguntar por quê?

O rapaz sentiu o rosto corar e um aperto no estômago.

– É melhor não.

Tate balançou a cabeça.

– Ok, empresto a caminhonete, mas tenho duas condições. A primeira é que, antes de me devolver o carro, você vai limpar qualquer sujeira que fizer. Qualquer sujeira mesmo. A segunda: leve camisinhas.

Riley riu, mas não contestou o que o irmão disse. Vinha planejando aquela noite havia semanas e estava tão empolgado quanto apavorado diante da perspectiva. Ele e Lexie estavam namorando

oficialmente desde o primeiro beijo na noite do baile, três anos antes, e Riley pretendia que os dois dessem o passo seguinte essa noite. Claro que, desde o baile, já tinham feito mais do que apenas se beijar, mas ainda não tinham chegado ao ápice. Lembrou-se de que Lexie dissera algo sobre o seu aniversário, como seria romântico e... Bom, na verdade, ele estava louco de desejo por ela.

Como eram amigos por quase uma década, tinham compartilhado muitas coisas. Feito muitas coisas. Vivenciado muitas coisas. Tudo, menos sexo. Riley tinha certeza de que, naquela noite, não seria só sexo. Depois de ter visto e sentido partes do corpo de Lexie que nenhum outro homem conhecia, não podia nem imaginar como seria finalmente penetrar...

– Então, qual é o plano? – Tate interrompeu os pensamentos do irmão, pondo o prato e a xícara no lava-louça.

Riley pigarreou, tratando de tirar da cabeça as cenas eróticas que tinha imaginado, e deu de ombros.

– Comer alguma coisa. Luz de velas. Talvez um pouco de vinho.

– Você tem 17 anos.

– E daí?

– Vai beber e dirigir...

– O vinho vai ser para Lexie, seu idiota – replicou Riley. – Para ela ficar mais relaxada. – Ele se remexeu um pouco ao perceber no irmão mais velho aquele olhar de quem já entendeu tudo. – Sei que ela vai ficar nervosa.

Tate assentiu, como se as palavras de Riley tivessem confirmado as suas suspeitas: naquela noite, Riley ia perder a virgindade. Ele se aproximou e cruzou os braços. Estava bem mais forte desde que tinha ido para a faculdade de medicina, e os braços dele agora eram imensos. Riley invejava aqueles músculos, embora ele próprio tivesse crescido bastante. Tinha quase 1,90 metro e pesava uns 80 quilos. Com certeza, fazer parte do time de futebol americano da escola tinha melhorado a forma física de Riley.

– Sabe que pode me perguntar o que quiser, né? – indagou Tate, com aquela voz calma e, de repente, Riley percebeu como sentia falta dele.

O irmão mais novo deixou a tigela de lado e fez que sim com a cabeça.

– Sei.

– Vai tomar todas as precauções, não vai?

Riley reagiu com desprezo.

– Não sou imbecil.

– Ei! – exclamou Tate, em tom firme. – Sei que não, Ri. Se tem uma coisa que você não é, é burro. Só quero ter certeza de que está bem, de que está preparado para isso.

Vendo a cerca do quintal pela janela, Riley foi tomado pela lembrança do dia em que a construiu com o pai, e de como estava infeliz só de pensar que Lexie ia ao baile com o babaca do Blake Richards. Sorriu. Quanta coisa tinha acontecido desde então...

– Estou mais do que pronto, cara. – Ele se virou para o irmão. – Ok, isso que eu disse pode ter parecido meio estranho, mas não é bem assim. É que... – Então as palavras brotaram: – Eu amo a Lexie.

Os cantos dos lábios de Tate se moveram em um sorriso.

– *Eu sei. – Tate pôs a mão no ombro de Riley e apertou. – Meu irmãozinho está crescendo...*

Riley se desvencilhou, rindo.

– *Ah, qual é?*

– *Vê se aproveita – acrescentou Tate, atirando as chaves da caminhonete para o irmão.*

Ele saiu da cozinha e foi para o andar de cima.

O restante do dia foi dedicado aos preparativos. Riley conseguiu convencer a mãe a preparar alguns dos pratos favoritos de Lexie, e ela colocou tudo com cuidado em vasilhas antes de guardar na geladeira. Ele arrumou o que ia precisar na caçamba da caminhonete e dirigiu até um ponto do bosque onde sabia que teriam a mais completa privacidade. Era um local que ele e Lexie tinham descoberto quando ainda eram exploradores espaciais de 10 anos, e Riley sempre se lembraria daquele lugar com o maior carinho. Duvidava que Lexie fosse se lembrar, mas naquele ponto as copas das árvores se abriam, exibindo milhões de estrelas. E a menina tinha tentado identificar cada uma delas, na época.

Fez o possível para que tudo estivesse perfeito. Tudo precisava estar perfeito. O celular vibrou dentro do bolso, com a chegada de uma mensagem de texto. Riley pegou o celular e sorriu para a tela. Era Lexie.

Sabia q é meu aniversário?

Sabia, sim. Já mandei uma msg logo depois da meia-noite, mas lá vai: Feliz aniversário!

Obrigada. De novo. Onde vc tá?

Fazendo umas coisinhas :)

Umas coisinhas... E q horas posso te ver?

Passo aí 18h, como combinamos.

Mal posso esperar.

Com passos ainda mais animados, Riley verificou tudo mais uma vez e pulou na caminhonete, correndo de volta para casa, onde tomaria um banho e trataria de se acalmar. Estava a ponto de explodir e, quanto mais perto das seis da tarde, mais ansioso ele ficava, o que, na verdade, era... ridículo. Lexie era a pessoa em quem mais confiava no mundo. Partilhar algo tão privado, tão íntimo com ela deveria ser uma coisa simples, fácil, até natural.

Essa ideia, porém, não impediu que o coração dele ficasse agitado como um bando de borboletas quando ele estacionou diante da casa dos pais de Lexie e buzinou.

A porta se abriu e Lexie apareceu usando um short rosa e uma regatinha num tom de rosa mais escuro, cheia de estrelas dos mais variados tamanhos. Por causa do calor do verão, ela tinha trocado as botinas de sempre por rasteirinhas e prendido o cabelo num coque bagunçado. Meu Deus! Riley

adorava o cabelo dela daquele jeito... Gostava da linha do seu pescoço e de poder beijar aquele ponto do corpo dela. Mas também adorava saber que, com um puxão, o cabelo cairia pelas costas, e ele então poderia mergulhar naquele cheiro.

O Sr. Pierce ficou parado na porta olhando para Lexie. Tinha aquele ar de pai desconfiado, como se soubesse o que o namorado da filha de 17 anos estava pretendendo fazer. Riley tentou sorrir, mas desanimou quando o Sr. Pierce respondeu com um olhar feroz. Mesmo depois de nove anos, o sujeito ainda chamava Riley de “aquele garoto” e mal lhe dirigia a palavra quando ele ia à casa de Lexie. Ela ria de tudo isso e afirmava que, na verdade, o pai gostava dele, que aquele ar emburrado não passava de fachada. Mas Riley não acreditava em nada do que ela dizia. Lexie era a típica filhinha do papai, e aquele homem era assustador como o diabo. Por uma fração de segundo, aquele olhar de quem estava sabendo de tudo do Sr. Pierce atravessou todo o quintal da frente para atingi-lo, quase levando Riley a repensar seus planos.

– Oi! – Lexie sorriu ao entrar na caminhonete. Bateu a porta e se inclinou para dar um beijo no rosto de Riley. – Estava com saudade.

Bastaram essas três palavras para todos os medos e as dúvidas de Riley saírem voando pela janela enquanto Lexie acenava para o pai.

– Eu também – admitiu ele, ligando o carro para ir embora dali.

Lexie bateu palmas.

– E então, qual é a grande surpresa? Aonde vai me levar? Quais são os planos?

Riley riu.

– Calma. Você está fazendo 17 anos ou 7?

– O quê?! – exclamou ela. – Ah, vai, estou empolgada. Dê um desconto.

Ele estendeu o braço, pegou a mão dela e, levando-a aos lábios, deu um beijinho nos nós dos dedos.

– Fico feliz que esteja empolgada. Daqui a uns quinze minutos chegamos lá.

Ela o encarou radiante e deu uns pulinhos no banco da caminhonete. Era tão adorável quando Lexie ficava daquele jeito...

Ao se aproximarem da parte do bosque onde tudo já estava preparado, Riley percebeu que Lexie parecia não estar entendendo nada. Deu um risinho.

– Acha legal aqui? Lembra-se desse lugar?

Ela se aproximou da janela, como se isso fosse ajudar a entender onde eles estavam, e, de repente, ficou de queixo caído.

– Meu Deus! Foi aqui que contamos as estrelas?

– E você tentou identificar todas elas.

– Como conseguiu encontrar este lugar de novo? A gente tinha, o quê? Uns 12 anos?

– Dez. E por que não me lembraria? – Ele se virou para ela. – Eu estava com você.

O rosto dela se abrandou, e um ligeiro sorriso se abriu naquela linda boca. Riley sempre achou Lexie bonita, desde o primeiro instante em que a viu. Mas, com o passar dos anos, a garota acabou ficando tão linda que ele se pegava olhando para ela só porque podia fazer isso.

– Riley – sussurrou Lexie.

O coração de Riley estremeceu quando ela disse o nome dele, e a pele quase pegou fogo quando

Lexie estendeu o braço para passar a mão pelo seu pescoço.

Riley fez o possível para se concentrar na estradinha de terra e finalmente estacionar a caminhonete no lugar exato. Ao desligar o motor, abriu um largo sorriso para Lexie, antes de pular do carro e se dirigir para o lado em que ela estava. Abriu a porta e voltou a fechá-la quando ela já estava junto dele. Deu um passo para se afastar, mas a mão dela no seu pulso o impediu de fazer isso. Ele a olhou, curioso.

– Venha cá – disse Lexie naquele tom suave, quase um sussurro, que sempre fazia o sangue de Riley ferver.

Ele obedeceu, aproximando o rosto do dela para poderem se beijar. Meu Deus, tinham melhorado muito desde aquela primeira vez, tanto tempo antes. Sabiam exatamente como deixar o outro excitado. Lexie fazia isso quando mordiscava o seu lábio inferior. Quando ela já estava no clima de verdade, e as roupas já começavam a ser descartadas, aquele mordiscar se transformou em mordidas mesmo. Isso deixava Riley louco.

Separaram-se, e Riley apoiou a testa na dela.

– Para que isso? – perguntou ele.

Lexie segurou o rosto do rapaz com as mãos.

– Para dizer que, aconteça o que acontecer esta noite, você já me deu o melhor aniversário de toda a minha vida.

Bastaram aquelas palavras para o coração de Riley quase sair voando pela boca.

– Venha – murmurou ele, quando conseguiu recuperar a fala. E deu um beijinho nos lábios dela. – Vamos comer.

– Comer? – perguntou Lexie, soltando uma risada incrédula que se perdeu no ar da noite quando ela finalmente viu o que ele tinha preparado para os dois.

Riley tinha estendido uma toalha de piquenique bem grande no chão do bosque, bem debaixo daquele ponto em que as árvores se abriam, pois, assim, depois que escurecesse, os dois teriam uma visão fantástica das estrelas. Tinha arranjado lanternas, exatamente como aquelas do tal baile da escola, e pendurou todas nas árvores mais próximas, prontas para serem acesas. Junto delas estavam também bexigas cor-de-rosa e guirlandas da mesma cor, que pendiam dos galhos e das folhas. Riley tinha trazido ainda algumas mantas a mais, para o caso de a temperatura baixar mais tarde. Havia ali pratos cheios de frutas e de pães, além das vasilhas plásticas com a comida que sua mãe tinha preparado.

Lexie ficou calada por tanto tempo que ele começou a ficar nervoso.

– Gostou?

– Está... perfeito – respondeu ela, ofegante, levando uma das mãos ao peito. – Não acredito que tenha feito tudo isso só para mim!

Riley ainda ficava surpreso com a ideia de Lexie não conseguir entender como era importante para ele. Não deveria ser assim: na verdade, nunca tinham dito “amo você”, mas, sinceramente, nunca houve necessidade disso. Era algo bastante óbvio entre eles, deixado claro naquela amizade de nove anos, repleta de olhares furtivos, beijos e carícias.

Os dois se sentaram na toalha estendida, e Riley começou a pôr a comida nas travessas.

– Foi a sua mãe que fez? – perguntou Lexie.

Riley sorriu, oferecendo a ela a lasanha que ainda estava razoavelmente quente.

– Ela é incrível!

– Tal mãe, tal filho – observou ele, mexendo as sobrancelhas e fazendo-a rir.

A comida estava fantástica e, quando se sentiram satisfeitos, Riley acendeu as lanternas e as velinhas que tinha espalhado. Os dois se deitaram na toalha e ficaram observando o céu, que ia adquirindo um tom de azul-escuro. Ficaram ali, conversando sobre mil coisas, até que o azul-escuro virou negro. As conversas, recheadas de risos e verdades, ecoavam pelo bosque, e os silêncios nada tinham de desconfortável. Lexie deitou a cabeça no peito dele, sorrindo ao som dos batimentos do seu coração, enquanto ele brincava com o cabelo dela. Lexie apontou as estrelas, contando histórias a respeito de todas elas. Riley ficou só ouvindo, atento como sempre. Não sabia ao certo o que mais amava: se era ver Lexie assim falante e entusiasmada, ou vê-la calada e sorridente. Não que isso tivesse qualquer importância; de um jeito ou de outro, ela era perfeita.

Riley deu uma mordida num morango que Lexie ofereceu e, junto com a fruta, chupou os dedos dela.

– Onde quer estar daqui a dez anos?

Surpreendido por aquela pergunta, Riley engoliu o morango.

– Como assim?

– Na vida, no trabalho... – Ela limpou as mãos num guardanapo. – Temos que começar a pensar na faculdade para o ano que vem. Continua querendo ir para a Universidade de Nova York?

Com a cabeça apoiada no próprio braço dobrado, ele se virou para ela.

– Quero ir para a área comercial. Papai diz que é a melhor opção para o meu futuro. Você sabe que ele quer me levar para a oficina. Tenho trabalhado lá, e nenhum dos meus irmãos quer fazer isso.

– Mas é o que você quer?

– Claro – respondeu ele, confiante. – Sou bom nisso e gosto de trabalhar com carros. Mas quero ir mais longe. A Universidade de Nova York tem o melhor programa nessa área. Vou poder estudar o aspecto financeiro para administrar um negócio bem-sucedido, mais do que poderia aprender só com o meu pai. Ele está animado para pagar tudo, portanto, sou um sujeito de sorte. Além disso, com esse diploma posso ter o meu próprio negócio algum dia. Ter uma rede de oficinas, uma franquía ou até mesmo algo maior, como uma fábrica de peças, por exemplo. É o que realmente quero.

Lexie se ergueu ao seu lado, apoiando-se no cotovelo. Ficou olhando para Riley atentamente, passando um dos dedos no desenho do Lanterna Verde na camiseta dele.

– E você? – perguntou Riley.

– Não sei. Ainda estou indecisa.

Riley deu um sorrisinho, sabendo que ela vinha se remoendo, tentando tomar uma decisão.

– Gostaria de fazer alguma coisa... Talvez astronomia – confessou ela.

– Sério? – Riley se sentou bruscamente, chegando a assustá-la. – Caramba! Seria fantástico! Você sempre teve paixão por isso.

Lexie deu um sorriso meio zombeteiro.

– Acha mesmo?

– Tenho certeza. É sério. – Ele indicou o céu, com um gesto amplo. – Você sabe todos os nomes e tudo o mais. Ninguém conhece mais do sistema solar que você.

Lexie fez uma cara emburrada e voltou a se deitar.

– Está de gozação comigo...

Riley se debruçou sobre ela.

– Não estou, não. – Baixou mais a cabeça e deu um beijo no ombro da namorada. – Você é como o Stephen Hawking ou... – Refletiu por um instante e puxou uma das mantas. – Qualquer outro que seja realmente bom nessas coisas espaciais. – Através da boca, ainda colada ao ombro de Lexie, Riley sentiu o corpo dela vibrar com o riso. – Acho que seria incrível – acrescentou, erguendo os olhos para ela. – De verdade.

A expressão emburrada no rosto de Lexie se abrandou.

– Tem um programa de física muito legal, sabe? – murmurou ela. Riley fez um ruído de aprovação, adorando o gosto daquela pele nos lábios dele. – Tem cosmologia e, bom... também é na Universidade de Nova York.

Por um instante, Riley ficou paralisado. Depois, levantou a cabeça. Os olhos percorreram o rosto de Lexie. Ele conhecia de cor cada sarda, cada covinha, cada pequena cicatriz.

– O quê?

– O curso. É na Universidade de Nova York – repetiu Lexie, com um tom cauteloso na voz.

Ele recuou um pouco a cabeça para poder vê-la inteirinha.

– Você iria para lá?

Ela ergueu um dos ombros.

– Com as minhas notas, posso conseguir uma bolsa. É uma universidade fantástica e tal, mas... o mais importante é que você vai estar lá.

Riley sentiu um nó na garganta de tanto entusiasmo e emoção, e teve até dificuldade para engolir a comida.

– Você iria comigo? Para Nova York?

Lexie levantou uma das mãos e afagou o cabelo dele, fazendo seus olhos revirarem.

– Com você, iria a qualquer lugar.

– Lex... – Aquele nome escapou dos lábios de Riley antes que eles se colassem aos dela.

Riley nunca tinha recebido notícias tão boas, e seu peito estava quase explodindo de alívio. Andava tão preocupado com a ideia de deixar Michigan para ir à universidade que até chegou a considerar possibilidades mais próximas. Ele evitava pensar no assunto porque não queria nem imaginar o que seria do seu coração se tivesse que se separar de Lexie. Mas, agora... Agora tudo o que queria era se entregar a ela e, então, mostrar o que aquelas palavras significavam para ele.

Lexie abriu as pernas e, com todo o cuidado, Riley se colocou entre elas, querendo que a namorada sentisse o que ela estava fazendo com o corpo dele. Tinha 17 anos e, a essa altura, já estava mais do que acostumado com seu pênis e suas ereções, mas nunca tinha visto ele ficar tão duro quanto agora que estava em cima de Lexie. Ajeitou os quadris e fez força de encontro ao corpo dela, do jeito que sabia que Leslie gostava. Várias vezes já tinham gozado assim, e sempre havia sido inacreditável. Ela arfou, sempre colada à boca de Riley, e o puxou mais para perto dela. Com as pontas dos dedos, beliscava de leve a pele do pescoço e dos ombros de Riley. Enquanto isso, a boca dele deixava a dela para percorrer seu rosto, seu queixo, seu pescoço. Riley estava excitadíssimo.

– Por favor... – sussurrou ela, com a boca mergulhada no cabelo dele e se remexendo de um jeito

delicioso sob o corpo de Riley.

– O quê?

– Quero você.

– Você me tem.

– Quero você dentro...

Riley respirou fundo e ergueu o tronco, apoiando as mãos de ambos os lados da cabeça de Lexie.

Ela estava toda corada, de um jeito lindo.

– Tem certeza? Quer dizer... Ouvi o que você disse, mas...

Com os dedos, ela o fez se calar.

– Estou pronta.

Ele sorriu e a beijou com carinho.

– Venha comigo.

Riley se levantou e estendeu a mão para levar Lexie até a caçamba da caminhonete. Pediu a ela que esperasse um pouco e, enfiando a chave na ignição, colocou a parte elétrica do carro para funcionar. Conectou então um fio na tomada do painel.

O riso de Lexie mostrou a Riley que o plano tinha funcionado: em toda a volta da caçamba da caminhonete, ele tinha prendido pequenas lâmpadas rosa e brancas. E ali dentro, debaixo da capa que cobria aquela parte do veículo, estavam mantas bem grandes e pelo menos seis almofadas.

Ficou meio sem jeito quando ela se virou para olhá-lo.

– Gosto de planejar com antecedência.

Lexie deu uma risadinha e subiu na caçamba, jogando-se em cima das mantas. Com um pontapé, livrou-se das sandálias e soltou o ar com força. Com o coração na boca, Riley viu a barriga e o peito dela subirem e descerem. Lexie era a coisa mais maravilhosa que ele já tinha visto, mas Riley começava a sentir o peso da situação. Cacete! Iam mesmo fazer aquilo...

Percebendo que ele não parecia estar se aproximando, Lexie ergueu os olhos.

– Está tudo bem? – perguntou, apoiando-se nos cotovelos.

Sorrindo, Riley passou a mão pelo cabelo.

– Estava só... olhando você.

Ela sorriu.

– Vai ficar aí olhando a noite inteira ou vem para junto de mim?

Sem pensar duas vezes, Riley se livrou dos chinelos, subiu na caçamba e rastejou até ficar em cima dela, fazendo Lexie gritar quando ele começou a soprar com força nas partes da sua barriga que estavam de fora. Ele a beijou milhares de vezes até que ela parou de rir e se entregou completamente, abraçando-o tão junto ao corpo, agarrando com tanta força que parecia até ter medo de que ele fosse embora.

– Está tudo bem – sussurrou ele, com os lábios colados à pele dela. – Você está bem?

– Amo você – disse Lexie, baixinho, mas num tom ardente. – Meus Deus, como eu amo você!

Riley sentiu o fôlego desaparecer dos pulmões, e seus olhos logo ficaram quentes. Pôs os braços de cada lado da cabeça de Lexie, como uma moldura, protegendo algo que era tão precioso para ele.

– Também amo você – murmurou, roçando o nariz pelas têmporas da garota. – Você é o mundo inteirinho para mim, Lex. E sempre vai ser.

As roupas foram sendo retiradas aos poucos. Nenhum dos dois parecia ter pressa, embora Riley quisesse ir a mil por hora. Lexie o virou de barriga para cima, assumindo o comando daquele jeito que ele tanto gostava, e beijou o peito dele, o pescoço, não deixando que Riley pensasse em mais nada. Como se tivesse arranjado alguns pares extra de mãos, assim que eles se viram praticamente nus ela começou a esfregar todo o corpo dele, de um jeito que o fez dizer palavras e enfiar os dedos entre as pernas de Lexie, tocando-a até ela pedir mais e mais. Riley ainda estava aprendendo e descobrindo coisas novas, capazes de fazer com que ela gritasse seu nome naquele tom que ele tanto amava. Lexie nunca foi de ficar encabulada com o que queria, dizendo a ele exatamente do que gostava: “Aí. Mais. Devagar. Mais depressa. Enfie. Mais. Não pare. Ah, meu Deus, não pare!”

Ela se desmanchou entre os braços dele. Riley tinha os dedos cobertos pela umidade de Lexie, o coração repleto dela e a boca querendo mais, desesperadamente. Lexie estava magnífica sob as estrelas, que naquele momento pertenciam apenas aos dois, e sob aquelas luzes, que pareciam fazer a pele dela brilhar.

Com as mãos trêmulas, Riley colocou a camisinha e se pôs em cima dela. Olhando Lexie bem nos olhos, já que os óculos dela agora estavam por ali, em meio às roupas, viu o que sempre tinha desejado: amor, adoração e amizade eterna.

Ele baixou o tronco sobre o peito dela, sentindo os seios quentes junto à pele, e ficou passando o indicador pelo rosto de Lexie.

– Você é tão linda – disse ele. – Obrigado.

Ela riu e, com o movimento, seu corpo se esfregou no dele.

– Por que está me agradecendo?

– Por ser a minha melhor amiga – respondeu ele. – Por ir para Nova York e por me amar.

Lexie ergueu a cabeça e o beijou.

– Você é o mundo inteirinho para mim. E sempre vai ser.

E, enquanto se beijavam, Riley a penetrou com todo o cuidado, bem devagarinho, de mansinho, sabendo que nunca amaria mais ninguém pelo resto da vida.

8

As pernas de Riley o impulsionavam para a frente, e as pisadas firmes estavam em sincronia com as batidas do seu coração. A cada passo, rezava para que as lembranças do décimo sétimo aniversário de Lexie desaparecessem. Mas, mesmo depois de correr por trinta minutos com Seb, Riley podia jurar que o cheiro dela naquela noite continuava ali, ao seu redor.

Quando entraram na rua da casa dos pais, aceleraram o ritmo da corrida, e o suor escorria pelo rosto de Riley. Seb venceu por pouco aquela corrida-que-não-era-bem-corrída-mas-que-acabou-sendo e se jogou no gramado, esticando as pernas e as costas. Riley simplesmente se atirou na grama perto do irmão, respirando como se fosse um idoso de 80 anos com enfisema pulmonar.

– Está ficando mais lento com a idade, cara – observou Seb, alongando os glúteos.

– Vá à merda!

– É a barba – prosseguiu o caçula. – Você perdeu a aerodinâmica.

Riley se virou para o irmão, estreitando os olhos por causa do sol de junho.

– Sabe de uma coisa, Seb? Quanto mais implica com a minha barba, mais me convenço de que, na verdade, você a adora. E mais determinado fico a mantê-la assim.

Seb deu uma risada e ergueu os braços acima da cabeça.

– Além disso – continuou Riley –, sei que só está com inveja porque, em vez destes magníficos folículos faciais, você tem um cabelo de *garotinha*.

Sorrindo, Seb deu um peteleco na barba do irmão. Riley caiu na gargalhada, virando-se para ficar de quatro e se levantar. Quando entraram, a casa estava em silêncio. Joan tinha ido ao hospital com tia Carol e, já que Park vinha melhorando a cada dia, Maggie e Rosie haviam voltado para casa. O pai continuava na Unidade de Terapia Semi-Intensiva, mas fazia progressos consideráveis. Havia dois dias que Park tinha aberto os olhos, e agora já estava se sentando e comendo. Riley e os irmãos se revezavam para ficar lá com a mãe. Naquele dia, era a vez de Tate.

– Tate me falou sobre aquela coisa estranha que aconteceu na loja da Disney – disse Seb, depois que os dois já tinham tomado banho e se vestido.

Estavam estirados num sofá da sala de estar, com a TV ligada, mas, na verdade, não assistiam a nada em particular.

Riley suspirou e meneou a cabeça. “Coisa estranha” era a expressão perfeita. Estremeceu só de se lembrar da cena e de todas as recordações que invadiam a sua cabeça desde então. Parecia injusto ter que lidar com aquelas lembranças da época mais feliz da sua vida, sendo que ele e Lexie eram, agora, praticamente estranhos.

Seb inclinou a cabeça.

– Você parece triste, cara!

Riley jogou o controle remoto na mesinha de centro.

– É muito chato, sabe? – Ele esfregou a testa com as pontas dos dedos. – Quer dizer, ficamos juntos por tanto tempo, e agora é como se mal nos conhecêssemos...

Seb deu de ombros.

– Então vai lá e muda isso.

– O quê?

O irmão indicou a porta com um gesto.

– Corre atrás dela, tenta de novo.

Como se fosse assim tão fácil..., pensou Riley. Seb revirou os olhos quando o irmão cerrou os lábios e voltou a encarar a TV.

– Você é um covarde! – disse, debochando.

– Não é que você tem razão? – respondeu Riley, pegando a si mesmo e ao irmão de surpresa.

Riley se remexeu no sofá, constrangido por aquela reação repentina, mas se sentia bastante ansioso por estar de novo em casa. Em geral ele era bem tranquilo, mas o reencontro com Lexie e a situação do pai no hospital o deixavam profundamente nervoso.

– Desculpe – murmurou, por fim.

– Vai se ferrar! – Seb se sentou direito. – Olha, faz anos que essa história vai e volta. Pode falar: do que você tem tanto medo? Disse umas coisas que não foram nada legais. Ok, já entendi. Mas a vida continua. Vocês dois eram uns idiotas naquela época. Não me olhe desse jeito... Você sabe que Lexie fez besteira, tanto quanto você.

Era verdade. Lexie podia resistir e até magoá-lo à vontade, mas não era isso que deixava Riley com tanto medo de falar com ela. Ele passou a mão pelo cabelo e fechou os olhos.

– Eu só... Ok... E se acontecer, se voltarmos a ser amigos? E então?

– Você vai se sentir melhor.

– Aí é que está – lamentou-se Riley. – Não vou, não. Nunca consegui ser só amigo dela. E isso não mudou. Além do mais, moro em Nova York e, pelo visto, ela voltou a morar aqui. Não daria certo. Não daria certo agora e, mesmo naquela época, nós dois já sabíamos que não poderia dar. Foi por isso que...

Meu Deus! A saudade estava ficando insuportável.

Seb encarou o irmão por um bom tempo com aqueles olhos escuros e espertos.

– Você está com medo de sofrer.

Droga! as palavras pareciam meio falsas ditas daquele jeito... mas Seb tinha colocado o dedo na ferida. Riley era um sujeito de cabeça bem aberta, que podia aguentar milhares de coisas, porém o medo de ter o coração partido novamente não era uma delas. Jamais tinha falado de Lexie para Carter ou para Max, e esse era o principal motivo. Não queria nem pensar na dor ou naquele nó complicadíssimo que a sua relação com Lexie tinha se tornado.

Riley ficou calado por alguns minutos, tentando arranjar coragem para falar.

– Faz ideia de como foi difícil me afastar dela? – perguntou ele.

Seb baixou os olhos para o chão. Contraindo os lábios, fez que não com a cabeça.

– Isso acabou comigo. Foi como se eu tivesse deixado um pedaço de mim aqui, e em todas as vezes que voltei e nós dois... É algo que nunca consegui ter novamente. E que nunca vou conseguir.

Riley esfregou o rosto com as mãos, sentindo as faces quentes como fogo pela vergonha de dizer

aquilo. Mas era assim que se sentia.

– Riley – disse Seb, com brandura. – Você precisa seguir com a sua vida, cara!

Riley tentou responder, dizendo que tinha feito isso ou que, pelo menos, estava se esforçando.

O irmão continuou:

– Sair transando com qualquer mulher que apareça pela frente não é seguir com a sua vida. É só compensação.

– E o que *you* está compensando? – perguntou Riley, rispidamente.

Seb ergueu a sobrancelha.

– Não tente inverter as coisas, você sabe que eu tenho razão.

Riley exalou com força, virando para olhar na direção da janela.

– Mas não é tão simples assim... – disse ele, deixando as mãos caírem entre os joelhos. – Quando eu vi Lexie naquele dia... Caramba! Foi como se tudo voltasse... Como nos divertíamos, como ríamos juntos, como éramos felizes... – Balançou a cabeça, pensando no constrangimento que tinha visto nos olhos de Lexie. – Mas isso foi há tantos anos... Acho que o nosso tempo passou.

– Acho que você deveria falar com ela. – Seb ergueu uma das mãos. – Só bater um papo. Deixar o clima mais leve. E então talvez consiga seguir com a sua vida.

– Bater um papo?

Riley se esparramou no sofá onde estava sentado. Uma pequena parte dele tinha a dolorosa consciência de que Seb estava certo. Talvez ele e Lex *pudessem* conversar e, assim, deixar no passado tudo o que tinham vivido, colocando as coisas no seu devido lugar. Claro que jamais voltariam a ser tão amigos quanto antes, mas talvez isso o ajudasse a se livrar do sofrimento e da culpa em que vivia mergulhado havia anos.

– Vou pensar no assunto – murmurou Riley, embora não soubesse ao certo se estava falando com o irmão ou consigo mesmo.

■ ■ ■

No dia seguinte, Riley levou a mãe até o hospital e ficou lá sentado por três horas, se sentindo estranho e desconfortável na única cadeira existente no quarto do pai, enquanto a mãe se empoleirava na beira da cama do marido. A tensão entre os dois homens ainda era grande, mas Joan estava se esforçando ao máximo para aliviá-la, fazendo, por vias indiretas, que um conversasse com o outro. Além de ser ridícula, aquela situação também era meio cansativa.

Riley sabia que tinha desapontado o pai quando foi parar na prisão de Arthur Kill, por fazer um favor a um amigo e guardar um monte de peças roubadas na oficina dele. Mas o que mais Riley poderia fazer ou dizer? Tinha cumprido a pena, pedido desculpas a todos que eram importantes para ele, quitado as dívidas e mudado de rumo. Aquele tinha sido um erro estúpido, pelo qual já havia pagado. O fato, porém, de o pai continuar se recusando a dirigir mais do que duas ou três palavras a ele era um motivo constante de mágoa.

Na verdade, Riley chegou a ter esperanças de que, com o susto dos infartos, o pai se desse conta de que a vida é curta demais para guardar rancores e que resolvesse, então, passar uma borracha naquilo tudo. Mas pelo jeito não era bem assim que as coisas estavam acontecendo.

– Em que está pensando, querido? – perguntou Joan, quando voltavam de carro para casa. Riley

respondeu dando de ombros. – O seu pai vai acabar cedendo – acrescentou ela com brandura, dando um tapinha no joelho do filho. – É que primeiro precisa resolver as coisas do jeito dele.

Riley não tinha tanta certeza disso, mas gostava de ver a confiança da mãe.

– Tate me disse que vocês viram Alexis – continuou a mãe. As costas de Riley se enrijeceram um pouco. Ele pigarreou. – Vocês dois precisam acertar as diferenças. Já faz tanto tempo... – Riley apoiou o cotovelo na borda da janela, mantendo os olhos fixos na rua à frente. – Um amor assim não desaparece, por mais que você tente, querido...

Riley suspirou.

– Ela me mandou embora.

– Ela não estava em seu estado normal, Riley. Estava doente. Você sabe.

Verdade. Ele sabia. Mas isso não tornava as coisas mais fáceis.

– Maggie me disse que Alexis tem uma loja não muito longe daqui... – prosseguiu Joan.

– Não – interveio o rapaz, recusando a ideia de imediato.

E, verdade seja dita, a mãe não insistiu mais. Aliás, ela nunca fazia isso. Fez o que sempre fazia com os filhos: plantou uma semente. E, caramba! A tal semente só foi ficando maior e mais forte à medida que ele continuava dirigindo.

– Onde fica?

Riley tinha conseguido se segurar por seis longos minutos antes de fazer a pergunta, sem ter coragem de olhar para a mãe.

– Dobre a primeira à esquerda.

Riley nem perguntou como ela sabia o caminho. Era um detalhe sem a menor importância.

Dez minutos depois, parou o carro num grande estacionamento, cercado por várias lojas e restaurantes. Riley desligou o motor e se recostou no banco, com os olhos vidrados numa lojinha que ficava entre uma Old Navy e um estabelecimento de artigos de perfumaria.

“Com Amor, Você – *By Lexie.*”

O peito de Riley se encheu de orgulho e de alívio. Quando Lexie tinha 18 anos, em função de circunstância arrasadoras que escapavam ao seu controle, ela teve que abandonar o sonho de se tornar astrônoma. Riley precisava admitir que, apesar de a relação entre os dois ter ido por água abaixo, sempre tinha se preocupado com o que ela teria feito da própria vida. Não que ele achasse que Lexie não seria bem-sucedida. Ela era a pessoa mais inteligente e determinada que ele conhecia. Mas tinha ficado arrasado ao vê-la dar as costas para o que sempre quis ser, independentemente dos motivos que a levaram a fazer isso.

Riley e a mãe saíram do carro e se dirigiram para a loja. Um sorriso se abriu no rosto de Riley quando ele viu a estrelinha servindo de ponto para o “i” do nome dela no letreiro e a lua e as estrelas pintadas de forma elegante no canto da vidraça da fachada. A vitrine era incrível: joias de todo tipo brilhavam e reluziam, dispostas em prateleiras cor-de-rosa. Algumas tinham palavras gravadas que o fizeram sorrir ainda mais: *acredite, se empenhe, sobreviva.*

– Vamos entrar?

A voz de Joan tirou Riley dos seus pensamentos. Ele respirou fundo e, com um gesto, mandou que a mãe fosse na frente. Ao passar por ele, Joan apertou de leve o seu braço. Ele a seguiu com as pernas meio bambas. A primeira coisa que percebeu quando entrou foi o cheiro daquele lugar. Era a cara de

Lexie: um perfume doce e floral que o jogou de cabeça na lembrança de um momento em que a viu tirar a roupa para ele no próprio quarto. Tinham 17 anos e estavam tão apaixonados... Umedeceu os lábios e passou a mão pelo rosto.

– Olá – disse uma mulher miúda com o cabelo pintado de roxo preso num coque na altura da nuca. – Meu nome é Jaime. Como posso ajudá-los?

Riley achou que ela parecia um cachorrinho, toda saltitante, sorridente, desejando agradecer.

– Obrigada, obrigado – disseram mãe e filho ao mesmo tempo.

Foi então que Riley percebeu uma parede espelhada coberta de post-its cor-de-rosa. Ao chegar mais perto, se deu conta de que havia coisas escritas em cada um deles:

Você diz as coisas na lata. Nada de mentiras! Com amor, você.

As suas sardas. Com amor, você.

Os cachinhos e os lábios carnudos. Com amor, você.

– Que legal! – exclamou Riley, estreitando os olhos para ler os que estavam presos na parte mais alta do espelho.

– Que bom que gostou.

Ao ouvir a voz de Lexie às suas costas, Riley se virou de repente, esbarrando com o braço na vitrine que estava ao lado.

– Merda!

Ele se esticou todo, esforçando-se para segurar o mostruário antes que caísse no chão, e Lexie se adiantou para fazer a mesma coisa. Conseguiram pegá-lo e recolocá-lo de pé, deixando colares e brincos balançando nos pontos em que estavam pendurados.

– Desculpe – disse ele, muito sem jeito.

– Tudo bem – respondeu ela, com um risinho meio estranho. – Acontece. Preciso mudar isso de lugar, colar um aviso ou algo assim.

Enquanto ela falava, Riley ficou só olhando. Mais uma vez, reparou no piercing do nariz e nas tatuagens que Lexie tinha acrescentado à sua coleção. De repente, a tatuagem que ele tinha na parte interna do braço ficou mais quente, como se soubesse que ela estava por perto. Percebeu então que Lexie segurava o próprio braço, escondendo o local onde havia uma tatuagem igual à dele, feita no mesmo dia. Riley sentiu o coração apertar.

Ela se virou e sorriu para a mãe de Riley.

– Oi, Joan. Há quanto tempo... Fiquei sabendo de Park. Sinto muito. Como ele está?

A expressão da moça foi de surpresa quando a mãe de Riley a envolveu em um abraço. Logo, porém, Lexie retribuiu ao gesto, sorrindo por cima do ombro de Joan.

– Está melhorzinho – respondeu Joan. – Obrigada. E você está ótima, Alexis – observou, quando as duas se separaram. – E a sua loja é maravilhosa. Parabéns.

Lexie ficou ruborizada com os elogios e pôs uma mecha de cabelo para trás da orelha. Riley nunca tinha sentido inveja da mãe antes, mas daria tudo para ficar assim tão à vontade com Lexie. Por que essa não foi a primeira coisa que *ele* disse a ela? *Que babaca!*

– Há quanto tempo tem a loja? – perguntou ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– Há quase três anos – respondeu ela.

– E é você mesma que faz tudo?

Lexie fez que sim com a cabeça.

– O design e a execução. A menos que haja uma encomenda específica. Nesse caso, podemos terceirizar. Mas sempre fazemos o possível para que tudo seja realizado aqui mesmo. – Ela cruzou os braços. – Estou surpresa por terem nos encontrado...

Riley olhou para a mãe, percebendo a mensagem nas entrelinhas da frase de Lexie: ela não o queria ali.

– Foi a minha prima, Maggie – disse Riley, por fim. – Ela a reconheceu lá na loja da Disney. Já tinha vindo aqui antes e disse que era um lugar incrível.

– Que gentileza a dela... – Lexie tentava evitar o olhar de Riley, mexendo e remexendo nas cutículas. – Fiquem à vontade para ver o que quiserem. – Ela se virou para Joan. – Temos algumas peças com ótimos descontos bem ali.

Apontou para os fundos da loja, onde três meninas admiravam várias joias. Joan aproveitou a oportunidade para deixar Lexie e o filho sozinhos. Ela deixou pender as mãos, suspirando, e se virou para Riley bem devagar.

– E também temos umas coisas legais para homens.

Sem dizer mais uma palavra, saiu andando para o outro lado.

Riley a seguiu, obediente, como se não tivesse outra escolha. Sempre tinha sido assim com Lexie, e ele não se envergonhava disso. Na verdade, era bastante simples: ela escolhia a direção, ele ia atrás.

– Temos cordões e umas abotoaduras muito sexy – disse ela, virada para a parede onde ficavam as joias masculinas.

Por um instante, Riley ficou observando as peças expostas e um sujeito que estava experimentando um cordão. Só depois deixou que os olhos se voltassem para Lexie.

– Você está ótima – disse, baixinho. – De verdade. Devia ter dito isso quando vi você na loja da Disney, no outro dia.

Os ombros dela se curvaram ligeiramente.

– Obrigada. – Ergueu os olhos para ele. – Você também. – Levantou uma das sobrancelhas. – Essa barba é... diferente. – Um tanto inquieto, Riley levou a mão ao queixo. – Mas gosto dela – concluiu.

– Obrigado.

Lexie ajustou os óculos no nariz.

– É estranho, não é?

Riley soltou uma risada que era quase um acesso de tosse.

– É.

Ela engoliu em seco e mordeu o lábio inferior. Como era bom ver aquilo... Um tique que ela sempre teve e que aparecia quando ela estava nervosa.

– Não queria que fosse assim, mas...

– Mas...?

– Já faz tanto tempo...

Riley concordou com um aceno de cabeça.

– É mesmo.

– E foi um choque ver você aqui.

Ele baixou o rosto.

– Eu sei. Desculpe.

– Não tem do que se desculpar – murmurou ela. – Está tudo certo. Gostei que tenha vindo conhecer minha loja.

– É maravilhosa, Lex. Devia se orgulhar.

– Eu me orgulho.

Riley se virou na direção dela, e aquele desejo brusco e avassalador de tocá-la percorreu todo o seu corpo.

– Escute, Lex, vou ficar por aqui até o meu pai melhorar. Será que... já que estou na cidade... quem sabe poderíamos...

Antes mesmo de ele terminar a frase, ela estava balançando a cabeça.

– Não.

– Eu só queria conversar.

– Não posso, Riley.

– Só conversar. Juro – disse ele, erguendo a mão.

Lexie deu um risinho e o olhou de um jeito que o deixou até meio tonto.

– Nós nunca conseguiríamos só *conversar* – disse ela, baixinho. – Não é verdade?

Aquele olhar e aquelas palavras simplesmente deixaram o corpo de Riley em chamas. Mas, Lexie tinha toda a razão. No passado, chegaram a se encontrar com a intenção de conversar e esclarecer as coisas. Porém, como na última vez, quando ele esteve na cidade para o aniversário do casamento dos pais, cinco anos antes, sempre acabavam na cama. Ou encostados numa parede. Ou, daquela vez, no carro dele. Riley se remexeu sem sair do lugar e sentiu o corpo se enrijecer. Meu Deus! Nada tinha mudado: aquela mulher era como Viagra...

– Não – conseguiu dizer, enfim. – Acho que não. – Riley percebeu que o rosto de Lexie tinha ficado corado. – Mas, desta vez, estou falando sério.

E era verdade. Por mais que quisesse se perder nos braços dela, beijá-la e ver as coisas voltarem a ser como quando os dois eram adolescentes e a vida era bem mais simples, Riley queria ser amigo dela de novo.

– Sinto falta da minha melhor amiga.

Os olhos de Lexie se fecharam por um segundo.

– Riley...

– Só me ouça, ok?

Naquele instante, o sininho que ficava na porta de entrada tocou. Os olhos de Lexie se arregalaram quando ela virou a cabeça naquela direção. Instintivamente, Riley também se virou e viu Savannah, com Noah no colo. O garotinho estava fofo como sempre, com a boca e as bochechas todas sujas de algo que parecia chocolate e com um balão de *Star Wars* preso ao pulso, flutuando acima dos dois.

Quando a porta se fechou às suas costas, Savannah ficou paralisada. Depois de um momento de silêncio entre eles, Riley começou a olhar para as duas irmãs, tentando descobrir o que estavam dizendo uma à outra sem emitir qualquer palavra. Voltou a olhar para Noah, que sorria para ele. O estômago se revirou, e os pelos da nuca ficaram todos arrepiados.

– Desculpe – disse Savannah, falando depressa. – Não sabia que... Só levei Noah para...

– Olha, mamãe! – exclamou o menino.

– Noah, não...

Savannah tentou falar, mas ele começou a se debater tanto que ela foi obrigada a se abaixar e botá-lo no chão antes que ele caísse.

O garotinho correu para Lexie, mantendo o braço onde estava a bola para o alto. Nesse instante, a cabeça de Riley começou a girar a mil por hora.

Espere aí.

Mamãe?

Lexie passou por ele depressa e se agachou junto a Noah, que continuava falando sem parar.

– A festa foi tão legal! Ganhei essa bola! E bolo também.

– Percebi. Estou louca para ouvir tudo, querido – disse Lexie, passando a mão na cabeça do menino.

– Mas agora a mamãe está meio ocupada, com clientes. Vai com a tia Sav, ok? Logo, logo encontro vocês lá.

– Tá – respondeu Noah, sem ter como contestar. E, num minuto, a atenção do menino já tinha passado da bola para Riley. – Você é o moço da Disney. Gostou da minha bola?

Riley abriu a boca para falar, mas não conseguiu dizer nada. Noah ficou olhando para ele, esperando uma resposta, com aqueles olhos castanhos tão familiares, exatamente como havia acontecido na loja da Disney. Mas, agora, vendo assim mais de perto, Riley pôde perceber outros traços do rosto do menino, traços que via diariamente quando olhava no espelho. Meu Deus! Até o nariz e o queixo eram...

Recuou, como se aquela compreensão o atingisse como uma marretada, esbarrando no mostruário que estava às suas costas. Como não tinha percebido antes? De soslaio, viu a mãe se aproximando, com o olhar fixo no garotinho, mas, nesse exato momento, Savannah pegou Noah pela mão e saiu com ele por uma porta nos fundos da loja. Será que Joan também tinha visto? Será que ele era...

Quando seus olhos se encontraram com os da mãe, Riley soube que a resposta era evidentemente “sim”. Joan parecia tão chocada quanto ele.

– Ele é muito parecido com... – começou a dizer Joan.

– Lex?

A interrupção brotou da boca de Riley num tom rouco e descrente. Ele mal conseguia respirar. Em pânico e desconcertado, conseguiu a duras penas dizer as palavras seguintes:

– Tem alguma coisa que você queira me contar?

Lexie respirou fundo, fez uma pausa e, então, se virou para ele.

– Precisamos conversar.

Riley tentou recuperar o fôlego, mas seus pulmões pareciam estar reduzidos à metade do tamanho normal.

– Ele é...

– Aqui não – disse ela, em tom firme, olhando para os outros clientes e para Jaime que, parada atrás de Joan, parecia tão perplexa quanto Riley diante daquela cena.

De repente, a raiva levou Riley a agir. Ele aprumou o corpo e chegou mais perto de Lexie. Era bem mais alto do que ela, mas a moça ergueu a cabeça com ar de desafio e enfrentou seu olhar.

– “Aqui não”... Você só pode estar brincando! – grunhiu ele, com o coração pulsando. – Diga logo!

Um lampejo de medo se estampou no rosto de Lexie, mas logo ela se empertigou, confiante.

– É – disse ela, baixinho, e o mundo de Riley pareceu se encolher. – Ele é seu filho.

9

Onze anos antes...

Riley estava deitado na cama com os olhos fechados, a boca aberta e as mãos agarrando firme o travesseiro sob a cabeça. Arqueava o pescoço para trás, movia os quadris. A boca de Lexie. Porra! A boca de Lexie. Ela chupava, lambia e beijava seu pau inteiro, dando tanto prazer que tudo que Riley conseguia fazer era emitir uns grunhidos, uns ruídos. Isso, por favor, meu Deus, não pare.

Ela tinha ficado boa naquilo... E, em algumas ocasiões, Lexie admitiu que adorava fazer sexo oral, o que, para um garoto de 18 anos que estava sempre a fim da namorada, era absolutamente incrível. Sinceramente, o sentimento era mútuo: ele também adorava devorá-la inteirinha. Adorava os barulhos que ela fazia, o cheiro dela, seu gosto e, quando ela gozava na sua língua, Riley se sentia um verdadeiro rei. É... O sexo com Lexie era maravilhoso, e desde o aniversário dela um ano antes os dois transavam o tempo todo. Sempre que podiam, claro.

Lexie segurou o saco de Riley com as mãos e enfiou o pau dele na boca. Arfando e erguendo a cabeça para olhar para ela, Riley grunhiu, tomado pelo desejo.

– Vou... – disse ele. Lexie deu uma piscadela. – Ai, caralho, vou gozar... Não pare...

Ela sorriu e voltou a enfiar o pau dele na boca, mais uma vez, e mais outra, agarrando firme a parte que não dava para engolir. A boca de Lexie estava tão úmida, tão quente... Era simplesmente a coisa mais perfeita do mundo. Riley impulsionava os quadris, tomando cuidado para não deixar que ela engasgasse, até que o orgasmo atingiu com força o seu ventre, fazendo tudo girar dentro do corpo. Ele gozou na boca de Lexie, com uma intensidade incrível.

Riley grunhiu, gritou, arfou e agradeceu a Deus por terem a casa inteira só para os dois, já que não haveria a mínima chance de ele conseguir fazer silêncio naquela situação, e teria sido bastante constrangedor se tivesse mais alguém ali... Desabou na cama, com o peito arfante, mal percebendo que Lexie estava rindo enquanto estendia a mão para pegar a garrafa de água que tinha deixado na mesinha de cabeceira.

– Você é o máximo! Juro por Deus – disse Riley.

Ele fechou os olhos e Lexie se aconchegou ao seu lado, colando o corpo nu e macio no dele. Riley passou um dos braços pelos ombros dela e lhe deu um beijo na testa.

– O máximo...

Lexie riu novamente e passou a mão pela barriga dele.

– Que bom que você gostou.

Com algum esforço, ele conseguiu abrir um dos olhos.

– E como...

Esticando os braços, ela segurou o rosto de Riley com as mãos e o beijou. Como sempre acontecia, sentir vestígios do seu próprio gosto na língua dela o deixou excitadíssimo. Com um som de prazer, ele sorriu sem interromper aquele beijo. Se soubesse como juntar num frasco o que sentia por aquela garota ali nos seus braços, teria nas mãos um verdadeiro sucesso de vendas. Nunca mais haveria alguém infeliz. Riley sabia que ninguém mais aguentava ouvir falar da felicidade dos dois, e os irmãos viviam pegando no pé dele por conta disso, mas não estava nem aí...

– A que horas você tem que ir? – perguntou ele, estendendo o braço para puxar o edredom.

Estavam em meados de julho e fazia calor, mas ele adorava bloquear o mundo exterior de alguma forma, para que só existissem eles dois.

– Papai quer que eu volte lá pelas três – respondeu ela, deslizando o dedo ao redor do mamilo do rapaz. – O nosso voo sai às sete.

Riley olhou para o relógio na parede. Era uma da tarde.

– É besteira já estar com saudade de você?

Junto ao ombro dele, Lexie sorriu.

– Estarei de volta em uma semana. Você nem vai perceber.

Os dois, porém, sabiam que isso não era verdade. Lexie e a família iam passar uma semana na Flórida. Era o seu presente de formatura e as últimas férias que todos da família passariam juntos antes de ela e Riley irem para Nova York. A família dela vinha juntando dinheiro desde antes do Natal, e estavam lutando para pagar a viagem, já que a jornada de trabalho da mãe de Lexie fora reduzida em fevereiro. O pai dela começou a fazer horas extras na madeireira, e Lexie contribuía para as despesas trabalhando no café local. Em certo momento, ela chegou a perguntar se Riley podia ir com eles, mas a expressão no rosto do pai foi bem clara, principalmente considerando que ele culpava Riley pela tatuagem que ela havia feito recentemente.

Era óbvio que ele não conhecia a filha. Claro que a tatuagem foi ideia da própria Lexie. Riley se limitou a acompanhar a namorada naquela decisão, como sempre fazia.

Ele a abraçou com mais força. Nada daquilo tinha importância. Em algumas semanas, os dois estariam em Nova York, sem pai ou mãe por perto, e finalmente ele a teria só para si. A empolgação tomou conta de Riley. Mal podia esperar para ter outros dias como aquele: sem interrupções, poderia curtir o corpo de Lexie, aproveitando a vida e estudando na Universidade de Nova York. Já tinha pensado em tudo desde o instante em que receberam as cartas comunicando que tinham sido aceitos na universidade. Conseguiram vaga no mesmo dormitório, o que não era pouca coisa, e Riley já tinha pensado em onde morariam no campus enquanto estivessem estudando, o que fariam depois dos exames finais e, quando tudo isso tivesse terminado, como e onde a pediria em casamento.

Podia parecer estranho um rapaz de 18 anos ter ideias tão românticas, mas ele e Lexie não eram como as outras pessoas. Riley tinha amigos que pulavam de uma namorada para outra, levando a vida sem maiores preocupações, mas ele não estava nem um pouco interessado nisso. Desde os 8 anos sabia que Lexie era a mulher da sua vida e, ao longo de uma década, nada havia mudado. Ela se remexeu ao seu lado, e os seios dela roçaram no corpo de Riley, proporcionando uma sensação deliciosa.

Bom, talvez algumas coisas tivessem mudado...

Riley se virou de lado e subiu no corpo de Lexie, se encaixando entre as pernas dela, dando mil

beijinhos no rosto da namorada, na boca, novamente no rosto. Nunca se cansava do gosto de Lexie, do cheiro dela, de tocar seus cabelos com as mãos. Parou por um instante, passeando o olhar por aquele rosto, reconhecendo cada sarda, cada curva.

– Eu amo você – sussurrou.

Com um dos dedos, ela acompanhou o traçado da tatuagem no braço dele, feita duas semanas antes. Era uma tatuagem igualzinha à sua: o mundo, logo acima da parte interna do cotovelo. O azul dos oceanos e o verde dos continentes se destacavam na pele bronzeada de Riley.

– O mundo inteirinho – disse ela, encarando o rapaz com aqueles olhos de um azul intenso. – Sempre.

Riley a deixou em casa a tempo. Procurava sempre ser pontual quando se tratava do Sr. Pierce. E, é claro, quando estacionaram diante da casa, ele estava na varanda, fingindo regar as plantas. O rapaz sorriu quando Lexie começou a rir e a acenar para o pai ainda de dentro do carro. Ela se virou para Riley e segurou sua mão.

– Vou sentir saudade – sussurrou, com a voz meio embargada.

– Você nem vai sentir o tempo passar – retrucou ele, sempre sorrindo.

Riley se debruçou sobre o câmbio do carro e a beijou de leve. Ela retribuiu o beijo, com os lábios ávidos, mas pacientes.

Separaram-se de repente ao ouvir uma batida firme na janela do lado de Lexie.

– Alexis – disse o pai dela, com a voz abafada pelo vidro fechado. – Deixe esse garoto ir embora e venha terminar de fazer as malas.

Lexie sorriu.

– Já estou indo, pai.

Ela se virou para Riley e o beijou mais uma vez antes de sair do carro. Fechando a porta às suas costas, abriu um sorriso largo e pressionou a tatuagem contra o vidro, dizendo só com movimentos labiais: “Amo você. Você é o mundo inteirinho para mim.”

Os dias seguintes custaram muito a passar. Riley fez o possível para se manter ocupado, malhando, ajudando o pai na oficina, lendo, saindo para dar uma volta com Seb. Mesmo assim, os relógios da casa pareciam andar para trás sem Lexie por perto, principalmente porque já fazia dois dias que não tinha notícias dela. Pensando bem, Riley achava que já deveria ter percebido que havia algo errado na época: Lexie nunca ficava calada por muito tempo. Mas, naquele momento, ele tentou não se preocupar. Afinal, ela estava de férias...

No quinto dia, Riley foi acordado pela mãe, que veio chamá-lo com suavidade às três da manhã. Quando Riley acordou de fato, esfregando os olhos, viu o pai parado atrás da mãe.

– O que foi? – perguntou, estendendo a mão e tateando para encontrar o celular debaixo do travesseiro.

Como não havia nenhuma mensagem de texto ou chamada não atendida, sentiu o coração apertado.

– Alguma coisa com Lexie?

– Não, querido. É o pai dela – disse Joan. – Ele morreu.

Riley ficou sem reação. Ele observou o rosto da mãe em busca de alguma pista. Seria brincadeira? Queria uma explicação clara para o emaranhado de emoções que estava sentindo. Meu Deus! Sentia o

coração apertado, sofrendo por Christine, por Savannah e, é claro, por Lexie. Ela adorava o pai. Riley se deixou cair sobre os travesseiros, pressionando os olhos com os dedos, detestando a ideia de não estar ao lado dela, detestando a ideia de ela estar tão longe... Ele tentou ligar, mas o celular de Lexie caía direto na caixa postal e continuou assim durante os dois dias seguintes. Riley ficou agoniado por não conseguir entrar em contato.

Foi a tia de Lexie que ligou para Joan naquela noite e acabou se tornando a fonte de notícias para Riley. Ele esperava o tempo passar, louco para que a namorada voltasse para casa. Ficou sabendo como o Sr. Pierce tinha morrido: um aneurisma cerebral quando ele estava se arrumando para ir jantar. “Ele nem deve ter percebido o que aconteceu”, foram as palavras de Park para consolar o filho, mas, sinceramente, elas mal atenuaram a tristeza que Riley sentia por Lexie.

No dia em que ela e a família retornaram a Michigan, Riley foi até a casa dela e ficou vagando pelo bosque que havia nos fundos da construção. Acabou por encontrar a nave espacial que os dois construíram com o Sr. Pierce quando tinham 8 anos. Ainda estava lá, sólida, de verdade, diferentemente do pai de Lexie, e Riley se permitiu derramar algumas lágrimas por aquele homem. Em silêncio, olhando para o céu, jurou que amaria e protegeria Lexie enquanto vivesse.

O som de galhos se quebrando às suas costas fez com que Riley se virasse. Ficou com o coração partido ao ver Lexie a poucos metros de distância, com o cabelo desarrumado e o rosto inchado de tanto chorar. Por um tempo, os dois ficaram só se olhando. Dias, semanas e até anos mais tarde, Riley compreenderia que aqueles poucos segundos tão preciosos simbolizaram o momento em que tudo mudou: soube ali que ela não ia com ele para Nova York. No fundo, naquele instante Riley sentiu que Lexie havia escolhido ficar com a família em Michigan e, por mais que isso o deixasse arrasado, não tinha como se enfurecer. Como poderia?

– Lex.

Ela correu e se lançou no conforto do corpo dele, passando os braços pelo seu pescoço. Com o rosto enfiado no ombro de Riley, Lexie começou a chorar alto, como ele jamais tinha visto.

– Estou arrasada, meu Deus, Tenho que ficar com minha mãe para ajudá-la, mas, por favor, Riley, vá. Você não pode ficar. Vá. E leve o meu coração com você. Vou ficar esperando. Todos os dias.

Riley também chorou, abraçando-a com muita força, pondo a mão na sua nuca e beijando seu rosto milhares de vezes, dizendo como a amava, mais do que poderia explicar, e que ia ficar tudo bem. Prometeu, jurou que, independentemente do que acontecesse ou de onde os dois estivessem, ficariam juntos para sempre.

■ ■ ■

Riley bateu a porta com tanta força que a casa chegou a estremecer. Com os olhos compreensivos e preocupados, Joan se virou para o filho enquanto deixava a bolsa e as chaves na mesinha da sala de estar.

– Você sabia? – esbravejou ele, furioso, mergulhado num turbilhão de emoções.

Riley tentava não ser um completo babaca e, lá no fundo, sabia que estava com tanta raiva porque se sentia terrivelmente apavorado. Mas não podia evitar. Queria arrebentar alguma coisa, socar algo em pedacinhos e gritar, gritar até se sentir melhor.

– E aí, você já sabia?

Joan estava boquiaberta.

– Como pode me fazer essa pergunta? Claro que eu não sabia.

– Não ouviu *nada* a respeito? – insistiu ele, se aproximando. – Nenhuma fofoca? Como é possível, já que você conhece todo mundo nesta cidade?

– Ela ficou anos fora, Riley – disse Joan, com toda a calma. – A família inteira se mudou depois da última vez que você veio. Como eu poderia saber?

Agora, tinha ficado óbvio para ele o motivo pelo qual Lexie tinha ido embora daquele jeito.

Riley puxou os cabelos, sentindo a cabeça latejar.

– Meu Deus! Quer dizer... Como ela pôde? – indagou ele, olhando para o teto. – Mãe? Como ela pôde fazer isso? Aquele garotinho é... Como posso...

O queixo de Joan tremeu: era o coração de mãe sofrendo pelo filho.

– Não sei, querido. Não sei.

Tate e Seb apareceram na porta da sala.

– Que diabo está acontecendo? – perguntou Tate, indo para o lado da mãe, com a testa franzida numa expressão preocupada. – Riley?

Riley não conseguia responder. Teve ânsias de vômito, sentindo o estômago se revirar. Era como se o mundo inteiro estivesse girando ao seu redor, enquanto as palavras de Lexie se repetiam a cada pulsação que ele sentia nos ouvidos. *Ele é seu filho. Ele é seu filho.* Como quatro palavrinhas podiam ter um impacto tão devastador? Como ela podia ter escondido isso dele? Como era possível ele ser pai? Como era possível ele ter vivido todos esses anos sem saber da existência daquela criança, do seu filho? Como seu coração podia explodir e se partir ao mesmo tempo?

Essas perguntas ficaram rodopiando e martelando na mente de Riley, até que, incapaz de se conter, ele se virou e, com um urro assustador, deu um soco na parede.

De um salto, Seb se aproximou e agarrou o braço do irmão.

– Pare com isso! O que está fazendo?

Sem conseguir responder, Riley apoiou a testa na parede e gritou. A única vez que tinha se sentido mais ou menos desse jeito foi quando voltou para Traverse City. E sempre por causa de Lexie. A raiva fazia a pele dele pinicar com tanta intensidade que Riley chegava a tremer. Seb passou a mão pelas costas do irmão.

– Venha, Riley. Você está sangrando. Vamos limpar isso, ok?

Tate também estava ao seu lado, com um saco de gelo e uma toalha úmida nas mãos.

– Deixe eu ver.

Ele pegou o braço de Riley e logo tratou de envolver os nós dos dedos do irmão com a toalha. Riley pensou que provavelmente tinha se machucado, mas a dor que sentia por dentro era tão maior que nem percebeu nada.

– Venha, cara – disse Tate, tentando animá-lo. – Você precisa se sentar. Seb, pode ir buscar algo doce e um copo?

– Entendido.

Quase se arrastando, Riley deixou que o irmão mais velho o levasse até o sofá. Sentou-se bem devagar, enquanto Tate examinava sua mão.

– Caramba! – disse Tate. – Pode ter quebrado...

Até parece que Riley se importava com isso...

– Eu tenho um filho – sussurrou ele, em resposta.

Tate ficou paralisado, se esquecendo da mão que podia estar quebrada.

– O quê? – Ele olhou para a mãe, que estava sentada do outro lado de Riley. – Como? O que... Espere aí. Você tem... Por que ela não...

Riley deu uma risadinha que nada tinha de divertida.

– Foi exatamente o que eu disse.

Uma lata de Coca-Cola e um copo surgiram na mesinha à sua frente.

– Será que ouvi direito? – perguntou Seb, incrédulo. – Um *filho*?

Riley cobriu o rosto com a mão que não estava machucada e suspirou, mas as pontadas nas têmporas continuavam num ritmo atordoante. Ouviu a mãe contando sobre Noah e sobre como Lexie tinha conseguido convencer Riley a sair da loja, apesar de ele só querer quebrar tudo ali dentro. Ela também contou como Lexie implorou para que ele não fizesse uma cena, dizendo que iria encontrá-lo onde Riley quisesse, quando ele quisesse, para explicar tudo. Contanto que fosse embora. Pensando agora, Riley não sabia muito bem como Lexie tinha conseguido fazer ele sair da loja. Mas, sendo realista, de que adiantaria gritar e brigar com ela lá, na frente de um monte de estranhos?

Tanto Tate quanto Seb encheram a mãe de perguntas. Ela tentava responder a tudo, enquanto Riley se esforçava para acalmar a própria mente, em vão.

– E a filha da puta escondeu isso dele?

– Ei! – gritou Riley, lançando um olhar furioso na direção de Seb. – Não diga isso!

Por mais que ele soubesse que Lexie tinha feito a maior besteira, não estava preparado para ouvir quem quer que fosse xingá-la desse jeito.

Frustrado, Seb revirou os olhos.

– Ele só disse o que todos nós estamos pensando – afirmou Tate, pressionando o saco de gelo na mão do irmão, que continuava envolvida pela toalha úmida. – Tome. Segure isso aqui junto ao peito. Mãe, tem ibuprofeno ou algo parecido em casa?

– No armário do banheiro. Na primeira prateleira.

– Vou lá buscar – murmurou Seb, e então subiu a escada de dois em dois degraus.

Riley desabou no sofá, mantendo a mão junto ao corpo.

– E então? Quando vocês vão se encontrar? – perguntou Tate.

– Amanhã – respondeu Riley, sem abrir os olhos. – No parque. Território neutro.

– Já disse que podemos ir junto, se ele quiser – observou Joan, colocando a mão no ombro do filho.

– Claro, Riley – afirmou Tate. – Se precisar de nós, estaremos lá.

Riley assentiu.

– E eu agradeço por isso.

– Ela vai levar Noah?

A simples menção ao nome do menino fez Riley sentir um aperto em uma parte do seu corpo que, até agora, ele nem sabia que existia. Era uma sensação de calor, uma adoração e uma ideia de proteção tão ferozes que dava quase para sentir o gosto. Era algo que Riley nem tentaria colocar em palavras, mas que fazia com que todo o resto não passasse de besteira. Tudo, a não ser Noah. *Noah*. Aquele rostinho sorridente surgiu por trás das pálpebras cerradas de Riley, com os olhos castanho-claros e o nariz arredondado.

Meu Deus, como ele era lindo...

– Pedi para ela levá-lo, sim – respondeu Riley, finalmente, no exato momento em que Seb desceu a escada e pôs dois comprimidos ao lado do copo de Coca. – Mas se ela vai levar mesmo já é outra história...

– Você precisa ir ao pronto-socorro – disse Tate, erguendo uma ponta da toalha para examinar a mão do irmão.

Desanimado, Riley fez que não com a cabeça.

– Passei três horas sentado no hospital hoje. Nem morto faço isso de novo. Vou ficar bem. – E resmungou, aborrecido, quando Tate tentou discutir. – Ouça, doutor. Se estiver inchado amanhã, eu vou, ok?

Os quatro ficaram calados por um instante, até que Joan se levantou.

– Que tal comer alguma coisa?

Tanto Tate quanto Seb acolheram a ideia de bom grado, mas o estômago de Riley logo ficou embrulhado.

– Não quero nada – disse ele, se erguendo no sofá, pegando os comprimidos e tomando os dois com um gole do refrigerante. – Vou me deitar um pouco.

A mãe e os irmãos ficaram parados ali, ao redor dele, parecendo esperar que Riley se levantasse como um foguete, mas o rapaz mal podia erguer a cabeça. Toda a adrenalina de antes tinha desaparecido, deixando seu corpo fraco e os ossos frágeis. Agora, o cérebro de Riley estava lento e grogue, e, embora ele não quisesse dizer nada a Tate, sua mão estava doendo pra caramba.

Mantendo-a junto ao peito, Riley olhou para o lugar onde havia quebrado a parede.

– Desculpe, mãe – disse, culpado. – Eu não devia... Foi besteira. Vou mandar consertar isso.

Joan se aproximou e segurou o rosto do filho com ambas as mãos.

– Não se preocupe, querido. – Ela deu um beijo nele. – Hoje foi um dia daqueles... Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Riley assentiu e se despediu dos irmãos com um gesto de cabeça. Dirigiu-se à escada, rumo ao quarto. Fechou a porta bem devagar, tirou os sapatos e se aninhou na cama. Só então, na relativa calma daquele aposento, se permitiu chorar.

10

Riley tinha quebrado o dedo.

Passou a noite inteira se revirando na cama. Chegou a tomar mais remédios para dor até que, finalmente decidido a cortar o mal pela raiz, bateu à porta do quarto de Tate para pedir sua opinião profissional. Bastou uma leve pressão na articulação para Riley dizer todos os palavrões que conhecia, e Tate se vestiu para levar o irmão ao hospital. A boa notícia foi que dava para tratar a fratura sem gesso ou cirurgia.

Mesmo assim, a ideia de ficar com o indicador e o dedo médio presos por uma tala por três semanas não melhorou em nada o humor de Riley. Além de já estar se sentindo exausto, ainda ficou constrangido e se achando um imbecil.

– Para com isso – disse Tate, dando um tapa nos dedos curiosos do irmão, que mexiam e remexiam na tala que imobilizava a mão.

– Me deixa em paz – retrucou Riley, puxando a mão para que Tate não pudesse alcançá-la. – Presta atenção na estrada.

Como ia embora naquela tarde, foi Seb que levou a mãe ao hospital, para passar algum tempo com o pai. Pelo menos nesse assunto as notícias eram boas. Park estava sendo transferido da Unidade de Terapia Semi-Intensiva para um quarto comum, informação que veio acompanhada de comentários sobre a possibilidade de ele ter alta se continuasse melhorando.

Riley ficou bem chateado com a partida de Seb, especialmente depois da bomba que tinha sido lançada na véspera, mas o caçula prometeu que tentaria voltar a Michigan assim que pudesse. Riley não queria nem pensar no momento em que Tate também tivesse que ir. Quem diria que ele iria se sentir tão carente?

Preocupado com o próprio trabalho, ligou para Max para saber como estavam as coisas. Não contou nada ao amigo porque, afinal, ele mesmo ainda não estava sabendo lidar com a novidade, mas ficou aliviado ao ouvir que tudo ia bem na oficina. Quando Riley disse que sua estada em Michigan talvez se estendesse por mais uma ou duas semanas, Max garantiu ao amigo que ele não precisava se preocupar. Ainda acrescentou que estava adorando o fato de ter uma desculpa para manter Grace com ele em Nova York, e não na terra natal dela, na Virgínia Ocidental, enquanto ela preparava o projeto fotográfico seguinte.

Ouvir o amigo falar da namorada assim, com tanta animação, deveria ter deixado Riley satisfeito, como tinha acontecido das outras vezes em que Max falara de Grace. Agora, porém, aquilo foi uma pontada no coração já exausto de Riley, o que era bastante injusto, considerando todas as dificuldades que Max teve que enfrentar antes de encontrá-la. Por que a vida não podia ser simples?

Nem se deu conta de que Tate já estava parando o carro no estacionamento que ficava atrás do

parque. Como era domingo à tarde e o sol batia em cheio no local, o parque estava lotado de pessoas que tinham ido até ali com os filhos. *Filhos*. Por anos a fio, Riley não pensou em ter filhos. Claro que falou a esse respeito com Lexie, mas em condições completamente diferentes.

A sensação de pânico foi ficando cada vez mais forte.

E se Lexie *tivesse* trazido Noah? Que diabo ia dizer a ele? *Oi, garoto. Sou seu pai. Quer brincar de Star Wars?* Riley sorriu ao se lembrar da paixão de Noah pelo sabre de luz na loja da Disney e pelo balão que trazia preso ao pulso. Na verdade, aquilo tudo parecia perfeito para o menininho.

Talvez devesse ter comprado um presente para ele.

O ruído do motor sendo desligado o trouxe de volta à realidade. Ele respirou fundo e esfregou a testa com a mão suada. Tate ficou calado, ali ao seu lado, e tudo que Riley sentiu foi gratidão. De todo modo, nenhuma palavra que o irmão dissesse poderia acalmá-lo.

– Ok – murmurou consigo mesmo, ao abrir a porta e sair do carro.

Tirou os óculos escuros de um dos bolsos da bermuda cargo e os pôs no rosto, xingando a mão quebrada.

– Estou lá na casa da mamãe. Se precisar, me ligue, ok? – disse Tate.

Riley olhou para o parque à sua frente e logo avistou Lexie, como se seu olhar fosse atraído para ela como um ímã. Estava sozinha. Não soube dizer se aquilo o deixava aliviado ou assustado.

– Obrigado, cara.

Tate meneou a cabeça e voltou a entrar no carro. Enquanto isso, Riley seguiu na direção de Lexie, sem tirar os olhos dela. Só de vê-la assim, tão linda, seu sangue ferveu ainda mais. Ela estava com o cabelo preso para cima, daquele jeito que ele sempre adorara. Usava uma saia, sandálias pretas e uma regata de *Sons of Anarchy* que deixava as incríveis tatuagens bem à mostra. Estrelas, planetas, flores e o nome do pai cobriam a parte superior dos seus braços, como um mapa da própria vida, e aquilo dava a Lexie um ar muito sexy.

Como era injusto ele ainda se sentir tão atraído... Riley suspirou. Como era injusto ainda estar tão apaixonado... Quase tropeçou quando essa ideia lhe passou pela cabeça. *Meu Deus!* Que sentido tinha aquilo e, o que era ainda mais relevante, faria alguma diferença? Duvidava que sim e, incapaz de processar esses pensamentos, decidiu deixá-los de lado. O cérebro já estava cheio demais para encarar tudo aquilo e, naquele momento, precisava raciocinar com clareza.

Aproximou-se da árvore sob a qual Lexie estava parada. Olhando ao redor, Riley percebeu que estavam bem afastados das outras pessoas, o que garantia privacidade aos dois. Parou diante dela, trincando os dentes no seu esforço para se manter calmo. Ela também parecia nervosa. Meio sem saber o que fazer com as mãos e se remexendo, inquieta, Lexie tentava sorrir.

– Oi.

Riley suspirou, dividido entre a imensa vontade de acusá-la de ser tão egoísta e autocentrada e o desejo carinhoso de se sentar com ela à sombra da árvore e conversar, como faziam antigamente. Decidiu jogar tudo para o alto.

– Estou aqui para falar de Noah – disse ele e percebeu que Lexie estremeceu.

Tudo que ela fez foi contrair os lábios e assentir. Ergueu a mão, apontando para algum lugar atrás de Riley.

– Ele está ali, com Savannah.

Ao olhar para trás, Riley viu o garotinho brincando no escorregador e, de imediato, todas as palavras lhe fugiram. Tudo que queria atirar na cara de Lexie, todas as acusações que pretendia fazer se evaporaram, deixando Riley parado ali como um bobo, olhando o filho, com a boca se abrindo e se fechando sem emitir qualquer som. Sentiu uma tristeza imensa ao compreender quanto ele havia perdido, pensando em todas as ocasiões em que Noah tinha feito algo pela primeira vez e que ele deveria ter estado presente.

– Por quê? – sussurrou, voltando-se para Lexie. – Por que não me contou?

– Eu tentei. Milhares de vezes – respondeu ela, com voz trêmula. – Assim que descobri que estava grávida, peguei o telefone para ligar para você. Cheguei a ligar, mas ninguém atendeu.

Aos poucos, Riley foi fazendo as contas mentalmente.

– Foi em junho? – Lexie fez que sim com a cabeça, e o estômago de Riley se revirou. – Eu estava na prisão.

– É. Fiquei sabendo pela minha mãe, que tinha ouvido falar da sua condenação.

Riley cruzou os braços, com ódio das escolhas imbecis que tinha feito e que haviam afetado algo tão importante na sua vida.

– Quando é o aniversário de Noah?

– Quinze de fevereiro.

– Por que não me ligou quando fui solto, se estava sabendo?

– Pensei nisso...

– *Só pensou?* – esbravejou Riley.

– É – respondeu Lexie, e a sua reserva desapareceu diante dos olhos dele. – Pensei. Pensava nisso todo dia, morrendo de vontade de contar, imaginando o que você ia dizer quando soubesse, como ia se sentir... E, ao mesmo tempo, morria de medo de que você simplesmente nos desse as costas, me desse as costas, como fez durante todos esses anos.

Riley quase caiu para trás, atingido em cheio pelas palavras de Lexie e pelo ardor que havia por trás do que ela tinha dito.

– *Dar as costas?* Está falando sério ou simplesmente não se dá conta do que está dizendo?

– Claro que me dou conta.

– Pois então, deixe eu dizer uma coisa. – Deu um passo largo na direção dela. – A única vez que lhe dei as costas foi quando você me mandou fazer isso. Quando você me pediu para ficar longe, eu obedeci. Fiz o que *você* pediu. Portanto, não ouse jogar isso na minha cara quando sabe que, na última vez que nos vimos, você me implorou para ir embora e nunca mais voltar, está bem?

Os olhos azuis de Lexie faiscaram por trás dos óculos, e ela piscou como se estivesse tentando afastá-lo.

– E quando é que você me deu ouvidos? – perguntou, balançando a cabeça, olhando para Noah do outro lado do parque.

– Para mim, ficar longe de você foi terrível – admitiu Riley, encarando os próprios pés antes de erguer os olhos para ela. – Nunca diga isso assim, como se tivesse sido escolha minha ou algo fácil de fazer.

Por um instante, Lexie baixou o rosto, parecendo arrependida.

– Tem razão. Desculpe.

Riley se pôs ao lado dela e ficou olhando para Savannah e Noah no escorregador. Lexie respirou fundo.

– Eu estava com tanto medo, Riley. Você nem imagina. Sabia que isso mudaria tudo, mas, depois, quando ouvi dizer que você tinha sido *preso* e que ia passar *tanto tempo* na cadeia, fiquei sem saber o que fazer. Eu estava com raiva de você. – Ela ergueu os olhos. – Como pôde ser tão burro?

Riley tentou não demonstrar como aquelas palavras o machucavam, ou a vergonha que ainda tomava conta dele.

– Claro que quis telefonar quando você foi solto – continuou ela. – Quis mesmo. Mas não sabia como você estaria depois de todo aquele tempo lá dentro; se ainda seria a mesma pessoa. Quer dizer, o Riley que eu conhecia jamais teria sequer *pensado* em infringir a lei. Eu não sabia mais quem você era. Não podia convidar um estranho para fazer parte da nossa vida. Então, os dias foram passando e, quando me dei conta, Noah já estava com um ano, andando e falando. Voltamos para cá e abri a minha loja. Criei este mundo perfeito para ele e para mim. Somos felizes. A minha loja é um sucesso e... Eu não sabia o que aconteceria conosco se você passasse a fazer parte disso. Antes, tudo era um verdadeiro pesadelo, Riley, e a minha vida aqui é boa. A minha e a de Noah. Não quero que nada mude isso. – Ela fez uma pausa, deixando as palavras se assentarem como as folhas que caem de uma árvore. – Quero fazer o que for melhor para o meu filho.

– Ter o pai por perto deve ser o melhor para ele – observou Riley. A vergonha estava se transformando em irritação. – Você, mais do que qualquer outra pessoa, entende isso.

Lexie ergueu o rosto, com ar desafiador.

– Mas não é justo...

– Justo? – questionou Riley, em tom de deboche. – O que não é justo é você ter visto Noah crescer. Estava presente em todas as ocasiões que eu perdi. Claro que eu estava preso durante os oito primeiros meses de vida dele, mas, depois disso, estaria aqui. O que aconteceu entre nós não é nada comparado com a raiva que sinto por você ter me negado essa possibilidade.

Por um instante, Lexie ficou calada, com uma expressão de dor.

– Fiquei com medo. Achei que estava protegendo meu filho. Para você, isso pode parecer uma ideia idiota e egoísta e, vendo-o aqui, agora, acho que pode ter sido mesmo. Mas ele é tudo que tenho.

Riley balançou a cabeça.

– Continuo sendo eu mesmo, Lex. Ir para a prisão não mudou isso.

Ficaram parados ali por alguns instantes, vendo o menininho louro rir e acenar quando percebeu que eles estavam olhando. Por mais chateado que estivesse com Lexie, Riley não pôde evitar o sorriso que Noah fez surgir no seu rosto.

– Ele parece comigo.

Lexie riu, se divertindo.

– Não é? Os meus genes não tiveram a mínima chance. Às vezes, chega a ser estranho. Quando ele me olha, parece que estou vendo o garoto que existe nas minhas lembranças. – Ela cruzou os braços, abraçando o próprio corpo. – É aí que me dou conta de como sinto a sua falta.

Riley suspirou. A raiva que sentia se abrandou com aquela confissão.

– Também sinto a sua falta, Lex. Sempre. Mas não estamos aqui para falar de nós e, sim, de Noah. Eu quero conhecê-lo.

Lexie assentiu.

– Claro. Ele é seu filho. Você tem todo direito. Mas preciso saber quais são os seus planos.

Riley virou para ela.

– Planos?

Lexie ajustou a franja.

– Olha, Riley, ver você de novo traz muita coisa de volta. É ótimo, mas também assustador. Nós dois já fizemos isso mil vezes: você volta, fica um tempo aqui e, então, dá tudo errado e você vai embora outra vez. – Ela ergueu uma das mãos quando ele abriu a boca para falar. – E não tem problema. Consigo lidar com isso. É o que existe entre nós, e faz anos que as coisas acontecem desse jeito. Mas não quero ver você fazendo a mesma coisa com Noah. Não vou ficar parada vendo você se aproximar dele, ele amar você e, depois, você ir embora e eu ficar sozinha para juntar os cacos...

– Moro em Nova York, Lex. Tenho uma vida lá, um emprego. Mais dia, menos dia, vou ter que ir embora.

– Eu entendo. Mas, se quer fazer parte da vida de Noah, não pode deixar que vários anos se passem entre uma visita e outra.

Magoado, Riley tirou os óculos escuros e encarou Lexie, fitando-a bem nos olhos.

– A culpa é minha?

Lexie franziu a testa.

– A culpa de quê?

– A culpa de a sua opinião a meu respeito ser tão ruim assim..

A expressão dela se abrandou e, pelo jeito como seus olhos o encararam, dava para perceber que estava nervosa.

– Não – disse Lexie, com todo o cuidado. – Não... A minha opinião a seu respeito não tem nada de ruim, Riley. Só... Só não quero que Noah sofra.

– Eu nunca faria isso.

– Eu sei. – Lexie desviou o olhar e começou a brincar com os pés no chão do parque. – Eu sei. Desculpe. Meu Deus, mil desculpas. Por tudo.

Ao perceber a luta que se travava dentro dela, Riley estendeu o braço e pegou-a pelo pulso, puxando-a com brandura. Ele segurou a mão dela e a apertou de leve. Lexie ficou obviamente surpreendida, mas não tentou se desvencilhar. Riley tentou ignorar o toque da pele dela na sua.

– Nunca quis que as coisas entre nós... ficassem assim.

O queixo de Lexie tremeu.

– Nem eu. Não devia ter... Eu devia ter confiado em você. Você merecia mais de mim.

Riley piscou, espantado ao ouvir aquelas palavras.

– Vamos dar um jeito nisso – disse, soltando a mão dela.

Foi então que Lexie percebeu a tala nos dedos dele.

– O que aconteceu com a sua mão?

Ele deu de ombros.

– Pura babaquice.

– É... As coisas não mudam...

Riley ergueu uma das sobrancelhas, se divertindo. A tensão entre eles não desapareceu por completo,

mas certamente se abrandou, permitindo que os dois suspirassem ao se olhar. Aliviado, Riley se deu conta de que o céu tão carregado que vinha pairando sobre eles por tanto tempo tinha clareado um pouco. Ainda assim, queria fazer algumas das mil perguntas que martelavam na sua cabeça desde que ficara sabendo da existência de Noah.

– Me diga uma coisa.

– Claro.

– Se eu não tivesse vindo aqui agora, você teria me contado? Sinceramente.

Lexie soltou o ar com força, mas não desviou os olhos.

– Teria. Pretendia contar antes que ele entrasse para a escola.

Riley a encarou com um ar atento.

– E contaria mesmo?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Ele precisa do pai, Riley. – Por mais que examinasse a expressão no rosto de Lexie, ele não via ali nem um traço de mentira. – Quer conhecer seu filho oficialmente?

O coração de Riley disparou.

– Hã... Quero.

O sorriso de Lexie ficou mais largo.

– Vai dar tudo certo.

Riley secou as mãos suadas na bermuda.

– O que eu digo para ele? Quer dizer... Digo que sou...

Lexie pareceu refletir por um instante.

– Olha, Noah é um menino incrível. É observador, mas ainda não conversamos sobre essa história de pai. Então, por enquanto, você vai ser apenas Riley. Quando for a hora certa, passamos ao outro estágio.

Riley não ficou desapontado; pelo contrário, sentiu o pânico diminuir. Não sabia ao certo se estava pronto para ser o “papai”, por mais fantástico que aquele privilégio parecesse.

– Perfeito.

Saíram andando pelo parque até onde estavam Savannah e Noah. O menino, com os braços bem abertos e fazendo barulho de motor de avião com a boca, veio correndo ao encontro dos dois.

– Veja, mamãe. Sou um caça!

– Que legal! – exclamou Lexie, rindo e estendendo os braços para pegar o filho, que já ia passando por eles. Noah se esquivou, rindo. – Você é rápido demais...

Com um aceno de cabeça, Riley cumprimentou a irmã de Lexie.

– Oi, Sav.

Ela respondeu sorrindo, parecendo aliviada ao ver que tanto Riley quanto Lexie tinham saído ilesos daquela conversa.

– Bom ver você, Riley. Seb está em casa?

Lexie estalou a língua.

– Comporte-se.

Riley só ficou olhando Noah, completamente cativado. Ele sentiu orgulho de ver o próprio filho brincando, todo feliz. Era incrível pensar que aquela pessoinha era uma parte dele. Noah existia por sua causa, e por causa de Lexie.

– Incrível! – murmurou Riley, sem se dirigir a ninguém em particular.

Até se assustou quando a mão de Lexie apertou seu braço.

– Ei, Noah! Venha dar um oi para o Riley! – gritou.

O menino fez a volta e disparou na sua direção.

– O moçoço da Disney?

Riley riu ao ouvir aquele jeito de falar. Devia ser a coisa mais fofa que já tinha ouvido na vida.

– Isso mesmo. O moço da Disney – confirmou ele.

Noah chegou mais perto, mas não parou: continuou a voar e a atirar com seu avião imaginário. Riley se agachou, não querendo ficar muito acima do menino.

– Tudo bem, rapaz? Onde está o balão de *Star Wars*?

– Preso na minha cama – respondeu Noah, rodopiando sem sair do lugar. – Mamãe disse que eu podia botar ele lá depois que arrumasse os Legos.

Riley ergueu os olhos para Lexie.

– Legal. E do que mais você gosta, Noah?

O menino parou de atirar por um instante e, antes de responder, ficou olhando para o céu azul com os olhinhos castanho-claros.

– Do Batman, de tatuagens como as da mamãe.

Ele levantou a camiseta para mostrar uma falsa tatuagem de leão que tinha na barriga gorducha. De imediato, Riley mergulhou na lembrança de Lexie e sua obsessão por tatuagens adesivas com glitter.

– Ei! – prosseguiu Noah. – Você também tem uma. – Atentamente, olhou por cima dos ombros de Riley. – É igual à da mamãe – disse, apontando para o mundo desenhado na parte interna do braço de Riley.

Chegou mais perto. Dava para sentir o cheiro do menino, um perfume floral e de amaciante de roupas.

– Olha, mamãe! É igual à sua. Vocês estão combinando.

– Verdade, querido – afirmou Lexie, com brandura. – Estamos mesmo.

Riley ergueu os olhos para ela e respirou fundo quando percebeu saudade naquele olhar. Não havia como negar o que tinha visto, porque sabia que o rosto dele expressava a mesma coisa. Sabia que ela estava se lembrando daquele dia, do dia em que resolveram ficar definitivamente marcados um no outro. Depois, tinham feito amor em cima de uma coberta, lá naquele ponto do bosque que era o cantinho particular dos dois. T tinham gozado juntos, sob o belo sol de verão, agarrados um ao outro, e, depois, começado tudo outra vez. Caramba, com que força ele a penetrou naquele dia... Lexie tinha pedido que ele a marcasse também por dentro, da mesma forma que tinham se marcado por fora, e ele obedeceu, indo mais fundo, se movendo mais depressa, sentindo a necessidade de ficar mais perto dela, mais perto *ainda*.

Sentindo-se um tanto sem fôlego, Riley desceu os olhos pelo braço de Lexie até o ponto em que, como sabia, estava aquela tatuagem. Ele sorriu ao ver a outra que ela havia feito depois, com o nome de Noah escrito em letra cursiva e formando um arco acima da anterior.

– Belo acréscimo – comentou.

A atenção logo se voltou para o menino, quando Riley sentiu um dedinho acompanhando os desenhos que tinha no bíceps. Ficou impressionado com a coragem de Noah em fazer isso. Ele estava tão perto e era tão real que Riley de repente sentiu uma vontade imensa de abraçá-lo com toda a força.

Em vez disso, perguntou com a voz ligeiramente trêmula:

– Gosta dessas?

Noah fez que sim com a cabeça.

– São legais. O que é isso?

– Isso é um dente-de-leão – respondeu Riley. – Está vendo como solta mil pedacinhos pelo meu braço? – O dedinho subiu e desceu, acompanhando o traçado da tatuagem. Riley riu. – Quem sabe você não faz uma de verdade quando crescer?

– Talvez – disse Lexie, antes que Noah pudesse responder, e sorriu para os dois.

– É verdade que você tem meias do Batman? – perguntou Noah, baixinho.

Riley ficou espantado.

– Claro. É incrível você se lembrar disso.

Noah retorceu os lábios, e o dedinho parou no ombro de Riley. O olhar inocente encontrou o do pai.

– Sabe do que mais eu gosto?

Riley também baixou o tom de voz, como se aquilo fosse um segredo:

– Do quê?

– De sorvete.

– Não brinca? – respondeu Riley. – É o que eu mais gosto no mundo. Qual você prefere?

Noah sorriu.

– Chocolate.

– Incrível, cara. Chocolate também é o meu preferido.

O menino inclinou a cabeça, olhando para Riley. A pureza e a confiança daquele olhar fez com que o coração de Riley acelerasse. A força da emoção que sentiu naquele instante foi quase esmagadora, e as costelas chegaram a doer, como se lutassem para conter aquele coração que se expandia.

Por cima dos ombros de Noah, Riley avistou um carrinho de sorvete a distância.

– Quem sabe a gente não vai tomar um? Se a mamãe deixar, claro.

Olhou para Lexie, que também tinha visto o carrinho.

– A gente pode ir, mamãe? – perguntou o menino, com os olhinhos arregalados e batendo palmas.

Lexie riu.

– Tudo bem.

Ela enfiou a mão no bolso de trás e Riley supôs que ela fosse pegar a carteira. Fez que não com a cabeça e se levantou.

– É por minha conta. Quer também? – Lexie contraiu os lábios, e ele logo percebeu que ela queria. – De morango?

– Claro...

Riley se virou para a irmã de Lexie que tinha ficado parada ali, quietinha, durante toda a conversa.

– E você, Sav?

– De chocolate também.

– Vem, tia Sav! – gritou Noah, pegando a mão dela. – O moço da Disney...

– Riley – interrompeu Lexie.

– O moço da Disney Riley vai comprar sorvete para a gente!

Lexie e Riley foram andando atrás do filho, que saiu puxando a tia em direção ao carrinho de sorvete.

– Você se saiu muito bem – disse ela.

Riley assentiu, sem conseguir parar de olhar o menino, todo feliz e saltitante.

– É, eu... Ele é incrível. Mal posso acreditar que fizemos essa coisinha aí, Lex.

Quando chegaram ao carrinho, ela parou ao seu lado.

– Eu sei – disse, então.

– Mãe? – Os dois se viraram ao som da voz de Noah. – Vamos tomar, vamos?

Riley pediu os quatro sorvetes e, enquanto as casquinhas eram distribuídas, ficou olhando para Noah e para Lexie, procurando curti-los ao máximo.

Era estranho estar tão perto dela depois de tanto tempo... Dentro dele, a raiva e a decepção lutavam contra a saudade e a esperança. Ainda tinham muito que conversar, muito que decidir. Deviam resolver se Riley ocuparia um lugar na vida de Noah, afinal. Era tudo que ele queria. Precisava ser realista: por mais que quisesse voltar a se dar bem com Lexie, agora não era só uma questão entre eles; precisavam pensar em Noah, e o menino era muito mais importante para Riley do que todos os desencontros que tinham acontecido entre ele e Lexie. A situação era complicada demais, frágil demais para cometer qualquer erro bobo. Tinha que aprender a ser pai antes mesmo de pensar neles dois como um casal novamente.

E, sinceramente, será que ele queria isso?

– Obrigado, Riley – disse Noah, com a boca cheia de sorvete de chocolate e um sorriso enorme no rosto. – Esse é o *mais melhor* de todos!

Riley meneou a cabeça.

– De nada, amigão!

■ ■ ■

– E foi assim, então? – disse Tate, meio irritado, do outro lado da mesa de jantar da casa dos pais. – Foi por *isso* que ela não contou do Noah para você?

Riley suspirou ao perceber o tom do irmão.

– Foi.

– Ah, nem vem – rebateu, balançando a cabeça, e a veemência se revelou até mesmo na maneira como tomou um gole da sua bebida. – Já devia ter contado há mais tempo. Ela impediu você de conhecer o próprio *filho*, cara!

Em resposta, Riley se limitou a arquear as sobrancelhas. Claro que o irmão tinha razão e, para ser sincero, seu sangue também começaria a ferver só de pensar nisso, se ele deixasse. Tinha esquecido a tarde maravilhosa que passara com Lexie e Noah e agora contemplava toda a mágoa e todo o ressentimento que estava sentindo por ela ter mantido o filho longe dele.

– Tenho que concordar com Tate – disse a mãe, sentada ao seu lado. – Não consigo entender por que ela nem ao menos tentou entrar em contato.

Riley deu de ombros.

– O que vocês querem que eu diga? Tudo que sei é o que ela me falou.

– Eu sei, querido – respondeu Joan, resignada. – Mas não é justo. Eu esperava mais dela.

Verdade. Riley também esperava. Mas, pensando bem, Lexie sempre tomara decisões duras no que se referia às coisas do coração. Riley afastou o prato, que mal tinha tocado, e se recostou na cadeira, com os braços cruzados diante do peito, numa atitude defensiva. Não gostava de se sentir assim tão julgado, e

não precisava se sentir desse jeito: afinal, ele não tinha cometido erro algum. Mas sempre agira assim com relação à sua história com Lexie, o que era frustrante.

– E o que vai acontecer agora? – perguntou Joan, visivelmente cautelosa.

Riley deu de ombros.

– Eu disse a ela que quero poder ver Noah sem qualquer restrição. Quero conhecê-lo. Já perdi muita coisa...

A mãe assentiu, e seus lábios se moveram no que parecia ser o esboço de um sorriso.

– E nós também vamos poder conhecer o menino?

Riley coçou o queixo.

– Também disse que quero trazer Noah aqui para conhecer todos vocês. É que antes ele precisa se familiarizar mais comigo.

– Concordo – observou Joan. – Ele é apenas um garotinho. Você não vai querer apressar as coisas.

Ela deu de ombros, e Riley viu aquela expressão cansada que a mãe vinha exibindo desde que o filho tinha voltado do encontro com Lexie e Noah se transformar em algo mais brando, emotivo e maternal.

– Mal posso... acreditar que sou avó.

Entrelaçou as mãos e apoiou o queixo.

Tate soltou um risinho abafado.

– Pelo menos *eu* não preciso me preocupar em dar algum neto a você agora...

Riley tentou sorrir, mas qualquer tentativa parecia exigir demais, forçada demais. Suspirou, então, e passou a mão pela testa, já que os indícios de uma daquelas dores de cabeça estavam começando a martelar no seu crânio.

– Sei que, pensando bem, isso pode soar extremamente ridículo – disse Tate suavemente, como se a raiva que sentia de Lexie tivesse se atenuado –, mas você está bem?

Riley fez que não com a cabeça porque não, não estava bem. Estava desnorteado: confuso, emotivo e completamente perdido, sem saber como poderia resolver a situação em que se encontrava. Ficara sabendo que era pai havia 24 horas e, durante esse tempo, não pensou em mais nada. Seus pensamentos eram tão fortes que o cérebro parecia prestes a sair do lugar. Por ser geralmente uma pessoa otimista e animada, tinha dificuldade em lidar com a raiva e a frustração. Esses sentimentos o deixavam exausto, mal-humorado e desesperado para encontrar uma saída.

O que Lexie dissera sobre ser idiota e egoísta ecoava na cabeça de Riley, reacendendo a própria raiva, obrigando seu corpo a agir. Precisava sair, pegar um pouco de ar, arejar a cabeça.

Com um vago “Vou dar uma volta” e um breve pedido de desculpas por se levantar no meio do jantar, Riley pegou as chaves do carro. Recusando com um gesto a proposta do irmão, que se ofereceu para acompanhá-lo, já que seus dedos ainda estavam imobilizados, ele entrou no automóvel, deu marcha a ré e saiu a toda velocidade.

Ficou circulando por uns vinte minutos, com o cérebro num ritmo frenético e o coração apertado. O pânico que viu nos olhos de Lexie quando Sav entrou na loja com Noah voltou à sua cabeça e, pouco a pouco, a imagem foi se transformando no rosto do filho, sorrindo, risonho, todo lambuzado de sorvete. Não era justo! Ele não conseguia ficar com raiva por muito tempo... Mas a decepção continuava borbulhando dentro dele, deixando seu coração pesado e os punhos, cerrados.

Parou o carro e saltou. Tomou um susto ao perceber que estava no estacionamento do hospital.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele se dirigiu à entrada do prédio, pegou o elevador e apertou o botão do andar onde sabia que o pai estava. Não fazia ideia do motivo que o tinha levado até ali, nem do que o pai diria ao vê-lo chegar sozinho, mas a relativa calma e o silêncio daquele lugar representavam uma trégua diante do enorme tumulto que havia se instalado na sua cabeça. Aproximou-se do posto de enfermagem, feliz por ver o rosto familiar da enfermeira que cuidava de Park.

– O horário de visita termina em meia hora – disse ela, mas, com uma piscadela, acrescentou: – Só que o meu relógio está quase meia hora atrasado...

Riley agradeceu com um aceno de cabeça e saiu andando pelo corredor, em direção ao quarto que procurava. Alongando o pescoço num gesto de nervosismo, deu uma batidinha na porta entreaberta. Park estava sentado na cama, com os óculos de leitura bem na ponta do nariz e um jornal aberto no colo. Ligada e com o volume bem baixo, a TV falava sozinha num canto. O homem ergueu os olhos para Riley, com um ar de espanto.

– Oi – disse o filho, depois de dar alguns passos hesitantes para o interior do aposento.

Park tirou os óculos.

– A sua mãe está aí?

Riley fez que não com a cabeça.

– Vim sozinho.

O pai ergueu o queixo.

– Ah, sim... – Pigarreou, dobrou o jornal e o colocou em cima da mesa com rodinhas, que ele podia trazer para perto da cama. – Está tudo bem?

Lá vinha ela outra vez: a pergunta crucial. Riley foi até a cadeira e se sentou.

– Estou com a cabeça cheia. Não quero atrapalhar. Só estava precisando de um lugar tranquilo onde pudesse... pensar, acho.

Park reagiu, em tom debochado:

– Provavelmente este é o lugar menos tranquilo que poderia ter escolhido. A enfermeira Ratched entra a cada quinze minutos para me cutucar e me espetar com alguma coisa, perguntando como estou.

– Posso ir embora, se você preferir – replicou Riley.

O pai fez um gesto com uma das mãos e, com a outra, pegou o controle remoto da TV.

– Você já está aqui.

O peito de Riley se encheu de alívio, apesar do descaso daquela resposta.

– Como *você* está?

– Bem. Fico repetindo isso o tempo todo, mas ninguém me dá ouvidos.

Riley não conseguiu segurar um sorriso ao ouvir o pai resmungar daquele jeito. Sem dúvida, ele estava com uma aparência bem melhor. Sempre evitando olhar para o filho, Park acrescentou:

– Pelo visto, estou melhor do que você.

Riley deixou as mãos entre os joelhos e fez que sim com a cabeça, mantendo os olhos fixos no chão. Imaginava que a mãe tinha contado tudo ao marido.

– Verdade.

Ergueu os olhos e viu que o pai encarava a TV com os lábios cerrados, como se quisesse dizer alguma coisa mas não soubesse como ou não pudesse. Uma tristeza enorme brotou em Riley. Sem dúvida, ele sentia falta do pai, e algum conselho paterno seria muitíssimo bem-vindo naquele momento.

Voltou a se apoiar no encosto na cadeira. Tudo parecia ter se desgastado. Riley não conseguia se lembrar de nenhuma outra ocasião em que tivesse se sentido tão sem controle da situação, tão inseguro, e detestava essa sensação. Deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos, permitindo que os ruídos daquele lugar o dominassem, em uma tentativa de clarear as ideias.

Não saberia dizer quanto tempo se passou até ele ser acordado por uma mão no seu braço.

– Você pegou no sono, querido – sussurrou a enfermeira. – O horário de visita já terminou.

Riley se aprumou na cadeira, esfregando os olhos com o dorso das mãos e contendo o bocejo.

– Desculpe.

– Não precisa se desculpar – disse a mulher. – Seu pai nos pediu para deixar você dormir.

As sobrelhas de Riley se ergueram. Olhou para Park, que tinha voltado a ler o jornal. Na mesinha, havia um prato vazio e um copo de suco quase cheio.

– Não fazia nenhum sentido acordar você – disse ele, com ar tranquilo, olhando para o próprio colo.

– Obrigado – respondeu Riley, esticando os braços acima da cabeça e ouvindo um estalido agradável das vértebras. Ficou de pé. – Vou embora. Obrigado por... me deixar ficar aqui.

Park ergueu os olhos, e seu olhar passeou brevemente por Riley antes de voltarem a se fixar no jornal.

– Você precisa se cuidar. Agora tem que se preocupar com muito mais coisas além de si mesmo. Terá que assumir muito mais responsabilidades.

Talvez a intenção do pai fosse que essas palavras soassem ásperas, mas o jeito como ele as disse, com brandura e sensatez, deixaram Riley com um nó na garganta.

– É, pai. Eu sei.

Hesitou por um instante, querendo se sentar e conversar um pouco, mas sabendo que ainda havia uma grande distância entre os dois, que muito precisava ser acertado antes que as coisas voltassem a ser como antes. Sem se virar, Riley ergueu o polegar.

– Vou deixar você em paz. Mais uma vez, obrigado.

Park respondeu com um aceno de cabeça. Riley não tinha lá muita certeza, mas as últimas palavras que pensou ter ouvido quando estava saindo foram:

– Cuide-se, filho.

11

Vinte anos antes...

– O que você e aquele garoto vão fazer hoje? – perguntou o pai de Lexie, botando a tigela de cereal diante da filha.

– O nome dele é Riley, papai.

– Eu sei – resmungou ele, se sentando ao seu lado. – Só quero garantir que não se esqueça do lugar que ocupa no quadro geral das coisas por aqui.

– Quadro geral das coisas?

Sorrindo, o pai de Lexie levou a xícara de café à boca.

– Esqueça... Então, o que vão fazer?

– Brincar na nave espacial – respondeu ela, enfiando na boca uma colherada do cereal. – Vamos viajar para Júpiter.

– Que legal! Você vai se comportar, não vai? Mamãe e Savannah voltam das compras daqui a mais ou menos uma hora.

– A gente sempre se comporta – respondeu Lexie, num tom descontraído.

Assim que ouviu uma batida de leve à porta da frente, a menina pulou da cadeira e largou a colher na tigela que ainda não estava vazia.

– Ele chegou!

– Está cedo... Ainda nem são nove horas.

– A mamãe deixou, pai! – gritou Lexie, sem se virar. – Temos muita coisa para fazer.

O riso do pai a acompanhou pelo corredor até a porta. Riley e Joan estavam parados ali.

– Oi – disse Lexie, sorrindo, e Riley sorriu também.

Já fazia um ano que os dois brincavam juntos e, sem dúvida alguma, a menina o considerava seu melhor amigo.

– Christine disse que eu podia deixar Riley aqui – disse Joan, se dirigindo ao pai de Lexie que, agora, estava parado atrás da filha. – Park está no trabalho e fui convocada para esse turno.

– Tudo bem. Alexis me disse que eles vão viajar para Júpiter hoje.

– Pai! – exclamou a menina, irritada. – É uma missão secreta.

Tanto Joan quanto o Sr. Pierce riram, fazendo com que as duas crianças franzissem a testa, aborrecidas. Os pais simplesmente não entendiam nada...

– Venha, Riley – disse Lexie. – Temos que ir.

– Tchau, mãe – foi tudo que Riley teve tempo de dizer antes de sair correndo atrás de Lexie,

entrando pela casa a caminho da porta dos fundos.

De lá, seguiriam para o bosque onde estava a nave espacial que haviam construído junto com o pai da menina. Ela ficava a uns 3 metros do chão e, embora Lexie e Riley a chamassem de Apolo, para os pais dela era uma casa na árvore.

Lexie começou a subir pelas tábuas que haviam sido pregadas na árvore, sabendo que Riley vinha logo atrás. Era sempre assim que acontecia, o que a fazia se sentir muito sortuda por ter um amigo tão bom. Os dois entraram na Apolo e começaram a circular entre as caixas, as latas, as panelas e outras tralhas que serviam de poltronas e controles da nave espacial.

– Vamos mesmo para Júpiter? – perguntou o menino, enquanto colocava o assento do piloto (uma caixa bem grande) diante da amiga.

– Claro – respondeu Lexie. – Podemos ir a qualquer lugar.

– E que tal Marte?

Lexie riu.

– Qualquer lugar. – Ela estendeu os braços e começou a rodar. – Qualquer lugar. Podemos ver todas as estrelas e todas as galáxias. Juntos. – Girou no sentido contrário. – Podemos explorar buracos negros e viajar pelo universo.

Riley também riu.

– E Plutão?

– Qualquer lugar.

Lexie pulou e rodopiou. Ficou tonta e chegou a cambalear.

Tinha consciência de duas coisas. A primeira era que Riley a estava olhando como se ela fosse a coisa mais assustadora que ele já tinha visto na vida. A segunda era que, debaixo dos seus pés, não havia nada a não ser ar. Foi só uma fração de segundo mais tarde que Lexie começou a cair. Nunca tinha pensado em como aquilo era alto e em quanto tempo demoraria para cair de uma altura de 3 metros, mas pareceu que tinha levado uma eternidade. Ouviu um grito, seu nome e, então, chegou ao chão. Tudo que sentiu foi dor.

O braço parecia estar pegando fogo por dentro, e Lexie só conseguiu gritar por Riley, pela mãe e pelo pai. O rosto do amigo apareceu acima dela, com os olhos cheios de lágrimas.

– Lexie! Lexie! Você está bem? – Ele segurou a mão dela, a do braço que não parecia estar em chamas, e a apertou. – Seu pai está vindo, Lexie. Segure em mim.

– Lexie! – A voz do Sr. Pierce soou bem próxima, parecendo que ele estava debaixo d'água. Depois, veio o movimento e a dor no braço, que fez a menina gritar. – Eu sei, querida. Respire fundo. Temos que levar você ao hospital. Riley! Temos que ir logo.

No carro, o menino se sentou ao lado de Lexie, segurando a mão dela e lhe dizendo que não ia sair de perto da amiga. Para ela, o trajeto até o pronto-socorro e o tempo que ficaram esperando até serem atendidos passaram como um borrão extremamente doloroso. Só sabia que, como prometido, Riley ficou sempre junto dela, preocupado e repetindo mil vezes que ia dar tudo certo. Claro que ia, mas o braço quebrado e o gesso cor-de-rosa que teria que usar iriam complicar bastante as coisas no restante do verão. Lexie cutucou a tala, que ainda não estava inteiramente assentada, e suspirou. A cor ia compensar a dor e a vergonha por usar aquilo, pensou ela.

– Pelo menos vai combinar com qualquer roupa – observou Riley, parado perto da cama do

hospital.

Não tinha saído dali desde que os pais de Lexie tinham ido procurar um médico para assinar alguma coisa. Ele sorriu, e a menina não pôde deixar de sorrir também.

– É... Mas agora vai ficar mais difícil embarcar na Apollo...

Assustado, Riley ergueu as sobrancelhas.

– Quer voltar para a nave espacial?

A amiga pestanejou.

– Claro. É o que mais gosto de fazer com você.

Riley ficou brincando com a bainha da camiseta.

– Também gosto. Mas temos que tomar mais cuidado. Você me deu o maior susto.

Lexie o encarou e, por um instante, a dor no braço foi suplantada por algo diferente, algo quentinho e aconchegante. Ela estendeu o braço bom e pôs a mão no ombro do amigo.

– Desculpe.

O menino fungou.

– Tudo bem. Foi um acidente, mas achei... Quando você gritou... Foi apavorante...

– Vou tomar mais cuidado. Prometo.

– Fiquei feliz por estar lá – disse ele, baixinho. – Apesar de ter ficado com medo.

– Também fiquei feliz por você estar lá.

– Talvez, se você prometer que vai tomar cuidado, eu prometa estar sempre por perto...

Lexie sorriu e estendeu o dedo mindinho.

– Promessa cor-de-rosa?

Riley deu um risinho de deboche e balançou a cabeça, mas acabou envolvendo o dedo de Lexie com o seu.

– Promessa cor-de-rosa.

■ ■ ■

Lexie ficou na frente do espelho de corpo inteiro do seu quarto, detestando cada centímetro do que via refletido ali. Se pudesse dar um tapa na vendedora que a convencera de que vermelho era a cor perfeita e que o biquíni era o ideal, era isso que ela faria. *Meu Deus!* Na loja não parecia tão justo...

Ajeitou a parte de cima de novo, virando de lado para ver quanto dos seios ficava de fora e se perguntando até que ponto mostrar um pouquinho poderia ser considerado de mau gosto numa piscina pública. A única coisa de que gostava era que o biquíni exibia as duas tatuagens mais recentes dela: a orquídea rosa, com a ponta direita subindo em direção às costelas, e o beija-flor, no lado esquerdo do quadril. As cores se destacavam na sua pele, aqueles azuis e dourados, verdes e alaranjados.

Na sua opinião, quanto mais colorido, melhor. Não que não gostasse de preto; simplesmente preferia ter cor no corpo. Riley sempre fez tudo em preto, tirando o mundo na parte interna do braço, e as tatuagens dele eram bem legais. Bem legais *mesmo*. Tinha feito várias desde a última vez que se viram: círculos concêntricos nos ombros, palavras bem juntinhas que destacavam o bíceps e o braço, e aquela que parecia um bando de andorinhas voando e rodeando a clavícula. Quando ele se aproximou dela no parque, três dias antes, cheio de tatuagens, alto e com aqueles óculos Ray-Ban, Lexie quase desabou ao ver como Riley estava sexy. Era o tipo de sujeito que exibia tatuagens como ninguém. E aquela barba? No

começo, achou estranho não ver parte do rosto dele, que ela conhecia tão bem, mas, quanto mais o olhava – e não olhou pouco –, mais entendia por que os homens deixavam a barba crescer: era muito sexy.

Bufou e esfregou as têmporas com as pontas dos dedos. Pensamentos como aqueles podiam criar *muitos* problemas para ela. Sentiu algo bastante familiar quando ele a tocou, mas sabia que os dois precisavam ter bom senso. Além do mais, a mágoa e a raiva que tinha visto nos olhos de Riley disseram-lhe que muita coisa ainda precisava ser resolvida e esclarecida antes que os dois pudessem seguir em frente. Não podia esquecer o que tinha acontecido entre eles ou que, para ela, Noah era a coisa mais importante do mundo. Esquecer tudo isso e ir para a cama com Riley seria um erro imenso. Já tinham feito isso mil vezes, e Lexie sabia como iria terminar.

– Mamãe! – gritou Noah, entrando no quarto, se atirando na cama e lutando para subir nela. – Posso usar isso aqui?

De pé, descalço em cima do edredom, ele exibia a bermuda de surfista do Batman que a mãe de Lexie tinha dado para o neto. O garoto tinha preferido a bermuda em vez de um ovo de Páscoa. Lexie riu ao ver como o filho a puxava para cima, cobrindo o umbigo e chegando quase ao peito.

– Mas como você está lindo! – exclamou ela, se aproximando para ajeitar a bermuda na altura da cintura.

– Riley disse que gosta do Batman, então posso mostrar para ele – disse o menino, brincando com os cordões da bermuda.

Lexie o encarou por um instante, sem dizer nada.

– Você gosta do Riley, Noah?

Desde aquele dia no parque, os quatro – já que Savannah funcionava como o muro perfeito entre Lexie e Riley – tinham voltado a se ver. Haviam se encontrado rapidamente para um café, e um suco para Noah, no mesmo lugar em que Lexie trabalhara quando tinha 16 anos.

Riley mencionou que queria levar Noah para conhecer os pais e os irmãos dele, e Lexie ficou feliz com a ideia. Nunca iria esquecer o ar de espanto e decepção no rosto de Joan quando ela viu o menino. Mais uma vez, estar com a razão e ter feito uma idiotice entravam em conflito no coração de Lexie. Tentou explicar a Riley por que não tinha dito nada a ele e, sinceramente, continuava convencida dos seus motivos. A prioridade absoluta de Lexie era Noah, e isso não ia mudar nunca. Claro que estava mais do que preparada para ajeitar as coisas, encarando o que viesse de Riley e da sua família, mas sempre ia proteger o filho. Acontecesse o que acontecesse.

– Gosto da barba dele – respondeu Noah.

Lexie riu e puxou o filho para mais perto, beijando seu rostinho e dando um afago bem gostoso. Era estranho, mas, às vezes, ele tinha o mesmo cheiro que Riley, de quando os dois eram crianças. Lembrava muito o pai e, por mais que fosse uma cena bonita, ver os dois juntos parecia meio esquisito. Riley tinha razão quando disse que eles eram parecidos fisicamente, eram mesmo, mas tinha também a questão de certos gestos. Ambos inclinavam a cabeça do mesmo jeito quando estavam curiosos e arqueavam as sobrancelhas com um ar meio sarcástico. Apesar de ele só ter 4 anos, aquelas características dos Moores já eram bem visíveis em Noah.

– Amo você – sussurrou Lexie, com o rosto enfiado no cabelo do filho.

– Você é o mundo inteirinho para mim, mamãe. Agora, a gente pode ir para a piscina?

Ela deu um beijo na testa dele e voltou para o closet.

– Daqui a uma hora. Riley vai nos encontrar lá, mas, antes, vai buscar o pai dele no hospital.

– O papai dele está doente? – perguntou Noah, pulando de volta ao chão.

– Agora ele já está melhor. Vá pegar suas coisas. Precisa ver que brinquedos quer levar.

Ao ouvir isso, o menino saiu do quarto e deixou a mãe suspirando de alívio. Ela sabia perfeitamente que tinha conseguido se livrar de uma saia justa...

■ ■ ■

– Estou bem, Joan. Pare de inventar coisas, pelo amor de Deus!

Tate fez um ar de deboche e Riley balançou a cabeça. Ambos caminhavam atrás dos pais; estavam saindo do hospital e voltando para casa. Quando deram alta a Park, recomendaram que ele usasse a cadeira de rodas para sair do carro e entrar em casa, mas ele discordou, com palavras nada educadas. Como alternativa, Joan segurou firme no braço do marido, tratando-o como um bebê e guiando cada um dos seus passos. Parecia até que ele ia cair a qualquer momento. Era óbvio que a paciência de Park estava se esgotando.

– Ah, e você pare de resmungar – rebateu a mulher, quando os quatro entraram na sala de estar. – Sente-se aqui.

Com todo o cuidado, Park se instalou na sua poltrona favorita, revirando os olhos.

– Foram só alguns pontos, Joan. Relaxe.

– Relaxe *ocê*! Não quero ouvir nem mais uma palavra. Tem que manter a pressão estável. – Ela se virou para os filhos. – Vou fazer um chá.

Assim que ela foi para a cozinha, os dois começaram a rir bem baixinho.

– É... Podem rir... – observou Park, ajeitando as almofadas nas suas costas.

– Eu *posso*, sim – disse Tate, com um risinho, se aproximando do pai para ajudá-lo a ficar mais confortável. – Ela fez a mesma coisa comigo quando saí do hospital. Agora é a sua vez.

Park resmungou de novo e passou a mão pelo peito.

– Está tudo bem, pai? – perguntou Riley franzindo a testa, preocupado.

O pai assentiu e fez um gesto meio indiferente na sua direção.

– Eu ficaria melhor se vocês todos parassem de olhar como se eu fosse explodir. Xô! Vão embora daqui. Arranjem algo para fazer.

– Vou ver se mamãe está precisando de ajuda – disse Tate, e saiu mancando em direção à cozinha, erguendo o polegar num gesto animado e deixando o irmão sozinho com o pai.

Filho da mãe.

Riley ainda ficou ali de pé por um minuto, olhando para Park e detestando aquele silêncio estranho. Depois, sentou-se no sofá maior. Bem na beiradinha, com as mãos juntas entre os joelhos.

– Bom ver você em casa de novo – disse Riley.

Ao ouvir isso, o pai se limitou a erguer as sobrancelhas. O filho suspirou.

– Olhe, pai, sei que mamãe já contou a você o que está acontecendo, mas eu mesmo queria dizer que ainda vou ficar mais um tempo em Michigan. Mamãe disse que posso ficar aqui, mas, se você não achar uma boa ideia, sempre posso arranjar uma alternativa...

– Por mim tudo bem, Riley – respondeu Park, respirando fundo. Deu uma rápida olhadela no filho e baixou a cabeça. – Tudo bem.

Ele pigarreou.

– Obrigado, pai.

– Faça o que tem que fazer – acrescentou Park. – Por mais demorado que seja.

Bom... Que diabo... Riley assentiu.

– Ok. Agora vou encontrar Lexie e Noah. Até mais tarde.

Com um grunhido, o pai pegou o controle remoto. Riley foi até a cozinha e viu a mãe e o irmão cochichando, como duas crianças. Pararam assim que o viram.

– Minhas orelhas estão ardendo – disse ele, indo até a geladeira e pegando uma garrafa de água. – É alguma coisa que eu precise saber?

Joan negou com a cabeça.

– Não. – Ela tomou um golinho do chá. – Só estava perguntando a Tate se ele sabia o que estava acontecendo entre você e Alexis.

– E eu respondi – completou Tate, na defensiva – que não sei de nada.

– Não sabem de nada porque não há nada para saber – afirmou Riley, com um sorrisinho debochado.

– Estou conhecendo o meu filho. Ponto final.

– Isso é maravilhoso – observou Joan, pondo a xícara em cima da bancada. – Mas... E quanto a você e Lexie?

Riley deu de ombros.

– O que é que tem?

Sabia que estava se fazendo de desentendido, e o jeito como a mãe franziu os lábios mostrou que ela também sabia. Mas Riley não queria que nenhuma ansiedade ou especulação interferisse na sua tentativa de construir um relacionamento com Noah.

– Estou preocupada – disse Joan, com ar sério. – Vocês dois têm uma longa história, e já sofreram com isso. Ela mentiu em relação a Noah. Só quero ter certeza de que você vai tomar cuidado.

Riley soltou o ar com força. A preocupação da mãe era reconfortante, mas também desnecessária; ele estava concentrado numa única coisa: Noah.

– Não precisam se preocupar – disse, dirigindo-se aos dois. – Sei o que estou fazendo.

Nem parou para pensar por que aquelas palavras quase tiveram gosto de mentira.

O olhar que Joan lançou ao filho era provocador como só o de uma mãe pode ser.

– Ótimo – disse, fingindo estar procurando mais alguma coisa que ainda precisava pegar. Depois, voltou para a sala para ver como o marido estava.

– Até breve, então? – perguntou Riley ao irmão, pegando a mala e se dirigindo para a porta.

Tate ia voltar para a Pensilvânia naquela tarde, para trabalhar.

– Claro. Quando você volta para Nova York? Tenho uma reunião com Max no final do mês.

Tate era o padrinho de Max nos Narcóticos Anônimos e vinha acompanhando o amigo desde que ele tinha saído da clínica de reabilitação.

Riley se deteve.

– Ele está legal?

– Ah, está, sim. Está ótimo. Só fazemos questão de nos encontrar pelo menos uma vez por mês para botarmos as coisas em dia, conversarmos sobre algum dia mais difícil que ele possa ter tido...

– Claro. Devo estar por lá nessa época, mas...

Riley passou a mão pela cabeça. O peso da responsabilidade e as perguntas que ele mesmo se fazia para saber como iria organizar a própria vida agora que Noah fazia parte do seu mundo se acumulavam em seus ombros.

– Sinceramente, nem imagino o que vou fazer em relação a tudo isso – acrescentou. – Quer dizer, como posso ficar em Nova York se Noah está aqui?

Num gesto carinhoso, Tate pôs a mão no ombro do irmão e apertou de leve.

– Não se preocupe com isso agora, cara – disse, tentando tranquilizá-lo. – Um passo de cada vez. Você vai chegar lá. Falou com Max e Carter, não falou? Eles são gente boa. Vão entender.

Riley fez que sim com a cabeça e abraçou o irmão.

– Obrigado, cara.

Depois de uns tapinhas nas costas, os dois se separaram.

– Cuide-se, seu babaca – disse Riley, sorrindo e abrindo a porta da frente.

– Você também, seu panaca.

■ ■ ■

Dez anos antes...

O grito que brotou do peito de Lexie quando ela viu Riley correndo na sua direção, com o cabelo despenteado e a sacola nas costas, deveria ter sido constrangedor. Certamente mereceu alguns olhares espantados das outras pessoas que estavam no aeroporto, mas ela nem ligou.

Correu para ele e pulou no seu colo, passando os braços pelo seu pescoço e as pernas pela sua cintura. Como era bom vê-lo de novo... Ela cobriu o rosto dele de beijos, ignorando as súplicas do rapaz e lembrando do jeito como a sonora gargalhada de Riley fazia os ombros dele se moverem sob suas mãos.

– Senti tanta saudade de você – conseguiu dizer ela entre todos aqueles beijos. – Tanta...

Já fazia um tempão que eles não se viam. Desde o recesso de primavera. Lexie tinha contado cada dia sem ele, odiando cada minuto. Ela precisava de Riley ao seu lado, das mãos dele na sua pele e do seu hálito nos seus ouvidos. A escuridão que a perseguia, como um manto negro e pesado nas costas dela, era muito pior sem ele por perto. Parecia espessa e inabalável, deixando Lexie cansada e louca para se enfiar num buraco qualquer. Ter Riley de volta sempre trazia um pouco de alívio para o vazio impiedoso que se seguiu à morte do pai.

– Também morri de saudade de você, amor – sussurrou ele, com o rosto enfiado no pescoço dela, enquanto ele a abraçava com força.

Bem devagar, Riley a pôs no chão. Os olhos dele percorreram o rosto dela com um ar preocupado e carinhoso.

– Como você está?

Lexie queria dizer a ele que a vida era uma árdua batalha, e que a deixava exausta e sem fôlego; queria dizer que tudo o que desejava era dormir. Em vez disso, sorriu, não querendo preocupá-lo com o diagnóstico de depressão que o médico tinha lhe dado.

– Muito melhor agora que você está aqui.

Riley passou o braço pelos ombros de Lexie. Ela continuou abraçando o namorado pela cintura e, juntos, saíram do setor de desembarque para chegar ao estacionamento. Lexie colou o nariz no peito dele, como se o inalasse. O cheiro de Riley tinha mudado um pouco desde que ele fora para Nova York, passando de algo mais natural, meio amadeirado, para um aroma metálico, urbano, que não era de todo desagradável. Ela já tinha se acostumado a isso, e até deixou debaixo do travesseiro a camiseta que ele tinha esquecido lá na Páscoa. Assim, podia continuar sentindo o cheiro da sua loção pós-barba. Quando estava com muita saudade, o que acontecia praticamente o tempo todo, Lexie tirava a camiseta dali. Ou, então, fazia isso quando os dois se falavam por telefone e ela tinha necessidade de sentir a presença dele.

Foi um ano longo desde que Riley tinha ido para Nova York em setembro. Agora que ele estava em casa para as férias de verão, depois de ter completado o primeiro ano na universidade, Lexie podia esquecer as dificuldades dos nove meses que passara sem ele (as visitas esporádicas não contavam).

– Bom, temos que ir direto para a sua casa, porque sua mãe quer ver você, mas, depois, quero você todinho só para mim – disse ela, manobrando para pegar a estrada.

– Acho perfeito – falou ele, levando uma das mãos dela à boca e beijando as pontas dos dedos. Lexie adorava quando ele fazia isso. – E o que pretende fazer comigo quando me tiver todinho só para você?

Ela sentiu um frio na barriga de tanta excitação.

– Tenho meus planos...

– Adoro planos. Por acaso esses planos têm a ver com tirar a roupa?

Lexie deu uma risadinha.

– Talvez.

Riley se aproximou, colocando a boca no ouvido dela.

– E têm a ver com o meu rosto entre as suas pernas?

Ele sabia dizer exatamente o que o corpo dela precisava ouvir. O calor ficou mais intenso dentro de Lexie, e Riley riu quando a viu se remexer no banco do carro.

– Que tal esperar para ver? – perguntou Lexie, com a voz trêmula.

– Ok. Acho ótimo. – Ele beijou o pescoço da garota e passou a língua pela pontinha da orelha dela.

– Mas juro que mal posso esperar para entrar em você de novo, Lex. Já faz tanto tempo...

– Pare com isso, Riley – disse ela, ofegante –, antes que eu estacione e chupe você aqui mesmo no acostamento.

Ele caiu na gargalhada.

– Como se isso fosse me fazer parar!

Uma das coisas de que Lexie mais gostava na relação que tinha com Riley era a relativa facilidade com que os dois retomavam aquilo que os fazia ser eles mesmos. Ainda que agora fossem um casal, e Lexie o amasse com todas as forças, ele também era o melhor amigo dela. Sempre que Riley voltava para casa, apesar de Lexie só querer arrancar as roupas dele e transar loucamente, ela também ficava ansiosa para se sentar ao seu lado e conversar.

Na casa dos Moores, Lexie foi recebida por Joan como sempre: com um beijo e um abraço caloroso. Viu Riley apertar a mão do pai. Tate, Seb e Dex cumprimentaram o irmão, fazendo o maior estardalhaço e trocando vários tapinhas nas costas. Lexie também sentia falta disso. Era comum Joan

convidá-la para jantar quando Riley estava fora, mas, por mais que ficasse feliz, era muito diferente quando ele estava ali. No fundo, aqueles jantares faziam a ausência dele doer ainda mais.

Comeram num clima animadíssimo, e Riley subiu para tomar banho antes de os dois pegarem de novo o carro de Lexie para ir até a casa dela. Savannah tinha sido a salvadora da pátria: conseguiu convencer a mãe a experimentar a nova churrascaria da cidade e ainda comprou ingressos para as duas assistirem à comédia romântica que acabava de estreiar no cinema. Com isso, a casa ficaria vazia por pelo menos duas horas.

Assim que a porta da casa de Lexie se fechou, Riley a agarrou. Empurrou-a de encontro à parede com a boca impaciente, gemendo e arfando enquanto as mãos lutavam para abrir os botões do short dela. Ela xingou a fivela do cinto e o zíper da calça dele, mas conseguiu abrir os dois, rindo porque Riley estava mordiscando e chupando seu pescoço. Por fim, soltou um gemido obscenamente alto quando ele enfiou os dedos entre as suas pernas.

– Você está tão molhadinha, Lex... – murmurou ele, enfiando ainda mais os dedos e fazendo ela arquear as costas e gritar seu nome. – Isso. Sinta isso. Imagine o meu pau aí dentro.

Ela adorava quando ele falava desse jeito. Assim que ficou mais à vontade com ela na cama, Riley começou a falar essas coisas. Foi pouco antes de ele viajar para Nova York, e não era raro Lexie gemer pelo telefone, sempre que tinham alguma privacidade. Aquele homem tinha nascido para dizer sacanagens e, quanto mais excitado ele ficava, mais falava daquele jeito. Lexie já tinha perdido a conta das vezes em que ele a fez gozar sussurrando mil coisas ao seu ouvido.

– Não vamos esperar chegar até a cama, vamos? – gemeu ela, agarrando o pau dele com ambas as mãos, desesperada de desejo.

– Quanto tempo nós temos?

– Duas horas.

– Então, não. Não vamos.

Ele a ergueu no colo, pôs as pernas dela em volta da sua cintura e a empurrou contra a parede. O grito que Lexie soltou ecoou pela casa inteira. Riley tentou abafá-lo com a boca, mas ela estava tão excitada, e aquilo era tão bom... O vazio que ela sentia se dissolveu instantaneamente, e os pulmões se expandiram como se, agora que os dois estavam juntos de novo, ela pudesse enfim respirar direito. Agarrando Riley pelo cabelo, Lexie colou os lábios nos dele quando o namorado começou a se mexer.

– Assim – disse Lexie, sentindo as costas subirem e descerem na parede com a força dos impulsos de Riley.

– Que gostoso – disse ele, arfando. – A sua boceta é tão gostosa... – Riley enfiou a mão por baixo da blusa e do sutiã dela. – Olha só como você me deixa – falou, e apertou mais. – Está sentindo?

– Estou.

– É tudo para você. Quero a sua língua.

Ela obedeceu sem hesitar, deixando que ele chupasse sua língua e a revirasse para um lado e para outro. Riley estava por toda parte; Lexie se sentia reconfortada por ele, e tudo era perfeito. Ela agarrou as costas da camiseta dele, sentindo que ia gozar. Começou então a se mover também. A respiração pesada de ambos era o único som que se ouvia ali, além do ruído da pele suada de um roçando na do outro, além do barulho das roupas.

– Ai, meu Deus! Você está quase gozando – gemeu ele. – Está tão apertadinha... – Ela soltou um

grito quando ele acelerou os movimentos. – Isso. Goze. Goze em mim, Lex.

Lá estavam elas. As palavras que, como ele sabia, iam fazer com que ela não conseguisse mais se controlar. Era quase como se Riley tivesse um poder absoluto sobre o corpo dela e sobre as reações que era capaz de provocar em Lexie. Quando ele repetiu, dizendo a ela que gozasse, Lexie se entregou completamente, acolhendo o movimento da própria coluna e dos dedos dos pés que se encolhiam. Gritos do mais puro prazer saíram lá do fundo. Riley acompanhou aqueles gritos, sentindo o pau estremecer quando ele também gozou. Deixou a cabeça pender no ombro dela, ofegante, trêmulo e agradecendo a Deus por ter aquilo.

Sem conseguir mais aguentar o peso de ambos, Riley caiu de joelhos, ainda dentro dela. Só então se afastou e desabou no chão, com a cabeça no colo de Lexie. Ficaram sentados ali por alguns instantes, os dois tentando recuperar o fôlego. Lexie baixou o rosto e viu que Riley estava de olhos fechados. Começou então a passar as mãos pelo cabelo dele. Riu quando percebeu que a calça de Riley ainda estava embolada nos tornozelos.

– Seja bem-vindo – sussurrou ela.

Ele sorriu.

– Obrigado. – Ele suspirou, satisfeito. – Nossa, Lex. Está ficando cada vez melhor.

Ela tinha que concordar. As sensações que o rapaz ali na sua frente provocava no corpo dela eram indescritíveis. Duvidava muito que qualquer outra pessoa vivenciasse a mesma coisa quando transava.

Riley se alongou um pouco, ajeitando os quadris dela como se fossem um travesseiro.

– Quem precisa de Londres quando tem isso, hein?

Lexie franziu a testa.

– Que história é essa?

Ele se calou, ainda de olhos fechados.

– Nada. Só estou brincando com você.

– Londres? Assim, do nada?

O jeito como ele deu de ombros a convenceu de que não era apenas uma brincadeira. Tinha mais coisa ali do que ele deixou escapar.

– Riley? – insistiu ela.

Ele foi abrindo os olhos aos poucos. Quando viu a expressão de Lexie, bufou, disse um palavrão e se sentou, soltando um grunhido.

– Não é nada, Lex. Juro. É só que... – Ela cruzou os braços e ele riu, meio sem jeito. – Ok. Tem uma oportunidade para todos os alunos do segundo ano na minha área de concentração: ir trabalhar numa companhia no exterior para conhecer outros aspectos do mundo dos negócios. Dura quase todo o ano letivo e faz parte do programa, valendo créditos extras para o estudante. Além do mais, é tudo pago. Neste ano, foi Tóquio. No ano que vem, vai ser Londres.

O coração de Lexie disparou, assustado.

– Você vai para Londres?

– Eu poderia ir, se as minhas notas fossem boas o bastante e eu me inscrevesse, claro.

É óbvio que as notas dele eram boas o bastante. Lexie tinha certeza disso. Riley sempre menosprezava a própria inteligência.

– Riley... – Ela chegou ainda mais perto dele. Era como se o manto negro que ela sentia nas costas começasse a apertar sua garganta. – Você se inscreveu? Vai para lá?

O rapaz segurou o rosto de Lexie com as mãos e a beijou.

– Não.

Por um instante de egoísmo, o coração de Lexie se encheu de alívio. Ele estar em Nova York era uma coisa, mas em outro país era algo que a fazia querer se agarrar a Riley para nunca mais soltar. Ela o observou atentamente, e foi aí que percebeu o lampejo de decepção no olhar do namorado.

Ele poderia disfarçar para qualquer outra pessoa, mas ela o conhecia melhor do que ninguém. Riley queria ir. Claro que queria ir. Era mais do que óbvio. Porém, estava abrindo mão da própria vontade por causa dela. Considerando os acontecimentos do último ano, não era uma surpresa. Lexie sabia que tinha sido uma pessoa complicada, apesar de tentar parecer bem sempre que os dois se falavam. Mas era tão difícil ficar longe dele...

Sentia-se apavorada só de pensar que Riley podia nunca mais voltar. Tentava se mostrar positiva em todas as mensagens de texto ou nos e-mails que mandava, mas, na verdade, sempre esperava que Riley fosse dizer a ela que ficaria de vez por lá, ou que tinha arranjado outra pessoa. Lexie se deu conta de como aquilo tudo era ridículo. Sabia que Riley a amava, exatamente como ela o amava, mas a morte do pai tinha trazido para o mundo de Lexie a grande realidade da vida: nada dura para sempre, e isso era absolutamente assustador. Ela morreria, com toda a certeza, se perdesse mais alguém na vida; principalmente se esse alguém fosse Riley. Seu coração não iria aguentar. No entanto, sabia que, se o impedisse de ir, ele ficaria ressentido. Começariam a surgir rachaduras na relação dos dois e, então, seria apenas uma questão de tempo para que tudo acabasse entre eles.

Respirou fundo e abraçou o namorado com mais força.

– Você tem que ir, Riley.

Por um breve instante, ele pareceu atordoado.

– O quê?

– É uma oportunidade que não aparece todo dia. Quando vai ter uma chance dessas de novo?

– Mas vai ser o ano inteiro – disse ele, baixinho, pondo uma mecha do cabelo dela para trás da orelha. – Sei como esse ano foi difícil para você, e seria muito tempo longe.

Lexie engoliu com dificuldade, tentando não demonstrar o desconforto que aquelas palavras causaram nela.

– Eu sei. Mas, falando sério, é o seu futuro em jogo.

Riley se calou por tanto tempo que ela foi ficando nervosa.

– O que é? – disse Lexie, quebrando o silêncio.

Ele deu um riso abafado.

– Sinceramente, não achei que você fosse reagir assim. – Passou a mão pelo seu rosto. – Tem certeza? Quero dizer, é isso mesmo que você está sentindo?

Lexie sorriu e se aninhou no colo de Riley, passando as pernas pela cintura dele.

– Amo você, Riley. Você é o mundo inteirinho para mim. Isso não vai mudar nunca. Tenho muito orgulho de você. – Ela enrolou uma mecha do cabelo dele no próprio indicador. – Esse lugar aqui sempre vai ser pequeno demais para você. – E para mim, pensou ela. Lexie esfregou a ponta do nariz

no dele, lutando contra o pânico que essa simples ideia provocava nela. – Você precisa sair daqui. Precisa... de mais do que isso.

Riley franziu as sobrancelhas.

– Vou ligar para você todos os dias, Lex.

Ela sorriu, apesar da dor que sentia no peito.

– E vai voltar, não vai?

Ele passou os braços pela cintura dela e a apertou ainda mais contra si, beijando-a carinhosamente. O coração de Lexie mal podia aguentar.

– Se você ainda me quiser, sim. Sempre vou voltar.

– E eu sempre vou querer.

Era a mais pura verdade e, quatro meses depois, quando Lexie foi, junto com toda a família dele, levar Riley ao aeroporto para embarcar para Londres, ela voltou a lhe dizer a mesma coisa. Ele a abraçou, sussurrando ao seu ouvido quanto a amava e, com isso, as lágrimas que Lexie tanto havia tentado esconder começaram a rolar. Ver o namorado partir, embora ela mesma tivesse lhe dito para fazer isso, foi uma das coisas mais difíceis que ela fez na vida.

E só piorou.

Os dois se falavam por telefone sempre que tinham uma chance, mas a diferença de fuso e das suas próprias rotinas eram um saco. Lexie havia começado um curso de gestão pela internet, usando parte do dinheiro que recebeu do seguro de vida do pai. Com isso, tentava se manter ocupada e aprender alguma coisa que pudesse vir a ajudar a família a longo prazo. A mãe só tinha conseguido voltar ao antigo emprego de meio expediente, e não tinha condições de fazer mais do que isso. Savannah ainda estava no ensino médio, restando a Lexie o papel de principal provedora da casa. Ela trabalhava em horário integral e, depois, assistia às aulas on-line. Às vezes dormia em cima do computador, ou até ao telefone, quando ela e Riley davam um jeito de se falar.

Sabia que ele andava frustrado com ela e com suas oscilações de humor, e não o culpava por isso. Estava tão cansada, tão perdida... Por sentir tanta saudade de Riley, Lexie começou a mudar de assunto sempre que ele perguntava sobre o curso ou sobre o que ela andava fazendo. Que diabo de resposta ele queria? Riley estava no exterior, curtindo cada momento daquela viagem, ao passo que ela ficava ali, fazendo a mesma droga todo dia, se matando e se desdobrando para dar conta de tudo. Os remédios que o médico havia receitado também não pareciam estar fazendo efeito: por algum tempo, até a deixaram mais disposta, mas depois Lexie começou a se sentir sufocada pelo manto negro outra vez, ainda mais apertado e mais intenso do que antes.

Justiça seja feita: Riley tinha muita paciência, parecia entender que ela precisava descontar a raiva e a frustração em tudo que estava à sua volta. No entanto, essa postura só deixava Lexie ainda mais irritada. Claro que ela sabia que Riley não merecia suas palavras ríspidas, principalmente estando tão longe de casa, dos amigos, da família e dela mesma, mas Lexie vivia apavorada com a perspectiva de perdê-lo, principalmente quando ele se desse conta de que estava solto num mundo pronto para ser descoberto. Não podia culpá-lo por nada disso. Pelo amor de Deus! Foi ela que disse para ele ir! Não era possível ficar brava com isso, porque ele estava cuidando da própria vida. Afinal, Riley merecia tudo aquilo.

Além do mais, se ele não estivesse em Londres, de qualquer maneira estaria em Nova York e... Meu

Deus!

Lexie estava deitada na cama, olhando para o teto e fazendo o possível para se acalmar e não ficar se corroendo com todos aqueles pensamentos. Estava esperando um telefonema de Riley. Ele sempre ligava às quintas-feiras à noite. Aquilo tinha se tornado um hábito para os dois, e Lexie deveria estar animada e feliz. Claro que, até certo ponto, ouvir a voz dele preenchia o vazio que sentia por dentro, mas também deixava mais viva a imagem de tudo que ela não tinha.

Não tinha Riley ao seu lado, não tinha o futuro com o qual sonhara desde que era pequena, e não tinha o pai. Embora já fizesse mais de um ano que ele havia morrido, as feridas causadas pela sua ausência continuavam abertas. E doíam, como doíam... Se Riley não voltasse, se ele decidisse que queria outras coisas na vida e se, por isso, ela o perdesse também...

Enxugou as lágrimas que foram surgindo à medida que certas palavras aos poucos se transformavam em gritos, penetrando na sua mente. Eram as palavras que surgiram quando Riley foi embora pela primeira vez e que, no começo, eram apenas um sussurro: Você não é boa o bastante, Lex. Não é boa o bastante para ele. Riley merece coisa melhor. Afaste-se dele antes que ele abandone você.

Lexie tomou um susto quando o telefone tocou. Fechou os olhos por um breve instante, apertou o botão e atendeu.

– Oi.

– Oi, minha linda. Como você está?

Lexie sorriu, deixando que o som que vinha dele preenchesse seu vazio.

– Tudo bem. Cansada. E você?

– Tudo bom. Hoje foi um dia ótimo. Estou com saudade.

A emoção se acumulou na garganta dela.

– Eu também.

– O que houve?

Com ódio daquele tremor na sua voz, Lexie pressionou a testa com a mão.

– Nada. Está tudo bem. Conte como foi o seu dia.

E ele contou. Empolgadíssimo, falou de como Londres era uma cidade incrível. Disse que a empresa para a qual trabalhava estava gostando dos progressos que vinha fazendo e contou que a família em cuja casa estava hospedado o tinha apresentado ao famoso chouriço. Parecia uma coisa bem nojenta, mas Riley garantiu que era gostoso. Ele parecia tão feliz, tão animado, tão contente que Lexie só conseguiu se afundar ainda mais na própria tristeza. Ela olhou para o quadro de cortiça na parede, onde havia centenas de fotos dos dois, desde quando tinham apenas 8 anos. Lá estava a foto do baile de formatura: ele, tão lindo de smoking; ela, sorridente e orgulhosa ao seu lado. Foi o pai de Lexie que tirou aquela foto, e ela se lembrava daquele dia como se tivesse sido o anterior.

– Lex?

– Hmm?

– Você não ouviu nenhuma palavra do que eu disse, não foi?

Pela voz de Riley, dava para perceber que ele estava sorrindo. Mas era um sorriso cansado.

– Desculpe. É que eu estava pensando...

– Em quê?

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

– Em nós.

Houve um momento de silêncio. Lexie contou pelo menos sete batidas do coração.

– E o que exatamente você estava pensando sobre nós? – perguntou ele, enfim.

A mente dela disparou, num ritmo alucinante: Que estou morrendo de medo de perder você. Que estou com medo de me perder. Que acho que vou morrer se você não me quiser, mas também acho que você merece coisa melhor. Acho que preciso desistir de nós, antes que você me faça sofrer.

– Lex? – Riley suspirou. – *Você está me assustando, querida. Sei que está passando por um período difícil... Sei que este ano foi muito duro para você, mas tenho a impressão de que a estou perdendo.*

Ela cobriu a boca com a mão para conter o choro.

– *É verdade?* – insistiu Riley, com voz fraca. – *Estou perdendo você, Lex?*

A resposta foi a mais sincera que ela conseguiu dar:

– *Não estou aguentando mais isso.*

■ ■ ■

Lexie e Noah estavam na entrada da piscina pública, ambos louros e bronzeados pelo sol quente. Antes de se aproximar, Riley se permitiu ficar ali por alguns momentos, só olhando, impressionado com a beleza daqueles dois. Lexie se inclinou e beijou a cabeça do filho, que olhava para ela e falava sem parar: algo que, pelo visto, ele fazia com frequência.

Se não fossem as características físicas que ele e o garotinho claramente tinham em comum, Riley até duvidaria que Noah fosse seu filho. Era um menino tão esperto... Mesmo convivendo tão pouco com ele, isso era óbvio. Lexie estava certa quando dizia que Noah era incrivelmente observador, e o menino se lembrava até das meias do Batman que Riley disse que tinha. Sorriu, incapaz de se conter.

Ficar olhando Lexie e Noah, enquanto ela nem desconfiava que estava sendo observada, aqueceu o coração de Riley. Apesar de tudo, dava para ver a mãe incrível que ela era. O menino a encarava e Lexie prestava atenção a cada palavra que ele dizia, sorrindo e fazendo cafuné no filho, talvez mais do que ela mesma percebesse. O papel de mãe parecia tão natural para ela... E por que seria diferente? Lexie sempre foi amorosa. Mas aquilo ali não era só carinho, era algo bem mais intenso.

Por um instante, o calor dos sentimentos de Riley se misturou a uma profunda tristeza, quando, mais uma vez, ele pensou em como as coisas entre os dois poderiam ter sido diferentes. Por um instante, imaginou como fora a gravidez de Lexie: será que ela teve algum desejo em particular às três da madrugada? Será que teve aqueles enjoos matinais? Depois, pensou no trabalho de parto, que devia ter sido doloroso, e se perguntou quem ficou ao seu lado. O fato de ter perdido momentos assim tão preciosos do início da vida de Noah magoavam Riley quase tanto quanto não ter estado lá para ver os primeiros passos, o primeiro dente, o primeiro aniversário do filho.

– Dane-se... – murmurou, quando Lexie finalmente o avistou do outro lado da rua.

Agora, não podia fazer mais nada a esse respeito e, honestamente, a visão dos rostos sorridentes do filho e do amor da sua infância fez com que o sofrimento do passado se tornasse até suportável.

– Oi, gente! – exclamou ele, ao se aproximar. – Prontos para nadar?

– Eu estou! Eu estou! – gritou Noah, aos pulos. Apontou então para a bermuda que estava usando. – Estou de Batman! – Riley abaixou um pouco o cós da bermuda cáqui e o menino arregalou os olhos. – Você também?

– Eu só uso coisas legais, garotão. – Ele ergueu a mão e Noah bateu nela com força. Lexie riu, atraindo a atenção de Riley. – Sav não veio? – perguntou ele.

Lexie fez que não com a cabeça.

– Hoje somos só nós. – Ela ajeitou a bolsa no braço. – Tudo bem?

Riley tentou não pensar em como aquela notícia o deixava feliz. Não que não gostasse de Savannah, muito pelo contrário, mas ter Lexie e Noah só para ele naquele dia parecia fantástico.

– Acho ótimo.

– A gente vai nadar agora, mãe?

– Vai, sim – respondeu ela, batendo palmas. – A gente vai nadar!

– Eba! Vamos, Riley!

O coração dele quase pulou do peito quando a mãozinha do menino agarrou a sua. *Meu Deus!* Ele baixou os olhos para Noah, que o puxava em direção à bilheteria, mais entusiasmado do que nunca. Lexie parecia tão chocada quanto ele, olhando aquela cena, mas o sorriso que brotou nos lábios dela o tranquilizou. Ele apertou a mão do filho, segurando-o com mais força.

O lugar estava bem cheio mas, felizmente, Lexie tivera a ideia de reservar duas espreguiçadeiras com antecedência. Os dois estenderam as toalhas e puseram a bolsa debaixo das cadeiras.

Riley começou a tirar a camiseta e a bermuda. Fingiu não perceber o olhar de Lexie fixo nele, mas o rastro de desejo e de lembranças que aqueles olhos deixaram ao passar pelo seu corpo foi absolutamente delicioso. Os olhos dos dois se encontraram, e Riley sentiu um aperto.

Quando Noah já estava sentado na cadeira, devidamente coberto de protetor solar e entretido com os brinquedos, Lexie tirou a blusa pela cabeça. O biquíni vermelho que surgiu por baixo daquela peça de roupa era perfeito, cobrindo-a nos lugares certos e mostrando boa parte daquele corpo, de que Riley se lembrava bem. De repente, ele sentiu a boca seca. E... caramba! A tatuagem no torso de Lexie era fantástica e praticamente gritava pedindo que a língua dele percorresse cada linha do desenho.

Os olhos de Riley desejaram desesperadamente continuar a despir aquela mulher, acompanhando até que o short que ela usava caísse no chão, mas, com uma suprema força de vontade, ele desviou o olhar e tratou de enfiar suas coisas na sacola. *Cacete!* Será que algum dia teria uma trégua? Será que seu corpo iria deixar de desejar o dela? Achava que não, mas o mínimo que Lexie podia fazer era tornar as coisas menos sofridas.

Riley conseguiu se recompor um pouco, mas, quando voltou a se virar para ela, soltou um gemido.

– Meu Deus! – exclamou, quase num grunhido, tapando a boca com a mão.

– O que foi?

– Isso não é justo. Não é justo *mesmo*.

– Como pode dizer isso – replicou Lexie, incrédula –, se fica parado aí desse jeito?

Riley olhou o próprio corpo e a bermuda preta do Batman, sem entender o que ela estava querendo dizer.

– De que jeito?

Lexie riu, franzindo o nariz. Virou-se para Noah e tirou os óculos.

– Pronto, rapazinho?

– Sim!

O menino segurou a mão da mãe e os três se dirigiram para a borda da piscina.

Sem qualquer aviso prévio, Riley saiu correndo e mergulhou na água. Quando voltou à superfície, pôde ouvir os gritos de animação e de aprovação do filho. Estendeu então os braços, encorajando o garotinho a mergulhar. O menino pulou direto em cima dele, como um foguete, numa demonstração de total confiança.

Sempre que Riley pensava nos melhores momentos da sua vida, não tinha medo de admitir que Lexie estava presente em praticamente todos eles. A primeira noite que passaram juntos era sem dúvida o grande destaque da lista. Ainda assim, ter o filho nos braços e vê-lo rindo e brincando na água, ou mesmo agarrado ao seu pescoço e encarapitado nas suas costas, era algo que suplantava todas as demais lembranças que ele tinha. Aquele exato instante, aquele momento ali na piscina, passaria a ser a memória que guardaria com mais carinho, pelo resto da vida. Enquanto perseguia Noah pela piscina, jogando o menino na água e apanhando-o de novo, sabia que nenhuma outra lembrança chegaria aos pés daquela...

Depois de uns bons noventa minutos de brincadeiras na água, Lexie sentou Noah na espreguiçadeira e o deixou na sombra, envolto por uma toalha. Feliz da vida, o menino ficou tomando um suco de caixinha e comendo um pouco das frutas que a mãe tinha levado na sacola. Sentado na sua cadeira, olhando para ele, Riley não parava de sorrir. Era estranho como o simples fato de olhar o filho provocava nele aquela reação. Lexie voltou do bar com duas cervejas em copos de plástico. Riley pegou o seu com um grunhido de agradecimento e Lexie se sentou na ponta da espreguiçadeira onde Noah estava. Sussurrou alguma coisa ao ouvido do menino e ele deu uma risada. Depois, deixou-o brincando sozinho.

Riley ergueu a bebida, e ela bateu no copo dele com o seu.

– Saúde – disse ela.

– Grande dia, esse... – falou Riley, depois de concordar com a cabeça.

Lexie passou o dedo pela condensação formada no copo.

– É mesmo.

Com um gesto, Riley indicou a cicatriz logo acima da parte de baixo do biquíni, que já havia notado antes.

– Você fez cesariana?

Lexie baixou os olhos para o próprio corpo.

– Fiz. – Deu uns tapinhas no pé do filho. – O rapazinho aqui estava em posição invertida.

– De cabeça para baixo – acrescentou Noah, sem tirar os olhos do bonequinho de Yoda com que estava brincando e ao qual também dava pedaços de maçã.

– E os médicos não quiseram esperar mais – prosseguiu Lexie. – Então, decidiram que a melhor saída era a cesariana.

Riley olhou para a cerveja e, depois, para ela.

– Quem ficou com você?

– Mamãe. E Sav.

O tom da voz de Lexie parecia ser de desculpas; mesmo assim, Riley sentiu uma pontada no coração. Ela cerrou os lábios e suspirou.

– Na minha cabeça, estava tomando a decisão certa naquela hora, Riley. Agora? Odeio a ideia de ter privado você desse momento. Sinceramente. E daria tudo para poder voltar no tempo.

Riley ficou olhando para a piscina, onde um casal se abraçava e se beijava.

Sabia que Lexie estava esperando que surgisse uma briga, uma discussão, a cobrança de respostas,

mas não queria fazer uma cena assim na frente de Noah. Claro que mais tarde *continuará* a insistir que ela explicasse por que não se esforçou mais para entrar em contato com ele, mas, sentado ali ao sol, debaixo de um céu sem nenhuma nuvem, ainda experimentando a sensação do contato da mão do filho com a sua, Riley estava tão contente que resolveu deixar aquilo tudo para lá.

– E os desejos? – perguntou, de repente, e Lexie pareceu espantada. – Quando você estava grávida. Queria comer o quê?

– M&M’s – respondeu ela, com uma risadinha. – Principalmente os vermelhos.

– Adoro M&M’s! – exclamou Noah, batendo os pezinhos na espreguiçadeira de tanto entusiasmo. – Mas não posso ficar comendo doces. Só se for como prêmio, quando fico bonzinho.

Riley riu, tomando um gole da cerveja. Às vezes, o garotinho parecia um velho. O sorriso de Lexie foi desaparecendo enquanto ela observava o filho. Ela voltou a colocar os óculos, e seus olhos azuis demonstravam cautela.

– Pode perguntar – disse ele, encorajando-a.

– Como era? – perguntou Lexie, olhando para Noah, que agora estava ocupadíssimo brincando com a fruta. – Lá dentro...

Espantado pelo rumo que a conversa acabava de tomar, Riley se virou na espreguiçadeira, pondo os pés no chão quente, com os joelhos a poucos milímetros dos de Lexie. Ele continuou tomando uns goles da bebida.

– Chatíssimo, na maior parte do tempo. Cumpri catorze meses de uma sentença de dezoito, e já foi mais que suficiente. Nunca mais!

– Por que fez aquilo? Quer dizer, estava precisando *tanto assim* de dinheiro?

– Não. O dinheiro veio de quebra. Estava ajudando um amigo. Guardei as peças de carro na oficina para ele, sabendo que eram roubadas. Fiz isso inúmeras vezes, sem problema algum, então acabei deixando os cuidados de lado e eles me pegaram. E pronto. Foi uma escolha idiota, mas a decisão foi minha. Portanto, a condenação foi merecida e cumpri a minha pena.

A resposta pareceu deixar Lexie mais tranquila.

– Acho que nós dois fizemos escolhas idiotas ao longo da vida, não é?

Riley bufou com força.

– Acho que sim.

Ele engoliu em seco quando seus olhares se encontraram. Sentiu os olhos de Lexie lá dentro dele, alcançando alguns pontos que só ela era capaz de tocar.

– Pensei muito em você, Lexie.

Ao ouvir isso, ela mordeu o lábio inferior.

– Também pensei muito em você – admitiu.

Ela estava tão linda sentada ali, com aquele olhar e meio ofegante, que tudo que Riley desejou foi se inclinar e beijá-la. Mas ele olhou para Noah, que estava distraído, ainda brincando com Yoda e com a maçã, e tratou de conter aquele desejo o mais depressa possível. Como era fácil perder a cabeça quando ela estava por perto!

A boca de Lexie se entreabriu.

– O que sinto por você nunca mudou, Riley – sussurrou ela. – Mas a situação agora é bem diferente.

Ao ouvir a declaração, Riley sentiu o sangue correr ainda mais rápido, e imediatamente pensou em

desconsiderar todos os cuidados que pretendia tomar, como tinha dito a Tate. Claro que o sentimento era mútuo. Caramba! Ele nunca desejou uma mulher mais do que ela. Lexie tinha estabelecido um padrão elevado demais, e ninguém tinha chegado nem perto disso.

– Talvez seja até bom que a situação agora seja outra – disse ele. – Talvez querer que tudo ficasse do mesmo jeito tenha sido exatamente o nosso maior erro, tantas vezes antes.

Com um ar contemplativo, ela respondeu:

– Talvez...

– Talvez você e eu devêssemos sair para conversar. Só nós dois.

O olhar de Lexie passou pelo dele.

– Eu adoraria.

12

Todo ano, como sempre acontecia durante o Festival Nacional da Cereja, era como se uma dessas frutas tivesse vomitado por toda a E State Street. O local ficava abarrotado de gente para ver o desfile. O ar quente da tarde, abrandado pela brisa suave que vinha da baía, tinha cheiro de cereja, de hambúrguer e de cachorro-quente, e, ao longe, dava para ouvir os ruídos do parque de diversões.

Fazia um bom tempo que Riley não estava na cidade nessa época e, parado ali, em meio ao burburinho e aos balões coloridos, rodeado de pessoas de todos os tamanhos e idades, ele se deu conta de que tinha sentido saudade de tudo aquilo.

Sabia que boa parte dos moradores da cidade tinha horror do trânsito e da confusão provocados pelo festival. Ele, porém, sempre gostou da festa e, agora, estar ali com Lexie e Noah tornava as coisas ainda mais divertidas. A mãe dele estava em algum lugar por ali, com tia Carol, Maggie e Rosie, mas elas preferiram se manter afastadas, para não confundir demais a cabecinha do menino ou sobrecarregar Lexie, ainda que Joan andasse louca para conhecer melhor o neto. Já o pai tinha resolvido não ir ao desfile, por achar que não tinha condições de ficar de pé por tanto tempo. Segundo ele, ficaria feliz da vida em casa, lendo um livro.

Riley baixou os olhos para o celular que vibrava na sua mão. Era uma mensagem de Lexie. O coração acelerou feito um louco quando ele viu o nome dela na tela, o que, na verdade, era exagero. Não era a primeira vez que trocavam mensagens, só que já fazia muito tempo que isso não acontecia.

Olhe para cima.

Ao fazer o que orientava a mensagem, ele encontrou Lexie, Noah, Savannah e Jaime, a moça que trabalhava na loja, todos acenando, do outro lado da rua, com umas imensas cerejas de espuma nas mãos. Riley retribuiu com um aceno, antes de correr ao encontro do grupo. Noah estava usando a camiseta de Traverse City, com o emblema do festival, e também óculos de sol vermelhos enormes que praticamente cobriam todo o seu rostinho.

Riley se agachou e espalmou a mão para Noah bater, o que ele fez sem questionar. Aos poucos, aquele estava se tornando um gesto deles, e Riley adorava a ideia.

– Você nem consegue enxergar direito com esse troço aí, cara!

– Consigo, sim – disse o menino. – Estou vendo você direitinho.

Ele fez um carinho na cabeça do filho e se levantou, olhando direto para Lexie.

– Oi – disse e, depois, sorriu para Sav e Jaime. – Então, quais são os planos, gente?

– Desfile! – gritou Noah, pulando ao seu lado.

– Acho ótimo – respondeu Riley, pondo a mão no ombro dele. – Vocês já comeram?

– Não. Estamos morrendo de fome – respondeu Jaime, tirando os óculos escuros. – Tenho que comer alguma coisa antes de encontrar os meus amigos e começar a beber.

– Quero cereja! – acrescentou Noah. – Posso, mãe?

Lexie sorriu.

– Claro, vamos lá. Não se esqueça de ficar o tempo todo de mãos dadas com um de nós, ok? Tem gente demais por aí, e não quero que você se perca.

– Não vou se perder – afirmou ele, todo inocente, sacudindo a cereja de espuma. – Prometo.

– Muito bem. Então, segure a mão de alguém.

Riley não pôde conter um sorriso quando a primeira mão que o menino segurou foi a dele. Sentiu aqueles dedinhos envolverem os seus e, instintivamente, os segurou o mais firme que conseguiu. Como era possível sentir algo assim tão forte, e em tão pouco tempo? Não fazia ideia, mas acolhia aquele sentimento sem a menor hesitação.

Os cinco saíram andando em direção às barraquinhas de cerejas, respondendo às inúmeras perguntas que Noah foi fazendo durante o trajeto: O que é aquilo? Por que tem cereja e não banana? Podemos ir lá no parque? Posso comprar um balão? Posso comer um hambúrguer bem grande? O menino era incansável e, pelo visto, obcecado por comida, mas Riley estava completamente cativado, tentando responder ao que pudesse sem interferir nas regras estabelecidas por Lexie. Era quase como andar na corda bamba, mas ela parecia aberta às opiniões dele, o que reduzia um pouco a ansiedade que sentia.

Com três cestos de cerejas nas mãos, resolveram circular pelas outras barraquinhas, observando a comida caseira e os produtos artesanais que iam desde vasilhames e copos até quadros e vinho. A conversa entre os dois fluía com facilidade, mas Riley não podia evitar a sensação de que Lexie estava sendo cautelosa por causa da irmã e da amiga. Sinceramente, Riley não sabia como interpretar essa postura. O dia que passaram na piscina tinha sido tão descontraído: conversaram bastante e brincaram com Noah, praticamente sem pensar na tensão existente entre eles. Agora, porém, o desconforto e a apreensão estavam bem mais aparentes.

De repente, Riley experimentou a fria sensação de déjà-vu. E supôs que podia sentir o que vinha pela frente. Lexie estava se protegendo, e sua forma de proteger o coração era afastando as pessoas. Vinha agindo assim havia anos, e era por isso que os dois não tinham conseguido manter o relacionamento contínuo e saudável. Riley entendia que a origem dessa atitude era a perda súbita do pai, mas, mesmo depois de todos esses anos, aquela cautela não era nada fácil de encarar.

– Está tudo bem? – perguntou, quando se sentaram num banco enquanto Jaime e Savannah esperavam na fila para Noah pintar o rosto.

Lexie fez que sim com a cabeça, dividindo a atenção entre o filho e as cerejas que estava carregando. Fechou os olhos por um instante e suspirou.

– Na verdade, não.

Tentando controlar o medo que sentia, Riley pôs uma cereja na boca.

– Posso ajudar de alguma forma?

– Não – respondeu ela, de imediato. – Sou eu. Eu... Na verdade, é que sonhei com você essa noite.

Riley engoliu a cereja com dificuldade.

– Ah...

Ela o encarou.

– Sonhei com a época em que você estava em Londres – disse Lexie. Riley sentiu no peito um aperto doloroso de tristeza. Ela se recostou no banco. – Acordei hoje de manhã me sentindo... – Levou uma das mãos à testa. – Nossa, Riley, eu... Eu estava um lixo naquela época e...

– Você estava sofrendo, Lex. Deprimida. Nunca se permitiu expressar seus sentimentos, tentando cuidar da sua mãe e de Sav. Isso ia mesmo acabar acontecendo.

– Eu sei – concordou ela, baixinho. – Mas não deveria ter afastado você daquele jeito. – Lexie empurrou os óculos mais para cima. – Achei que estava fazendo a coisa certa – disse, com um sorriso amarelo. – Pelo visto, vivo fazendo isso. – Ela passou a mão pelo cabelo. – Tomando decisões erradas, digo. Tratei você muito mal, e não tem desculpa para isso.

Por um instante, Riley ficou sem fala. Na verdade, durante todos aqueles anos, nunca tinham falado sobre o que havia acontecido entre eles. Claro que, em certas ocasiões, gritaram e brigaram por causa disso. Fora assim na última visita de Riley à cidade, cinco anos antes. Mas nunca conversaram *de verdade* a respeito, como dois adultos sensatos. Ouvindo-a falar assim, as lembranças logo vieram à mente de Riley, rápidas e duras.

Lembrou que, quando chegou de Londres, implorou que Lexie voltasse atrás, mas tudo que conseguiu foi que ela o afastasse ainda mais, por estar mergulhada numa depressão tão severa que ficava até difícil reconhecer a garota que ele amava. Ele tentou ultrapassar aquela barreira por meses a fio, ligando, mandando mensagens de texto e até escrevendo cartas. Tudo em vão. Era como lutar contra a correnteza: quanto mais ele se esforçava, mais escuras ficavam as águas que pareciam arrastar Lexie.

Depois de quase um ano, exausto e arrasado, Riley acabou desistindo. Mergulhou na vida social da universidade, indo a milhares de festas e transando a torto e a direito, num esforço desesperado para se livrar da dor e da tristeza que destruíam seu coração de 22 anos. Foi nessa época que conheceu Carter e Max.

– Sinto muito – sussurrou ela. – Muito mesmo. Você não merecia nada daquilo.

De repente, Riley sentiu um nó na garganta. Ele estendeu o braço e pegou a mão dela, apertando-a de leve.

– Não era você, Lex. Aquilo era... Já passou. Estamos bem.

Além de tudo, ele sentia como se tivesse se vingado dela naquele período. Com o coração partido, aprontou horrores, paquerando outras garotas na frente de Lexie e dizendo coisas terríveis a ela, por puro despeito. Todas as vezes que a viu desde então foram muito sofridas, e Riley só queria fazê-la sofrer também, fingindo que não queria mais nada com ela. Para ele, era isso ou cair de joelhos aos pés de Lexie, implorando que ela o aceitasse de volta. Ambos eram muito jovens e se magoaram profundamente, apesar de Riley amá-la de todo o coração.

– Então, vamos fazer uma coisa – começou Lexie. – A minha mãe vai lá para casa mais tarde. Ela quer trazer Noah para ver o desfile de amanhã. Vai dormir lá em casa e me disse que pode ficar com ele se eu quiser sair.

A ficha demorou um segundo para cair.

– Hoje à noite?

– É. Se você ainda estiver a fim. Podíamos sair. Hoje à noite.

Riley sorriu, apesar de sentir um frio na barriga.

– Acho ótimo. Talvez a gente possa ir ao show do Bayside e beber alguma coisa.

Lexie também sorriu.

– Às sete? Mando meu endereço por SMS.

– Perfeito.

– Olha, mamãe!

O grito de Noah fez os dois virarem a cabeça na sua direção. Ele vinha correndo, exibindo no rosto um imenso símbolo do Batman em preto, amarelo e prateado. Sav e Jaime vinham logo atrás, cada qual com uma flor pintada na bochecha.

– Você está o máximo! – exclamou Lexie, rindo, quando Noah veio a toda na sua direção.

– Está vendo, Riley? – perguntou o menino, batendo com a mãozinha no joelho do pai. – Pedi para ela fazer o Batman, e ela fez!

Riley estreitou os olhos, como se estivesse analisando o desenho. Pacientemente, Noah ficou esperando pela sua aprovação.

– É a coisa mais incrível que já vi na vida, rapaz! Estou até com inveja.

– Vai fazer um também?

– Não, cara – respondeu Riley, sorrindo diante da espontaneidade da criança, que aquecia seu coração. – Nem dá para competir. O Batman, hoje, é você.

Rindo, Noah se virou para a mãe.

– A gente pode ir ver o desfile agora?

– Claro – respondeu ela. – Vamos.

– Pode me pegar no colo para eu ver direito?

– Você está pesado demais, amor – disse Lexie, se levantando. – Já é um menino grande. Vamos arranjar um lugar de onde você possa ver bem. Prometo.

Riley coçou a nuca.

– Ele pode montar nos meus ombros se quiser.

Surpresa, Lexie olhou para ele e, depois, para o menino, que tinha os olhos tão arregalados que Riley chegou a temer que eles pudessem saltar das órbitas.

– Posso, mãe?

– Claro. Mas tem que se segurar bem e fazer tudo que Riley mandar, está bem?

– Juro!

Riley se agachou.

– Vamos lá, garotão. Suba aqui.

Pezinhos e dedinhos começaram a agarrar e apertar, beliscando o pescoço e os ombros de Riley, mas ele não se importou nem um pouco. Joelhinhos e perninhas se posicionaram de ambos os lados do seu pescoço, e ele estendeu as mãos para o menino segurar.

– Está pronto, Batman?

Noah agarrou as mãos dele.

– Estou.

– Segure firme.

Riley se levantou com todo o cuidado, e Noah riu, animadíssimo.

– Você é um gigante! E a barba está fazendo cócegas nos meus joelhos.

Riley também riu, percebendo o olhar afetuoso que Lexie dirigia aos dois.

– Vamos ver esse tal desfile.

■ ■ ■

Lexie ficou até satisfeita consigo mesma por só ter trocado de roupa umas duas vezes antes de ir se encontrar com Riley. Finalmente se decidiu por um vestido estampado, longo e sem mangas, com um cinto largo marrom para marcar a cintura e sandálias rasteiras. A noite estava úmida, e ela queria se sentir confortável. Sabia que o show estaria bem cheio, mas aquilo a deixava ainda mais animada.

Sair com Riley Moore. Era como se tivesse 16 anos de novo, com o rosto corado e o coração aos pulos. Ela estava bastante nervosa, também, mas isso não era surpresa. A surpresa tinha sido a reação de Riley ao seu pedido de desculpas aquela tarde. Pena que Lexie tivesse demorado tanto para fazer aquilo, guardando tanta culpa dentro dela, mas a forma como ele aceitou tudo, com doçura, abrandou aquele peso que ela sentia... Mesmo que só um pouco.

Saber que ela foi a causa do sofrimento dos dois – e se enfurecer consigo mesma por causa disso – deixava Lexie ainda mais grata pelo perdão de Riley, muito além do que poderia imaginar. Ao longo dos anos, consultou vários terapeutas e médicos por causa do sofrimento e da consequente depressão, esforçando-se para compreender por que vivia querendo se fechar num casulo e afastar todos aqueles que amava. Claro que a resposta era bem óbvia: a morte do pai tinha matado sua capacidade natural de confiar nas pessoas e nas situações.

Ela sabia muito bem que ter Noah havia ajudado, e muito. Ter ao seu lado uma criaturinha frágil e preciosa, dependendo inteiramente dela, trouxe de volta a Lexie a confiança que ela tinha perdido havia muito tempo: a confiança nela mesma. O passo seguinte no caminho para recuperar totalmente o controle foi abrir sua loja, a Com Amor, Você. Levar adiante esse projeto, com o apoio da mãe e de Savannah, trouxe a Lexie uma sensação incrível, e ela acabou se convencendo de que apostar nas coisas, e nas pessoas, não era tão assustador quanto parecia.

Agora, o trabalho que tinha pela frente era estabelecer uma relação com Riley e a família dele. Lexie amava Riley mais do que tudo no mundo, e a sua família, especialmente Joan, tinha se tornado muito importante para ela. Não conseguia esquecer o olhar de Joan, tão claramente de espanto e de mágoa, quando ela viu Noah pela primeira vez. Lexie ficou arrasada por saber que tinha provocado aquilo.

Por mais que tenha tomado a decisão certa para ela mesma e para o filho quando o garoto nasceu, era como se pudesse ver o arrependimento que sentia naquele momento enquanto se olhava no espelho. Com um suspiro e o plano de reparar todos os erros que tinha cometido, Lexie se afastou do espelho e desceu as escadas.

A mãe dela, Christine, estava na sala de estar, com o neto já de pijama. Ela ergueu os olhos do livro de colorir com que os dois estava entretidos e sorriu.

– Gosto desse vestido.

– Você está bonita, mamãe – observou Noah, olhando de relance.

– Obrigada, querido – respondeu Lexie sorrindo e dando um beijo na cabeça do filho. – Vá para a cama quando a vovó mandar, ok? Pode fazer um lanchinho e tomar um suco se quiser.

– Ok – murmurou o menino, concentrado no lápis que tinha na mão e no desenho que estava completando.

Lexie pegou a bolsa e se dirigiu para a porta, sentindo a presença da mãe às suas costas.

– Está tudo bem? – perguntou Christine.

A filha tinha contado tudo sobre Riley a ela, como sempre fazia. E, já que se preocupava com a vida da filha, Christine dera o maior apoio. Quando Lexie terminara com Riley, anos antes, a mãe fizera o possível para que ela voltasse atrás. Sempre gostara dele, desde que vira aquele garotinho de 8 anos pela primeira vez, do outro lado da rua, e nunca deixara de defender Riley. No entanto, não tivera sucesso: Lexie já tinha tomado sua decisão.

Ela respirou fundo e sorriu.

– Claro. Está tudo bem. Só estou um pouco nervosa.

Chegando mais perto, Christine fez um carinho no braço da filha.

– Não fique nervosa, querida. Se for para ser, será... Só não deixe o passado ficar no caminho do que você realmente quer. Agora, a sua prioridade é Noah.

– Eu sei, mãe.

Era visível que a mãe estava preocupada, e talvez Lexie também estivesse. Mas tinha certeza de que ela e Riley podiam deixar para trás tudo o que tinha acontecido. Precisavam fazer isso. Por Noah. Ela se inclinou e deu um beijo na mãe, no momento em que ouviu uma batida à porta.

O coração de Lexie estremeceu quando ela a abriu.

Riley estava parado ali, gloriosamente sexy, vestindo jeans azul-escuro, sandálias pretas e uma regata que exibia a tatuagem. Aparentemente, tinha aparado um pouco a barba e estava com o cabelo todo para trás, o que só deixava uns leves cachos atrás das orelhas. Os olhos castanho-claros tinham um ar brincalhão e se detiveram em Lexie, relaxando cada centímetro do corpo dela.

– Oi – disse ele, com um sorriso largo que chegou a deixar Lexie tonta.

Ela queria desesperadamente estender as mãos e tocar aquele homem. Por cima do ombro de Lexie, ele sorriu para a mãe dela.

– Oi, Christine. Como vai?

Christine se adiantou, passando pela filha, e deu um abraço apertado em Riley.

– Meu Deus! Você está cada vez mais bonito...

Ele riu, abraçando-a também.

– Obrigado. É bom ver você.

A mulher se afastou um pouco e deu um tapinha carinhoso no rosto dele.

– Também é bom ver você. Já faz tanto tempo...

– Riley!

Noah veio correndo pelo corredor, chegando até onde os três estavam, com os braços bem abertos. Deslumbrada, Lexie o viu se lançar na direção de Riley, que o pegou, jogou para cima e, depois, ficou segurando o garoto no colo.

– Oi, garotão! – Radiante, Riley ergueu a mão para o menino bater. – Que pijaminha legal!

Era tão lindo vê-los assim juntos... E Lexie sentiu no peito o aperto da culpa por ter mantido os dois separados por tanto tempo. Estava determinada a reparar o erro de qualquer jeito. Era uma dívida que tinha com eles. Na semana anterior, com Riley por perto, ela chegou a pensar em como explicar a Noah as decisões que tinha tomado na vida. A ideia a assustava? Claro, mas ela tinha outra escolha? Tudo que Lexie queria era ser honesta com o filho, e ela sabia que, pelo andar da carruagem, acontecesse o que acontecesse entre ela e Riley, teria que contar a verdade à criança.

– Você e mamãe vão sair? – perguntou Noah, cutucando a barba de Riley com o dedinho.

– Vamos – respondeu Riley, apertando o menino nos braços.

– Posso ir junto?

– Quem sabe da próxima vez, rapaz?

Noah não gostou muito da ideia.

– Podemos brincar de novo?

– Claro.

– Amanhã?

– Na verdade – disse Riley, olhando para Lexie –, amanhã viajo para Nova York por uns dias.

Preciso acertar umas coisas na loja.

Uma sensação de desapontamento tomou conta dela.

– Você tem uma loja? – perguntou Noah, inclinando a cabeça com os olhos arregalados.

Como eram parecidos...

– Tenho, sim.

– De doces?

Riley riu.

– Não, cara. É uma oficina, onde a gente conserta carros, motos e coisas do tipo, entende?

Noah pareceu refletir sobre o assunto.

– Posso ir?

– Qualquer dia desses.

– E posso ver a sua casa?

– Claro. – Riley pigarreou. – Se a mamãe concordar.

Lexie fez que sim com a cabeça.

– Acho que não tem problema.

– Ok, rapaz – disse Riley, botando o filho no chão com todo o cuidado. – Agora nós temos que ir.

Com um suspiro, Noah ficou ao lado da avó. Lexie se abaixou para dar um beijinho nele.

– Seja bonzinho. Amo você.

– O mundo inteirinho.

Quando voltou a se levantar, Lexie percebeu o ar de espanto no rosto de Riley.

– Pronto? – perguntou ela.

Ele assentiu, sorrindo então mais uma vez para Christine e erguendo a mão para Noah bater.

– Vejo você daqui a alguns dias.

Sem qualquer hesitação, o menino abraçou a perna de Riley bem apertado, colando o rosto na sua coxa.

– Tchau.

Lexie não deixou de notar o brilho nos olhos de Riley quando ele se inclinou e beijou a cabeça do filho. O coração dela derreteu ao ver aquilo. Ficava mais do que aliviada pelo fato de eles terem se afeiçoado tão depressa. Não que isso fosse uma surpresa para ela: Noah se socializava bem, e era fácil amar Riley. Ele seria um pai excepcional. Como acontecia com praticamente tudo, aquilo era natural para ele. Estava claro que Riley já estava morrendo de amores pelo menininho.

Noah soltou a perna dele. Todos voltaram a se despedir, e o casal foi andando em direção ao carro.

Era tão familiar ter Riley ao seu lado daquele jeito, com a mão nas costas, e ser envolvida pelo cheiro da loção pós-barba, intenso, mas sutil. Ele abriu a porta do carro e sorriu quando ela entrou, o que fez com que uma onda percorresse todo o corpo de Lexie. Por mais que concordasse que precisavam ser sensatos e levar em conta as possíveis consequências de ficarem íntimos novamente, o que Lexie sentia quando ele estava por perto não podia ser ignorado. Como se uma corda invisível ligasse seu coração ao de Riley, o peito dela se expandia e se apertava sempre que ele a olhava daquele jeito, ao mesmo tempo delicado e avassaladoramente sexy.

Tinha sido muito fácil se apaixonar por Riley, anos antes. Tudo tão simples, sem qualquer esforço. Foi quase como entrar debaixo de lençóis limpos, usando um pijama recém-tirado da gaveta: uma sensação de acolhimento, de calma, de segurança. Era como entrar em um lugar de onde não se quer mais sair. Quando Lexie já tinha idade suficiente para perceber o que significavam seus sentimentos por ele, nem pensou duas vezes se o amaria para sempre. Ele era tudo que ela queria e, ao vê-lo ali, agora, se deu conta de que nada tinha mudado. Continuava querendo Riley. Ela o desejava desesperadamente. Passar um tempo com ele trouxe a Lexie uma sensação mais forte do que qualquer outra nos últimos cinco anos. Era uma combinação de desejo, de saudade e de um amor que ela havia tentado loucamente deixar para trás.

Antes do nascimento de Noah, houve outros homens na sua vida, é claro. Nenhum deles, porém, chegou a provocar nada que se parecesse com a paixão e a emoção que Riley despertava nela. Nunca sentiu o ardor, a necessidade, o maravilhoso desejo que se alastrava pelas suas veias, atingindo até os ossos. Aquele homem estava entranhado na sua medula e nunca deixaria de estar, acontecesse o que acontecesse entre os dois.

Enquanto Lexie observava, Riley dirigia. Ela mantinha os olhos nos braços dele e na tatuagem, que se remexia quando ele mudava a marcha ou virava o volante. Riley estava incrível com aqueles óculos de aviador... Ficar assim tão fascinada por ele não era algo novo para Lexie, e ela se concedeu o prazer de continuar encarando, para absorver cada parte daquele homem.

– Está tudo bem? – perguntou ele, voltando os olhos para ela.

– Tudo bem – apressou-se em responder, porque era verdade.

Havia muito tempo não se sentia tão bem e, por mais satisfeita que estivesse com a própria vida durante a ausência dele, era evidente que o coração sentia falta de algo.

– Só estava olhando você – confessou ela.

Ele assentiu e voltou a se virar para Lexie quando estavam chegando perto de uma bifurcação.

– Gosto quando você me olha.

Apesar da dificuldade que ele pareceu ter em admitir aquilo, o desejo de Lexie aumentou ainda mais quando ela viu Riley passar a língua pelos lábios.

– Não está dizendo isso só para fazer charme, está?

A gargalhada de Riley ecoou pelo carro.

– Nem sabia que era isso que você esperava de mim... – Apoiou o cotovelo na janela. – Além disso, acho que temos muito que conversar antes de qualquer outra coisa, não concorda?

Ele ergueu as sobrancelhas por trás dos óculos.

– Claro. Eu só... Acho que ficar juntos, assim, é a única coisa que a gente sabe fazer.

– Não é exatamente verdade. – Riley inclinou a cabeça. – Fizemos um garotão incrível.

Lexie mordeu o lábio inferior, pois aquelas palavras aqueceram ainda mais o desejo que crescia nela. Riley ficou calado por alguns instantes.

– Você se lembra da noite em que...

– Lembro.

Claro que se lembrava da noite em que Noah tinha sido concebido. Vinha pensando muito nisso, agora que Riley estava por perto. Lembrava como queriam desesperadamente estar juntos, sentir a pele um do outro, transar sem pensar em mais nada, nem nas palavras duras que tinham trocado. A chama da mágoa e da frustração irrompeu entre os dois e acabou fazendo com que ele levantasse o vestido dela e arrancasse sua calcinha, querendo se enfiar dentro dela. Riley a agarrou com violência e ela adorou cada segundo, rasgando a camisa dele enquanto ele a penetrava com força, sem parar. Gozaram juntos e intensamente, ela gritando o nome de Riley, ele grunhindo ao ouvido dela. Lexie vinha tomando pílula e nem pensou que estavam transando sem camisinha pela primeira vez em muitos anos. A ideia só lhe ocorreu quando a menstruação não veio por dois meses seguidos.

Como sempre acontecia quando transavam, aquela foi uma experiência tão avassaladora e perturbou tanto a mente já confusa de Lexie que ela o mandou embora, dizendo a ele que nunca mais a procurasse. Já fazia muito tempo que estavam nesse vaivém, e o coração dela não aguentava mais. Não podia enfrentar outra despedida e, assim, exatamente como havia feito aos 19 anos, resolveu afastá-lo. Riley nem discutiu, o que deixou claro que, como ela, ele já estava cansado das suas besteiras. Por uma fração de segundos, Riley até pareceu considerar a ideia de rebater, com aquele ar sofrido nos olhos, mas logo fechou a calça jeans e foi embora.

Nesse momento, num gesto espontâneo, Lexie pôs a mão no braço de Riley. Ele se virou, dividindo a atenção entre o toque dela e a rua à frente. Depois, afastou o braço. Aquilo não deveria surpreendê-la; nem por isso, porém, deixou de magoá-la.

Parou o carro numa vaga do estacionamento e desligou o motor. Ficou sentado ali por um instante, batendo os dedos no volante. Em seguida, tirou os óculos e se virou para Lexie.

– Nós dois temos que parar de nos torturar por conta do passado, Lex. Você disse um monte de merda, eu também, e fomos punidos por tanta besteira que fizemos. Foi tudo um verdadeiro caos, por muitos anos.

Uma risada inesperada brotou da garganta de Lexie.

– Quanta delicadeza... – Isso pouco importava: era a verdade. – Mas entendo perfeitamente.

– Ótimo. – Riley baixou os olhos para o braço que ela havia tocado. – Quero que sejamos amigos, Lex. Quero mesmo. Mas também quero que uma coisa fique bem clara: não vou deixar a *nossa* história interferir na relação que estou construindo com *Noah*. Nunca vou me perdoar se acontecer alguma coisa entre nós dois e você resolver me impedir de ver aquele menino.

Lexie arregalou os olhos.

– Eu nunca faria isso!

O rosto dele se entristeceu.

– Você *já fez*, Lex. Decidiu não me contar que ele existia. E nos manteve separados por quatro anos.

Lexie engoliu em seco, retorcendo as mãos no colo.

– Preciso voltar a confiar em você – continuou ele, baixinho, olhando para as pessoas que

atravessavam o estacionamento rumo à baía. – Preciso entender por quê, preciso... de um tempo para pensar no que *eu* quero.

Lexie respirou fundo, percebendo o conflito que havia nos olhos dele. Como era difícil saber que ela tinha criado aquela situação!

– O que for preciso – disse ela, então, com brandura.

Quando os dois se olharam, uma corrente elétrica pareceu percorrer o ar dentro do carro. A pulsação de Lexie disparou, e a vontade imensa que ela sentia de tocar o corpo de Riley a fez estender a mão e segurar o rosto dele. Ao sentir a barba, a boca de Lexie ficou seca. Por um momento de tirar o fôlego, ele aceitou aquele toque, mas, logo depois, suspirou e se afastou.

– Vamos – disse ele, com a voz grave. – Preciso de uma cerveja.

Desceram do carro e percorreram os seis quarteirões que levavam ao ponto da baía onde haviam sido construídos os palcos para as bandas. A música dominava o ar da noite, junto com o cheiro da cerveja e do churrasco. Lexie ficou bem perto de Riley, enquanto os dois abriam caminho por entre a multidão até um local relativamente tranquilo, perto de um parapeito. Dali podiam ver o show sem serem empurrados e espremidos pelo público. Riley comprou cerveja e cachorro-quente para os dois e eles comeram e beberam, enquanto o céu de verão ia escurecendo. As luzes nos postes e a iluminação presa nos galhos das árvores começaram a se acender ao seu redor.

Riley falou do trabalho e dos amigos que tinha em Nova York. Lexie falou da loja e do sonho de expandir os negócios. Falou da primeira vez que Noah se sentou, de quando ficou de pé e deu o primeiro passo. Contou que ele ficou parecendo aqueles desenhos de ligar os pontos quando teve catapora e de como estava empolgado para ir para a escola em setembro. Continuou falando, adorando a expressão orgulhosa que via no rosto de Riley, mas odiando o jeito como seus olhos castanho-claros assumiam, às vezes, um ar triste ou revelavam uma ponta de raiva ou de dor. Lexie parou e se debruçou na amurada.

– Sei que você devia ter acompanhado tudo isso, Riley – murmurou.

Ele se pôs na mesma posição.

– Devia mesmo. – As palavras foram breves e sinceras. Ele balançou a cabeça. – Mas você fez um excelente trabalho, Lex. É uma ótima mãe.

Ela não tinha imaginado como era importante ouvir aquilo até ele dizer.

– Obrigada. Mas ele torna tudo mais fácil. – Ela se calou por um instante, continuando em seguida: – E vai ser assim com você também. Vai estar presente em tudo o que vier pela frente, e nunca mais vou privar você disso.

Ela tinha escondido tanta coisa dele ao longo dos anos: a gravidade da depressão; como precisava desesperadamente dele, apesar de tê-lo mandado embora; e o filho que tinham.

– Jura? – perguntou ele, baixinho. – Não minta. Tenho que poder confiar em você novamente.

– Sei disso. Juro. Não é mentira.

Riley tomou uns goles da cerveja. Ela cutucou o ombro dele com o seu.

– Mas me fale de você – disse Lexie, passando o dedo pela borda do copo. – Teve alguma coisa mais séria com alguém?

Ele fez que não com a cabeça, mantendo o olhar fixo na baía.

– Além de você? Não. Tentei esquecer, tentei seguir com a minha vida e, sinceramente, achei que estava indo bem... Mas, não... Ninguém chegou nem perto...

Lexie odiou a sensação de alívio que experimentou. Na verdade, não tinha esse direito depois de tudo que ela fez.

– E você? – perguntou ele, então.

Ela negou com a cabeça.

– Nem valia a pena tentar.

Mesmo com a música ecoando lá do palco, Lexie e Riley continuaram conversando. Quanto mais falavam, mais fáceis as coisas iam ficando. Era maravilhoso perceber ali lampejos da amizade que ela tanto prezava, como nos velhos tempos. Não havia pressão, nem qualquer tensão.

O único momento em que o clima ficou um pouco mais sério foi quando Lexie perguntou a Riley sobre o pai dele. Era óbvio que a situação era complicada, por mais que Riley se esforçasse para disfarçar. Ela ficou bastante triste, pois sabia como a aprovação de Park sempre tinha sido importante para Riley.

– Andei pensando... O que acha de eu ir conversar com a sua mãe? – indagou Lexie, meio que sondando. Riley ergueu uma das sobrancelhas, com ar inquiridor. – E talvez também com o seu pai. Na verdade, com a família inteira. Quero dar explicações a eles. Sei que você deve ter falado dos meus motivos, mas gostaria de ter a oportunidade de esclarecer as coisas eu mesma. Devo muito à sua mãe. Muito mesmo. E sua família também é a família de Noah.

Riley olhou de novo para a baía.

– Acho que seria uma boa ideia.

Nem precisava ter dito isso: dava para perceber pelo rosto dele que Joan estava decepcionada com ela.

Lexie pôs o cabelo para trás, sentindo-se meio confusa.

– Ok. Vou passar lá daqui a alguns dias. Vamos dar mais um tempo para o seu pai se recuperar.

Percebendo de repente a música que estavam tocando, Lexie deu uma risadinha. Era “I Want It That Way”, dos Backstreet Boys.

– Meu Deus! Isso me traz muitas lembranças.

Riley também riu.

– Com certeza. Você me deixava louco com essa música.

Era verdade: ela tinha passado pelo menos uma semana ouvindo sempre a mesma faixa do CD, aprendendo a coreografia com Sav e cantando todos os trechos de Nick Carter. Sabia que Riley nunca tinha gostado desse tipo de música, mas ele tolerava tudo por causa dela. Lembranças inocentes e despreocupadas atravessaram a mente de Lexie, chegando a deixá-la sem fôlego.

Ela sentiu o rosto quente.

– O meu coração nunca bateu tão forte quanto no momento em que vi você na varanda, esperando por mim, no dia daquele baile do colégio. – Ela se virou para ele. – Sabe, quando eu estava grávida – sussurrou – e lembrava de algumas das coisas que fizemos juntos, Noah chutava com tanta força... Como se soubesse que era em você que eu estava pensando. – Por um breve instante, um lampejo de saudade passou pelo rosto de Riley, mas logo desapareceu. Lexie sentiu o coração apertado. – Detestei o que aconteceu conosco.

Os ombros de Riley se encurvaram.

– Eu sei – disse ele. – Também detestei. E continuo detestando, mas...

Riley abriu a boca, mas se segurou, contraindo os lábios.

– Fale – implorou Lexie. – Seja honesto comigo. Diga o que sente.

– Eu me sinto lesado, Lex – revelou ele, com os olhos ardentes. – Eu me sinto abandonado. Estou com tanta raiva de você... Não posso... Não me dizer nada foi uma merda. Tudo bem, não precisava me contar pessoalmente. Eu compreendo. Mas podia ter mandado um bilhete ou uma mensagem de texto, ou ter me ligado. – Ele se aproximou dela, sua raiva mais intensa à medida que as palavras brotavam. – Você me afastou da coisa mais importante da minha vida. Guardou segredo. – Um músculo da sua mandíbula estremeceu. – Que direito você tinha de fazer isso?

– Nenhum – respondeu Lexie. – Nenhum direito. Mas eu estava me protegendo. Protegendo Noah.

– Protegendo do quê? – indagou Riley, incrédulo. – Cometi um erro, Lex. Cumpri a minha pena. E daí? Continuei sendo o homem que você conhecia, o homem que teria feito qualquer coisa por você, com quem poderia contar e que amaria os dois incondicionalmente.

O peito dele arfava.

Lexie sentiu os olhos arderem. Já fazia tanto tempo que não o via assim tão inflamado... Tinha quase esquecido como aquela raiva era impressionante. Ficou olhando até que a fúria se abrandasse, aos poucos. Riley tomou o último gole da cerveja e jogou o copo vazio numa lixeira próxima. Ele enfiou as mãos nos bolsos e ficou se mexendo, inquieto. Demorava um bom tempo para ele ficar tão furioso, e quase a mesma coisa para recuperar a calma. Lexie apenas esperou, deixando as acusações e o veneno se dissiparem, sabendo que merecia tudo aquilo. Ambos ficaram calados por um tempão. Depois, ela murmurou:

– Vou fazer tudo que puder para reparar isso. Prometo.

Ela encarou Riley e ficou impressionada com a intensidade do olhar dele. Sentiu vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. A ausência de qualquer reação foi como um peso entre eles, e algo ficou evidente para ela, tanto quanto se ele tivesse gritado na sua cara: Riley não acreditava em Lexie.

13

Foram poucas as vezes que Lexie ficou tão nervosa quanto naquele momento, parada diante da porta da casa dos Moores, toda atrapalhada e suando por causa do bendito calor. Fechou os olhos por um instante e respirou: só precisava manter a calma. Sabia que merecia o que estava prestes a enfrentar, e era algo que já deveria ter sido feito tempos antes. Mas isso não ajudava muito a acalmá-la.

A única coisa que deixava Lexie um pouco mais tranquila era o fato de, mesmo depois de todos esses anos, a casa continuar igualzinha. O gramado ainda era aparado com perfeição e tinha o mesmo tom de verde de que Park sempre se orgulhara. Cores explodiam dos inúmeros vasos com flores – os gerânios eram as favoritas de Joan –, e a mangueira, com a qual ela e Riley tanto brincaram durante o verão, continuava ali, como se estivesse parada no tempo. Isso era bastante reconfortante...

Lexie se recompôs e bateu à porta. Pediu para Riley avisar aos pais que queria fazer uma visita a eles, e tinha esperanças de que dessem a ela uma oportunidade de se explicar. Se conhecia Joan e Park, não havia com o que se preocupar. Essa certeza, porém, não diminuía em nada o nó que ela sentia no peito.

A porta se abriu, tirando Lexie dos seus pensamentos agitados. Lá estava Joan, aparentemente nada surpresa em vê-la, com o cabelo louro já grisalho e curto, com umas ondas bem cortadas que a faziam parecer muito mais jovem do que era. Lexie tinha ficado espantada quando a vira na loja: ela tinha mudado muito pouco, se comparada àquela segunda mãe das suas lembranças de infância. Uma onda de vergonha e de remorso tomou conta de Lexie, sugando todo o ar dos seus pulmões; ela estava louca para ser acolhida com um daqueles lendários abraços de Joan, que sempre tinham o poder de fazer com que ela se sentisse melhor.

Limitou-se, porém, a se remexer um pouco, tentando sorrir.

– Oi, Joan.

– Alexis – respondeu a mulher. – Riley disse que você viria até aqui, mas tenho que admitir que estou surpresa com essa visita. – Havia certa frieza no tom de voz, mas o rosto era pura ternura materna.

Lexie assentiu.

– Posso entrar? Não vou demorar muito.

Joan a encarou por um segundo e depois recuou, mandando que ela entrasse com um gesto. A casa tinha o mesmo cheiro de sempre. *Exatamente* o mesmo. Era o perfume dos longos verões da sua infância, das noites de tempestade, dos bolos assando e dos meninos. Passando os olhos pelo chão limpíssimo e pela escada com o carpete impecável, lembrou-se de como ficava encantada com o fato de Joan conseguir manter a casa com aquele ar imaculado, apesar de ter quatro filhos.

– Entre – disse Joan, deixando-a passar na frente pelo corredor que levava à cozinha, repleto de fotos de Riley e dos irmãos ao longo dos anos. – Íamos tomar um suco. Quer também?

– Quero, sim. Obrigada – respondeu ela.

Sentia a garganta seca, como se estivesse arranhada.

Ela chegou à cozinha e percebeu que a grande porta envidraçada estava aberta, permitindo que um ventinho suave penetrasse na casa. Pegou o suco de laranja que foi oferecido a ela, segurando o copo com toda a força.

– A casa está incrível – disse Lexie.

Joan olhou ao redor.

– Park vive dizendo que vamos fazer um puxadinho e reformar a cozinha quando ele se aposentar. –

Ela tomou um gole do suco. – Não estou nada ansiosa por isso...

Lexie riu.

– Só um ataque cardíaco não é o bastante para ele parar de trabalhar – brincou Lexie, e Joan deu um breve sorriso. – Como ele está?

– Está sentado ali fora. Venha.

Lexie seguiu Joan rumo ao quintal ensolarado e viu Park sentado numa espreguiçadeira de madeira, com um copo de suco numa das mãos e uma revistinha de sudoku na outra.

– Quem era... – As palavras sumiram quando ele ergueu os olhos. – Lexie...

– Oi, Park. Que bom vê-lo assim tão bem.

Ele tirou os óculos.

– Pois eu estou surpreso por ver você.

Joan tossiu de leve, lançando uma olhadela rápida para Lexie.

– Pedi a Riley que dissesse a vocês que eu ia passar aqui. Quero conversar com os dois.

Ele baixou cuidadosamente a revista e se recostou na cadeira. Joan foi se sentar ao seu lado e, com um gesto, indicou a outra cadeira.

– Sente-se – disse ela, baixinho.

O sorriso que oferecia a Lexie era contido, mas não deixava de ser um sorriso.

Lexie se sentou, tentando se aprumar e juntar a pouca coragem que tinha conseguido arranjar naquela manhã, fazendo o possível para ignorar a irritação que via nos olhos de Park. Ele sempre tinha sido um homem intimidador.

– Bom... – começou ela, pondo o copo de suco no chão e juntando as mãos. – Eu queria vir aqui para tentar explicar o que está acontecendo. – Mordeu o lábio inferior antes de prosseguir: – Essas últimas semanas têm sido de muita emoção. Especialmente para Riley, tenho certeza.

– Emoção? – indagou Park, parecendo ofendido com a palavra que ela tinha escolhido.

Lexie voltou a pigarrear.

– Nunca tive a intenção de magoar ninguém – disse, com toda a sinceridade. – *Cheguei* a pegar o telefone e ligar para ele. – Suspirou. – Não estou tentando me desculpar por não ter insistido, e isso não justifica a mágoa e a confusão que causei. Sei que... devia ter sido honesta com todo mundo. Sei que devia ter contado para Riley sobre Noah assim que ele saiu da prisão. Sei que devia ter falado da existência dele para *vocês*.

– Mas não falou – declarou o pai de Riley.

– Park – disse Joan, baixinho, olhando para o marido. – Deixe-a falar.

Ele resmungou algo e cruzou os braços.

Lexie baixou os olhos e fitou os próprios pés.

– É verdade. Sei que vocês dois estão bravos comigo, e eu mereço isso. Tomei uma decisão que acreditava ser a melhor para mim e para Noah. Continuo acreditando que seja. Mas sei que isso não faz dessa minha decisão a escolha mais certa. – Ela se ajeitou na cadeira e encarou os pais de Riley. – Lamento muito ter privado vocês do seu neto.

O olhar de Joan se abrandou. Ela olhou para o marido e se inclinou para a frente. A expressão dela era sincera.

– Você podia ter nos procurado a qualquer momento, Alexis. Sempre fez isso quando era mais nova...

Era verdade. Lexie se lembrou do dia em que ficou menstruada na casa dos Moores. Pensou que estava morrendo. Joan foi fantástica, conseguiu deixá-la mais calma e foi buscar tudo de que ela poderia precisar, enquanto Riley ficou circulando por ali, apavorado, perguntando o que estava acontecendo. Quando Lexie foi se arrumar, Joan se sentou com o filho e explicou tudo a ele. Esse foi apenas um dos diversos momentos em que Joan deu apoio a Lexie e cuidou dela.

– Lamento tanto... – sussurrou Lexie, com a voz embargada por aquelas lembranças.

– Esse pedido de desculpas está vindo um pouco tarde – disse Park, com firmeza –, mas é o perdão de Riley que você precisa pedir.

– Eu sei – respondeu Lexie, concordando. – Prometo que vou tentar reparar as coisas com ele.

– Você escondeu de Riley o próprio filho – afirmou Park, em tom ríspido. – Como pai de quatro meninos, posso garantir que tem muita coisa aí para ser “reparada”.

– Tem razão – disse Lexie. – Entendo perfeitamente. E vou fazer tudo para Riley voltar a confiar em mim. Mas queria dizer a vocês dois que a última coisa que eu queria era magoar quem quer que fosse. Muito menos ele.

– Mas magoou – murmurou Joan, num tom que revelava nitidamente a mãe protetora que era. – Riley pode não demonstrar isso, ou pelo menos não o tempo todo, mas ele ficou arrasado por ter perdido tanta coisa importante.

Lexie umedeceu os lábios e conteve as lágrimas. Chorar não ia ajudar em nada.

– Sinto muito – repetiu.

Afinal, o que mais poderia dizer? Aquilo era tudo que Lexie tinha a oferecer e, por mais exaustivo que fosse garantir que estava sendo sincera, ia continuar fazendo isso até que eles acreditassem nela.

– Talvez eu nem devesse dizer isto – prosseguiu Joan, erguendo o rosto de Lexie –, mas Riley a ama muito. Sempre amou, independentemente de todas as mágoas que vocês causaram um ao outro. E posso ver que você continua a sentir o mesmo por ele. Mas conheço o meu filho, Alexis, e também posso dizer que o amor de vocês dois não vai ser o bastante para ajeitar as coisas.

Apesar do aperto que provocaram no coração de Lexie, as palavras de Joan eram a mais pura verdade. Aquilo ia levar tempo. Porém, havia uma relação que Lexie desejava desesperadamente restabelecer e, ali, estava dando mais um passo nesse sentido. Ela já tinha se resignado, sabia que aquele poderia ser um processo longo e sofrido. Mas não importava, desde que conseguisse fazer Riley voltar a confiar nela. Joan tinha razão: Lexie *amava* Riley. Na verdade, a situação era bem simples de entender: ela o amava fazia 21 anos, e isso nunca ia mudar. Mas não era o que mais importava. O que contava mesmo era que os dois homens mais importantes da sua vida – Noah e Riley – agora estavam juntos e felizes. Todo o restante podia esperar.

Max e Carter olhavam para Riley, sentado à sua frente na mesa da lanchonete, como se ele estivesse completamente nu, em cima da cadeira e se exibindo para os outros clientes. Riley não pôde conter uma risadinha enquanto dava uma mordida caprichada no *cheeseburger*. Meu Deus, não tinha nada melhor que um sanduíche de Nova York!

Max se inclinou para a frente, batendo na mesa com um dos dedos.

– Você tem um filho? Sério?

Limpando a boca com o guardanapo, Riley concordou.

– Tenho. Ele se chama Noah. É a criaturinha mais incrível que já conheci.

Max deu uma olhada para Carter, que parecia tão espantado quanto ele.

– Uau! – Max voltou a se encostar no assento e pegou uma batata frita do próprio prato. – E você não sabia de nada?

Riley fez que não com a cabeça.

– E quem é ela? – perguntou Carter, enfim.

– Lexie – respondeu ele. – Namoramos por muito tempo quando éramos mais novos. Depois, o pai dela morreu e as coisas entre nós degingolaram... Mas sempre que eu voltava a Michigan acabávamos ficando juntos. A última vez foi no aniversário de casamento dos meus pais. E ela engravidou de Noah.

Max meneou a cabeça. O brilho nos seus olhos escuros mostravam que tinha entendido tudo.

– Era dela que você estava falando quando veio com aquela história vaga e complicada sobre amar alguém.

Riley deu um sorrisinho.

– Exatamente.

– Você ainda a ama? – Carter era mestre em dar os golpes mais certos quando se tratava de fazer alguma pergunta.

Riley bufou com força e passou as mãos pelo rosto.

– Eu... Não sei. Não sei dizer o que sinto.

A verdade era que ele não sabia se algum dia tinha deixado de amar Lexie. Ao longo dos anos, no entanto, ela havia dificultado qualquer tipo de manifestação desse sentimento.

Carter passou o dedo pelas sobrancelhas.

– Acho que faz sentido. Digo, todas aquelas mulheres com quem você ficou. Só podia ser mesmo para não pensar nela.

Riley cruzou os braços.

– Eu só estava tentando esquecer, cara. Curti todas as mulheres com quem saí e sempre as tratei muito bem, mas nenhuma significou nada além disso para mim.

Carter assentiu.

– Você está feliz? – perguntou ele.

– Quando estou com Noah – começou Riley –, é como se tudo na minha vida finalmente fizesse sentido, sabe?

– E com ela? Com Lexie?

Desde o dia do festival, quando finalmente conseguiu revelar toda a raiva e a frustração que sentia, Riley havia percebido uma boa diferença em Lexie. Ela tinha ficado mais distante, sem deixar de ser

gentil e parecer feliz: era quase como se tivesse dado um passo atrás para deixá-lo respirar e decidir que rumo ele preferia tomar.

– Lex e eu temos muito que conversar – respondeu ele, com cautela. – Muita coisa para reconstruir. Ainda estou com o pé atrás. Sinto falta dela, mas não é de agora. – Riley tratou de afastar aquele sentimento de melancolia. – Querem ver Noah? Ele é simplesmente incrível, caras. Tão esperto... E fala de um jeitinho que faz meu coração derreter. E adora o Batman.

Max deu um risinho debochado.

– Só podia ser seu filho...

Carter se remexeu no assento.

– E que tal ser pai?

Riley enfiou uma batata frita na boca, sabendo que Carter estava pensando na reação que teve quando a mulher dele, Kat, achou que estava grávida, logo depois que os dois se casaram.

– No começo, fiquei apavorado, me perguntando que tipo de pai eu seria, mas, à medida que fui convivendo com ele, ficou tudo bem. Quer dizer, nunca tinha sentido nada assim na vida...

Max se virou de lado, colando as costas na parede e passando o braço pelo encosto da banquetta.

– E como as coisas vão funcionar com os dois morando lá em Michigan?

Riley se encostou no assento. Sabia que ele e o amigo precisavam ter uma conversa sobre a oficina, mas nem imaginava por onde começar. A prioridade dele agora era Noah. Queria conhecer melhor o filho e sabia que não poderia fazer isso morando em Nova York. Mas o que iria fazer? Voltar para Michigan? Com certeza isso parecia melhor do que ser um pai de fim de semana, voando para lá e para cá a cada cinco dias. Além disso tudo, Riley sabia que precisava ganhar dinheiro.

Ele ergueu as sobrancelhas, afastando o prato: de repente, havia perdido a fome.

– Não sei.

Aparentemente, Max percebeu a ansiedade do amigo e se inclinou para a frente.

– Escute, cara... Não precisa se preocupar com isso agora, ok? Posso dar conta da oficina por alguns meses, já que Grace está aqui trabalhando no projeto dela. E Paul pode cuidar de tudo, quando eu tiver que viajar por uns dias. Somos sócios e podemos descobrir um jeito de resolver essa situação.

Riley soltou um suspiro de alívio.

– Muito obrigado, Max.

Ele ergueu o punho cerrado e o amigo fez o mesmo gesto, dando uma batidinha no ar.

O peso que saiu dos ombros de Riley foi impressionante. Sabia que ia acabar tendo que tomar uma decisão, mas pôde respirar com mais tranquilidade ao ver que tinha ganhado um pouco de tempo.

Os três ainda ficaram juntos por algumas horas, botando a conversa em dia. Depois, Riley voltou para seu apartamento. Foi uma experiência estranha entrar em casa naquela tarde... O calor do verão penetrava pelas janelas, mas, mesmo assim, Riley estava com frio, como se sentisse falta de alguma coisa.

Tomou uma chuveirada rápida, olhou o relógio, sabendo que Noah ia para cama antes das sete da noite, e digitou o número de Lexie.

Primeiro, ouviu a voz dela:

– Segure o telefone com cuidado.

– Riley?

O coração dele se derreteu ao som da voz do menino.

– Oi, cara! Tudo bom? – perguntou ao filho.

– Tudo. Você está em Nova York agora?

– Estou, sim.

– E está vendo o quê?

– Bom, agora estou deitado no sofá, mas se eu for olhar pela janela vou ver uma rua bem movimentada e, ao longe, o Empire State.

– Igual ao Homem-Aranha!

Riley deu uma risada. Não podia achar ruim que o menino gostasse daquele personagem.

– Isso mesmo. Igual ao Homem-Aranha!

Noah ficou calado por um breve instante.

– Quando é que você volta?

Riley sentiu um bolo no estômago, um aperto como nunca havia sentido antes. Aquela vozinha do outro lado da linha provocou nele uma dor desconhecida e ao mesmo tempo perturbadora.

– Daqui a alguns dias.

Noah fez um barulhinho, concordando.

– E a gente vai poder brincar?

– Claro, amigão! A gente pode fazer o que você quiser.

– Ok. Volte logo. Tchau.

– Tchau, Noah. E seja bonzinho com a mamãe, falou?

– Ok.

Riley riu ao ouvir o telefone passando de mão em mão.

– Riley?

– Oi, Lex.

– O rostinho dele está radiante.

– O meu também.

– Ótimo. – O silêncio que se seguiu foi como um tiro. Riley detestava a distância que havia se instalado entre os dois, tanto a geográfica quanto a emocional. – Vai mesmo poder vir nesse fim de semana?

– Vou, sim.

Ficaram calados por alguns instantes. Então Lexie rompeu o silêncio:

– Estou contando os dias.

A saudade se instalou dentro de Riley.

– Eu também.

■ ■ ■

Ainda que Riley estivesse superocupado na oficina, os dias que se seguiram custaram bastante a passar. Max enchia a escrivaninha dele com pilhas e pilhas de papéis repletos de números para ele examinar e organizar, algo que fazia com rapidez e eficiência. Steph, a recepcionista com quem Riley transou na primeira semana de trabalho dela ali, dava piscadelas e sorria do jeito de sempre, por mais claro que ele tivesse sido sobre a situação entre os dois. Mas ela era inofensiva, e Riley entrava no jogo do flerte. Por

que não? Não podia, porém, ignorar a estranha sensação que o invadia sempre que os dois se falavam, ou mesmo quando Carla mandava uma mensagem de texto, pedindo que os dois se encontrassem.

Só Deus sabia que diabo ia acontecer entre ele e Lexie a partir dali. Entretanto, Riley tinha consciência de que precisava evitar qualquer tipo de complicação. Mandou para Carla uma resposta educada, dizendo que não estaria disponível por algum tempo, mas que agradecia pelos momentos incríveis que tiveram juntos. Ela não respondeu, o que foi ótimo.

Falava com Noah toda noite, antes de ele ir para a cama, e combinaram de ir ao zoológico quando Riley voltasse para Michigan. Querendo mimar o menino e compensar um pouco sua ausência, foi até a lojinha de artigos turísticos que ficava na frente da oficina e comprou para o filho uma réplica do Empire State, com cerca de 30 centímetros de altura. Além disso, por mais que o fã do Batman que havia dentro dele reclamasse, comprou também um pôster do Homem-Aranha pulando da Estátua da Liberdade.

No trabalho, fez o possível para deixar a papelada em ordem antes de viajar, sabendo, numa perspectiva realista, que não voltaria antes de uma semana, no mínimo. Max assegurou mil e uma vezes a Riley que ligaria para ele se aparecesse algum problema e acrescentou: “Cara, já fiz isso antes!”

Quando Riley chegou a Traverse City na tarde seguinte, Joan estava à sua espera no aeroporto. Era mais um dia quente, e a brisa que vinha da baía não podia ser mais bem-vinda. De volta à casa dos pais, ele pôs a mala no quarto e foi encontrar Joan e Park no quintal dos fundos. Era bom ver o pai sentado na cadeira de costume, de short e camiseta. Joan serviu ao filho um copo de suco, dando uns tapinhas nas costas dele.

– Conseguiu resolver tudo lá na cidade? – perguntou ela, apesar de já ter feito a mesma pergunta durante o trajeto do aeroporto até a casa.

Riley sabia o que ela estava fazendo: tentando fazer com que pai e filho conversassem. No período que Riley passou ali, os dois só se falaram em poucas ocasiões, e geralmente depois da interferência de Tate ou de Joan.

– Está tudo certo. A empresa está funcionando muito bem – disse Riley, olhando disfarçadamente para o pai.

– Isso é ótimo, filho – comentou Joan. – Não é mesmo, Park?

O homem deu um grunhido e tomou goles do suco. Estava com uma aparência muito melhor do que quando saiu do hospital: mais corado, parecendo ter recuperado os ombros largos. Riley sabia que era só porque ele agora estava conseguindo se sentar direito, mas, mesmo assim, era uma visão tranquilizadora.

– Vou levar Noah ao zoológico amanhã – disse Riley, tentando mudar de assunto. – Vamos só nós dois.

Riley tinha ficado bem surpreso quando Lexie disse que ia deixar pai e filho passarem o dia juntos. Estava nervoso, mas também muito empolgado.

Joan sorriu, e Riley viu o canto da boca de Park se curvar ligeiramente.

– Isso é ótimo, filho – disse a mãe, animando-o. – Quem sabe não posso ver Noah antes de vocês irem? Lexie passou aqui enquanto você estava em Nova York.

Riley ergueu a cabeça do encosto da cadeira. Lexie tinha mencionado o fato por telefone, sem entrar em detalhes.

– E...? Vocês ouviram o que precisavam ouvir?

Joan inclinou um pouco a cabeça.

– O seu pai e eu não precisamos ouvir nada, Riley. Só precisamos saber que você está bem. Ele voltou a relaxar o pescoço.

– Estou, sim. Você me conhece. Tudo acaba passando.

Não era exatamente verdade: ele ainda estava tentando colocar as ideias em ordem e decidir o que queria fazer em relação a Lexie, mas preferiu não deixar os pais preocupados.

– Vou pedir a Lex para trazer Noah até aqui – acrescentou ele.

Joan bateu palmas.

– Isso merece alguma coisa mais forte do que suco.

– Não posso beber – resmungou Park.

– É por isso que vai tomar alguma bebida sem álcool – replicou ela, se levantando e entrando apressada na casa.

Riley ficou sorrindo e balançando a cabeça. Voltou a olhar para o pai, e os olhos dos dois se encontraram.

– Você também pode ir ver o garoto, se quiser.

Park pigarreou, olhando para o céu.

– Ok.

Era apenas uma palavrinha de nada, mas com certeza já era algum progresso.

– Como vai a oficina, pai? Estão dando conta de tudo sem você?

A intenção de Riley não era preocupar o pai, mas a pergunta fez a testa de Park se franzir.

– Está tudo bem – respondeu.

Antes que Riley pudesse tentar conseguir mais alguma coisa do pai, Joan apareceu com taças contendo algo que parecia ser vinho branco. Entregou aos dois as bebidas e brindou.

– É bom ter você de volta assim, com mais frequência, Riley – disse, com brandura.

– Obrigado, mãe – respondeu ele, e em seguida bateu o copo no do pai. – Saúde, pai.

Park se limitou a assentir e erguer um pouquinho a mão que segurava a bebida.

Na manhã seguinte, Riley estacionou diante da loja de Lexie, com os presentes de Noah embrulhados num papel do Batman. A sineta da porta anunciou sua chegada, e várias cabeças se viraram na sua direção. Duas mulheres que estavam a poucos metros de distância sorriram e deram piscadelas para ele, mas Riley só tinha olhos para a linda loura que estava atrás da caixa registradora, sorrindo para uma cliente e pondo a compra que ela havia feito numa caixinha e, depois, numa sacola.

Riley se aproximou devagar, observando Lexie trabalhar, satisfeito ao ver a felicidade que emanava dela. Era óbvio que aquilo lhe dava grande prazer. Era como se o peito de Riley de repente se enchesse de alegria, e ele ficou incomodado ao se dar conta disso. Sinceramente, já não aguentava mais pensar nesse assunto. Algumas coisas nunca iriam mudar, e ele não podia simplesmente esquecer o que sentira por Lexie durante tanto tempo. Meu Deus! Muito mais do que ser a pessoa mais sexy do mundo, ela agora era a coisa mais preciosa que Riley poderia imaginar: a mãe do seu filho. Ele ficou olhando, vendo-a sorrir e conversar com a cliente, com aquele rosto lindo e animado, os lábios, macios e carnudos se esticando a cada sorriso que ela dava.

Riley se apoiou numa das vitrines e deixou a mente divagar, se lembrando do gosto dos lábios dela, da sensação da sua boca, de como ele praticamente ficava de joelhos com um único beijo dela. Sentia saudade? Claro. Beijar Lexie sempre foi uma das coisas de que Riley mais gostava, mas ele sabia o que

o toque daqueles lábios faria com ele: ficaria completamente perdido outra vez, e não podia deixar que isso acontecesse. Os olhos azuis de Lexie encontraram os seus e, depois de se despedir da cliente, ela deu a volta no balcão e se aproximou dele.

– Oi – murmurou, chegando mais perto.

– Oi.

– Bom ver você.

– Bom ver você também.

– Noah está esperando lá em cima com Jaime – disse ela, esfregando as mãos na blusa que estava usando. – Pode subir para pegá-lo. Quer que eu mostre o caminho?

– Eu me viro.

Riley se dirigiu aos fundos da loja, passou pela porta e subiu a escada até o apartamento que ficava no andar de cima. Bateu e esperou, sorrindo ao ouvir os passinhos de Noah e a voz do menino pedindo para Jaime abrir a porta.

Assim que ela se abriu, o menino se atirou nos braços de Riley, que soltou um “opa” quando aquele corpinho se chocou contra o seu.

– Você veio! – exclamou Noah, e Riley o pegou no colo.

– Claro. Eu não disse que vinha?

Riley sentiu um nó na garganta quando o filho passou os bracinhos pelo seu pescoço.

– E nós vamos ao zoológico?

– Vamos, sim. Já está pronto?

– Não! – gritou Noah, se debatendo para que Riley o pusesse no chão. – Falta botar os sapatos.

Ele puxou Jaime, que ainda estava parada junto à porta aberta, e desapareceu dentro do apartamento.

– Não se esqueça do brinquedo, e coloque os sapatos nos pés certos! – gritou ela. – Ele não fala em outra coisa – contou a Riley, com um ligeiro sorriso. – Está empolgadíssimo.

Parecia até que o coração de Riley tinha triplicado de tamanho ao ouvir aquelas palavras. Logo Noah reapareceu, com os sapatos calçados direitinho e agarrado a um Chewbacca de pelúcia que chegou a dar inveja a Riley. Deram as mãos e, juntos, desceram para a loja. Lexie, que estava ajeitando os bilhetinhos na parede espelhada, virou-se e sorriu ao ver os dois. Ela se agachou e abriu os braços para o filho, que lhe deu um abraço bem apertado.

– Obedeça ao Riley – disse, beijando o menino. – Segure a mão dele. Não vá se perder e...

– Vou ser bonzinho, mamãe – insistiu Noah.

Lexie ergueu os olhos para Riley, de um jeito que dizia: “Olhe como ele é parecido com você.” Depois, se levantou e tirou de trás do balcão a cadeirinha para o carro e uma bolsa.

– Divirtam-se – disse, entregando tudo a Riley. – Já passei protetor solar nele, mas tem mais aí na bolsa, e também uma muda de roupa, porque nunca se sabe... E... Você vai ficar bem?

Riley assentiu.

– Nós dois vamos.

Lexie piscou, demonstrando certo arrependimento pela pergunta.

– Claro. Desculpe. Eu... Ligue para mim se... Divirtam-se.

– Vou cuidar bem dele, Lex.

Ela suspirou.

– Sei que vai.

– Vamos, Riley! – gritou Noah, já parado perto da porta da loja.

– Estou indo, amigão.

No carro, depois de instalar a cadeirinha e prender o garoto com o cinto, Riley deu a ele os presentes que havia trazido. Nunca tinha visto tanto entusiasmo: Noah bateu palmas e riu muito ao ver o pôster do Homem-Aranha.

– Vou pendurar lá na minha parede! – exclamou o menino, agarrado com o Empire State.

Durante o trajeto até o zoológico, Noah falou sem parar. Lexie tinha toda a razão: ele era *muito* esperto. Entendia tudo e, apesar da pouca idade, tinha sempre uma opinião a dar ou um comentário a fazer. Ficou eufórico e simplesmente adorável quando viu o parque onde tinham tomado sorvete e o prédio da creche em que ele ficava. Disse a Riley que sabia contar até vinte e fez uma demonstração, com pouquíssimos erros. Também descreveu em detalhes como ia para a escola no final do verão, porque já era “um menino grande”. Riley poderia ficar ouvindo o filho o dia todo.

– Você tem filho? – perguntou Noah, depois de um raro segundo de silêncio.

Riley tomou um susto e tentou imaginar de onde teria saído aquela pergunta. Como diabo ia responder?

– Bom, eu... É... Por que está perguntando?

Batendo as perninhas e sem tirar os olhos da janela, o garoto disse:

– Você podia levar eles lá na casa da mamãe pra gente brincar.

Riley sentiu o peito apertado.

– Bom, eu estava pensando que você talvez achasse legal ir lá na casa da *minha* mamãe mais tarde, para brincar um pouco.

O menino virou a cabeça para ele.

– Posso ir?

– Claro. Vamos depois do zoológico. Acha uma boa ideia?

A resposta não poderia ter sido mais simples: Noah ergueu os braços e gritou, todo animado.

A experiência do zoológico com o filho foi totalmente diferente das outras vezes que tinha estado ali. Ver os animais através dos olhos de um menino de 4 anos era fascinante, e dentro de Riley se acendeu uma chama que ele não sentia desde antes do telefonema de Joan dizendo que o pai estava no hospital. Noah ia apontando para leões e girafas, fazendo o maior esforço para dizer certinho os nomes dos bichos e disparando uma pergunta atrás da outra: “Por que elas têm o pescoço tão comprido? Posso dar comida para eles? Ele vai me comer? Posso montar nele?” O garoto saiu arrastando Riley, querendo ver tudo, e ele o acompanhava com o maior prazer. As coisas só ficaram meio complicadas quando o menino começou a choramingar, dizendo que queria fazer xixi. Embora Noah recusasse sua ajuda, Riley o ajudou na medida do possível e ambos sobreviveram.

Tomaram sorvete, e Riley comprou um elefante de pelúcia para o filho, além de uma camiseta azul com a cara de um leão sorridente e a frase: “Que dia legal!” Ver a felicidade no rosto de Noah foi o bastante para convencer Riley de que ele passaria o resto da vida fazendo o possível para deixar o filho feliz. E, pelo visto, era algo que Riley conseguiria fazer com as coisas mais simples, como na hora em que carregou o garoto nos ombros pelo zoológico ou quando o pegou no colo e o colocou, com todo cuidado, em cima do parapeito do fosso dos pinguins, segurando bem. Quando o menino ergueu o rosto e

o olhou como se ele fosse a melhor coisa do mundo, Riley sentiu uma espécie de tontura, algo que jamais havia sentido.

– Que menino lindo! – exclamou uma senhora idosa que estava ao seu lado, enquanto observava Noah correndo pelo parquinho infantil.

Riley sorriu.

– Obrigado.

– Você é pai solteiro?

Ele ergueu a sobrancelha, espantado com aquela pergunta.

– Não – respondeu, no momento em que Noah voltou correndo na sua direção, com um sorriso largo no rosto. – A mãe dele está trabalhando hoje.

– Como é bonito ver isso – comentou a senhora, vendo Noah rir e correr em círculos ao redor de Riley. – Tem tantos pais que não querem ter trabalho com os filhos... O meu ex-marido nunca fez isso com os nossos.

Ali mesmo, Riley jurou que nunca seria um pai assim, nem com Noah nem com outros filhos que pudesse vir a ter. Acontecesse o que acontecesse, Noah viria sempre em primeiro lugar. Ao longo do dia, Riley tirou milhares de fotos do filho com o celular e até mandou algumas para Lexie. A favorita era aquela com Noah segurando o elefante de pelúcia em uma das mãos e a boca toda suja de sorvete de chocolate. A felicidade daquele dia estava visível no rostinho do menino, e Riley se sentiu ainda mais apaixonado por ele. Não havia o que discutir: Riley estava totalmente entregue...

Quando estacionou o carro diante da casa dos pais e tirou Noah da cadeirinha, a tarde já ia adiantada.

– Essa é a sua casa? – perguntou o menino, enquanto seguiam de mãos dadas pelo caminho do jardim.

– Não. É a casa da minha mãe – respondeu Riley. Pelo visto, com toda a empolgação do passeio, Noah já tinha esquecido do que haviam combinado. – Lembra? A gente vai ficar um tempinho aqui.

Noah sorriu, mas apertou o elefante com mais força. Riley se deteve e se agachou para encarar o filho.

– A sua mãe deixou.

– A mamãe está aqui?

– Não – disse Riley, achando que talvez aquela não tivesse sido a melhor ideia. Com toda a certeza, não queria que o filho ficasse aflito. – Mas a minha mamãe está. O nome dela é Joan. E o meu papai se chama Park.

Noah inclinou a cabeça.

– Você tem um papai?

Riley engoliu em seco.

– Tenho. Eles dois estão loucos para conhecer você.

O menino arregalou os olhos.

– Eles sabem que eu vou aí?

– Claro. – Ele puxou o filho para mais perto, sentindo o seu cheiro. – Está tudo bem?

Noah ergueu a cabeça.

– Eles têm brinquedos?

– Com certeza a gente pode arranjar alguma coisa.

Quando a porta se abriu, Riley se levantou e ficou espantado ao ver o pai, e não a mãe, parado ali.

– Achei que tinha ouvido o barulho do carro – comentou Park. – A sua mãe deu um pulinho no mercado para comprar alguma coisa para o lanche. – O olhar de Park passou do filho a Noah e, encantado, Riley viu os olhos do pai se arregalarem e, depois, brilharem. – Você deve ser Noah. Eu sou Park.

Noah assentiu.

– O papai de Riley.

– Isso mesmo.

– Você tem brinquedos?

Park abriu um sorriso largo. Era a primeira vez que Riley via o pai sorrir desde que tinha voltado para casa.

– Por que não entra para procurar?

Riley ficou espantado quando Noah olhou para ele, aparentemente pedindo sua permissão.

– Está tudo bem, amigão. Pode entrar.

O menino não largou a mão dele.

– Você também vem?

Riley sorriu para ele.

– Claro. Vamos lá.

Park se afastou para os dois passarem e fechou a porta depois de também entrar.

– Vão lá para os fundos. Vou pegar alguma coisa para a gente beber.

Riley olhou para ele por uns instantes.

– Obrigado, pai.

Chegando ao quintal dos fundos, riu ao ver que a pequena cama elástica que tinha sido de Seb tinha sido resgatada lá do galpão, bem como uma piscininha plástica que ele nunca tinha visto e que já estava cheia.

– Posso brincar aqui? – perguntou Noah, aos pulos de tão animado.

– Mas não tem nenhuma sunga na bolsa.

Noah deu um risinho de descaso.

– A mamãe sempre diz que posso nadar de cueca – esclareceu, se livrando dos sapatos e lutando para tirar a camiseta.

Riley ajudou o filho e, assim que Noah estava sem roupas, ele o viu correr para a piscininha e pular lá dentro. A água batia nos tornozelos dele, e o menino logo começou a dar chutes, molhando tudo ao redor. Depois, pegou uns potinhos de plástico e começou a jogar água no próprio corpo. Ele era uma graça.

– A sua mãe encontrou isso lá no mercado – disse Park, ao lado de Riley. – Achou que ele ia gostar. Vocês sempre adoraram água.

Riley cruzou os braços e sorriu, sem tirar os olhos do filho.

– É. Eu me lembro.

Park pigarreou.

– Ele é a sua cara, Riley. – Park balançou a cabeça, meio deslumbrado. – Daqui, parece que estou vendo você 26 anos atrás.

Riley olhou para o pai, atônito. A tensão que havia pairado sobre eles por tanto tempo pareceu se

desfazer, ao menos um pouco.

– Ele é maravilhoso, não é?

Park riu.

– É, sim.

– Riley! – chamou o menino, com o cabelo louro escurecido por causa da água. – Vem brincar!

Rindo, Riley tirou os sapatos e a camiseta e correu na direção do filho, que gritava, tentando escapar das suas mãos. Mas o menino não conseguiu ser rápido o bastante, pois o fundo da piscininha estava escorregando. Riley o segurou antes que ele caísse e o virou de cabeça para baixo, fingindo que ia mergulhá-lo na água.

– Não! Não solta!

– Claro que não – disse Riley, tranquilizando o garoto e fazendo-o girar. – Peguei você!

O riso de Noah era simplesmente lindo. Era escandaloso, espontâneo e dominava todo o quintal.

■ ■ ■

Noah tinha pegado no sono, e Riley o carregava até a entrada da casa de Lexie, segurando o filho bem junto ao peito e sentindo o seu cheiro. O menino aguentou uns cinco minutos no carro, depois de ter brincado e comido direitinho o prato de massa que Joan tinha preparado para o jantar. Não havia a menor dúvida: Noah conquistou os pais de Riley em menos de três segundos.

Riley deu umas batidinhas de leve na porta, e Lexie veio abrir, descalça, de short de pijama e regata. O rosto dela se abrandou ainda mais quando viu o filho nos braços de Riley.

– Ele apagou – disse Riley, baixinho.

Lexie riu.

– Meu amor... – Com um gesto, ela mandou que ele entrasse e o levou escada acima. – É o segundo quarto à direita. Ele foi ao banheiro?

– Antes de sairmos da casa dos meus pais.

Riley subiu a escada com cuidado e empurrou a porta do quarto de Noah com o cotovelo. Era um cômodo azul-claro, com metade das paredes cobertas de estrelas e planetas pintados à mão e a outra metade cheia de pôsteres do Batman e de desenhos em estêncil. Era o quarto mais legal que Riley já tinha visto. Bem devagar, colocou o menino na cama gradeada e ficou ali parado olhando, enquanto Lexie trocava a roupa do garoto, tirando primeiro os sapatinhos e, depois, o jeans. Ela deu um beijo na testa do filho e cobriu o corpinho com um lençol bem leve.

Quando ela se levantou, Riley chegou mais perto.

– Tive o dia mais incrível do mundo – disse. – Não dá nem para descrever, Lex.

Ela se encostou nele e os dois ficaram vendo o filho dormir. Riley tentou ignorar o calor que parecia emanar da pele dela.

– Entendo perfeitamente – disse ela, erguendo os olhos para ele, com o rosto mergulhado nas sombras do quarto escuro. – Quer tomar alguma coisa?

Riley hesitou por um instante, olhando para ela, dividido entre o medo e o desejo desesperado de seguir em frente. Respirou fundo.

– Claro.

Ele saiu do quarto atrás de Lexie e a seguiu pelas escadas até a sala de estar.

– Senta aí – disse Lexie, apontando para o sofá. – Tenho vinho, cerveja, suco, água...

– Vinho é uma boa.

Lexie sorriu, se afastando e deixando Riley parado no meio da sala, enquanto ele observava a decoração em creme e vermelho, o tapete macio, a ampla lareira. Ele sorriu ao ver uma caixa azul bem grande perto da TV, repleta de uma enorme variedade de brinquedos de Noah, e o pequeno quadro branco ali ao lado, coberto de desenhos feitos por um menino de 4 anos: algo como uma pessoa rodeada de arco-íris e de flores. Parecia também que Noah tinha tentado escrever o nome.

Riley se aproximou da prateleira que ficava em cima da lareira, atraído pelas fotos que a cobriam de ponta a ponta. Quase todas eram de Noah. Em uma, de quando ele era bebê – sabe-se lá que idade tinha –, Noah estava envolto numa manta azul e usava um gorro que parecia grande demais para aquela cabecinha miúda. Em outra, estava sentado, com as bochechas bem vermelhas, mordendo o punho cerrado e o rosto e a mão inteiramente babados. Estava tão lindo... Riley ficou vendo o filho crescer a cada retrato: o rostinho se modificando, o cabelo crescendo, ele conseguindo ficar de pé sem a ajuda da mãe e, finalmente, chutando uma bola de futebol, com uma expressão feroz e determinada.

– Essa aí é a minha favorita – disse Lexie de mansinho, parada ao seu lado, estendendo-lhe uma taça de vinho.

– Que idade ele tinha aqui? – perguntou Riley, apontando para a primeira foto.

– Uma semana – respondeu ela. – Sav comprou esse gorro para ele. Mas era grande demais.

Riley ficou observando o retrato, com o coração apertado de tristeza e de amor.

– Ele era tão pequenininho...

– Três quilos e duzentos. Não era tão pequeno assim.

Riley se voltou para ela.

– O mesmo peso que eu tinha quando nasci.

O canto da boca de Lexie se ergueu.

– Eu sei. A sua mãe me contou. – Ela tomou um gole da bebida e se jogou no sofá.

Riley ainda deixou os olhos passearem pelas fotos por mais um tempo antes de ir ao encontro dela.

– A sua casa é muito bonita.

Lexie olhou ao seu redor.

– É o meu lar. Tem um quintal grande para Noah, e o bairro é bem legal. A escola fica a apenas quinze minutos de distância. – Ela balançou a cabeça, olhando os retratos na prateleira. – Nem posso acreditar que ele já esteja indo para a escola.

– Ele vai adorar – observou Riley. – É esperto demais para não curtir.

Lexie sorriu e se virou para ele, sentada sobre as pernas encolhidas.

– Ele está tão empolgado com a escola... Também estava muito empolgado com o dia de hoje. Custou até a dormir ontem. – Lexie encarou Riley por um breve instante. – Você adorou mesmo o dia, não foi?

Riley passou a mão pelo cabelo.

– Foi tão bom... Só o fato de ficar com ele é maravilhoso. Nunca conheci uma criança tão falante. – Ambos riram. – Quase morro quando ele pega a minha mão ou me abraça. Como ele confia em mim! Estávamos brincando numa piscininha lá na casa da mamãe e eu comecei a virá-lo de cabeça para baixo, rodando para lá e para cá. Mas tomei todo o cuidado. E me lembro de ter pensado: nem sei quando foi a última vez que me senti tão feliz assim...

Os olhos azuis de Lexie pareceram brilhar.

– Que bom.

Riley baixou os olhos para o copo.

– No fundo, não é verdade.

– O quê?

Ele deu um risinho abafado.

– Claro que me lembro de quando fui tão feliz assim.

Riley ergueu os olhos para Lexie e percebeu, pelo seu rosto, que ela sabia a que lembrança ele estava se referindo: a noite do seu aniversário de 17 anos, quando fizeram amor pela primeira vez, debaixo do céu estrelado. Foi ali que começaram a fazer todos os planos juntos. Riley se ajeitou no sofá, evitando olhar diretamente para Lexie.

– Já faz tanto tempo...

– É mesmo... – concordou Lexie. Ela ficou brincando com o cabelo, enrolando uma mecha em um dos dedos. – Mesmo assim, parece que foi ontem.

Riley voltou os olhos para ela, tentando ver a garota daquela noite cheia de estrelas: a que ele amava tanto que nem dava para explicar; a sua melhor amiga, com quem queria passar o resto da vida. Ela ainda estava ali, por trás dos olhos azuis cautelosos, por baixo das cicatrizes invisíveis que, como ele bem sabia, a vida tinha gravado em ambos.

Riley suspirou e tomou um longo gole de vinho. Meu Deus! Nunca tinha se sentido tão inseguro, tão preocupado em descobrir a melhor coisa a se fazer.

– Está tudo bem – disse Lexie, com brandura. – Não se torture. Não tenho nenhuma expectativa. Não mereço isso. Com toda a sinceridade, estou contente com o simples fato de você ter ficado. Gosto de sentar e conversar com você.

Riley tinha que concordar. Por mais que sentisse falta de uma relação mais íntima com Lexie, de se perder no corpo dela, tinha ainda mais saudade dos momentos de tranquilidade como aquele. Os dois podiam rir e brincar com a mesma facilidade com que podiam devorar um ao outro. Era como as coisas funcionavam entre eles. O equilíbrio sempre fora perfeito. Antes de qualquer outra coisa, tinham sido amigos e, sentado ali ao lado dela, Riley ficou surpreso ao perceber como aquilo era gostoso.

– Tenho uma coisa para você – disse ela, de repente, pondo a taça de vinho na mesinha de centro e se levantando. – Não saia daqui.

Depois que Lexie saiu, Riley sorriu e esfregou o rosto com as mãos, louco para que o coração e a mente desacelerassem e comessem a cooperar com ele. Já estava exausto daquilo tudo.

Lexie não demorou muito, aparecendo em seguida com um livro bem grande nas mãos.

– Tome – disse ela, com os olhos baixos, como se estivesse sem jeito. – Fiz isso enquanto você estava em Nova York.

Riley colocou a taça de vinho na mesa, se sentou mais na beirada do sofá e pegou o livro das mãos dela. Era pesado, e ele arqueou as sobrancelhas, curioso.

– O que é isso?

Lexie se sentou ao lado dele.

– Abra – ela o encorajou, tapando a boca com as mãos juntas.

Ele obedeceu e descobriu que era um álbum de fotos. Na primeira folha, havia um pedacinho de

papel onde Lexie tinha escrito: “Noah, de 0 a 3 meses”. Riley virou a página e encontrou pelo menos dez fotografias, todas de Noah, aparentemente tiradas no momento do nascimento. O queixo de Riley caiu quando ele viu o filho, com o rosto todo enrugado e o cabelo ainda sujo de sangue, enrolado numa manta de hospital, nos braços de Lexie.

– Ele tinha cinco minutos de vida nessa foto – disse ela. – E aqui... – acrescentou, apontando para um pedaço de papel. – É o pezinho dele no dia do nascimento.

Riley acompanhou com a ponta do dedo as linhas do pé de Noah.

– Tão pequenininho...

Ele sentiu um nó na garganta ao olhar aquelas fotos e virar a página para ver mais. A cada uma delas, Noah ia mudando: o rosto ficava mais redondo, os sorrisos, aparentemente mais espontâneos.

Depois de mais duas páginas cheias, Riley avistou outro pedaço de papel, onde se lia: “Noah, de 4 a 6 meses”.

– Montei até os 2 anos. Tem muitas fotos, não coube tudo nesse álbum. – Ela deu de ombros. – O segundo já está quase pronto.

Riley balançou a cabeça, sorrindo ao ver a foto do filho no dia do primeiro aniversário, com um chapéu de festa na cabeça e, na mão, uma colher cheia de sorvete.

– É fantástico, Lex – sussurrou ele. – Tem certeza de que posso ficar com todas?

Lexie fez que sim com a cabeça.

– Quero que fique. Você devia ter estado presente. É algo que nunca vou poder compensar. Isso é o mínimo que posso fazer.

Sem pensar duas vezes, Riley pôs o álbum em cima do sofá e passou o braço pelos ombros de Lexie, abraçando-a. Aquele gesto a pegou de surpresa, e ela pareceu hesitar por um instante antes de retribuir o abraço.

– Obrigado – disse Riley. O cheiro do cabelo dela o fez fechar os olhos. – É perfeito.

Lexie o abraçou mais forte e enfiou o nariz junto ao ouvido de Riley.

– Não me agradeça. Eu não mereço.

Riley passou as mãos pelas costas dela.

– Talvez não, mas mesmo assim gostei muito.

Ele se afastou um pouco, e ela sorriu, com um ar divertido.

– Deixe de ser tão bonzinho...

Riley pôs uma mecha do cabelo dela para trás da orelha. Sentir aquele toque macio sob os dedos era algo tão familiar que ele chegou a perder o fôlego. As mãos miúdas de Lexie começaram a puxar a camiseta dele, e ela umedeceu os lábios. Riley fechou os olhos.

– Lex – murmurou ele. – Nós... Eu não posso...

Ela tirou as mãos da nuca dele e passou os dedos pelo seu cabelo, fazendo-o se calar.

– Está tudo bem. Pare, Riley. Eu sei. Está tudo certo entre nós.

– Estou tentando ser sensato – disse ele.

A guerra que se travava dentro dele foi ficando cada vez mais branda, acompanhando o movimento das mãos de Lexie no seu pescoço e o hálito dela, bem junto do seu rosto.

– Estou mesmo – assegurou ele. – Mas também estou lutando para convencer o meu corpo de que ele não quer você.

Os olhos de Lexie faiscaram.

– Pois eu não vou mentir, Riley. Eu quero você. Sempre quis, mas sei que temos muito chão pela frente antes de podermos... ser mais do que isso.

As palavras dela eram sinceras, corretas e até sensatas, mas o coração de Riley pulava no peito, ecoando cada uma delas. *Mais do que isso?* Nem sabia o que aquilo queria dizer. Se significava dar um beijo nela naquele exato momento, sentindo o gosto da sua língua na dele, então ele queria sim, queria mais. E depois? Quem sabe...

– Estou tão confuso... – admitiu Riley, baixinho, encostando a testa na dela.

– É normal – sussurrou Lexie. – Só quero o que você estiver em condições de me dar. Nada mais, nada menos. Se for para sermos apenas amigos, tudo bem.

Os olhos deles se encontraram.

– Não sei se sou capaz disso agora. – Riley passou as mãos pelos braços nus de Lexie e viu a pele dela ficar toda arrepiada. – Meu Deus! Você me mata...

Ela voltou a passar os braços pelo pescoço dele e o puxou mais para perto. Riley respirou fundo quando sentiu os lábios dela quase na sua nuca. Ele adorava quando ela fazia aquilo. Dessa vez, porém, Lexie parecia hesitante, como se esperasse que ele fosse afastá-la a qualquer instante. E Riley sabia que era isso que deveria fazer; sabia que deixar que Lexie continuasse era dar a ela os sinais errados. Mas, meu Deus, ela o deixava paralisado! Tudo que Riley conseguiu fazer foi fechar os olhos, respirar e pensar em como era natural tê-la assim tão perto, apesar de todos os anos sem que os dois se tocassem daquele jeito.

– Tenho que ir – conseguiu dizer, enfim, com a voz rouca de tanto desejo.

– Eu sei – murmurou ela, com a boca ainda colada à pele dele.

Depois, bufou e se afastou, abrindo um espaço entre os dois. O rosto dela estava lindamente corado, mas a expressão nos olhos era de culpa.

– Não devia ter feito isso. Desculpe.

– Está tudo bem – respondeu ele, querendo que o coração se aquietasse. Os pulmões se contraíram antes que ele voltasse a falar. – Quero ser honesto com você – disse ele, e Lexie piscou. – Estou morrendo de medo.

– De mim? – perguntou ela.

– Quase. É mais medo *disso* – explicou, indicando eles dois com um gesto. – O que isso significa? Ou o que *podria* significar?

Ela ergueu o rosto.

– O que você *quer* que signifique?

Riley deu de ombros.

– Não faço a mínima ideia.

Lexie se afastou um pouco mais.

– A questão não é se eu quero você, Lex. Eu quero, quero mesmo. Acho que nunca vou deixar de querer. Mas agora existe Noah. Não posso simplesmente deixar as minhas preocupações de lado e esquecer tudo.

– Eu sei – afirmou ela, dando um sorriso tristonho.

Riley pegou a mão de Lexie e a apertou.

– Vamos com calma, ok? Vamos ver o que acontece.

– Gosto dessa ideia.

Riley também. Pelo menos metade dele gostava. A outra, a que estava apavorada, não tinha tanta certeza assim. Mas que droga! O que ele poderia fazer? Estava sendo absolutamente sincero quando disse que não iria conseguir deixar de desejar Lexie. Ele queria tê-la e, sob diversos aspectos, ainda a amava. Tudo que Riley podia fazer era se dar algum tempo, ser honesto e rezar para ela não partir o coração deles de novo.

14

Long Lake estava lindo naquele domingo quente de julho. Lexie e Riley passeavam pelas margens, tomando os sorvetes que haviam comprado. Noah corria na frente dos dois, com os braços bem abertos, entrando e saindo da parte mais rasa do lago, espalhando água para todo lado, como se fosse a melhor coisa que já tivesse feito na vida.

– Foi uma ótima ideia – disse Riley, olhando para o lago. – Tanto tempo que eu não vinha aqui!

O mais legal de Long Lake era que, ainda que ficasse bem cheio às vezes, o lugar praticamente só era frequentado pelos moradores da cidade. Assim, a água continuava sempre limpa, pois não havia centenas de turistas para sujá-la.

– Adoro vir aqui – disse Lexie. – Quando me mudei de volta para cá, costumava trazer Noah e ficar sentada, vendo-o brincar. – Ela olhava os próprios pés enquanto andava. – Quase sempre eu ficava pensando em você. – Lexie balançou a cabeça e olhou para a água. – Deixei o tempo passar, Riley. Devia ter ligado para você.

Riley concordava com ela, do fundo do coração, desde os pontinhos mais magoados que ele guardava, mas não ia continuar a focar no passado. Agora, tanto ele quanto Lexie eram pessoas diferentes, com prioridades distintas, com visões diferenciadas em relação ao que eram e ao que queriam ser. Claro que os pedidos de desculpas de Lexie ajudavam, e Riley sabia que ela também se sentia melhor com isso; porém, concordavam que tinham que seguir em frente.

O restante do dia foi um dos melhores que Riley já tinha vivido. Passaram algum tempo dentro da água, nadando e brincando juntos, e, depois, comeram no restaurante do lago. Noah continuava cativando o pai a cada instante, e o fato de o garoto estar começando a se aproximar cada vez mais de Riley e a se sentir mais confortável com ele era simplesmente incrível. Lexie mal conseguia se meter entre os dois, mas a expressão branda e pensativa nos olhos dela mostrava a Riley que Lexie não se importava com isso.

– Você vai lá para a nossa casa? – perguntou Noah, sentado em frente a Riley e falando com a boca cheia de pizza.

– Se você quiser... – disse Riley, sorrindo.

– Quero, sim – insistiu o menino. – *Vem* ficar comigo e com a mamãe.

Riley olhou para Lexie.

– Posso ficar lá um pouquinho.

– E para dormir? Riley pode dormir lá em casa, mamãe?

Lexie tossiu de leve, cobrindo a boca com o guardanapo. Riley sorriu ao ver que o rosto dela tinha ficado vermelho.

– Ele tem que ir para casa dele, querido. E dormir na cama dele.

– Tem mesmo? – perguntou o menino, franzindo a testa.

– Tenho, cara. Fico com medo quando não estou na minha cama. – Riley tomou um gole da bebida. –

Quem sabe outro dia?

– Ok. – O garotinho virou a cabeça para a mãe, que estava ao seu lado. – Posso comer sobremesa agora, mamãe?

Ele se debruçou na mesa, botando a mãozinha no rosto. Riley se perguntava como Lexie podia resistir ao filho quando ele a olhava daquele jeito. Sabia que acabaria dando qualquer coisa ao menino se ele o encarasse com aqueles olhinhos fofos do Gato de Botas...

– Hmmm – disse ela, refletindo. – Você comeu tudo?

Mais que depressa, o menino ergueu o prato para mostrar que só tinham sobrado umas poucas batatas fritas e a borda mais dura da pizza.

Lexie riu.

– Então acho que pode.

Radiante, Noah se ajoelhou na cadeira e deu um beijo na mãe.

– Amo você.

– Você é o mundo inteirinho para mim, querido – falou ela, dando uma olhadinha rápida para Riley.

Depois, pegou o cardápio e mostrou as fotos das sobremesas ao menino, que logo escolheu a torta de maçã. – Chame a garçonete quando ela passar por aqui – disse Lexie, empurrando o prato do filho e abrindo espaço para ele acabar de colorir o desenho do lago na toalha de papel que lhe deram assim que chegaram ao restaurante.

Riley relaxou na cadeira e ficou observando os dois, vendo os hábitos rotineiros de mãe e filho, além do amor que tinham um pelo outro, transparecerem a cada palavra ou gesto. Aquela visão fez o coração dele bater mais forte, como se esse amor estivesse aos poucos penetrando nele também. Com os dois por perto, era difícil não se perder em fantasias sobre os três juntos, para sempre, como uma família de verdade.

Era isso que ele queria?! Sentado ali com Lexie e Noah, experimentando a sensação do sol ainda quente na pele, não hesitaria em dizer que sim. Mas aquele era só um dia. Será que seria assim pelo resto da vida deles? Era bem fácil trazer de volta aquelas antigas lembranças, da época em que ele pensava em ficar com Lexie para sempre. No entanto, tais memórias tinham perdido a força, depois de tudo o que acontecera entre os dois. Riley admitira para si mesmo que não precisaria se apaixonar por ela novamente, já que aquele amor não tinha acabado, mas as coisas eram bem diferentes agora.

Desde a noite em que Lexie deu a ele o álbum de fotos, Riley vinha pensando muito no que realmente queria com ela. A cada dia, Lexie continuava se esforçando para compensar ter mantido pai e filho separados e, justiça seja feita, seus esforços estavam funcionando. Riley não queria que ela passasse a vida se desculpando, ainda que muita gente achasse que ela merecia isso. Ele sofria vendo Lexie assim, tão submissa, apesar de toda a raiva que tinha sentido dela. Tudo que queria era criar um vínculo com o filho. Passar algum tempo com Lexie era um bônus extra.

Riley tinha criado uma verdadeira armadura a fim de proteger seu coração, mas lá no fundo ele sabia que Lexie já começava a abrir brechas nessa proteção. Além disso, aquela confiança que ela havia despedaçado aos poucos estava se reconstruindo: alguns cacos iam se juntando a cada dia que passavam

juntos, a cada vez que Riley via Lexie brincando com o filho, e sempre que percebia a mãe incrível que ela era. Como nesse exato momento.

– Está tudo bem? – perguntou Lexie, com ar preocupado.

Riley piscou, voltando à sala do restaurante, deixando que o azul daquele olhar fixasse mais um pouco da fé que tinha depositado nela... *neles*. E sorriu.

– Claro. Estava só pensando.

A expressão dela relaxou.

– Em coisas boas?

Depois de um breve instante de silêncio, ele assentiu.

– É. Coisas boas.

Uma hora mais tarde, já de volta à casa de Lexie, Riley se ofereceu para ajudar com o banho de Noah. Havia anos ele não se divertia tanto, com todos os brinquedinhos ali no banheiro, e, quando tirou o menino da água, estava quase tão molhado quanto o filho. Também ajudou o garoto a escolher o pijama, mas depois o deixou sozinho e foi até o andar de baixo, ao encontro de Lexie, esfregando ele mesmo as próprias roupas com uma toalha, fazendo o possível para se secar.

Lexie caiu na risada quando viu o estado de Riley. Parecia que ele também tinha tomado banho. Estendeu uma taça de vinho para ele.

– Ai, meu Deus! – disse ela.

Ele abriu bem os braços.

– A hora do banho é oficialmente fantástica!

Ela se apressou em apanhar um pano de prato e se aproximou dele.

– Sinto muito – disse Lexie, com um sorriso, enquanto enxugava o peito dele. – Noah acha que espirrar água para todo lado é a melhor coisa do mundo.

Riley a segurou pelo pulso com brandura, impedindo-a de continuar.

– Está tudo bem. Eu me diverti horrores.

Quando Lexie ergueu os olhos, Riley estava momentaneamente paralisado ao ver como ela era linda. A curva do lábio superior dela o atraía como o canto de uma sereia e, antes mesmo de perceber o que estava fazendo, Riley baixou a cabeça para beijá-la.

– Mamãe!

Ao som dos pezinhos de Noah nos degraus da escada, Riley se virou imediatamente. Lexie se afastou dele e passou a mão pelo cabelo.

– Estou aqui. Escovou os dentes?

– Escovei – respondeu o menino, entrando na cozinha.

– Deixa eu cheirar.

Noah se aproximou da mãe com um livro de historinhas debaixo do braço, e, abrindo a boca, soltou o ar com toda a força na direção do rosto de Lexie, que tinha se agachado para ficar na altura do filho.

– Hmm! – exclamou ela. – Delicioso. E fresquinho.

– Riley pode ler uma história para eu dormir?

Lexie ergueu os olhos e Riley teve a impressão de que ela estava com dificuldade para respirar.

– Se você pedir direitinho, tenho certeza de que ele vai adorar ler uma história para você.

– Vem, Riley! – exclamou o menino, pegando-o pela mão e levando-o até a sala de estar. – Senta aqui

– ordenou, apontando para o sofá.

Riley obedeceu, rindo, e Noah subiu para se instalar ao seu lado, sempre segurando o livro. O menino se sentou bem pertinho de Riley e atirou o livro no colo dele. Riley sorriu.

– *O coelho de veludo?*

– É o que eu mais gosto – disse o garotinho.

Riley olhou para o filho.

– É o meu preferido também.

O rostinho de Noah ficou em êxtase.

– Lê para mim, por favor?

Ele pôs a taça de vinho na mesa.

– Claro, amigão. Vou amar fazer isso.

Riley se ajeitou no sofá, passando o braço pelos ombros do menino e abrindo o volume encadernado, encantado com as ilustrações. Noah apontou para a primeira página com o dedinho.

– Começa aqui.

Riley fez que sim com a cabeça e olhou de relance para Lexie, sentada numa poltrona perto da lareira. Ele se esforçava para não pensar no que teria acontecido se os dois tivessem se beijado, na sensação que aquele beijo teria provocado.

– Ok. – Pigarreou. – “Era uma vez um coelho de veludo e, no começo, ele era lindíssimo.”

Riley foi lendo a história, criando vozes diferentes, e tanto Noah quanto Lexie morreram de rir. À medida que ele lia, o menino ia se aconchegando mais e mais. Lexie se apoiou no braço da poltrona, com o queixo na mão, de vez em quando tomando um gole do vinho. Riley imaginou aquele momento como um pequeno vislumbre do que o seu futuro poderia ser. Mentalmente, fotografou a cena e a guardou consigo, sabendo que poderia recorrer a ela quando estivesse longe daqueles dois.

– “‘Isso aí?’, disse o médico. ‘Mas por quê? Está cheio de germes, vai acabar pegando escarlatina! Jogue no fogo imediatamente. O quê? Bobagem! É só comprar um novo. Ele não pode mais ficar com isso!’”

– Riley.

Ele se virou para Lexie e viu que, com o queixo, ela apontava Noah. Baixou os olhos para o filho, que dormia como uma pedra, todo enroscado ao seu lado. Era simplesmente a coisa mais perfeita que Riley já tinha visto na vida. Ele fechou o livro, pegou Noah e o carregou no colo, do mesmo jeito que havia feito para tirá-lo do carro na véspera.

– Está virando um hábito – disse ele, baixinho, se dirigindo para a escada.

– Precisa de ajuda? – perguntou Lexie, ficando de pé.

Riley fez que não com a cabeça.

– Pode deixar.

No quarto, pôs o menino na cama e o cobriu, como tinha visto Lexie fazer na noite anterior. Beijou o filho na testa, deixou a porta entreaberta e voltou para a sala de estar, onde Lexie recolhia os brinquedos e uns livros, guardando tudo na caixa azul que ficava perto da TV. Ela se virou quando Riley se aproximou.

– Tudo certo com ele?

– Está completamente apagado.

– É... Noah nunca teve problemas para dormir.

– Ao contrário de você – observou Riley, chegando mais perto.

Lexie balançou a cabeça.

– Graças a Deus! Ele dorme exatamente como o pai. – Ela apertou os lábios antes de voltar a falar. –

Adoro ver vocês dois juntos – murmurou, inclinando um pouco a cabeça em seguida. – Sabe que ele pega no sono com você porque se sente bem à vontade, não sabe?

Riley achou que o coração ia pular do peito.

– Sério?

– Em geral, isso só acontece comigo, com mamãe e com Sav.

Ele observou cada centímetro do rosto dela: as sardas, as pequenas cicatrizes e as marcas que conhecia de olhos fechados.

– Gosto que ele se sinta assim. – Riley tinha plena consciência de que o clima ao redor havia mudado, ficando ainda mais carregado quando os olhos dos dois se encontraram. – Vai ficar cada dia mais difícil eu pensar em ir embora, sabe?

– Já está ficando cada vez mais difícil ver você ir embora – respondeu ela. – Quando vai voltar para Nova York?

– Max disse que posso ficar o tempo que quiser, mas não posso fazer isso com ele. Somos sócios, e preciso ganhar dinheiro. Vou ficar mais alguns dias por aqui.

Ela concordou com a cabeça.

– Quem sabe Noah e eu possamos ir com você qualquer dia desses? – Sorriu. – Nunca estive em Nova York.

Riley a encarou, surpreso.

– Sério? Vocês viriam me ver?

Lexie deu de ombros, como quem não quer nada.

– Claro. Noah ia adorar. – Os olhos azuis dela expressaram ardor. – Eu iria a qualquer lugar por você. Sempre foi assim.

Antes mesmo de Riley se dar conta da necessidade que sentia de beijá-la, seus lábios já estavam colados aos dela. Era exatamente como nas lembranças. Logo os braços de Lexie estavam no pescoço dele, e ela gemia de encontro à sua boca.

Como sempre acontecia quando se entregavam ao desejo, eles se fundiram um ao outro. Ele a puxou mais para perto de si, mantendo o corpo dela colado ao seu, desde as coxas até o peito. Ela parecia tão perfeita, tão familiar daquele jeito... As línguas se encontraram, primeiro na boca de Lexie, depois na dele, dançando para um lado e para outro, como dois velhos amigos que se reencontram. O gosto dela. O *gosto dela*. Era o mesmo. O corpo de Riley pulsava, como se cada parte dele a chamasse, querendo senti-la dentro e fora de si.

– Porra! – exclamou ele, ofegante, quando se afastaram. – Não podemos.

O hálito de Lexie, quente e arfante, bafejou seu rosto.

– Desculpe.

Riley mal conteve o riso.

– Por quê? Fui *eu* que beijei *você*.

Ele a segurou quando sentiu que ela pretendia se afastar.

– Não quero pressioná-lo ou forçá-lo a fazer o que quer que seja, Riley.

– E não está fazendo isso.

– Só quero ser honesta com você e, na verdade, deixo tudo nas suas mãos. Eu *quero* você. Quero tudo de você, mas não que ache que precisa me aceitar de volta por causa de Noah.

Riley deixou os olhos vagarem por Lexie, segurando-a com mais força. O que ele estava fazendo? Era mesmo por causa de Noah? Ele a beijou mais uma vez, e ela gemeu de encontro aos seus lábios. Não. Eram eles dois, como sempre tinha sido. Já podia sentir o calor entre eles ficando mais intenso. Com a boca, procurou o queixo de Lexie.

– Quero nós dois – disse ele, erguendo, então, a cabeça. – Mas quero que a gente seja paciente. Sem pressa.

Os olhos de Lexie disseram que ela sabia que ele tinha razão. Precisavam pensar com cuidado no que estavam prestes a fazer. Havia inúmeras variáveis a serem consideradas, e Noah era a mais importante.

Ela o beijou de mansinho.

– Ok.

Ele esfregou o nariz na testa dela.

– Deixe eu usar esse tempo em Nova York e pensar no próximo passo para nós dois. – Riley suspirou, esfregando os próprios braços com as mãos. – Na volta, vou ter mais a dizer.

– Gosto da ideia.

Voltaram a se sentar no sofá e passaram o resto do tempo conversando sobre coisas variadas; coisas que não eram assustadoras nem perigosas. Muitas e muitas vezes, ele sentiu a necessidade de estender a mão e tocá-la. Acariciava o cabelo dela ou tocava a sua mão. Ambos riam, trocando lembranças e, à medida que as horas foram passando, Riley admitiu de volta a esperança que tanto havia tentado trancar a sete chaves. Como a água que escapava pela fresta de uma barragem, esse sentimento foi invadindo o seu corpo, inundando tudo, de dentro para fora. Por mais que isso pudesse assustá-lo, nunca tinha se sentido mais vivo.

■ ■ ■

Durante um mês e meio, Riley dividiu o tempo entre Nova York e Michigan, detestando cada momento que passava longe de Noah e de Lexie e vivendo em função de quando pegaria o avião para voltar a ver os dois.

Aquele dia era um desses momentos de grande expectativa, só que não era Riley que ia viajar.

– Nossa, cara! O que há com você? – brincou Max, vendo o amigo todo saltitante pela O’Hare, ao som do Radiohead.

Não que Riley não curtisse dançar (ele até tinha um passinho bastante famoso, quando fingia correr no lugar), mas naquele dia os seus movimentos estavam bem mais entusiasmados que o normal.

Ele deu uma olhada para o relógio da parede da oficina.

– Noah e Lexie chegam amanhã de manhã no aeroporto JFK.

Max deu um risinho cínico.

– Eu sei, cara. Faz uma semana que você não fala de outra coisa...

Riley deu de ombros, sem se desculpar.

– Acho isso muito fofo – comentou Steph, passando por eles para voltar à sua escrivaninha.

– Está vendo? – falou Riley, apontando para a moça. – Eu sou fofo. É o que as mulheres dizem...

– Claro... – Max revirou os olhos e se enfiou debaixo de um Dodge Charger 1968.

– Como vai Grace, Max? Você continua gostando da ideia de tê-la por perto? – gritou Riley, pegando a caneca de café e rindo ao ver o amigo estreitar os olhos e atirar um pano sujo na sua direção.

– Ela está bem. E continuo, sim.

– Óóótimo – respondeu Riley, estendendo bem a primeira vogal só para implicar um pouco mais com o amigo.

Depois, ele aumentou o som, abafando o que Max dizia.

Riley não sabia por que ele continuava tão sensível em relação ao seu amor por Grace, principalmente agora que os dois estavam oficialmente juntos havia quase um ano. Mas que era divertido tirar sarro dele, era... Riley se agachou para ver o amigo debaixo do carro, e continuou:

– Vai levar a Grace para conhecer Lex e Noah no sábado à noite, não vai? Kat e Carter também vão.

– Claro. Acho que Grace está mais empolgada do que você.

O dia se arrastou, e Riley não parava de olhar para o relógio. Cada mensagem que Lexie enviava parecia fazer os ponteiros andarem uma hora para trás, deixando-o desesperado.

Mas o dia finalmente chegou ao fim. Depois de fechar a oficina, ele passou em algumas lojas para comprar umas coisinhas de última hora para a chegada de Lexie e de Noah.

Era a primeira vez que os dois iam a Nova York, e Riley estava mais empolgado do que nunca. Seriam quatro dias absolutamente incríveis: ele mal podia esperar... Tinha planejado alguns passeios turísticos, incluindo a Estátua da Liberdade, que com certeza ia deixar Noah doido. Comprou um colchão inflável para o quarto de hóspedes, de onde havia retirado toda a tralha acumulada durante os seis anos em que morava naquele apartamento. Tratou de atualizar a coleção de filmes de heróis das HQs e de deixar a cozinha devidamente abastecida com tudo que Noah e Lexie pudessem querer.

– Vou ver você amanhã! – gritou Noah ao telefone quando Riley ligou para ele, já de noite.

– Vai mesmo – disse Riley, rindo. – Mal posso esperar. Estou com saudade de você!

– Eu também. Já faz um bilhão de anos...

Parecia mesmo um bilhão de anos, embora eles tivessem se visto apenas dez dias antes. Aqueles tinham sido os dez dias mais longos da história.

– Eu sei. Isso é chato, né? Mas amanhã podemos passear e fazer o que você quiser. Trate de dormir bem essa noite, ok?

– Ok. Tchau.

Riley vinha sondando as possibilidades de trabalho lá em Michigan havia semanas, mas, pelo visto, existia uma superpopulação de mecânicos em Traverse City e, ironicamente, ele parecia excessivamente qualificado para muitos dos eventuais empregadores.

Também se armou de coragem para falar com Max sobre a oficina e dizer a ele quais seriam suas futuras opções. Aparentemente, eram duas: ou ele vendia sua parte na O'Hare e juntava com o dinheiro que já tinha conseguido guardar – que não era muito, em apenas dezoito meses – ou mantinha o investimento ali, deixando-o render, o que não era uma má ideia para um pai que agora precisava pensar no filho. De qualquer forma, nenhuma das duas era a solução ideal, e Riley vinha tentando não desanimar. Ia aparecer uma saída, como sempre acontecia.

Na manhã seguinte, parado no setor de desembarque do aeroporto, Riley ouviu a voz de Noah antes

mesmo de ver o garotinho. Mesmo depois de apenas onze dias desde o último encontro entre eles, podia jurar que o filho tinha crescido.

Noah veio correndo na direção dele, com os braços abertos e um sorriso lindo e cheio de empolgação. Riley o levantou no colo, girando-o no ar e dando nele um abraço bem apertado. Sentiu o cheiro de açúcar, de sol e de algo que era próprio do filho. Deu uma soprada na bochecha do garoto, fazendo barulho, e riu quando Noah deu uns gritinhos e começou a se debater para voltar ao chão. Foi então que o riso de Lexie chegou aos ouvidos de Riley, preenchendo cada um dos pedacinhos dele que pertenciam somente a ela.

Ela estava linda sob o sol de Nova York, que atravessava as vidraças do saguão do aeroporto. Os óculos, a camiseta rosa e as rasteirinhas da mesma cor eram simplesmente perfeitos. Ela era a garota de que se lembrava, a mulher que estava voltando a conhecer, a amar... e tudo mais.

Depois de se certificar de que Noah continuava ao seu lado, foi ao encontro de Lexie, sentindo como se o próprio corpo estivesse se movendo em câmera lenta, separado do seu coração, que estava aos saltos. Riley queria beijá-la, e tinham feito isso várias vezes nas últimas seis semanas, às escondidas; cada beijo era mais excitante que o outro, como uma promessa do que estava por vir. Contudo, sabia que os dois ainda precisavam ser cautelosos quando Noah estava por perto. O menininho era esperto demais, e Riley não queria deixá-lo confuso.

Ele passou o braço pela cintura dela, puxando-a para si, e deu um beijo furtivo atrás de sua orelha.

– Senti saudades – sussurrou ela.

Ele se afastou, sorrindo. Também tinha sentido.

– Fizeram boa viagem? – perguntou, olhando para Noah, pois sempre procurava incluí-lo nas conversas que tinha com Lexie.

Sempre que possível, claro.

– A gente ganhou um lanche – disse Noah, entusiasmado, segurando dois dedos da mão de Riley e balançando os braços.

– Que legal! – exclamou ele, fazendo o filho girar como numa dança. – O que acha de passarmos lá em casa, deixarmos as coisas e, então, nos aventurarmos pela cidade?

Noah ficou calado por um instante.

– Uma aventura?

– A gente pode até ver o Homem-Aranha – disse Riley, piscando para ele.

O menino ficou boquiaberto.

– Então vamos agora!

Ele saiu, puxando Riley o mais depressa que as perninhas de um menino de 4 anos permitiam.

■ ■ ■

– Sejam bem-vindos – disse Riley, sorrindo e balançando as chaves.

Colocou a mala de Lexie no chão e, com um gesto, mandou que os dois entrassem. Convidar Lexie e Noah para ficarem no seu apartamento em Nova York era uma experiência bem estranha, um pouco como se o passado e o presente estivessem se fundindo.

No entanto, Riley não estranhou que ter os dois ali, na sua casa, o enchesse de serenidade. Ele e Lexie haviam conversado sobre essa viagem a Nova York por um bom tempo e só depois fizeram planos

concretos nesse sentido. Mostrar a Noah o lugar onde Riley morava era um passo enorme, e os dois sabiam disso. Além do mais, o fato de estarem ali poderia trazer à tona antigas expectativas, caso os dois começassem a imaginar o que teria acontecido se tudo tivesse sido diferente e Lexie tivesse ido para a Universidade de Nova York com ele, tantos anos antes.

Ao ver Lexie e Noah no seu apartamento, no entanto, Riley tratou de afastar esses pensamentos. Não fazia o menor sentido ficar remoendo aquilo. A raiva e a mágoa que sentiu desde que voltou a Michigan tinham se diluído consideravelmente ao longo dos últimos meses e, para dizer a verdade, ele estava feliz que fosse assim. Carregar tantas emoções negativas era cansativo demais... Lexie continuava se desdobrando para que Riley e Noah ficassem cada vez mais próximos e, ao mesmo tempo, dava a ele toda a liberdade para decidir o que queria fazer. Apesar dos esforços que ela vinha fazendo em relação aos pais de Riley, os irmãos dele ainda precisavam ser convencidos: os três se mantinham na defensiva desde a bomba que foi a descoberta da existência de Noah, o que era bastante compreensível.

Dex, como sempre, era lógico e objetivo, analisando a situação sob vários ângulos antes de fazer qualquer comentário a respeito. Tate ia direto ao ponto, e Seb decidiu que, se Riley estava feliz, o resto podia ir para o inferno. Os quatro iam finalmente se reunir na casa dos pais, a fim de começarem as comemorações do aniversário de Seb, e Riley mal podia esperar que esse dia chegasse.

Lexie ficou parada junto do sofá enquanto Noah explorava o apartamento, saltitando e, aparentemente, mexendo em tudo que podia.

– É lindo – murmurou ela. – Noah, cuidado, querido.

– Ele está ótimo – disse Riley, de mansinho, se aproximando dela.

– Esse lugar é incrível!

Riley olhou ao redor, como se nunca tivesse visto o próprio apartamento antes.

– É... Não é nada mau – disse, batendo o pé no chão.

Lexie cruzou os braços e assentiu.

– Estou tão feliz por estar aqui...

– Eu também.

– A gente pode sair agora? – perguntou Noah, passando correndo pelo sofá e parando ao lado dos dois.

– Claro, rapaz – respondeu Riley. – Estão prontos? Acho que podemos ir ver a Estátua da Liberdade.

Noah começou a pular, como um daqueles bonecos de mola, batendo palmas, superentusiasmado.

Já fazia um bom tempo que Riley não passeava por Nova York como turista, mas ver a alegria e o encantamento no rosto de Noah e de Lexie fazia tudo valer a pena. O menino ficou boquiaberto diante da Estátua da Liberdade e, mais tarde, saiu correndo feito um louco quando estavam passeando pelo Central Park.

Ao ver Lexie rindo e se divertindo, Riley se lembrou de quando foi para Nova York pela primeira vez, aos 18 anos. Tinha tantos planos, tantos sonhos sobre o que os dois poderiam fazer juntos... Quando tudo deu errado e eles se separaram, Riley só não enlouqueceu de vez porque, além das bebidas e das mulheres, era muito fácil se perder naquela cidade.

Lexie cutucou o ombro dele.

– Ei, você está bem?

– Estou. Só... Mal posso esperar para redescobrir essa cidade com vocês dois.

Ela mordeu o lábio inferior voltando a olhar para ele e, depois, para Noah.

– Eu também. – Lexie suspirou. – Obrigada – sussurrou ela, antes do seu olhar se encontrar com o dele. – Por ser... você. Pela sua paciência. Pela sua capacidade de perdoar. Por querer me ter ao seu lado.

Riley parou e se virou para ela. Os dedos dele coçavam de tanta vontade de tocá-la. Ele se permitiu estender a mão para pegar a dela e apertá-la de leve.

– Fui sincero quando disse que quero tentar.

Ela assentiu.

– Você só precisa voltar a confiar em mim. Eu compreendo. – Ela inclinou um pouco a cabeça. – Confia? Digo, você confia em mim?

Riley a encarou por um instante e, depois, chegou um pouco mais perto.

– Confio. Acho que sim.

Esquecendo-se de onde estavam, ele inclinou a cabeça para beijá-la.

– Mamãe!

Lexie não se desvencilhou, nem mesmo quando Riley recuou bruscamente. Os dois olharam para o menino, que estava subindo na estátua de *Alice no País das Maravilhas*.

– Olha!

Riley riu.

– Cuidado, amigão! Nada de ossos quebrados.

Noah também riu e se sentou, balançado as perninhas.

– Ele nem liga, né? – perguntou Riley, se voltando para Lexie. – Não liga a mínima quando nós dois estamos... assim.

Lexie negou com a cabeça.

– Ele me disse que gosta quando nós nos abraçamos.

– Disse mesmo? – perguntou Riley surpreso.

– Disse. Só ficou preocupado achando que eu podia preferir os seus abraços aos dele.

Riley chegou a jogar a cabeça para trás de tanto rir.

■ ■ ■

Os dias que se seguiram em Nova York ficaram na memória de Lexie como uns dos melhores que ela tinha vivido. Durante o dia, os três circulavam pela cidade, visitaram o Marco Zero, passearam pela ponte do Brooklyn e prenderam lá um cadeado com os nomes gravados, andaram de metrô, observaram a vista do alto do Empire State e saborearam as comidas mais incríveis.

À noite, ficavam juntos no apartamento de Riley, rindo e brincando. Depois que o menino pegava no sono, Lexie e Riley conversavam, bebiam, se beijavam e tratavam de redescobrir um ao outro, sem parar na cama. Era maravilhoso os dois voltarem a ser amigos, e Lexie podia ver a confiança de Riley se formando lentamente por trás dos seus olhos castanho-claros. Como queria que Riley confiasse nela! Era um desafio daqueles tê-lo assim tão perto, tão carinhoso e não ir adiante... Mas Lexie tinha plena consciência da sorte que era ele estar ali ao seu lado, ainda mais com a boca dele na sua e as promessas sussurradas nos seus ouvidos.

Era a imagem de uma vida perfeita, o que a enchia de uma esperança tão grande que ela mal

conseguia segurar. A adoração e o amor que ela sentia pelo filho e pelo pai dele não podiam ser medidos ou expressos em palavras...

– Você está fantástico.

Lexie, que estava se olhando no espelho do quarto de Riley, se virou e deu de cara com ele encostado no batente da porta, incrivelmente sexy com aquele jeans rasgado e uma camiseta cinza.

– Está tudo certo? Continua nervosa?

Lexie se virou de volta para o espelho, sem conseguir decidir se aquele short e a blusinha branca sem mangas eram informais demais para um jantar com os amigos de Riley. Estava nervosa? Ah, se estava... Mas, só de saber o que aquele encontro significava para Riley, Lexie já ficava com um sorriso de orelha a orelha. O fato de ele querer apresentar os dois, ela e Noah, aos amigos era um passo imenso. O próprio Riley já tinha explicado a Lexie como aquelas pessoas eram importantes para ele; eram como parte da família, e sua lealdade a eles era a mesma que Riley tinha àqueles que compartilhavam o seu sangue. Ele sempre tinha sido assim: um amigo dedicado, que se entregava de corpo e alma, disposto a proteger com unhas e dentes todos aqueles de quem gostava. Era uma das coisas que Lexie mais apreciava nele.

Ela olhou para Riley pelo espelho, ciente de que não merecia aquela segunda chance, mas jurando que passaria cada dia da sua vida retribuindo essa bênção.

– Estou louca para conhecer todos eles.

Riley se aproximou e pôs as mãos nos ombros dela, apertando bem de leve.

– Vai ser ótimo. Tenho certeza.

O cabelo dele tinha crescido bastante nas últimas semanas e, com a barba, Riley estava bem sexy.

– Você está... lindo.

Ela não pretendia usar um tom tão sedutor, mas que droga! Não dava para se segurar o tempo todo. Ele riu.

– Obrigado. Vou lá ver se Noah não ficou hipnotizado pelo filme do Homem-Aranha e ajudá-lo a se aprontar.

Uma hora mais tarde, os três chegaram ao 5 Napkin Burger e foram encaminhados para uma mesa redonda, onde já estavam quatro pessoas. De imediato, Lexie ficou impressionada ao ver como todos estavam bonitos e lamentou não ter colocado as argolas maiores e um piercing mais brilhante no nariz. Sentiu a mão de Riley nas suas costas, fazendo um ligeiro carinho, como se ele tivesse percebido a hesitação dela. Já Noah era todo sorrisos e estava louco para conhecer aquela gente nova. O fato de ele ser tão fofo ajudava muito nesse sentido...

– Oi, pessoal – disse Riley, com um sorriso.

Quatro cabeças se viraram para ele e só depois se dirigiram para Lexie e para o garotinho ao lado dela.

– Esses aqui são Lexie e Noah.

Lexie sorriu.

– Oi.

– Olá! – exclamou Noah.

Depois, Riley foi apontando para cada um dos presentes.

– Gente, esse aqui é Max, o meu sócio. E Grace, a namorada dele. Esse é Carter e essa aqui é Kat, sua esposa.

– Que bom finalmente conhecer você, Lexie – disse Kat, com um largo sorriso. O cabelo dela era de um tom intenso de vermelho, brilhando sob as luzes do restaurante. – E você, Noah, é o menino mais bonito que já vi na vida...

Espantada, Lexie viu o filho ficar todo vermelho e esconder o rosto entre os braços apoiados na borda da mesa. Kat deu uma risada e se voltou para o marido, cujos olhos azuis se estreitaram quando ele riu junto com ela. Kat era sexy, com curvas bem delineadas e tinha a pele mais incrível que se pudesse imaginar.

Aquela pele de porcelana era do tom oposto da de Grace, que tinha um maravilhoso tom de caramelo. Ela também abriu um largo sorriso para Lexie, revelando dentes brancos e certinhos, e sacudiu a cabeleira bem preta e cacheada.

– Riley fala tanto de vocês dois...

– Já estávamos desesperados para variar um pouco as conversas – disse Max, em tom brincalhão.

Ele não tinha nada de elegante, com o cabelo em desalinho e a barba por fazer, mas os olhos escuros eram divertidos.

– Ei, qual é? – reclamou Riley, sorrindo. – Sentem-se – disse, se dirigindo a Lexie e a Noah e acompanhando as palavras com um gesto.

Carter e Kat se ajeitaram no assento, abrindo mais espaço para eles.

– Adorei as suas tatuagens – disse Grace, olhando os braços de Lexie. – As cores são incríveis. Lindíssimas.

Lexie sentiu o rosto ficar mais quente.

– Obrigada.

– Já tirou alguma foto delas?

Ao seu lado, Max provocou:

– Deixe a pobre moça em paz, Gracie.

– O que foi? – indagou ela. – Elas ficariam fantásticas na minha exposição.

Lexie ergueu as sobrancelhas.

– Exposição?

– Sou fotógrafa. Vou fazer uma exposição em Nova York daqui a seis semanas.

– Que legal!

– Você devia ir.

Lexie olhou para Riley, que deu de ombros, bem-humorado.

– Eu adoraria – respondeu Lexie.

Max passou o braço pelos ombros da namorada, com um ar visivelmente orgulhoso.

– Posso comer um hambúrguer, mamãe?

Lexie sorriu para o filho. Ele olhava atentamente para o cardápio, como se realmente soubesse ler.

– Pode comer o que quiser, querido.

– Ele é uma fofura – declarou Kat, baixinho, se inclinando para chegar mais perto de Riley. – Parece um minivocê.

Riley sorriu.

– Garoto de sorte, não é mesmo?

Lexie revirou os olhos, com um ar brincalhão, e, à medida que a conversa ia se desenrolando em

torno da mesa, a tensão que tinha se instalado nos ombros dela foi se desmanchando. A mão de Riley estava sempre dando um jeito de tocá-la disfarçadamente, o que contribuía para deixá-la mais calma, embora os amigos dele fossem bastante receptivos. O jeito como Grace e Kat pareciam encantadas com Noah era muito legal...

Aparentemente, o menino logo fez amizade com Kat, conversando loucamente sobre as aventuras em Nova York, e ela ouvia com toda a atenção. Lexie ficou se perguntando se ela e Carter teriam filhos, ou se pelo menos estariam planejando ter algum. Kat parecia estar sentindo o instinto materno batendo à porta.

– Será que podemos pegá-lo emprestado? – perguntou ela, com aqueles olhos verdes e as mãos cerradas.

Carter balançou a cabeça, sorridente.

– Ele não é um DVD, amor. É uma criança.

Também brincando, ela empurrou o braço do marido.

– Você sabe muito bem o que eu quis dizer. – Kat olhou para Riley e Lexie. – A gente pode tomar conta dele se vocês quiserem sair um pouco sozinhos.

Lexie sentiu o rosto enrubescer e evitou o olhar de Riley, embora o sentisse cravado nela.

– Parece ótimo – disse Carter, encarando a esposa com uma das sobrancelhas erguidas. – Mas eles vão embora amanhã.

– Bom... Então quem sabe da próxima vez que vocês vierem? – propôs Kat.

Lexie abriu a boca uma ou duas vezes antes de conseguir falar. A mamãe-ursa que havia nela ficou com o pé atrás: tinha acabado de conhecer aquelas pessoas... Olhar para Riley, porém, logo tirou qualquer sombra de dúvida dela. Lexie sabia: Riley preferiria morrer a deixar o filho com alguém em quem não confiasse.

– Eu... Se Noah concordar...

– O que acha disso, Noah? – perguntou Kat, toda carinhosa. – Quer ficar um tempo comigo e com Carter?

Para surpresa de Riley, os olhos de Noah não procuraram direto os da mãe, mas sim os seus.

– Se não quiser, não tem problema nenhum, cara – disse ele, com aquele tom de voz que Lexie tanto adorava e que, como bem sabia, Riley reservava apenas para o filho.

O menino deu de ombros, olhando para Kat e, depois, para Riley novamente.

– A gente pode ficar na sua casa?

– Claro, rapaz. Kat e Carter podem ir para lá.

– Então, pense nisso – sugeriu Kat.

Lexie viu que Carter se inclinou e deu um beijo na testa da esposa. Era um gesto tão carinhoso, vindo de um homem que não parecia ser adepto dessas demonstrações de afeto...

– Podíamos levar alguns jogos – acrescentou Kat.

– Podíamos? – indagou ele, erguendo as sobrancelhas.

– Claro. – Kat cutucou o marido. – Podíamos, sim.

Carter olhou para Noah e deu uma piscadela.

– Claro que podíamos.

Conforme a conversa prosseguia, Lexie pensava como seria a vida se ela e Noah morassem ali na

cidade com Riley, naquele apartamento maravilhoso, saindo com os amigos dele e se encaixando na sua vida da forma mais perfeita possível.

Ela sabia que Riley vinha tentando ajeitar as coisas para voltar a Michigan. Ele estava disposto a isso sem pensar duas vezes, alegando que uma mudança seria muito mais fácil para ele do que para ela, mas nem assim Lexie se sentia menos culpada.

– O que achou de Nova York, Lexie? – perguntou Carter, depois que a garçonete anotou os pedidos e levou os cardápios.

– Estou adorando – respondeu ela, com toda a sinceridade. – É muito mais do que eu imaginava.

– A gente pode ficar aqui para sempre, mamãe?

Lexie fez um carinho na cabeça do filho.

– Você quer ficar aqui para sempre?

O menino assentiu solenemente.

– Riley está sozinho – disse ele.

Lexie ouviu as discretas exclamações tanto de Grace quanto de Kat, e Riley ergueu o punho, para o menino bater nele com o seu.

– Tudo bem, rapaz – afirmou ele, tranquilizando o filho, mas Lexie não deixou de notar a tristeza que havia nos seus olhos.

– Vamos cuidar direitinho do Riley depois que você voltar para casa – disse Carter, sorrindo para Noah. – Prometo.

O garotinho franziu as sobrancelhas, pensativo.

– Ok.

Depois que trouxeram a comida e que ela conversou mais com os amigos de Riley, Lexie começou a entender por que ele gostava tanto deles. Cada um era bem diferente dos outros, parecendo refletir diversas facetas da própria personalidade de Riley. Com Max e Carter, ele era exuberante, gozador. Já com Kat, Riley era mais tranquilo, falando num tom em que se percebia respeito; um respeito que, Lexie tinha certeza, ela havia conquistado quando dera aulas a ele, lá no presídio.

Com Grace, ele era brincalhão, delicado e doce. Era maravilhoso vê-lo assim tão feliz. Era o Riley de antigamente, despreocupado e avassaladoramente atraente. Estava ficando cada vez mais difícil para Lexie evitar que o seu desejo por ele se manifestasse. É claro que ela o queria, mas estava morrendo de medo de forçar a barra, de apressar as coisas. Foi sincera quando disse que estava tudo nas mãos dele. Era a ele que cabia qualquer decisão e, apesar de todo o desejo que sentia, ela esperaria o tempo que fosse necessário.

A comida estava fantástica. Por que tudo que se comia em Nova York não se comparava a mais nada no resto do mundo? Noah tinha a mesma opinião, já que comeu tudo que puseram na frente dele e depois ainda dividiu um sorvete imenso com Riley.

Antes de irem embora, Lexie trocou números de telefone e os perfis de Facebook com Kat e Grace, prometendo a esta última que deixaria ela fotografar as suas tatuagens no dia seguinte. Ela também garantiu a Kat que enviaria o catálogo da Com Amor, Você e que desenharia para ela uma versão do colar que estava usando.

Mais tarde, naquela mesma noite, com Noah já dormindo, Lexie e Riley se sentaram no sofá, cada um numa ponta e com as pernas emboladas ali no meio.

– Foi tão divertido... – disse ela, sorrindo.

– Que bom. Acho que Noah se apaixonou por Kat.

– Não é? – concordou Lexie. – Eu nunca o tinha visto assim antes.

– Ele vai ter que afastar as mulheres a bordoadas quando for mais velho. É um menino muito lindo – disse Riley, com uma piscadela de quem sabia do que estava falando. – Afinal, puxou o pai...

Lexie riu, passando o dedo pela borda do copo de suco.

– Posso fazer uma pergunta? Não precisa responder se não quiser.

Riley deu um risinho debochado.

– Ai, que medo!

Lexie olhou para o teto, depois para a parede e, finalmente, para o rosto dele.

– Nossa! Agora estou até curioso – disse ele, rindo.

– Quantas... Você teve muitas mulheres?

Riley arregalou os olhos por um segundo, mas logo se recompôs. *Bem...* Mau sinal. Ele ficou meio atrapalhado e pigarreou.

– Tantas assim, é? – indagou ela, meio sem jeito, sabendo que não tinha absolutamente nenhum direito de ter ciúme ou de ficar magoada, apesar do aperto que sentia no coração.

– Lex... – começou ele, soltando um longo suspiro.

– Desculpe – murmurou ela. – Na verdade, isso não é da minha conta. Me perdoe por ter perguntado.

Ele chegou mais para a frente e pôs uma das mãos na perna dela.

– Quando nós... terminamos... Depois que o seu pai morreu, fiquei sem saber o que fazer. Como sabe, sentia muita saudade de você.

Era verdade. Ela sabia mesmo, mas não só porque já tinham falado e brigado muitas vezes a esse respeito ao longo dos anos, mas porque ela tinha vivido a mesma coisa.

– Dormia com mulheres para tentar esquecer, Lex. Tentei me perder nelas para esquecer o amor que sentia por você.

A dor e o remorso se abateram sobre Lexie, que ficou sem fôlego.

– Eu fui... horrível.

– Não – sussurrou ele. – Você estava perdida. Não era a Lexie que eu conhecia, a minha melhor amiga, a garota que eu amava. Doeu muito, mas eu sobrevivi. E estamos aqui agora porque lá no fundo, por mais mulheres que tenham existido entre aquela época e hoje, eu sempre acreditei que descobriríamos um jeito de ficarmos juntos outra vez.

A lágrima que escorreu pelo rosto de Lexie era tanto um pedido de perdão quanto um sinal de gratidão. A fé que ele tinha nela, neles dois, sempre a deixou espantada. Quando Riley a lembrava dessa fé, Lexie se dava conta de como havia sido fácil se apaixonar por ele e, depois, continuar amando aquele homem pelo resto da vida.

– Ainda não estou pronto para vocês irem embora – disse ele, encarando a própria mão, que acariciava a perna dela.

– Nem eu.

Cada vez que se despediam, Lexie sentia ressurgir com toda a força o medo de perder mais uma vez o homem que amava. Era um sentimento egoísta e obviamente irônico, considerando a história dos dois, mas estava lá.

– Quando você vai voltar para Michigan?

A careta que ele fez foi bem discreta, mas perceptível.

– Daqui a algumas semanas. Três, talvez?

– Isso é uma pergunta? – disse Lexie, com um sorriso. – Porque sabe que é muito bem-vindo sempre que quiser, e que Noah... ama muito você.

– Eu também o amo. – Riley soltou o ar com força pelo nariz. – Então, ouça. Eu estava pensando que... talvez na minha próxima visita, ou na outra, podíamos sentar com ele e contar quem eu sou. Acho que já está na hora. Concorda?

Lexie mordeu o lábio, sorrindo.

– Acho perfeito.

Joan Moore era conhecida por três coisas: a infinita paciência, a habilidade para resolver qualquer situação mais tensa (principalmente entre os quatro filhos) e a capacidade de organizar festas de aniversário absolutamente fantásticas. A última foi no dia em que Seb fez 27 anos (aniversário comemorado duas semanas antes). Se já era difícil reunir os quatro irmãos no mesmo estado, o que dirá na mesma sala, e Riley vinha esperando ansiosamente por esse dia.

A porta da frente estava cheia de balões coloridos, pois, como observou a mãe deles, ninguém é velho demais para balões. A mesa da cozinha havia sido aumentada, como sempre acontecia nas reuniões de família, e nela havia um bufê composto por tudo que Riley e os irmãos adoravam: sanduíches, batatinhas fritas, pastinhas, asas de frango e costelinhas, além de um gigantesco bolo de chocolate e gelatina para a sobremesa.

– Será que ela sabe que estou mais perto dos 30 do que dos 3? – perguntou Seb, entregando uma pilha de pratos a Riley, que então os distribuiu ali.

– Fisicamente, talvez... – respondeu o irmão, com um sorrisinho.

– Lex e Noah vêm mesmo?

– Vêm. Devem chegar daqui a uma hora, mais ou menos. Christine também vem.

– Uau! – exclamou Seb, pegando disfarçadamente uma batata frita e enfiando na boca. – Como nos velhos tempos, não é?

Riley deu de ombros.

– Foi mamãe que convidou.

O aniversariante assentiu.

– E você está feliz com isso?

– Claro. – Riley olhou para o irmão. – Por que todas essas perguntas?

– Só estou querendo saber se está tudo bem com você, cara!

Riley também pegou uma batata.

– Estou bem. De verdade. As coisas estão perfeitas, ultimamente...

– Mas?

Riley soltou uma risada meio sem jeito. Nada escapava ao irmão.

– Mas não faço ideia do que eu quero de verdade.

– Com Lex? – deduziu Seb, cruzando os braços.

Como resposta, Riley ergueu as sobrancelhas.

– Estamos muito próximos novamente, mas... Sei lá. Estou muito na defensiva.

– É compreensível, Riley.

Ele passou a mão pelo rosto antes de pegar mais uma batatinha.

– Só não quero que a gente acabe estragando tudo. Dessa vez, tem muita coisa em jogo. Não quero ver Noah no meio de uma guerra, se as coisas derem errado.

Seb passou a língua pelos lábios.

– E ela?

Riley ergueu um dos ombros.

– Está só esperando que eu dê o primeiro passo.

– E você quer dar esse passo?

– Quero! – disse Riley imediatamente, embora Seb não parecesse surpreso com a resposta. – Querem

Lex desse jeito nunca foi um problema.

O irmão sorriu.

– Então, vá em frente, cara. Se os dois querem, por que não? – Seb se aproximou de Riley. – Caso contrário, nunca vai saber...

Riley ergueu a cabeça.

– Verdade.

Seb deu um tapinha no braço do irmão e o apertou de leve.

– Se não der certo, vocês continuam tendo Noah. Seja como for, ela sempre vai fazer parte da sua vida. – Pegou uma coxa de frango. – Cacete! Estou com fome...

– É melhor vocês dois não avancem na comida – disse Joan, da sala de estar.

– Claro que não, mãe – respondeu Seb, com a boca cheia de frango.

Riley deu um risinho debochado e balançou a cabeça. Nesse instante, a voz de Dex ecoou por todo o espaço.

– Tem alguém em casa?

A pergunta foi seguida pelo som da mãe correndo para abraçá-lo e da voz de Park.

– Não vá sufocar o pobre rapaz, mulher.

Seb e Riley também atravessaram a casa correndo e encontraram Dex ainda parado na porta da casa, sendo coberto de beijos e de abraços. Ao seu lado estava Tate, com as malas nas mãos.

– Como é bom ver você! – exclamou Joan, segurando o rosto do filho e dando-lhe um beijo.

– Bom ver você também, mãe.

Dex ergueu o tronco, apertou a mão de Park e riu para Riley e Seb, que se aproximaram para abraçá-lo. Já fazia um bom tempo que Riley não encontrava o irmão mais velho e, ao vê-lo ali, ainda usando o terno Tom Ford amassado pelo voo de volta da Tailândia, percebeu como tinha sentido saudade dele. O cabelo escuro de Dex estava mais comprido, penteado para trás e formando ligeiros cachos na altura das orelhas. Ele estava com um cavanhaque e, ainda que aquilo até o deixasse com um ar durão, Riley não perderia a chance de zoar o irmão antes de o dia terminar. Além disso, usava óculos novos, pelo visto Prada, e a mala que Tate tinha deixado no chão era Louis Vuitton. Dex nunca tivera problema em gastar dinheiro...

– Como você está? – perguntou Riley, quando foram para a sala de estar.

– Cansado – respondeu Dex, tirando o paletó do terno e largando-o no encosto do sofá. – Mas o voo foi bom. – Ele se jogou numa poltrona, olhando para a cozinha. – Esse cheiro é de bolo?

– De chocolate – respondeu Joan.

– O meu favorito.

– Embora o aniversário seja *meu* – rebateu Seb da porta, fingindo se lamentar e lambendo os dedos ainda sujos de frango.

Joan franziu a testa.

– Você andou comendo...

– O aniversário é *meu* – interrompeu ele, com um sorriso cínico.

– Pelo visto, você está ótimo, cara – disse Riley ao irmão mais velho, sentando-se ao lado dele.

– É, mas o meu cheiro não deve estar lá essas coisas – respondeu Dex, fazendo uma careta. – Será que dá tempo de eu tomar um banho antes que as pessoas cheguem?

– Claro, querido – disse Joan, toda sorridente por ter os seus meninos em casa. – É melhor eu ir botar os *vol-au-vents* no forno. – Ela saiu e deu um tapinha no braço do caçula quando passou por ele. – E pare de ficar comendo tudo!

Tate se acomodou em uma cadeira, soltando um gemido.

– Está tudo bem? – quis saber Park.

– Está, sim. É só a minha perna que anda aprontando.

– Obrigado por ir me buscar, Tate – disse Dex, contendo um bocejo. – Foi bem legal.

Tate respondeu com um gesto e esfregou o joelho.

– Que tal a Tailândia? – perguntou Seb, se encarapitando na pontinha da mesa de centro como sempre fazia desde que era pequeno.

Dex deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos.

– Incrível. Parece um mundo completamente diferente. A comida, o clima...

– As mulheres? – provocou Riley, cutucando o irmão com a ponta do dedo.

A reação de Dex foi de descaso.

– Se tinha alguma, não deu tempo de curtir. Foi uma trabalhadeira louca...

– Sempre sobra tempo para as mulheres, rapaz – retrucou Riley.

Dex se virou para ele, estreitando os olhos.

– É mesmo? E o que Lexie acha disso?

Riley caiu na gargalhada, e os dois outros irmãos também riram, debochando.

– *Touché*, meu caro – admitiu o rapaz.

Dex deu um tapinha no ombro dele.

– Ok, deixem eu ir tomar meu banho – disse, se levantando. – Antes que eu durma. Depois, botamos a conversa em dia.

Dex desapareceu na escada, levando a mala, e, por um instante, Riley ficou pensando em como era bom estar na casa dos pais, junto com todos os irmãos, sentindo os cheiros da infância que vinham lá da cozinha. Era realmente uma sensação deliciosa. Ele e Seb se ofereceram para ajudar a mãe a arrumar a mesa, dobrando os guardanapos e tentando garantir que ela não precisasse se levantar ou ir buscar o que quer que fosse. Enquanto isso, Park e Tate continuaram grudados na TV.

Maggie e tia Carol foram as primeiras a chegar, trazendo Rosie, empolgadíssima, usando um vestido cor-de-rosa que ela fazia questão de rodar sempre que tinha chance. Maggie parecia ainda mais grávida e ficava o tempo todo reclamando dos tornozelos inchados e da azia. Alguns dos amigos de Seb apareceram: Gray, seu amigo mais antigo, da época do ensino médio, que chegou com a nova namorada, e alguns colegas de faculdade que continuavam morando por lá e trouxeram cerveja e presentes.

Quando a campanha tocou novamente, o coração de Riley disparou. Tinha visto Lexie estacionando o carro e, de imediato, um calor enorme tomou conta do seu corpo. Num piscar de olhos, estava diante da porta, e a abriu com uma reverência. Ao vê-lo, Noah abriu um sorriso radiante.

– Chegamos! – gritou o menino, fazendo o pai rir.

– Não é que chegaram mesmo? – comentou Riley. Olhou então para Lexie, que estava incrível, usando um vestido azul-marinho e sapatilhas. – Que bom que puderam vir. Oi, Christine. Entrem.

Seb apareceu no corredor, aparentemente com a intenção de atender a porta. Sorriu ao ver Lexie e se inclinou para dar um beijo no rosto dela.

– Que bom ver você, Lex. Oi, Christine. – Baixou os olhos para Noah e sorriu. – E você deve ser Noah. – Ele ergueu o punho cerrado. – Eu sou Seb, irmão de Riley. Muito prazer, rapaz.

O menino hesitou por um segundo antes de bater com o punho miúdo no de Seb.

– Tem alguma coisa para ele? – perguntou Lexie ao garotinho.

Noah estendeu uma sacola para Seb.

– É o seu presente de aniversário – disse o menino, baixinho.

– O que a gente diz? – insistiu Lexie.

– Feliz aniversário.

– Obrigado, Noah – respondeu Seb, pegando o presente. – Muita gentileza sua.

– De nada.

Riley observou o irmão olhando para o garotinho e entendeu tudo: ele também já tinha sido conquistado. O seu filho era *tão* fofo...

– Vamos entrar – disse Riley. – Todo mundo está lá nos fundos.

Encontraram os outros convidados no quintal ensolarado e com música tocando. Joan e Park cumprimentaram Christine e Lexie de um jeito mais espontâneo do que Riley esperava. Ele ficou, então, observando a reação dos pais ao verem Noah. Tate e Dex, parados perto da churrasqueira, foram os próximos a serem apresentados ao sobrinho, e ambos logo se encantaram com ele.

– Esses aqui são Tate e Dex – disse Riley. – Também são meus irmãos.

– Você tem três irmãos?

– Loucura, né?

Noah ergueu os olhos para os dois rapazes, parecendo perplexo. Dex foi o primeiro a falar.

– E aí, Noah? Tudo bom?

– Tudo.

Dex cumprimentou Lexie com um aceno de cabeça e um olhar cauteloso.

– Bom ver você, Lex.

Ela respondeu com um ligeiro sorriso.

– Bom ver você também. Soube que estava na Tailândia. Deve ser muito legal.

– É mesmo.

Tate continuou tomando o suco, olhando para Lexie de um jeito tão intenso que parecia até estar tentando enxergar através dela. A conversa não fluía muito bem, mas pelo menos os irmãos de Riley estavam se esforçando, o que já era mais do que o esperado. Se Riley e Lexie iam tentar reconstruir uma relação, a família dele não podia ficar de fora. Só assim as coisas iriam funcionar.

– Você usa bengala? – perguntou Noah de repente, olhando para Tate.

– Noah! – sussurrou Lexie, muito sem graça.

Tate sorriu.

– Não tem problema. – O tom que ele usou para falar com Lexie era frio, mas o sorriso que abriu para o menino foi largo e brincalhão. – Para o olho de um simples mortal é apenas uma bengala que me ajuda a andar. – Tate baixou a voz e Riley já podia imaginar o que vinha pela frente. – Mas para um Jedi...

Noah arregalou os olhos.

– É um sabre de luz?

Tate inclinou o tronco para poder sussurrar:

– Bem que eu sabia que a Força era forte em você...

Noah piscou, incapaz de articular uma palavra. O garoto se virou para Riley.

– O seu irmão é um Jedi?

Tate deu um risinho para o irmão, e os ombros de Dex se sacudiram com a risada que ele tentou abafar, enquanto os dois ouviam Riley dizer:

– Ele acredita que sim...

Antes que Tate pudesse interromper a conversa ou dizer o que quer que fosse, Riley pôs a mão na cabeça do filho e sorriu.

– Vamos lá, rapaz. Tem mais alguém que eu quero que você conheça.

Riley pegou Noah pela mão e atravessou o quintal até o local onde ele e Tate tinham colocado algumas cadeiras para os convidados.

– Essa aqui é a minha prima Maggie, e essa é a filha dela, Rosie.

Os olhos do menino se arregalaram quando ele viu a garotinha, que, por sua vez, inclinou um pouco a cabeça para encará-lo.

– Acho que vocês podem brincar juntos. – A mão de Noah apertou a de Riley, que se agachou para falar com ele. – Rosie é uma garota legal.

O menino levou a mão livre à barba de Riley e começou a remexer nela com os dedinhos. Ele já tinha percebido que o filho fazia aquilo quando precisava ser tranquilizado.

– Será que ela gosta de jogar futebol? – quis saber o menino.

– Não sei. Por que não pergunta a ela?

Noah se colou ainda mais a Riley, mas olhou para a menina quando fez a pergunta:

– Você gosta de jogar futebol?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Eu jogo com o meu pai.

O menininho pareceu espantado.

– Com o seu pai?

– É. Você não joga?

A expressão de Maggie se enterneceu quando ela olhou para o primo.

– Não – respondeu Noah, fazendo o estômago de Riley se contrair com tanta força que ele precisou respirar fundo.

Queria desesperadamente contar ao filho quem ele era. Já tinha conversado com Lexie a esse respeito, e ficou acertado que Riley poderia contar a ele quando quisesse. Meu Deus, como queria contar! Mas aquele não era o melhor momento.

– Ah! – exclamou Rosie, com o rostinho preocupado. – Posso jogar com você agora.

Noah pareceu estranhar.

– De vestido?

A menina olhou para si mesma.

– O vestido não atrapalha. Posso jogar qualquer coisa, mesmo de vestido.

Maggie riu, escondendo a boca com a mão, e puxou a filha para dar um abraço.

– É bem minha filha...

– Tem uma bola de futebol na bolsa da minha mãe – disse o menino. – Podemos jogar com ela.

– Ótima ideia, cara – disse Riley e, sem pensar duas vezes, deu um beijo na testa do filho. – Por que não vai lá com ele, Rosie?

Por uma fração de segundo, a garotinha pareceu hesitar, mas logo acompanhou Noah de volta até onde estava Lexie, que tinha ficado observando a cena a uma distância discreta. Ela ajudou o filho a pegar a bola e, junto com Riley, olhou as duas crianças irem para o fundo do quintal e começarem a dar os chutes.

– Essa deve ser a coisa mais fofinha que eu já vi na vida – disse Lexie, com a mão no peito.

Riley sorriu, chegando mais perto dela.

– Você está bem?

Christine tinha ficado conversando com os pais dele. Lexie fez que sim com a cabeça, olhando para Tate e Dex.

– Estou, sim. Ainda me sinto como o Lobo Mau...

Riley virou a cabeça para os irmãos.

– Não se preocupe com eles. Se eu estiver feliz, eles também vão ficar.

Riley se inclinou e deu um beijinho em Lexie, tocado pela compreensão que ela demonstrava e por vê-la assim tão linda, ali no quintal dos pais. Ela ficou paralisada por um instante, mas retribuiu o beijo. Foi breve, mas delicioso.

– Gosto de ter você aqui – sussurrou ele.

– Também gosto de estar aqui.

– Mamãe! – A voz de Noah vinha de trás de Riley. O menino corria na direção dos dois, segurando a braguilha. – Quero ir no banheiro.

– Claro, querido – disse Lexie, estendendo a mão para o filho. – Já volto.

Riley ficou olhando os dois se afastarem e entrarem na casa. Depois, pegou uma cerveja do balde de gelo e foi até onde Tate estava, ainda com uma cara bem amarrada.

– Relaxe, fuzileiro – disse Riley, cutucando o irmão com o ombro.

Tate balançou a cabeça e revirou os olhos.

– Não confio nela.

– Eu sei – observou Riley, tirando o lacre da garrafa. – Mas eu confio.

– Sério? – perguntou Dex. – Está mesmo pensando em reatar com ela?

Riley suspirou, voltando os olhos para o local onde Lexie e Noah haviam desaparecido.

– É. Acho que estou. Essa é a minha chance de ter uma família de verdade.

– Mas você *tem* uma família – observou Tate. – E nós gostamos de você.

Riley sentiu o peito apertado. Passou um dos braços pelos ombros de Tate.

– Eu sei, irmão. Também gosto de você, e pra caramba!

– É isso que você quer? – perguntou Dex mais uma vez, com aquela mente racional trabalhando a toda velocidade.

– É – respondeu Riley, sinceramente e sem qualquer hesitação. – Ela e Noah são o que eu quero.

Os dois se entreolharam e, depois, Dex assentiu.

– Então, fico feliz por você, Ri. – Ele brindou, batendo a sua garrafa na do irmão. – Só tome cuidado, ok?

– Pode deixar.

– Já vai contar a Noah quem você é? – perguntou Tate, olhando para o outro lado do quintal.

– Quero contar. Só estou esperando o momento certo.

– Se precisar de nós, é só chamar – disse o irmão mais velho, com firmeza.

– Sei disso.

Dex ergueu o braço, acenando para o local onde Seb e Gray estavam sozinhos, aparentemente no meio de uma conversa. Seb tinha os punhos fechados e a mandíbula cerrada: parecia pronto para dar uma surra em alguém.

– Que diabo está acontecendo?

– Não faço a mínima ideia – disse Riley, franzindo a testa.

Antes que algum deles fosse até lá e interferisse no que quer que estivesse prestes a acontecer, Seb balançou a cabeça, disse algum desaforo para Gray e se afastou, se aproximando a passos largos dos três irmãos. Tinha o rosto corado, e os seus olhos faiscavam.

– O que está acontecendo? – perguntou Dex, e a sua posição de irmão mais velho o fez olhar desconfiado para Gray, que agora estava falando com a garota que tinha vindo com ele.

– Nada – disse Seb. Ele ergueu a garrafa de cerveja e tomou todo o conteúdo. – É uma festa, e estou enchendo a cara. Quem me acompanha?

Seb lançou um olhar de desculpas a Tate, que retribuiu com um sorriso bem-humorado.

– Por que não? – respondeu Dex, dando de ombros. – A diferença de fuso já está me enchendo o saco, e virar a noite bebendo me parece fantástico.

Dex passou o braço pelos ombros de Seb e foi levando o caçula até o lugar onde estavam as bebidas

– Não dá para ficar entediado por aqui... – comentou Riley.

– Que drama... – disse Tate, dando um risinho debochado.

■ ■ ■

O resto da tarde foi perfeito. Todos se divertiram muito, até mesmo Seb, que pareceu ficar um pouco mais animado depois que Gray e a namorada foram embora, embora o jeito como continuava entornando Grey Gooses e Red Bulls, um atrás do outro, certamente fosse cobrar o preço no dia seguinte. Riley tentou forçar o irmão a contar que diabo estava acontecendo, mas ele não abriu a boca, o que, por si só, já era bem estranho.

Noah e Rosie brincaram juntos até o final da festa. Arranjaram mil maneiras de jogar futebol, até que Park armou a piscininha e os dois (além de alguns adultos também) começaram a espalhar água por todo lado. Lexie ficou junto de Riley a maior parte do tempo, mas deixou que ele circulasse e conversasse com outros convidados, enquanto ela se esforçava para conversar com a família dele. Aparentemente, Joan vinha pouco a pouco se reaproximando dela; Park, porém, se mantinha distante, tratando Lexie mais

ou menos como tratava o próprio Riley. E este quase já tinha esgotado as tentativas de conseguir o perdão do pai.

Por volta das oito da noite, Dex, Seb e alguns dos amigos do aniversariante resolveram esticar a festa em alguma boate. Trocaram de roupa, chamaram um táxi e foram embora. Riley ficou espantadíssimo ao ver Dex aceitar a ideia: em geral, ele era tão sensato, quase sempre o primeiro a ir para a cama. Mas achou ótimo ver o irmão partir para uma noitada. Talvez a viagem para um lugar distante tivesse atenuado um pouco o seu pragmatismo.

Como Maggie e Rosie tinham ido embora uma hora antes, Noah acabou pegando no sono no sofá, finalmente exausto pela agitação do dia de festa. Depois de ir ao banheiro e ver se estava tudo bem com o filho, Riley desceu e encontrou Lexie na cozinha, limpando travessas e copos e pondo tudo no lava-louça. Ela remexia os quadris ao som da música que continuava tocando no quintal, onde os pais de Riley, Tate, Christine e alguns outros convidados mais resistentes ainda conversavam e bebiam.

Riley se permitiu ficar só olhando por um instante, cativado pela bunda de Lexie e pelo jeito como a cintura dela se movia. Ela era absolutamente sexy. Ele se aproximou de mansinho, estendeu os braços e pôs as mãos nos seus quadris. Ela deu um pulo.

– Ai, que susto! – exclamou, com um risinho.

Ele fez *hum, hum* ao seu ouvido e começou a acompanhar os movimentos dela.

– Você está tão linda... – Ele inalou o perfume de Lexie. – E tão cheirosa...

– E você é incrível – disse ela, deixando de lado o pano de prato e pondo as mãos sobre as dele.

– Nosso filho está dormindo.

– Eu sei. Já está tarde. Tenho que levá-lo para casa.

– Posso ir junto?

Lexie parou o que fazia e se virou para ele. Riley não recuou, e ela sentiu seu peito colado ao dele. Ela ajeitou os óculos no nariz.

– Quer ir?

Ele inclinou a cabeça e roçou os lábios dela com os seus, apertando um pouco mais a cintura de Lexie.

– Quero – respondeu ele, mordiscando o lábio inferior de Lexie. – Eu quero ir. – Ergueu a mão e segurou seu rosto. – Vamos.

Riley tinha bebido demais para dirigir, porém era mais do que capaz de pegar Noah no sofá. O garotinho estava inerte, com os braços e as pernas batendo de encontro ao corpo de Riley enquanto o pai o levava no colo e o instalava na cadeirinha, com todo o cuidado. Riley se sentou ao seu lado e Christine foi na frente, com a filha.

Lexie deixou a mãe em casa e, quando chegaram, Riley pegou Noah, que continuava dormindo. Seguindo a rotina que havia construído aos poucos, o rapaz o botou na cama, tirou os sapatinhos e a bermuda e puxou o lençol para cobrir o filho. Ficou parado ali alguns instantes vendo o menininho dormir, maravilhado com sua perfeição.

Riley saiu do quarto e encontrou Lexie parada no alto da escada.

– Está tudo bem com ele?

– Perfeito – respondeu.

Ficaram se olhando por um tempo, que pareceu se estender por um milhão de anos, e, depois de

respirar fundo, Lexie veio andando na direção dele. Ela pegou a mão de Riley e entrelaçou os seus dedos nos dele carinhosamente.

– Estou tão feliz por você estar aqui, Riley..

– Eu também – murmurou ele, acompanhando com os olhos as linhas delicadas dos ombros de Lexie. Ele se lembrava do gosto doce que tinha aquela parte do seu corpo.

– Quer mesmo isso? – perguntou Lexie.

– Isso?

– Nós dois – esclareceu ela. – Está pronto para isso? Para mim?

Riley conteve a respiração por um instante.

– Acho que sim – respondeu, e os olhos azuis de Lexie percorreram o seu rosto. – Não quero ninguém mais. Não quero estar em *nenhum outro* lugar neste momento.

– Ótimo, porque eu quero você. Sempre quis.

Então, ela o beijou. Foram beijos lentos e ardentes, que fizeram o sangue de Riley pulsar nas veias, mais rápido do que ele se lembrava de já ter sentido na vida. Lexie deteve o movimento da boca dele, perguntando:

– Será que poderia voltar a me amar?

Aquela pergunta o deixou inteiramente sem fôlego.

– Lexie – disse Riley, arfando –, nunca deixei de amar você. – Ele segurou o rosto dela, sussurrando, com os lábios colados aos seus. – Não posso esquecer o que sinto por você, da mesma forma que não posso decidir parar de respirar. E olhe que eu tentei. acredite. Por anos e anos. Mas não dá.

Lexie se entregou aos seus braços. Riley já podia ver as palavras nos olhos dela e, de repente, se viu desesperado para ouvi-las.

– Diga – sussurrou. – Diga.

A voz dela soou quente e rouca em seu ouvido:

– Amo você. Você é o mundo inteirinho para mim.

– Lex...

Nos lábios dele, aquele nome era uma maldição, uma promessa, uma declaração. E ela ouviu isso tudo em alto e bom som.

Sempre segurando a mão de Riley, Lexie o levou da escada até o quarto. Riley era puro nervosismo e excitação ao entrar ali. Ele se virou para vê-la fechar a porta. Engoliu em seco, se esforçando para umedecer a garganta.

– Ele não vai acordar?

Ela fez que não.

– Só lá pelas seis da manhã.

Lexie estendeu os braços e tirou o vestido pela cabeça, ficando só com a lingerie preta.

Ela estava tão maravilhosa quanto nas melhores lembranças de Riley. Na verdade, essas memórias nem faziam justiça a ela. Riley conhecia o corpo de Lexie desde que tinha 18 anos e, acompanhando sua evolução de adolescente para jovem e, agora, para mãe, ele percebia, deslumbrado, como certas partes daquele corpo tinham se abrandado e alterado. A pele dela era clara, destacando ainda mais os mamilos. Gemeu baixinho só de lembrar da textura deles na própria língua.

– Deixe eu olhar para você – sussurrou ela.

Estavam parados, com a respiração pesada, sentindo a ar suave da noite que entrava pela janela aberta.

O oxigênio fugiu dos pulmões de Riley quando ele tirou a camiseta pela cabeça. O jeito como Lexie percorria o seu corpo com o olhar, indo dos ombros aos quadris e passando pelo peito, fez com que os olhos dele se revirassem. Ela estava a pouco mais de um metro de distância e Riley parecia sentir o toque daquele olhar. Foi Lexie quem deu o primeiro passo, com seu corpo lindo e gracioso. Ela percorreu o espaço que separava os dois e Riley fechou os olhos, só esperando pelo seu toque. Mas isso não aconteceu. Ela passou por ele e parou às suas costas; Lexie soprou na sua nuca, e ele respirou fundo ao experimentar aquela sensação.

– Tinha quase esquecido como você é bonito. – A boca de Lexie estava a poucos centímetros do ouvido dele.

Riley se sobressaltou e inspirou com toda a força quando as mãos dela o seguraram pela cintura. Depois, foram subindo bem devagar pelas laterais do seu peito, apertando de leve. Ele cerrou bem os olhos, tentando acalmar o próprio corpo, mas era um exercício absolutamente inútil, pois estava a ponto de explodir.

As mãos de Lexie subiram mais, chegando aos seus ombros. Então, ela beijou sua nuca, e ele gemeu ao sentir aquele contato. Os lábios dela eram quentes, e a sensação que provocavam era maravilhosa. Riley queria desesperadamente se virar e devorá-la inteirinha, mas aquelas mãos o deixavam paralisado. Com a língua, ela percorreu o caminho que ia dos ombros ao pescoço dele, fazendo com que Riley mantivesse os punhos cerrados, caídos ao lado do corpo.

Lexie passou os braços pela cintura de Riley, brincando com as pontas dos dedos por onde eles passavam, até chegar ao zíper da calça jeans. E, quando ela o abriu, Riley sabia que ela podia sentir como aquilo tudo estava sendo difícil para ele. Uma das mãos de Lexie deslizou por dentro do tecido, e o corpo de Riley se enrijeceu inteirinho enquanto ela percorria o seu peito, contornando um dos mamilos. Ele já estava ficando sem ar.

– Meu Deus, Lex!

Ele sentia os seios dela pressionando suas costas e não aguentava mais de tanta vontade de tê-los nas mãos e na boca.

– Eu sei. – Bem devagar, ela se pôs à sua frente, deixando a mão direita, que continuava nas costas dele, descerem até a bunda, que ela apertou. – É irresistível, não é?

Sem dizer mais uma palavra, Riley se inclinou para passar a língua no mamilo direito de Lexie. Ela arqueou o corpo e, com as mãos, agarrou o cabelo dele. A língua de Riley girava e se retorcia na pele dela, e ele segurou a cintura de Lexie com as mãos. Sentiu a pele dela arder sob as suas palmas, o que fez seu corpo inteiro se inflamar de desejo. Ergueu a cabeça e passou ao seio esquerdo, repetindo os movimentos com a língua, lambendo, chupando, provocando nela gemidos de prazer. Sabia que a estava deixando louca – tão louca quanto ele próprio naquele momento.

Ele se endireitou, ficando com o rosto a poucos centímetros do rosto dela. Lambeu os lábios.

– Adoro o seu gosto... – disse ele, e Lexie chegou a perder o fôlego. – Deixe eu ver mais.

Riley baixou a calcinha de Lexie, que se desequilibrou um pouquinho. Ele logo passou o braço pela cintura dela, segurando-a com firmeza.

– Calma aí, querida – disse ele.

Lexie segurou o rosto de Riley com as mãos.

– Pensei nisso por tanto tempo...

– Em quê?

– Em você.

Ele enfiou o nariz no pescoço dela.

– O que foi que você pensou? Conta.

– No seu toque.

– Onde?

– No meu corpo todo.

– Mostre como, Lex – sussurrou ele.

Sem hesitação, ela se desvencilhou do abraço e começou a passar a mão pela própria barriga e pelos quadris. Observando cada movimento que ela fazia, Riley tirou a calça e a cueca. Não conseguiu se segurar e se tocou: o pau estava tão duro que chegava a doer. Ele ouviu Lexie arquejar.

Riley sorriu, percebendo pela expressão dos olhos de Lexie o que ela ia fazer. Ele viu o dedo médio da garota começar a pressionar o clitóris. *Cacete!* Lexie girou o dedo algumas vezes e, depois, o indicador foi participar da festa. Pela facilidade com que os dedos se moviam, dava para ver que ela estava muito molhada. Com um grunhido, Riley deu um passo na direção dela, imaginando que era a sua mão ou o seu pau que estavam fazendo ela se sentir daquele jeito. Queria colocar a boca no corpo dela. Queria lambê-la inteirinha, sentir o seu gosto e, depois, deixar que ela fizesse a mesma coisa com ele.

Riley imaginou o pau naquela boca e gemeu ainda mais alto.

Ao pensar nisso, afastou a mão de Lexie e a ergueu do chão, segurando-a por baixo dos joelhos e ao redor da cintura. Os lábios dela encontraram os dele, quentes e frenéticos, enquanto Riley a carregava para a cama e a deitava ali, enfiando a língua na sua boca e se deixando cair sobre o seu corpo. Os dedos de Lexie se emaranharam deliciosamente no cabelo de Riley, e ele arfava, colado à boca dela. Os movimentos que os dois faziam eram rápidos, desorganizados, impacientes. Riley esfregou o pau no corpo dela repetidas vezes, enquanto os quadris de ambos se remexiam em uma dança frenética e desesperada.

Beijando-a ruidosamente, ele ergueu o corpo, apoiando-se com as mãos, e foi descendo, sempre em cima dela. Usando os dedos para abrir ainda mais as pernas de Lexie, Riley levou os lábios ao seu clitóris e começou a chupá-lo, enquanto a garota se contorcia debaixo dele. Com um dos braços apoiado na barriga dela, continuou a lamber e a chupar, como um homem faminto. Ela estava tão molhada que o rosto dele ficou lambuzado, aguçando os seus sentidos. Riley pressionava os quadris contra a cama, precisando de algo, de qualquer coisa, que fosse capaz de aliviar a pressão.

– Vou gozar!

É, Riley sabia disso. E, assim que enfiou dois dedos na vagina de Lexie, ela gozou. Ele fechou os olhos, se deixando embalar por aquele calor, aquela umidade, aqueles ruídos. Ela colou sua parte íntima ao rosto dele, arfando, gemendo, pedindo mais.

– Quer mais, Lex? – perguntou ele, sem fôlego, voltando a se deitar sobre ela e beijando seu pescoço.

Remexeu um pouco os quadris, para que o pau inteiro se esfregasse no corpo dela.

– Quero – respondeu, segurando o rosto dele e puxando-o para mais um beijo.

– Como?

Ela parou de se mexer.

– Lá dentro. Eu quero. – Lambeu o pescoço dele, deixando a língua se deter por alguns instantes no contorno do seu rosto. – Quero você dentro de mim. Estou tão vazia...

Riley a apertou com mais força, e o seu corpo inteiro ficou ainda mais tenso.

– Posso... Precisamos... Quer dizer, será que podemos?

Ele só tinha gozado sem camisinha uma única vez antes, e tinha sido justamente com Lexie, na noite em que conceberam o filho. Era sempre cuidadoso, mas queria que ela se sentisse segura.

Lexie beijou o ombro de Riley e envolveu o pescoço dele com os braços delicadamente.

– Podemos, sim. Está tudo bem.

Ela sussurrou aquelas palavras como se fossem um segredo entre os dois. Riley moveu os lábios mais uma vez e murmurou o nome dela. Ela voltou a aproximar a boca do ouvido dele.

– Venha me comer, Riley.

Assim que a última sílaba do seu nome saiu da boca de Lexie, ele abriu as pernas dela o máximo que pôde e a penetrou. Ela soltou um grito, envolvendo o corpo dele com as pernas e prendendo os pés nas suas coxas. Ele gemeu bem alto, com o rosto afundado nos ombros dela. Depois, recuou e penetrou Lexie novamente, com mais força ainda.

– Você é tão gostosa...

Era a pura verdade. De todas as mulheres com quem havia transado ao longo dos anos, nenhuma tinha feito seu corpo arder tanto e o seu pau ficar tão duro quanto Lexie.

Ela segurou a bunda de Riley e apertou quando ele começou a se mover dentro dela. Como se fossem óleo, as palavras dele pareciam tornar o corpo de Lexie mais molhado e escorregadio.

Ele se enfiou ainda mais; estava já tão fundo...

– Mais! – exclamou Lexie, antes de se debruçar sobre o ombro dele e mordê-lo com força.

Riley gritou, mas não parou de se mexer, segurando o rosto dela e beijando-a ferozmente, puxando a língua dela para fora da boca para poder chupar melhor. Será que não podia ficar ainda mais perto? Precisava disso.

Ele gemeu e agarrou os quadris de Lexie com mais força.

– Isso – disse ela, grudada ao corpo dele. – Eu quero mais. Senti tanta falta disso. Tanta falta de você.

Riley recuou, a ponto de ficar quase fora dela, então voltou a penetrá-la mais e mais. Com a boca, procurou o seio esquerdo de Lexie e recomeçou a chupar, a morder. Depois, fez a mesma coisa com o outro. Ela passou as unhas pelas costas dele e, em seguida, voltou para o seu cabelo e para o seu rosto.

– Lex – disse ele, ofegante, com os olhos semicerrados. – Estou quase gozando.

Ele a agarrou pelos pulsos e os empurrou de encontro à cama. Depois, ergueu os joelhos dela, deixando-os colados ao peito para poder penetrar ainda mais fundo.

Lexie gritou o nome dele de um jeito lindo quando os dedos de Riley encontraram seu clitóris e começaram a preparar seu orgasmo. Ela mexeu os quadris de um jeito que ele conhecia bem, e a vagina ficou estreitinha, apertando o pau de Riley. *Ah, graças a Deus.* Ele não reduziu o ritmo, e seu membro já estava incrivelmente duro; ele sabia que ver e sentir Lexie gozar de novo ia fazê-lo ter um orgasmo também, na mesma hora.

– Goze, Lex. Por favor. Goze.

Ele levou a boca ao pescoço dela. Balançou a cabeça e mordeu o lábio com força, apertando bem os

olhos, sentindo os testículos se enrijecerem e a barriga se contrair, num sinal de alerta: ia gozar como nunca.

Lexie remexeu os quadris e se retesou, repetindo o nome dele. Riley abriu os olhos de repente e enfiou o pau com tanta força que ela chegou a se erguer uns bons centímetros na cama. Sem conseguir se segurar mais, ele explodiu dentro dela, agarrando-a pelos quadris e gemendo bem alto na curva do seu pescoço. Lexie ergueu um pouco o corpo contra o dele, e os dedos de Riley não haviam parado de excitar o clitóris dela. Até que ela se arqueou toda e gozou com tanta força que quase o empurrou para fora. Lexie abriu a boca e soltou o mais lindo gemido de prazer que Riley já tinha escutado. O sangue começou a pulsar na sua cabeça, até que a pressão finalmente relaxou dentro dela.

Quase imediatamente, Riley desabou sobre o corpo de Lexie. Com a cabeça no peito dela, ele sentia a respiração forte e acelerada. Os quadris diminuíram o ritmo, e os movimentos foram ficando cada vez mais lentos, até cessarem por completo. Lexie pôs a mão na cabeça dele e começou a passar os dedos pelo seu cabelo. Riley tinha certeza de que ela podia sentir o coração dele batendo feito louco.

Ele respirou fundo e soltou o ar pela boca.

– Meu Deus, Lex. É sempre a mesma coisa. Todas as vezes. *Todas*. É simplesmente...

Ela passou os braços pelo pescoço dele.

– Eu sei. *Perfeito*.

Ele ergueu a cabeça e sorriu de mansinho, mas a ansiedade percorria seu corpo. Era normalmente nessa hora que os olhos dela se fechavam e ela se desvencilhava, afastando-o. E a simples ideia de que isso pudesse acontecer novamente o deixava apavorado.

– Está tudo bem? – perguntou Riley.

Lexie fez que sim com a cabeça e o beijou de leve, deixando a língua passear pelos lábios dele.

– Nunca estive tão feliz. Nunca mais quero ficar sem você.

Uma hora depois, ainda excitada, exausta, nua e felicíssima, Lexie entregou a Riley o copo de suco gelado que tinha apanhado na cozinha e voltou para a cama ao seu lado. Ele tomou um golinho, botou o copo na mesa de cabeceira e lhe deu um beijo na testa, enquanto ela se aconchegava junto ao seu corpo quente. Lexie passou os braços pelo pescoço dele, puxando-o para mais perto. Ela sentiu um aperto gostoso no peito, por tê-lo ali mais uma vez. Quando ele sorriu, Lexie deu um beijo demorado em Riley, demonstrando o amor, o desejo, a paixão e a saudade que sentia.

Segurando o seu rosto, Lexie colou os lábios nos dele, deixando que o hálito de Riley invadissem sua boca. Ele suspirou e se aproximou. As línguas dos dois dançavam juntas. O gosto dele era incrível, exatamente como nas lembranças de Lexie. A noite que passaram juntos foi tão boa quanto ela tinha imaginado que seria. Embora não houvesse tido muitos parceiros sexuais na vida, ela sabia que ninguém seria capaz de satisfazê-la como Riley. O corpo dela se sentia completo, nutrido, de um jeito que só tinha experimentado com ele.

Ela o abraçou com mais força, tentando não pensar no pânico e na mágoa que passaram pelos olhos de Riley quando ele perguntou se estava tudo bem entre os dois. Lexie sabia que a culpa era toda dela e se odiava por isso. Tudo que podia fazer era continuar a tranquilizá-lo: o corpo e o coração de Lexie o desejavam mais que qualquer outra coisa no mundo.

Ela dobrou o joelho direito, apoiando-o sobre a cintura de Riley, e virou o pé, enfiando-o entre as pernas dele, a fim de segurá-lo junto ao próprio corpo. Sem parar de beijá-lo, gemeu ao sentir a ereção dele pressionando sua coxa. Não havia experiência mais intensa do que deixar Riley excitado. Ela ficava louca de desejo.

– Sinto muito – murmurou Riley, colando os lábios no pescoço dela.

– Por quê? – perguntou Lexie, dando um beijo na testa dele.

O coração de Lexie disparou quando ele não respondeu.

– Riley? O que foi? – insistiu ela.

Ele tinha os olhos fixos no travesseiro onde Lexie estava com a cabeça. Ela passou as mãos pela lateral do corpo dele, deixando as unhas arranharem de leve a pele, chegando até a altura dos ombros. Os braços dele ficaram inteiramente arrepiados.

Ela lhe deu um beijo no rosto.

– Por favor, fale comigo. Precisamos conversar. Seja qual for a preocupação, pode me dizer.

O canto da boca de Riley se curvou um pouco.

– Você não pode ajudar, porque é exatamente com você que estou preocupado.

Lexie ergueu as sobrancelhas, esperando que ele continuasse. Riley se virou bem devagar, e ela soltou o ar com força quando o pau dele roçou a sua pele, do jeito mais perfeito possível. Ela apertou

ainda mais as pernas em torno das coxas dele, se esforçando ao máximo para se concentrar no que ele tinha a dizer e deixar um pouco de lado o desejo louco de tê-lo novamente dentro dela.

Ele deu um risinho debochado, como se soubesse exatamente o que ela estava pensando. Lexie sorriu, pedindo:

– Diga.

Com um dos dedos, ela traçou um círculo invisível nas costas dele, e Riley fechou os olhos.

Suspirou e segurou o rosto de Lexie com as mãos.

– Não quero que ache que é só isso que me importa – disse ele, indicando o corpo de ambos com o queixo. Os olhos de Riley, de um lindo tom de castanho, estavam cheios de esperança de que Lexie compreendesse. – Ficar com você assim, desse jeito, é importantíssimo para mim, mas não é tudo.

Aquele cuidado a deixava emocionada. Lexie também não queria que aquela relação dependesse apenas do sexo entre eles, que era fabuloso. No entanto, isso sempre foi uma parte muito importante do que representavam um para o outro. Não ia ser fácil encontrar um equilíbrio, mas ela sabia que os dois tinham condições de chegar lá.

– Não acho que seja assim.

Bem devagar, ela foi erguendo um pouco mais as pernas pelas costas dele, até os pés chegarem à bunda de Riley. Lexie lutou para segurar o desejo intenso de puxá-lo para dentro dela. Viu que o olhar dele foi da sua boca aos seus olhos, voltando a se fixar na sua boca em seguida.

– Podemos ter as duas coisas. Já fizemos isso antes.

Ele fechou os olhos, balançou a cabeça e pigarreou.

– Sempre vou querer você assim. Preciso que compreenda isso.

O fogo que se acendeu no ventre de Lexie era intenso, chegava a doer, e saiu percorrendo o seu corpo na velocidade de um raio. Ela sentiu a pele arder, a respiração ficou entrecortada. Colou a boca na dele e, ao mesmo tempo, pressionou a bunda de Riley com os pés, erguendo os quadris para ficar ainda mais perto.

Ao penetrar nela, ele grunhiu.

– Riley – disse ela, ofegante, beijando o rosto, o pescoço dele. – Me queira. Me tenha. – Lexie afastou um pouco o rosto e esperou que ele abrisse os olhos. – Eu sou sua.

Ele arregalou os olhos e voltou a beijá-la, desesperado, faminto. Começou a mover os quadris, e Lexie arqueou as costas.

– Porra!

Ele gemeu, enquanto ela repetia o movimento, ansioso pelo momento do gozo, *daquele* gozo que vinha se construindo dentro do corpo dela. Enfiou nela com força, sem qualquer cuidado, percebendo que era o que Lexie queria.

– Está tão fundo... – murmurou ela, arfando.

Ele a lambeu, desde o pescoço até o ouvido.

– Quero sentir o seu gosto – disse Riley, se afastando um pouco dela. – Toçar você.

A cada sílaba que saía da boca de Riley, Lexie sentia o orgasmo ficando mais forte.

– Quero beijar você, Lex.

Ela soltou um grito e o seu corpo começou a se mover com força, sem parar. Ele deu uma última estocada, e os dois gozaram juntos, bem depressa. Foi uma sensação intensa, com um calor assustador.

Riley deixou a cabeça relaxar para trás e, por entre os dentes cerrados, soltou ruídos de prazer. Lexie remexia os quadris, tentando prolongar o orgasmo pelo máximo de tempo possível. O corpo inteiro latejava, da cabeça aos pés e em cada centímetro entre eles. Ergueu os olhos para vê-lo: Riley continuava de olhos fechados, curtindo o final do próprio orgasmo. Lexie sentiu o coração pulsar com força. Ela sentia um amor que não podia ser expresso em palavras.

Quando a respiração de ambos começou a voltar ao normal e o coração de Lexie se acalmou, a pressão que ele fazia sobre o corpo dela diminuiu e ele relaxou, caindo de mansinho ao lado dela. Riley aninhou a cabeça no peito de Lexie, que passou um dos braços pelos ombros dele e levou a outra mão à nuca, acariciando o cabelo suado. O calor da própria pele contra a barba dele era uma das sensações mais sensuais que já tinha experimentado, e o peso dele sobre o seu corpo dava a ela o maior conforto do mundo. Ela se sentia segura, acolhida, desejada.

– Preciso dormir, mas... e Noah? – disse Riley, então.

Lexie sorriu. Verdade. Eles teriam muito que explicar se o menino aparecesse de manhã para fazer carinho na mãe e encontrasse Riley ao seu lado.

– Não tem problema – disse ela, tranquilizando-o. – Pode deixar que eu acordo você.

Não disseram mais nada. Não precisavam.

Lexie ficou ouvindo a respiração de Riley se aquietar até adquirir o ritmo do sono, sabendo que não havia nenhum outro lugar na Terra onde quisesse estar.

■ ■ ■

Mesmo de olhos fechados, Riley experimentou a estranha sensação de estar sendo observado. Tentou se mexer e sorriu ao sentir o corpo de Lexie junto ao seu, com a mão dela na sua barriga e o nariz no seu pescoço.

Abriu os olhos de repente, quando sentiu que o cutucavam na bochecha.

Noah estava de pé ao lado da cama, com as mãozinhas nas costas, balançando os ombros para a frente e para trás.

– Hmmm, oi, cara.

Riley ajustou as cobertas para não deixar aparecer nada.

O menino fez uma concha ao lado da boca com uma das mãos, como se estivesse prestes a contar um segredo.

– Você dormiu aqui? – perguntou, naquele tom bem alto que as crianças costumam usar quando querem falar baixinho.

Riley riu.

– É. Eu estava tão cansado depois daquela festa de ontem que acabei dormindo aqui, sabe?

Em parte era verdade. Ele estava cansado mesmo. E Lexie havia acabado de sugar qualquer restinho de energia que tivesse sobrado. Duas vezes. *Meu Deus!*

– Com a mamãe.

Riley pigarreou.

– Foi. – Ele olhou para o despertador: 6h45. – Então, você já pegou o carro e comprou as coisas para o café?

– Não, seu bobo – disse o menino, balançando a cabeça. – Sou pequeno demais para dirigir. Mamãe

prepara cereal para mim.

Riley deu uma risada.

– Ok, rapaz. Que tal deixar a mamãe dormir mais um pouco? Vá lá para baixo que eu desço em dois minutos e preparo esses cereais para você.

Noah abriu o maior sorriso, se virou e saiu correndo do quarto sem dizer mais nada. Riley ficou sorrindo, escutando o som daqueles pezinhos escada abaixo. Ele se virou para conferir se Lexie ainda estava dormindo. Deu um beijo nela, bem de leve, e ela murmurou alguma coisa ininteligível. Riley então saiu da cama e se vestiu.

Lá embaixo, encontrou Noah sentado na beirada do sofá, balançando as perninhas, vendo um desenho animado na TV. Riley se debruçou então no encosto do sofá.

– Diga uma coisa, Noah: você já comeu panqueca?

Uns olhinhos castanhos bem arregalados encontraram os seus.

– Adoro panqueca.

– Que bom, porque eu faço as melhores panquecas do mundo. Quer me ajudar?

O menino pulou do sofá e saiu correndo. Riley o seguiu, rindo.

– Vou considerar isso como um sim.

Quando Riley entrou na cozinha, Noah já estava puxando uma escadinha vermelha para perto da geladeira. Subiu os degraus, abriu a porta e apontou lá para dentro.

– Os ovos e o leite ficam aqui.

Ele riu.

– Pelo visto, você sabe *mesmo* fazer panquecas.

– Sei. Vovó me ensinou.

Riley pegou os ingredientes de que precisava e pôs tudo em cima da bancada.

– Onde a mamãe guarda as coisas?

Noah saiu mostrando onde ficava tudo. Depois, sentou no banquinho ao lado de Riley, que começou a quebrar os ovos dentro de uma vasilha de plástico e a acrescentar o leite.

– Ok. Você vai ser o mexedor-chefe – disse Riley, em tom sério, erguendo uma das sobrancelhas. – Está preparado para esse desafio?

O menino fez que sim com a cabeça, entusiasmado.

– Estou. Sei mexer direitinho!

– Ótimo. – Riley entregou a ele um batedor de aço inox e ficou ao seu lado, segurando bem firme a tigela com a massa. – Quase pronto!

Era evidente que Noah estava louco para que os ovos e o leite ficassem bem batidos, e quase não fez nenhuma sujeira.

– Vou dar uma última mexida – disse Riley, quando os bracinhos do menino acabaram se cansando.

Ele começou a rir quando o garoto apoiou as costas no seu peito e ficou lá, soltando uns “aa” e “oo” tremidos pelo movimento, já que Riley estava mexendo com força. Claro que Riley acelerou ainda mais o braço, fazendo com que o filho caísse na gargalhada.

– Oi, pessoal.

Tanto Riley quanto Noah se viraram para ver Lexie, parada na porta. Ela tinha prendido o cabelo num rabo de cavalo bem bagunçado e, embora estivesse usando apenas uma camiseta da Universidade de

Michigan e uma calça de moletom cinza, Riley nunca a tinha achado tão perfeita. Percebeu que ela estava com marcas vermelhas no queixo e no pescoço, onde a barba tinha arranhado, e conteve o grunhido que veio brotando da garganta.

– Mamãe! A gente está fazendo panqueca para você tomar café na cama – disse o menino, sacudindo a escumadeira. – *Vai dormir de novo!*

Lexie sorriu para o filho e, depois, olhou para Riley. Sentiu um calor percorrer seu corpo.

– Oi – murmurou ele com uma piscadela, adorando ver que o rosto dela tinha ficado vermelho.

– Oi. Posso ajudar?

– Não, mamãe – disse Noah, bastante irritado. – *Senta aí!*

Os dois riram. Ela serviu um copo de suco de laranja para cada um e começou a botar a mesa, pegando facas, garfos e mel, além de cortar umas frutas para comerem com as panquecas. Riley colocou as panquecas numa travessa com todo o cuidado. Quando estava tudo pronto, ele entregou a Noah, que levou a travessa até a mesa como se estivesse andando na corda bamba.

– Café da manhã! *Olha!* Riley e eu que fizemos.

Lexie ajudou o filho a colocar a travessa na mesa e o puxou para dar um abraço nele.

– Obrigada, amor. Sou uma mulher de sorte!

Riley se sentou ao lado do menino e passou duas panquecas para o seu prato.

– Coma, rapaz! São as melhores panquecas do mundo.

– Do mundo inteiro! – exclamou Noah, pegando uma boa colherada de morangos.

Riley observou o filho por alguns instantes, sentindo o olhar de Lexie fixo nele, enquanto as palavras do menino ecoavam ao redor. Ele se debruçou e deu um beijo na testa do menino.

– Você é incrível!

Aquilo era o mais próximo de “Amo você” que conseguiu dizer ao filho sem correr o risco de confundi-lo, embora quisesse gritar essas duas palavras aos quatro ventos.

– Você é incrível – repetiu Noah, enfiando uma garfada na boca.

Riley sorriu e pegou o suco, olhando para Lexie por cima da borda do copo.

– Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Isso aqui... – continuou ele. – É, está tudo bem? Desculpe, eu... peguei no sono.

Os olhos dele se dirigiram para Noah e, depois, voltaram para ela.

Lexie riu.

– Não se preocupe. Está tudo ótimo. Esqueci de pôr o despertador. – Ela mastigou a panqueca. – Além disso, foi ótimo você ter dormido aqui.

– Ele pode dormir aqui de novo? No meu quarto? – perguntou Noah, com a carinha mais inocente do mundo, antes de enfiar um morango na boca.

Riley sorriu, sem parar de comer as panquecas, deixando para Lexie a tarefa de responder àquela pergunta.

Ela pigarreou e se remexeu na cadeira.

– É... Bom, não sei se ele cabe na sua cama, querido. E com certeza não dá para ele dormir no chão.

Noah e Riley se entreolharam, rindo.

– Você é tão boba, mamãe...

– É mesmo, mamãe – observou Riley, com uma risadinha. – Você é muito boba.

Por pouco conseguiu se esquivar do morango que Lexie jogou nele.

– E então? Tem planos para hoje? – perguntou ela, sorrindo.

Riley deu de ombros.

– Nada importante. E você?

Ela fez que não com a cabeça.

– Jaime está cuidando da loja. Acho que a gente podia dar um passeio. Talvez ir até a cidade. Ou quem sabe voltar a Long Lake.

Noah ficou de joelhos na cadeira, com um pouco de mel escorrendo pelo queixo.

– A gente pode ir para o lago e andar de barco dessa vez?

Riley chegou mais perto dele.

– Ótima ideia!

Quando os três acabaram de arrumar a cozinha, Lexie deixou Noah assistir a dois episódios de *Dora, a Aventureira*, e ficou sozinha com Riley. Ao ver o menino ir correndo para a sala, ele segurou o rosto de Lexie entre as mãos e lhe dar um beijo. Ofegante, ela agarrou sua nuca, apertando bem. Riley podia sentir o próprio cheiro nela. Lexie *estava com o cheiro dele*. Cacete! Ela tinha aquele cheiro pelo corpo todo... Riley a empurrou de encontro à bancada da cozinha e começou a se esfregar nela, mas o som da risada de Noah vindo da sala o trouxe de volta à realidade.

Seus corpos continuaram colados um no outro, embora as bocas tivessem se separado.

– Desculpe – disse ele, baixinho. – Eu precisava fazer isso.

– Não precisa pedir desculpas, Riley – respondeu ela, passando as mãos pelo rosto dele, olhando-o de um jeito que os joelhos dele chegaram a bambear. – Meu Deus! Como é bom ter você aqui...

Ele a beijou novamente. Os dois se abraçaram, e Riley aninhou o rosto no pescoço dela.

– Escute, preciso chamar um táxi e ir para casa me trocar.

– Eu levo você.

– Não, pode deixar. Daqui a uma ou duas horas volto para buscar vocês dois.

Lexie assentiu.

– Vamos estar esperando.

■ ■ ■

Ao chegar à casa dos pais, Riley tomou um banho e trocou de roupa. Olhando no espelho enquanto penteava o cabelo, percebeu que estava meio diferente, parecendo de alguma forma mais leve, menos cansado. Ele se orgulhava de ser sempre animado e positivo, mas, nos últimos tempos, em função de tudo o que tinha acontecido, parecia ter perdido essas qualidades. Agora, finalmente se sentia ele mesmo de novo.

Riley desceu as escadas fazendo barulho e encontrou os pais na cozinha. Abriu a geladeira para pegar uma garrafa de água.

– Sozinhos? Cadê todo mundo?

– Sebastian e Dex só chegaram em casa lá pelas quatro da manhã – respondeu Joan. – Ainda estão dormindo. Tate está tomando um café no quintal.

– Que gente festeira... – comentou Riley, sorrindo.

Olhou pela janela e viu o irmão, que o cumprimentou erguendo a xícara.

– Pelo menos voltaram para casa – disse Joan. – Ao contrário de você...

Riley soltou uma gargalhada e se virou para a mãe.

– Qual é, mãe? Acha que ainda estamos nos anos 1980?

Park deu um risinho debochado por trás do jornal, enquanto a mulher revirava os olhos.

– Só estava querendo saber se está tudo bem com você – retrucou Joan. – Não precisa ficar desse jeito...

Rindo, ele se aproximou para abraçar a mãe e lhe deu um beijo. Ela o afastou, mas não pôde conter um sorriso.

– Está tudo bem comigo – disse ele. – Na verdade, tudo ótimo. – Joan assentiu com um gesto lento, e Riley percebeu que havia certa aflição no seu olhar. – Escute, sei que está preocupada, mas, sinceramente, está tudo bem entre mim e Lexie. Temos conversado muito, e nós dois queremos que as coisas deem certo. Estou voltando para Nova York amanhã e tenho certeza de que ainda vamos conversar bastante quando eu voltar.

Os olhos de Joan brilharam.

– Isso significa que está pretendendo voltar a morar aqui?

Riley suspirou. Essa era a pergunta-chave. Já tinha pensado em mil maneiras de ficar de vez com Lexie e Noah, mas ainda não havia encontrado um bom jeito de fazer isso. Tinha algumas economias, além, é claro, da sua parte na O'Hare. Relutava em se desfazer da oficina, preferindo mantê-la como um investimento a longo prazo. Sabia que os pais dariam a ele todo o apoio necessário, mas não era justo. Além disso, tinha quase 30 anos; precisava andar com as próprias pernas. Os pais já tinham feito muito por ele ao longo das últimas semanas.

Joan segurou o rosto do filho entre as mãos.

– Sabe que vamos ajudar você. Não vamos, Park?

O pai de Riley se limitou a olhar para os dois. O rapaz ergueu a mão.

– Está tudo bem. Juro. Vou dar um jeito em tudo e me virar. Tenho certeza de que alguma empresa vai me aceitar sem se importar com os meus antecedentes.

Joan inclinou um pouco a cabeça, apertando os lábios.

– Vai dar tudo certo, querido.

■ ■ ■

– E, então, não vou poder voltar na sexta – disse Riley pelo telefone, se jogando no sofá do seu apartamento e esfregando a testa com uma das mãos.

A ligeira pausa que antecedeu a resposta de Lexie já o preparou para o desapontamento dela.

– Está tudo bem? – disse ela, enfim.

– É a oficina. Dois dos rapazes ficaram doentes, e estamos incrivelmente sobrecarregados, o que é ótimo, mas não posso deixar Max nessa roubada. – Bastante desanimado, Riley expirou o ar pelo nariz com toda a força. – Lamento muito.

– Ei, não tem problema – Pela voz de Lexie, dava para perceber que ela estava sorrindo. – Fico triste por não ter você aqui, mas compreendo. São coisas que não dá para evitar.

Riley se recostou.

– Quer que eu dê a notícia a Noah?

– Não precisa. Eu não disse a ele quando você ia chegar. Porque, se eu fizer isso, ele vai ficar me enchendo o saco: “Já chegou o dia? É hoje que Riley volta?” – Ambos riram. – Então, não se preocupe. Alguma ideia de quando vai poder vir?

– Talvez na terça. Não sei, Lex. Tudo vai depender do tempo que eu levar para aprontar aqueles carros. – Riley bateu com o pé na mesinha de centro, frustrado e aborrecido. – Estou morrendo de saudade de vocês dois. Eu... preciso mesmo ver você.

– Também estou com saudade, mas, quando se der conta, já vai estar aqui. Não vamos a lugar nenhum...

Riley sorriu.

– Noah está aí?

– Não. Foi tomar sorvete com Sav. Digo a ele que você ligou.

– Diga que falo com ele amanhã.

– Digo, sim. E, Riley?

– O quê?

– Você é o mundo inteirinho para mim.

■ ■ ■

– Ei, anime-se, rapaz! Parece até que finalmente entendeu que Robin é o namoradinho do Batman!

Riley revirou os olhos ao ouvir a piadinha besta de Tate e espetou com o garfo um pouco do macarrão que estava no seu prato.

– Por que sempre concordo em sair quando você vem aqui? – resmungou, dando de ombros.

– Claro que é porque eu sou a animação em pessoa – rebateu o amigo, olhando para a garçonete bonita que passou pela mesa deles. – O que não se pode dizer de você, com essa sua cara de enterro.

– Pode me deixar em paz? – pediu Riley. – Deixe eu ficar chateado.

Tate riu.

– Bom, pelo menos é uma coisa que você faz muito bem.

Era verdade. Já fazia uma semana que ele estava daquele jeito. Cada dia que achava que ia poder viajar para Michigan e acabava não podendo parecia, apesar do caos instalado na O’Hare, um ano inteirinho. Isso aumentava ainda mais a tortura de ficar longe de Noah e de Lexie. Falava com os dois diariamente, pelo FaceTime e pelo Skype para poder vê-los, mas nem isso preenchia o vazio que sentia no coração. Era horrível e, sinceramente, Riley não conseguia enxergar como aquela situação poderia melhorar.

– Sabe, posso emprestar algum dinheiro, se você precisar – disse Tate, com um ar franco e sincero. – Tenho a pensão por invalidez. Você me paga quando puder.

Em outras circunstâncias, Riley teria aceitado aquela oferta de imediato, mas sabia que um empréstimo só o ajudaria a curto prazo. Precisava de um emprego, de um salário fixo. Só assim podia se mudar para Michigan. Afinal, tinha um filho para criar...

– Obrigado, cara. Agradeço mesmo, mas, antes de qualquer outra coisa, tenho que arranjar um trabalho.

E ele tinha procurado muito... Quando descobriu que não havia muitas oportunidades como mecânico,

começou a olhar outras coisas. Na maior parte dos casos, ele era qualificado demais, apesar de – maldição! – estar disposto a tentar de tudo. O fato era que sua ficha criminal dificultava bastante quando ele precisava convencer alguém de que ainda era um indivíduo competente e honesto.

– Olhe, acho que você podia engolir o orgulho e falar com papai – disse Tate, hesitante.

Riley negou com a cabeça.

– Ele não tem condições de me emprestar dinheiro...

– Não estou pensando em dinheiro emprestado, Ri, mas num emprego.

Riley parou por um instante e engoliu a garfada de massa que havia posto na boca. Soltou o ar pelo nariz e esfregou o ponto entre as sobrancelhas, que vinha latejando muito ultimamente.

– Papai não me quer trabalhando com ele, Tate. Isso é assunto encerrado faz tempo.

– Por acaso você perguntou a ele?

– Nem preciso – respondeu. – Faz meses que vou e volto de lá, e ele mal diz meia dúzia de palavras quando fala comigo.

– Velho teimoso – resmungou o irmão. – Esse era o plano antes: você assumiria os negócios quando ele fosse se aposentar. Papai *precisa* de alguém como você, alguém que conheça o trabalho de trás para a frente. Principalmente agora que, por ordem médica, ele tem que pegar mais leve.

Riley concordava plenamente com o irmão. Mas sabia muito bem que Park jamais lhe ofereceria um trabalho, não depois de o filho tê-lo decepcionado tanto e de ter ido parar na prisão. Riley conhecia o pai, e, enquanto a mãe achava que não valia a pena continuar punindo o rapaz por uma estupidez qualquer, o velho era capaz de guardar uma mágoa como ninguém.

– Se eu ainda estiver com dificuldade para fazer o dinheiro durar até o final do mês, falo com ele – disse Riley, embora a simples ideia de fazer isso revirasse seu estômago. – O pior que pode acontecer é ele dizer não, né?

– Exatamente – concordou Tate, mastigando um pedaço de pão. – Então, você está mesmo decidido a retomar as coisas com Lexie?

Riley assentiu.

– Quando estou com eles, sinto que ali é o meu lugar, entende? Tudo faz sentido.

Tate fez que sim com a cabeça, parecendo feliz pelo irmão.

– Você merece ser feliz, Ri. Só não a deixe maltratar você.

Riley assentiu de novo.

– Não se preocupe. Desta vez, as coisas parecem diferentes. Como se fosse a hora certa. Seis meses atrás, quem diria que eu ia voltar para Michigan para ficar com Lexie e com o meu filho?

Tate soltou uma risada.

– Isso nem me passaria pela cabeça, cara! Nem de longe...

– É incrível, mesmo...

– E Noah já sabe quem você é?

– Ainda não. Lexie e eu resolvemos sentar com ele e explicar tudo, mas, pelo visto, só vou conseguir estar lá no Natal...

– Tudo acontece por uma razão, rapaz. Pense nisso.

Riley suspirou e se recostou na cadeira.

– Tenho tentado...

Só mais tarde, naquela mesma noite, quando estava ao telefone com Noah, Riley relaxou um pouco. Ouvir o filho animadíssimo, pulando de uma palavra para a outra com aquele seu jeitinho de falar, apagou todo o estresse dos últimos dias. Era como se aquilo o envolvesse num abraço carinhoso.

– E a gente brincou de novo no escorregador! – exclamou Noah, e a sua voz ficava baixa ou alta, dependendo dos movimentos que ele fazia e que deixavam a sua boca mais perto ou mais longe do telefone.

– Que legal, cara! – exclamou Riley, rindo. – Adoraria estar aí também.

– Quando vai voltar para casa?

Aquela frase bateu fundo no coração de Riley, deixando-o tão apertado que ele teve medo de que pudesse estourar. De repente, percebeu que estava se sentindo exatamente como da primeira vez que tinha ido para Nova York, quando começou a faculdade: estava com saudade de casa.

– Assim que eu puder, amigão – respondeu, com um nó na garganta. – Prometo.

– Promessa cor-de-rosa?

Riley sorriu.

– Promessa cor-de-rosa – disse ele, e Noah soltou aquela gargalhada deliciosa. – Posso falar com a mamãe agora?

– Claro. Mamãe! Riley está chamando.

– Logo, logo vamos nos ver, Noah. Ok?

– Ok.

Ele pôde ouvir o riso de Lexie do outro lado da linha.

– Oi.

– Oi, linda. – Era incrível como só o som da voz dela podia deixar tudo melhor. – Pelo visto, vocês tiveram um dia bem divertido.

– Ele comeu tanto doce que nunca vou conseguir fazê-lo dormir, o que não é nada bom, já que tenho um evento da joalheria hoje à noite.

– Você tinha me falado disso?

– Não. Foi coisa de última hora. Só descobri... Noah, pare com isso, por favor. Suba e ponha o seu pijama. Só soube hoje de manhã. Sav é um amor e vai ficar com Noah para mim. Não estou tão preparada quanto gostaria, mas pode ser que apareçam algumas oportunidades de novos negócios.

– Isso é ótimo. Você vai arrasasr!

– Obrigada. – Ela respirou ruidosamente. – Estava pensando se você poderia me fazer um favor.

– Se você pedir com jeitinho...

– Com toda a sua experiência na área dos negócios, achei que podia dar uma olhada nas minhas propostas para expandir a Com Amor, Você. Talvez com vendas on-line ou abrindo outra loja. Ainda não pensei em todos os detalhes, mas o que acha? Você ganharia por esse trabalho, é óbvio.

Riley ficou calado por um instante.

– Eu adoraria. Mas não precisa me pagar por isso, Lex.

– Claro que preciso. São negócios.

Ele sorriu.

– Ok.

– Obrigada. Estou com saudade.

– Mais alguns dias e estou aí – prometeu Riley. – Meu Deus! Estou louco para ver você.

– Eu também. – Fez-se um breve instante de silêncio: o desejo que sentiam um pelo outro ocupou todo o espaço daquela ligação. – Olhe, desculpe, mas tenho que me arrumar. E antes ainda tenho que ver se o seu filho não está subindo pelas paredes. Mais tarde mando uma mensagem.

Riley deu um risinho.

– Espero que dê tudo certo hoje à noite.

Desligou e atirou o telefone em cima do sofá, odiando o silêncio dentro do apartamento e o fato de Lexie precisar de Savannah para tomar conta do seu filho, quando ele é que deveria fazer isso. Não era justo.

– Merda! – exclamou, se levantando para ir até a geladeira.

Abriu e pegou a garrafa de Grey Goose que guardava para as emergências, como era o caso agora, com ele se sentindo um idiota inútil. Botou uns três dedos no copo, acrescentou gelo e foi até o armário para pegar uma lata de Red Bull. Tinha acabado.

– Merda!

Riley estava calçando os tênis para ir até a lojinha ali perto quando o celular tocou. Foi buscar o aparelho e sorriu ao ver a foto que Lexie tinha enviado: Noah mandando um beijo para a tela. O pijama de Batman que ele estava usando era a coisa mais legal do mundo. Abaixo da foto, havia a mensagem de Lexie: Boa noite, papai. Bjs.

Riley respondeu: Boa noite. O mundo inteirinho. Bjs.

Pressionou a tecla “enviar” e, depois de pegar as chaves, saiu para comprar umas latas de Red Bull e talvez mais vodca. Ia ser uma noite longa...

■ ■ ■

Lexie acordou assustada e sentou na cama sobressaltada. O coração estava disparado, e as mãos tremiam sob o impacto de um sonho do qual não conseguia se lembrar direito, mas que a tinha deixado apavorada.

Passou a mão trêmula pelo rosto.

– Meu Deus!

Desnorteada, acabou percebendo que o celular vibrava furiosamente em cima da mesinha. Era um número que ela não conhecia. Olhou para o relógio digital: quase meia-noite. Depois de um breve instante, pegou a droga do telefone e quase o deixou cair duas vezes. O rosto de Savannah, de sua mãe e de Riley passou pela sua cabeça.

– Alô? – Ficou paralisada, porque não ouviu uma resposta imediata. – Alô?

– Lexie?

Meu Deus...

– Quem está falando?

– Lexie, é Carter.

Ela pulou da cama e começou a falar mais alto.

– O que foi, Carter? O que aconteceu? É Riley? É...

– Lexie, preste atenção um minuto, ok? Estou arranjando um avião para trazer você até o JFK. Vai

levar no máximo uma hora. Joan vai encontrar você no aeroporto aí de Michigan. Tenho umas informações que você precisa anotar.

– Espere. O quê? Joan vai... Por que eu preciso ir para Nova York? – O coração dela ficou apertado.

– Onde está Riley?

– Explico tudo quando vocês já estiverem no avião.

– Diga agora! – gritou ela, quase sufocando de pânico. – Diga! Onde ele está?

Carter se calou por um instante.

– Riley está no hospital, Lexie. Aconteceu um acidente.

Lex atravessou correndo o estacionamento do hospital. As batidas dos pés no asfalto ricocheteavam por todo o corpo, fazendo os ossos estremecerem. O suor se acumulava na testa dela, enquanto a adrenalina e o medo percorriam suas veias como nitroglicerina, acelerando o ritmo do coração e secando os canais lacrimais. Graças a Deus, aliás. Tinha que seguir em frente, continuar vivendo, afastar de si os pensamentos sombrios para não se despedaçar.

Foi se esquivando dos carros que andavam devagar e até mesmo das pessoas mais lentas, xingando, num esforço frenético para chegar às portas automáticas, que se abriam tão lentamente que esbarrou nelas com os ombros ao atravessá-las. Joan estava em algum lugar mais atrás, igualmente apressada. Na sala de emergência havia gente por todo lado; algumas pessoas até sangravam e seguravam membros que pareciam preocupantemente deslocados, mas Lexie mal se deu conta disso. Só queria saber de uma pessoa, e era junto dela que precisava estar.

Dirigiu-se às pressas ao posto de enfermagem, toda suada e sem fôlego.

– Riley – disse ofegante, bem alto para que qualquer uma das quatro pessoas que estavam ali pudesse ouvi-la.

A enfermeira sentada diante do computador ergueu os olhos, assustada.

– Riley – repetiu a moça. – Estou aqui... A mãe dele e eu recebemos um telefonema de Wesley Carter há algumas horas.

O rosto da enfermeira se abrandou.

– Ok, querida. Fique calma. Pode me dar o nome completo da pessoa?

Lexie engoliu em seco e fez que sim com a cabeça. Sentia a garganta arder.

– Riley Lincoln Moore.

Joan apareceu ao seu lado, pálida e ofegante.

– Foi um acidente de carro – acrescentou Lexie. – Ele foi atropelado... atropelado por um carro. Disseram que estava no centro cirúrgico.

A expressão da enfermeira se alterou ligeiramente, e o estômago de Lexie se revirou de imediato. Já tinha visto muita TV na vida, o bastante para identificar aquela expressão. Foi como se uma onda de medo paralisante atravessasse todo o seu corpo, fazendo os joelhos bambearem e o peito sufocar.

– Não – sussurrou ela, se agarrando no balcão.

Lexie se virou para olhar para Joan, cujo rosto desabou. Um zumbido começou a soar nos seus ouvidos; um ruído alto e profundo.

– Está tudo bem, querida – disse a enfermeira, com brandura, estendendo a mão para tocá-la.

– Alexis! – exclamou Joan. – Respire.

Mas Lexie já estava fora do seu alcance. Numa rapidez incrível, ela mergulhava na escuridão,

disfarçada apenas pelo grito animalesco que lhe brotou da garganta no instante em que ela cambaleou e perdeu os sentidos.

■ ■ ■

Aos poucos, Lexie foi voltando a si. Estava enrolada num cobertor quente e, sob a cabeça, havia um travesseiro bem fino. Piscou uma, duas vezes, antes de se levantar, atordoada e absolutamente abalada.

– Está tudo bem – disse uma voz branda às suas costas.

Lexie se virou e viu Joan. Apesar do ligeiro sorriso, o rosto dela estava abatido, com olheiras acentuadas e um ar cansado. Ao vê-la daquele jeito, Lexie chegou a sentir falta de ar.

– Ele está bem? Posso vê-lo?

Com um suspiro, Joan pôs as mãos na proteção metálica da maca em que Lexie estava deitada. Depois, a jovem ficaria envergonhada por ter desmaiado.

– A polícia está aqui. – Joan passou a língua pelos lábios e soltou o ar com força. – Eles me contaram o que sabem. Riley estava atravessando a rua quando foi atropelado. O motorista do carro estava bêbado e só viu quando já era tarde demais. Ele foi preso.

Lexie levou as mãos à boca.

– Ah, meu Deus!

– Já faz três horas que Riley está sendo operado, mas foi tudo o que me disseram.

– Ele vai ficar bem?

Joan balançou a cabeça.

– Não sei. Sinceramente, não sei. – Ela mordeu o lábio e passou um dos dedos sob os olhos. – Tate está aqui. Ele estava na cidade. Seb e Dex estão vindo, mas só devem chegar daqui a algumas horas. Carter está tentando fazer tudo o que pode.

Lexie foi para a beira da maca e, com todo o cuidado, colocou os pés no chão, sem saber se as pernas aguentariam o seu peso. Mas aguentaram. Por ora.

– Riley é forte – sussurrou ela, percebendo de repente que precisava se recompor e dar todo o apoio possível a Joan.

Pelo amor de Deus! Ela era a mãe de Riley. Park ainda não podia viajar, e foi por isso que ficou em Michigan. Lexie não podia nem imaginar o que faria se fosse Noah que estivesse sendo operado. Sem dizer uma palavra, passou os braços ao redor de Joan e a abraçou.

A mulher desabou e chorou no seu ombro. Sempre mantendo o abraço, Lexie tentou tranquilizá-la, bem baixinho.

– Ele é forte – repetia, rezando para que fosse verdade.

■ ■ ■

Lexie apoiou o braço nos ombros de Joan e ficou ao seu lado enquanto caminhavam para a sala de espera. Quando entraram, lá estavam Tate, Carter, Kat e Max, todos parecendo tão apavorados quanto ela.

Assim que viu Lexie, Kat se levantou e foi ao seu encontro.

– Você está bem? – perguntou, dando-lhe um abraço bem apertado.

– Estou, sim – respondeu Lexie, vendo Joan ir se sentar junto de Tate, que a abraçou. Lexie olhou então para Carter. – Muito obrigada. – De verdade. Obrigada por conseguir o avião e...

Ele ergueu uma das mãos.

– Imagine... Era o mínimo que eu podia fazer.

Lexie olhou para Max, que parecia querer estar em qualquer outro lugar que não fosse a sala de espera de um hospital. Roía a unha do polegar e balançava a perna sem parar.

– Onde está Grace?

– Na Virgínia Ocidental – respondeu ele, mais que depressa.

Lexie deixou que Kat a levasse até uma das cadeiras e se sentou.

– Quem ficou com Noah? – perguntou a companheira de Carter.

– Minha mãe e minha irmã – respondeu Lexie. – Ele fica bem com elas.

– Claro – disse Kat, com uma voz baixa e insegura.

Carter deu um beijo na testa da esposa, como se tentasse acalmá-la.

Lexie fez que sim com a cabeça, mas não conseguia evitar aquele terrível sentimento de desamparo que havia se apossado dela desde que fora acordada pelo som do telefone. O que ia fazer se perdesse Riley? Seria a realização do maior dos seus medos... E que destino filho da mãe era aquele, que juntava os dois só para separá-los outra vez?

Lexie cobriu o rosto com as mãos e tentou respirar, sabendo que chorar não ajudaria em nada naquele momento. Tudo o que restava fazer era rezar para que, como ele mesmo tinha dito, Riley conseguisse voltar para junto de todos eles. Para junto dela.

■ ■ ■

Os minutos foram se arrastando: cada um era mais um momento que Riley passava na sala de operações; mais um momento em que ele poderia nunca mais voltar. Lexie tentou se distrair daqueles pensamentos sombrios tomando café e conversando com os amigos dele, mas não conseguiu. O tempo passava sem que surgisse nenhuma notícia ou a certeza de que Riley ficaria bem.

Ela estava de pé, olhando pela janela, quando Tate se aproximou. O irmão mais velho de Riley vinha sendo bem mais gentil com ela desde que ficara sabendo que o casal estava pensando em ficar junto novamente, o que era muito bom. Quando Lexie conheceu os irmãos, ela sabia que, dos quatro, Tate e Riley eram os mais próximos. Sabia como Tate era protetor, leal, e, pensando nisso, estendeu a mão para segurar a dele, apertando ligeiramente antes de soltá-la.

Parecendo surpreso, Tate ergueu os olhos para ela. Então, fez um aceno com a cabeça, e o gesto aqueceu o coração de Lexie.

– Ainda vai demorar para termos notícias? – perguntou ela, na esperança de que o fato de ele ser médico lhe permitisse saber melhor o que diabo estava acontecendo.

– Riley está com uma hemorragia interna, alguns... ossos quebrados e várias fraturas. Foi uma pancada e tanto. Ficaram um bom tempo tentando conter a hemorragia antes de fazer qualquer outra coisa.

Lexie assentiu, mas não conseguiu dizer nada. Aquilo soava horrível e assustador, mas não ia permitir que essas coisas a fizessem perder as esperanças. De jeito nenhum. Precisava ser forte. De qualquer forma, antes que pudesse dizer o que quer que fosse, a porta da sala de espera se abriu com um rangido, e um rosto familiar apareceu.

– Sebastian – disse Joan, bem baixinho, se levantando para ir ao encontro do filho caçula.

Logo atrás dele vinha Dex, e ambos estavam desarrumados, parecendo chocados. Tate atravessou a sala e os quatro formaram um círculo, abraçados, murmurando palavras carinhosas. Joan ergueu a cabeça e olhou para Lexie.

– Venha até aqui, Alexis.

– Ah, não. Está tudo bem – afirmou. – Vocês precisam mesmo estar juntos nesse momento.

– É um momento em família – replicou Joan. – E você faz parte dela.

O que Lexie poderia dizer diante disso? Cerrou os lábios e, quando Seb e Joan abriram um pequeno espaço, ela se pôs entre eles, deixando que o amor e o calor daquele gesto a preenchessem com a força de que ela tanto precisava: a força que aquela família sempre tinha lhe dado ao longo dos anos, mesmo nos momentos em que ela não tinha se dado conta disso.

Quando estavam se separando, a porta da sala de espera voltou a se abrir. Lexie ergueu os olhos e deu com um homem corpulento, de meia-idade, com a pele marcada e uma barba bem cerrada. Atrás dele vinha um sujeito louro, mais jovem, com ar arrogante.

– Sra. Moore? – perguntou o médico mais velho.

Joan fez que sim com a cabeça, e todas as paredes do aposento pareceram se curvar e se expandir de tanto medo e tanta aflição. Todos os amigos de Riley também se levantaram e ficaram parados atrás da família e de Lexie. Deviam parecer um grupo e tanto.

– Sou o Dr. Hunt – prosseguiu o médico. – Fui eu que operei o seu filho, Riley.

O coração de Lexie estava na boca.

– Como ele está? – perguntou, sem nem pensar.

O Dr. Hunt deu a ela uma olhada breve e voltou a encarar Joan, que assentiu.

– Riley teve uma hemorragia interna bem intensa – disse ele, com brandura. – Sofreu um forte trauma no peito, que resultou em algumas costelas quebradas e um pulmão perfurado. Também houve danos na região pélvica. Ele quebrou uma das pernas em três lugares e também teve fratura do crânio.

– Ele está vivo? – perguntou Dex, com os dentes cerrados.

O médico se voltou para ele e cruzou os braços.

– Está, sim.

Lexie estendeu a mão procurando a de Joan e a apertou com força, sentindo as pernas trêmulas.

– Ele teve muita sorte – acrescentou o homem. – Consegui estancar a hemorragia e reinflar o pulmão, e um cirurgião ortopédico inseriu pinos na perna dele. Agora está sendo levado para o setor pós-operatório, onde vai ficar até terminar o efeito da anestesia. Depois, será removido para a UTI.

Seb levou a mão à boca, num gesto cansado.

– Podemos vê-lo?

O Dr. Hunt balançou a cabeça.

– Por enquanto, não. Melhor descansarem. Poderão vê-lo amanhã de manhã.

– Ele vai ficar bem? – perguntou Joan.

O médico ergueu as sobrancelhas, num gesto de respeito pelo paciente.

– Ele é forte. É um jovem saudável e em boa forma. Acredito que, depois de um trabalho de fisioterapia, ele se recupere totalmente. Mas ferimentos na cabeça podem ser complicados. Vou mantê-lo em constante observação durante as próximas 24 horas.

– Obrigado, doutor – disse Tate.

O Dr. Hunt se virou para sair, mas Lexie o deteve, pondo a mão no seu braço.

– Obrigada – sussurrou. – Muito obrigada.

O médico assentiu.

– De nada.

A UTI era irritante de tão silenciosa, a não ser pelos bipes ocasionais dos aparelhos que, em muitos casos, mantinham os pacientes vivos. Lexie acompanhou a enfermeira por um corredor comprido e deserto até o quarto de Riley.

A enfermeira parou diante da porta e se virou.

– O Dr. Hunt disse dez minutos no máximo.

– Eu sei – respondeu Lexie. – Vou ficar atenta, prometo.

A mulher sorriu e se afastou, deixando Lexie parada ali, desconcertada. O restante da família de Riley estava na sala de espera. Até Park estava lá: sem que a esposa soubesse, ele tinha pegado um avião e chegado naquela manhã. Lexie ficou no apartamento de Riley, já que Tate tinha uma cópia da chave, junto com os pais e os irmãos dele. Foi bem difícil, mas também muito reconfortante.

Ela segurou firme a maçaneta e abriu a porta. No início, manteve os olhos fixos no chão, sem conseguir erguê-los. Estava morrendo de medo do que ia ver, apesar de Joan e Seb terem insistido que ele parecia bem. Lexie levou alguns minutos para tomar coragem. Aos poucos, foi erguendo os olhos para a cama do outro lado do quarto, e o ar fugiu dos seus pulmões, como se tivesse sido sugado por um aspirador.

Riley estava deitado de costas, sedado, com os olhos fechados, cheio de tubos ligados ao peito, aos braços, à boca. Como explicara o Dr. Hunt, ele estava respirando por aparelhos. Lexie viu que a máquina inflava e desinflava, em sincronia com o peito de Riley. O coração dele batia firme, e cada bipe do monitor era um lindo sinal para deixar Lexie mais tranquila, dizendo-lhe que ele estava vivo.

Bem devagar, foi se aproximando da cama. Examinou Riley da cabeça aos pés, em busca de qualquer indício do terrível trauma que ele havia sofrido, mas não viu nada, a não ser uma manchinha de sangue pisado no braço direito. Tirando um lenço de papel do bolso, ela molhou a pontinha com a língua e limpou a pequena mancha. Colocou as mãos na pele de Riley, sentindo o seu calor e a sua maciez. O cabelo dele estava todo despenteado, e a boca parecia congelada naquele sorrisinho perfeito, já que o tubo do aparelho de respiração a puxava para o lado esquerdo. Uma gaze branca e bem larga envolvia todo o peito, e dela saía um tubinho, mas Lexie não conseguiu ficar olhando para aquilo. O terror do que estaria por baixo ainda era muito difícil de suportar. Respirou fundo e passou a mão de leve pelo rosto de Riley. Como ele era bonito...

Deu um sorriso tristonho.

– Estou aqui – sussurrou.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela percebeu que, como uma idiota, esperava alguma resposta dele. Riley nunca ficava calado. Nunca. Tinha sempre algo a dizer, fosse alguma coisa boba,

engraçada ou alguma sacanagem. E ela adorava aquilo, aquele jeito tão livre e tão verdadeiro que ele tinha de falar.

Sorriu. Que besteira! Lexie adorava tudo nele. O coração da garota batia forte, como se soubesse que a sua outra metade estava ali tão perto, mas, ao mesmo tempo, tão distante... Riley era a parte que faltava a Lexie, a sua alma gêmea, o seu melhor amigo, o pai do seu filho. Viver sem ele era simplesmente inimaginável...

O destino tinha separado os dois por tanto tempo... Ela tinha acabado de reencontrá-lo. Perdê-lo agora seria...

Afastando aquelas ideias, Lexie deixou os dedos passearem pela tatuagem que ele tinha no braço e que acompanhava a curva do seu ombro musculoso. Riley parecia tão forte e rijo ao seu toque e, no entanto, estava deitado ali, absolutamente vulnerável e desamparado. Ela se inclinou mais um pouco sobre ele, passando os dedos pela frente do seu cabelo. Como era macio...

– Você vai ficar bom – disse ela, baixinho, com a boca colada ao seu ouvido e segurando a mão dele, apertando-a de leve a cada palavra. – Está me ouvindo? Você vai ficar bom.

Ela deu um beijo carinhoso na testa de Riley. Dessa vez, sentindo o cheiro dele e a sensação tão familiar da sua pele, Lexie não conseguiu conter as lágrimas.

– Amo você, Riley – balbuciou, com a boca colada à pele dele. – Meu Deus! Amo tanto você! Preciso de você! – Ela caiu ao seu lado, enterrando o rosto no pescoço dele. – Não me deixe. Por favor, não me deixe!

E rezou para que Deus pudesse ouvi-la.

■ ■ ■

Lexie passou a semana toda ou na sala de espera do hospital, ansiosa por notícias de Riley, ou com Noah, que havia chegado com Christine três dias depois do acidente. As noites eram divididas entre o apartamento de Riley e o de Carter, onde agora, por insistência deste, os pais e os irmãos de Riley estavam hospedados. Ter o filho por perto, brincar com ele, fazer a sua comida e dar banho nele, tudo isso mantinha a cabeça de Lexie ocupada, principalmente porque o menino estava animadíssimo por voltar a Nova York. Entretanto, ele não entendia muito bem onde Riley estava nem por que estavam na casa dele sem sua presença.

– Riley não está bem, querido – explicou Lexie, na primeira noite que passaram no apartamento. – Ele está no hospital.

Noah franziu a testa.

– Ele está com catapora que nem eu?

– Não. – Lexie não conseguiu pensar rápido o bastante na melhor explicação a dar. Decidiu que o mais importante era dizer a verdade: – Ele sofreu um acidente, mas já está melhorando.

Noah pensou por um instante.

– Será que a gente pode dar um presente para ele melhorar?

Ela deu um beijo na testa do filho.

– Acho uma ótima ideia.

– Posso fazer um desenho – falou o garotinho, deixando o sofá e correndo para a bolsa com as suas coisas.

Lá estavam, como Lexie sabia, a lousa mágica do Homem-Aranha e os lápis de cor. Noah pegou tudo, colocou em cima da mesinha de centro e olhou ao redor, antes de começar a desenhar.

– O que você vai fazer? – perguntou Lexie, observando-o.

– Long Lake. Onde a gente andou de barco.

Lexie sorriu, se lembrando do dia maravilhoso que haviam passado lá.

– Foi legal, não foi?

Noah fez que sim com a cabeça.

– Foi o máximo.

O telefone tocou, e Lexie correu para atender. Pegou o aparelho com o coração na boca.

– Alô?

– Lexie? – Era a voz de Joan.

– Oi. Está tudo bem?

– Riley acordou.

■ ■ ■

Joan e Dex estavam no hospital quando Lexie chegou.

– Onde está Noah? – perguntou Joan.

– Com a minha mãe – respondeu Lexie. – Achei que era melhor não trazê-lo aqui, pelo menos até sabermos o que está acontecendo. Não quero que ele fique com medo. – Joan assentiu, então Lexie perguntou: – Vocês já viram Riley?

– A única coisa que ele fez foi perguntar por você e por Noah.

Lexie olhou para o médico.

– Quanto tempo posso ficar?

O Dr. Hunt sorriu.

– Não tenha pressa.

Lexie deu um sorriso agradecido ao médico e foi para o quarto de Riley. O monitor cardíaco continuava apitando em um canto, mas o tubo assustador que estava enfiado no peito dele na última vez em que Lexie o vira havia desaparecido. A gaze envolvendo o peito de Riley tinha sido reduzida, e ele estava ligado a um número menor de fios. Estava dormindo. A respiração por trás da máscara de oxigênio era profunda e linda. Lexie parou ao lado da cama e pôs a mão sobre a dele, delicadamente. Inclinando-se, beijou-o na testa.

– Estou aqui – murmurou.

Os olhos de Riley se moveram sob as pálpebras, enquanto Lexie continuava ali, sussurrando palavras amorosas. Com uma piscadela, eles se abriram. Só meio centímetro, mas se abriram. Estavam opacos, cansados e confusos, mas eram lindos.

– Aí está você, meu amor – disse ela baixinho, correndo os dedos pelo rosto dele.

Riley a fitou por entre os cílios e com aqueles olhos cansados, e o canto da sua boca se retorceu. Lexie pegou a mão dele e a apertou.

– Estou aqui. – Ela levou a mão dele ao rosto e beijou os nós dos dedos. – Vou cuidar de você. Não vou sair daqui. Prometo.

Sentiu Riley puxar sua mão com um movimento fraco, indicando a máscara de oxigênio.

– Está desconfortável? – perguntou Lexie, tentando ajeitar as tiras que apertavam o rosto dele. – Espere um pouquinho – murmurou ela, baixando a máscara até o queixo dele, não sem medo de que o Dr. Hunt pudesse aparecer e ficar furioso. – O que foi? – perguntou, baixinho. – Está doendo? Quer que eu chame a enfermeira?

Riley negou levemente com a cabeça, apontando para a própria boca. Lexie se debruçou ainda mais, lutando para ouvir as palavras que tentavam sair pelos lábios de Riley. Ele arquejou, e seu rosto se contraiu de dor. A voz dele soou baixa e rouca:

– Lex.

Ela sorriu.

– É, amor. Estou aqui.

Riley engoliu, fazendo uma careta, e, depois de um instante, disse:

– Promessa cor-de-rosa.

Lexie sentiu os olhos arderem. Apertou a mão dele com mais força e fez que sim com a cabeça.

Riley fechou os olhos.

– Beijo.

Ela chegou mais perto e deu um beijinho naqueles lábios quentes e ressecados. Foi maravilhoso, perfeito.

Lexie respirou fundo ao sentir a boca de Riley se mover, abrindo um ligeiro sorriso.

Recuando devagar, ela recolocou a máscara no lugar com todo o cuidado e se sentou na beirada da cama.

– Senti muita saudade de você.

– Fique.

Ela sorriu e passou a mão pelo cabelo dele.

– Para sempre.

■ ■ ■

Já fazia dois dias que Riley tinha acordado, completamente desnortado, numa cama de hospital e com a sensação de que um caminhão enorme tinha passado em cima de cada parte do seu corpo.

Passado em cima, arrastado e o virado do avesso. Aparentemente, isso não estava muito longe da verdade. Não tinha visto o carro que o atropelou quando estava atravessando a rua para comprar as latas de Red Bull para tomar com vodca. Não se lembrava de nada, a não ser de abrir os olhos e ver uma enfermeira, um médico, e, depois, os pais e os irmãos. Por mais que tivesse sido bom ver todos eles, Riley só queria mesmo era ver Lexie e Noah.

Desnecessário dizer que ele estava se sentindo bastante frágil, e que a dor constante no peito, na cabeça e na perna o fazia passar o tempo todo desejando mais analgésicos. Tentava disfarçar diante dos médicos, das enfermeiras e até mesmo de Lexie, mas, na verdade, cada respiração e cada movimento eram uma verdadeira luta, que o deixava coberto de suor.

Naquela manhã, ao acordar, quase entrou em pânico ao perceber que nem Lexie nem a família estavam por perto. Uma enfermeira solícita disse-lhe que a moça tinha ido tomar banho e trocar de roupa, o que o deixou meio culpado por querer que ela ficasse ao seu lado 24 horas por dia. Pelo que Tate e a mãe tinham dito, ela estava passando praticamente o tempo todo ali. Desde que Riley acordara, Lexie não

o tinha deixado um minuto sequer sozinho, e ele imaginava que ela devia estar exausta. Tinha olheiras profundas e dava a impressão de estar precisando de uma boa refeição, mas, mesmo assim, continuava sendo a coisa mais linda que ele já tinha visto na vida.

A porta do quarto se abriu, tirando-o de seus pensamentos sobre Lexie e Noah.

Era o seu pai.

– Oi, filho.

– Oi, pai.

Park não falou muito com ele, mas Riley sabia que o pai tinha passado quase tanto tempo quanto a mãe ali no hospital, o que significava muito.

– Tem ficado muito tempo em hospitais recentemente, não é mesmo? – disse Park.

Riley soltou uma risada cansada.

– Demais.

– Como está se sentindo? – perguntou o pai, num tom de voz firme, mas sensível.

Riley não respondeu de imediato. Na verdade, estava sofrendo muito: até partes do seu corpo que ele nem sabia que existiam estavam doendo.

– Olhe para mim, Riley.

Ele obedeceu, já que desde que era criança conhecia aquela voz do tipo “deixe de bobagens”.

– Se está com dores, diga aos médicos. Sua visão está boa? A cabeça não está doendo, está?

– Um pouco.

– Quer que eu chame a enfermeira?

– Não, pai. Estou bem. – Riley olhou para a porta. – Onde está mamãe?

– Já deve estar chegando.

Park se aproximou da cama e se sentou na cadeira mais próxima. Soltou o ar com força pelo nariz e pigarreou. Depois, levou as mãos à boca, pressionando os lábios.

– Estou me sentindo... devastado, Riley.

O filho franziu a testa.

– O que foi? Está com algum problema?

– Não. É que estou preocupado com você. – Deixou cair as mãos. – Sempre me preocupei com você.

– Ele balançou a cabeça, olhando para o chão. – Se você... Ah, meu filho.

Riley se ajeitou na cama, meio impressionado com o rumo daquela conversa.

– Estou bem, pai. O médico disse que vou poder ir para casa em menos de uma semana.

– Eu sei – disse Park, assentindo. – Mas é minha função ficar preocupado. Sou seu pai. – Suspirou. –

Você sempre foi o mais sensato dos quatro, o que mais sentia a necessidade de nos agradar. Fez algumas escolhas erradas por pensar em outras pessoas. O otimismo e o altruísmo sempre foram as suas maiores qualidades, Riley. Pensa em todo mundo antes de pensar em si mesmo.

– A não ser daquela vez, não é?

Riley ergueu um dos cantos da boca. Era bastante arriscado trazer à tona o tempo que tinha passado na prisão, mas já estava cheio de ficar evitando o assunto.

– É. – Park assentiu. – A não ser daquela vez.

Ele suspirou.

– Sinto muito, pai. Não sei o que mais posso dizer, ou quantas vezes vou repetir. Eu... Foi a maior

besteira fazer aquilo.

Park bufou e cruzou os braços.

– Não quero ouvir pedidos de desculpas. Você já se desculpou o bastante. E, vendo você aqui, agora... Sei... Sei que não foi nada fácil.

– Eu desapontei você, pai. Sei disso.

Park fechou os olhos por um instante.

– Mas pagou por isso. E se você tivesse... enquanto ainda estávamos... enquanto eu ainda estava...

Jamais me perdoaria.

Riley ficou decididamente surpreso com as palavras do pai e com a luta que ele parecia travar consigo mesmo para dizê-las.

– Eu estou bem, pai. Sou forte.

O olhar intenso estava de volta.

– Verdade. Graças a Deus. – Park olhou para o filho, e Riley viu ali todas as coisas que tinha idolatrado no pai durante a vida inteira. – Só tem mais uma coisa que quero saber.

Riley se preparou.

– Ok.

Park foi mais para a ponta da cadeira.

– Quero saber o que você faria se eu lhe desse a oportunidade de trabalhar na empresa da família.

Riley pestanejou. Abriu a boca algumas vezes, mas não saiu som algum.

– Quero ouvir da sua boca que posso confiar em você, que o tempo que passou na cadeia foi um lapso, um momento de burrice que nunca vai se repetir, que você vai aproveitar essa chance e lutar por ela.

– Vou, sim. Juro. Vou mesmo.

Riley passou a língua pelos lábios.

– Você se esforçou muito para isso, Riley. – Park meneou ligeiramente a cabeça. – Foi sempre em você que pensei. Sempre tive esperanças de que você assumisse os negócios quando chegasse a hora. Mais do que qualquer outra pessoa, é você que tem todo o potencial para cuidar da empresa e fazê-la crescer. Os outros meninos tentaram, mas não era o que gostavam de fazer. – Deu um sorrisinho. – Eles não eram como você.

– Pode confiar em mim, pai. Juro que pode.

Park encarou o rapaz por um bom tempo antes de dar um levíssimo aceno de cabeça.

– Sei que posso, filho. – Park deu uns tapinhas nos joelhos. – Ok. Deixe-me ir. Vou cuidar de toda a papelada e tratar disso agora mesmo.

Riley ficou furioso por não poder se mexer para abraçar o pai como desejava.

– Obrigado – limitou-se a dizer. – Muito obrigado.

Park se levantou e bateu de leve no ombro dele.

– Não tem de quê, filho.

Riley levou uma das mãos à boca, sem saber o que dizer, emocionado.

– A vida é curta demais – completou Park. – Eu já sabia disso, mas... vendo você aí... vendo Lexie e Noah.. Você merece isso. Merece a chance de ter uma vida em família.

A porta voltou a se abrir, e Lexie entrou. O rosto dela se iluminou com um sorriso assim que seus

olhos se encontraram. Só então ela viu Park.

– Ah, desculpe. Vou deixar vocês...

– Está tudo bem – disse Park, acenando com a mão. – Eu já estava de saída.

Tanto Lexie quanto Riley ficaram olhando Park se afastar. Depois, ela colocou a bolsa no chão e sorriu para ele mais uma vez.

– Olá.

– Olá – respondeu Riley.

Lexie se aproximou, segurou o queixo dele com a mão e deu um beijo bem suave na sua boca. O gosto dela era tão bom... O beijo foi de mansinho, mas dava vontade de mais. Ela baixou a cabeça e deu uma mordidinha no lábio superior de Riley, que gemeu baixinho e agarrou com força o braço dela, quando as pontas das duas línguas se encontraram.

– Desculpe ter demorado tanto a voltar – disse ela, a boca ainda encostada na dele. – Fui até o seu apartamento pegar umas coisinhas para você.

– Você tem sido um amor.

Ela fez um gesto descartando o comentário.

– Noah está aí fora com a sua mãe. Quer deixá-lo entrar? – Lexie juntou as mãos. – Sua aparência melhorou tanto, acho que ele não vai ficar com medo. Sei que ele pode ser bem cansativo, mas está louco para ver você.

Nos dias bons, Noah era deliciosamente cansativo; com Riley ali, deitado naquela cama de hospital, se recuperando de um atropelamento, o menino devia ser ainda mais...

– Claro – insistiu ele, fazendo um grande esforço para se sentar e sugando o ar por entre os dentes cerrados por causa da pontada aguda de dor que sentiu no peito.

Num segundo, Lexie estava do seu lado.

– Cuidado – disse ela, baixinho. – Não quer que algum ponto arrebente, quer?

Lexie o ajudou a se ajeitar melhor e segurou o rosto dele.

– Antes de Noah entrar, tem uma coisa que quero dizer a você – começou Riley.

– O que é?

Riley respirou fundo.

– O meu pai vai dar entrada na papelada para eu assumir a Moore's Motors. Tem muita coisa a ser feita, mas vou poder me mudar para Michigan no mês que vem.

Lexie não disse nada, simplesmente segurou com força a mão de Riley e a levou à boca, beijando-a repetidas vezes.

– Isso está acontecendo mesmo?

Riley deu uma risadinha.

– Está. Por mim, iria até antes, mas tenho que ficar na O'Hare até Max arranjar alguém para me substituir... Mas vai dar tudo certo.

– Onde você vai morar?

Riley piscou, surpreso.

– Vou ficar com os meus pais até conseguir um apartamento.

Lexie fez um biquinho, visivelmente decepcionada.

– Ah!

Ele sorriu.

– A menos que... Você estava pensando em alguma coisa diferente?

– Não, nada.

Ele fez um ar de deboche.

– Posso reconhecer esse olhar até no escuro, Lex. O que foi?

– A minha casa fica muito melhor quando você está lá.

A boca de Riley se retorceu, e ele sentiu o corpo aquecer.

– Quer que eu vá morar com você e com Noah?

Lexie deu de ombros.

– Seria uma boa economia, não é mesmo? E... é bem provável que você fosse acabar se mudando para lá...

– Muito provável... – repetiu Riley. O sorriso meio que se desmanchou. – Tem certeza? É... um passo e tanto...

Lexie riu.

– Acho que já deixamos de nos preocupar com grandes passos, não é, Riley?

Sorrindo, ele ergueu a mão, que ela continuava segurando.

– Tem razão – respondeu ele, beijando a mão de Lexie. – Então, vamos mesmo fazer isso?

Lexie assentiu.

– Espero que sim.

Ele franziu a testa.

– Temos que conversar com Noah.

– Vou buscá-lo – disse ela, baixinho. – Vamos contar tudo para ele. – Ela se debruçou sobre Riley, com aquele perfume floral e tudo mais que ele tanto queria. – Eu nunca deveria ter mantido vocês dois separados e lamento muito o que fiz... Então, deixe eu resolver essa história. – Riley ficou calado. – Ver você aqui me fez perceber o que eu poderia ter perdido, e não estou disposta a esperar nem mais um minuto para ficar com os dois homens que mais amo no mundo.

Riley pigarreou.

– Vá buscá-lo.

Riley ficou sozinho por uns cinco minutos até ouvir o riso inconfundível de Noah pelo corredor do hospital.

– Riley! – exclamou ele, quando Lexie abriu a porta.

– Oi, cara. Como você vai?

Apesar de ele lutar para se desvencilhar, Lexie continuou a segurá-lo.

– Não esqueça – disse ela, com firmeza, embora a expressão do seu rosto fosse branda. – Riley está machucado. Então temos que tomar cuidado, ok?

– Ok – disse Noah, mas nem por isso deixou de chegar mais perto de Riley. Mas fez direitinho, exatamente como a mãe havia ensinado: ele se deitou ao lado do pai, deu-lhe um abraço com todo o cuidado e passou os dedos pela sua barba. – Você já vai voltar para casa?

– Ainda não – respondeu Riley. – Mas não vai demorar muito, espero. Estava com muita saudade de você. – Com a ponta do nariz, fez um carinho na bochecha do filho. Ele tinha o mesmo cheiro de Lexie, o que era perfeito. – O que andou fazendo nesses dias aqui em Nova York?

– A gente fez panqueca, mamãe e eu. E vovó me levou para nadar. Adivinha o que eu fiz? Um desenho para você.

Noah ergueu a mão, e Lexie lhe estendeu um papel todo colorido, cheio de bonequinhos.

– Que lindo, Noah! O que é?

– A gente. Lá em Long Lake. Olha. Eu, você e a mamãe.

– Adorei – disse Riley, sentindo de repente um nó na garganta.

Meu Deus! Como era bom ter o filho nos braços!

Lexie olhou para Noah, que estava mexendo na gaze de Riley.

– Me diz uma coisa, filho – perguntou ela, em voz baixa. – Você gosta de ficar com Riley?

O menino chegou mais perto e respondeu, também baixinho:

– Gosto. Ele é o mais legal. Posso dormir aqui com você hoje?

– Hoje, não, cara. Mas, quando eu voltar para casa, você pode dormir lá.

– E se eu ficar bonzinho, a gente pode tomar sorvete?

Riley riu.

– Quando eu sair daqui, a gente pode tomar o maior sorvete de chocolate do mundo. – Ele envolveu o filho com um dos braços e viu o menino se aconchegar ao seu lado. – Que tal? – sussurrou ele, beijando a testa de Noah.

Lexie estava na cadeira em que Park tinha se sentado menos de dez minutos antes.

O menino olhou para Lexie.

– Riley – disse Noah –, a gente está igualzinho àquele dia em que você dormiu na cama da mamãe.

Riley e Lexie riram.

– Verdade – concordou ele. – Posso contar um segredo?

Noah fez que sim com a cabeça, com os olhos apertadinhos por causa do sorriso no rosto.

– A mamãe rouba a coberta – continuou Riley. – Dormir com você vai ser muito melhor.

Noah suspirou. As mãozinhas apareceram em cima das cobertas, e ele as entendeu na direção de Riley.

– Posso contar um segredo?

Riley o puxou para mais perto.

– Pode me contar o que quiser, Noah. Qualquer coisa mesmo.

O menino enfiou o nariz na curva do pescoço de Riley e se aconchegou ao seu lado.

– Amo você.

O corpo de Riley ficou paralisado por um instante maravilhoso, até enfim deixar surgir a emoção que ele vinha segurando. Apertou o filho contra o peito e permitiu que as lágrimas rolassem pelo cabelo do menino.

– Amo você também, Noah. Amo você também.

Os olhos de Riley e de Lexie se encontraram.

– Ei, o que você acha de Riley vir morar com a gente, Noah?

O menino ergueu a cabeça, com os olhos bem arregalados.

– Na nossa casa?

Lexie assentiu.

– Na nossa casa.

O olhar de Noah passou da mãe a Riley e voltou para a mãe. Aparentemente, ele estava refletindo sobre o assunto. Riley ficou ali, imóvel, ainda sob o impacto da confissão do filho.

– Se você for morar com a gente – sussurrou Noah, protegendo a boca com a mão, como se estivesse contando um segredo –, você pode ser o meu papai?

Riley exalou com força. Lexie sorria em meio às lágrimas que inundavam seus olhos azuis.

– Noah – começou ele –, eu *sou* seu papai.

A boquinha do menino se abriu de espanto.

– E você pode ser meu papai para sempre?

– Para sempre, cara – respondeu Riley. – Para sempre.

Noah deu um abraço bem apertado no pai e, apesar da dor que sentia nos braços e nas pernas, Riley riu e o abraçou também, soprando e fazendo barulho no seu pescoço, levando o garoto a rir e a gritar.

Ao fazer isso, Riley voltou os olhos para Lexie. Cada pedacinho do seu corpo e da sua alma sabia que ele ia adorar todos os momentos que tinha pela frente; Riley sabia que nunca na vida havia amado tanto alguém como amava aquelas duas pessoas.

Os dois eram tudo para ele. Dois pedaços do seu coração. Eles eram o seu mundo.

O mundo inteirinho.

EPÍLOGO

Riley caminhava às margens do Lake Long, sentindo o sol bater nos seus braços e no seu rosto e a água respingar nos pés descalços. O cheiro do lago estava presente em cada uma das respirações, e o calor o envolvia como um casaco gostoso.

Parou um pouco, fechando os olhos e se permitindo absorver aquilo tudo: o sol de verão, o barulhinho da água e os pássaros que voavam no céu.

E, então, o som tão familiar de risos. Riley sorriu.

O riso era a sua parte favorita. Podia muito bem ser o som de que mais gostava no mundo. O som era trazido pela brisa morna e encontrava os seus ouvidos como um velho amigo. Mesmo que preferisse não parecer sentimental demais, Riley sentia um frio na barriga toda vez que ouvia aquilo. Sempre tinha sido assim. E ele gostava disso. Era algo que dava a Riley a certeza de que as pessoas ao seu redor estavam felizes. E nada era mais importante para ele.

Abriu os olhos, encarando a margem do lago, e sentiu seu coração pular de alegria ao ver Noah correndo – na verdade, tropeçando – na água e rindo ao vê-la envolver os seus pezinhos. Riley observava, encantado. *Meu Deus!* Ele era simplesmente a coisa mais maravilhosa que já tinha visto na vida...

Noah espirrava água para todo lado e ria, e o riso ecoava na superfície do lago de um jeito lindo. Como sempre acontecia, Riley captou o som do filho pelos ouvidos e o guardou num local que poderia visitar no futuro, quando Noah já estivesse grande demais para aquelas brincadeiras ou para brincar de cavalinho nos seus ombros. Riu quando o menino tropeçou novamente. Ele era tão desajeitado... Enquanto pulava e dava chutes na água, o cabelo do menino exibia reflexos brancos e dourados sob a luz do sol.

Ao ouvir o riso de Riley, Noah levantou a cabeça, e o sorriso que surgiu naquele rostinho quase o derrubou. Com uma piscadela, Riley abriu bem os braços e o menino saiu correndo na direção dele, tão rápido quanto permitiam as perninhas de alguém com 6 anos. Ainda tropeçou uma ou duas vezes antes de chegar onde o pai estava, e, quando chegou, Riley o ergueu no ar, lançando-o para cima e pegando-o de volta enquanto o menino soltava gritinhos de prazer.

Noah segurou o rosto do pai com as mãozinhas e apertou as suas bochechas.

– Papai...

Riley sorriu, todo bobo.

Ele deu um beijo na bochecha do filho, soprando com força para produzir aquele barulho que sempre fazia o menino rir e tentar se esquivar. Riley o segurou firme para que ele não caísse. Na verdade, o segurou firme porque adorava senti-lo tão quentinho e tão perfeito nos braços. Porque queria que Noah soubesse que, com ele, estaria sempre em segurança, e que ele o amava mais do que era possível

imaginar. Riley fazia questão de dizer isso ao filho todos os dias, e dizer também que seu amor por ele nunca mudaria.

O mundo inteirinho.

Como qualquer pai digno desse título, Riley sabia que daria a vida pelo filho sem pensar duas vezes. Ele o amava com cada fibra da sua alma. Virar “papai” tinha sido fácil: ele não teve a menor dificuldade em assumir esse papel.

Com Noah nos braços, Riley foi entrando na água. Todo domingo era a mesma coisa, e Riley adorava aqueles momentos: ficar com a família, fazer mil bobagens e criar recordações era tudo o que ele sempre quis. Desde que voltara a morar em Traverse City, cerca de dois anos antes, as coisas pareciam melhorar a cada dia. Às vezes, os três viajavam para Nova York para visitar os amigos de Riley, pois, claro, o rapaz sentia saudade deles. Mas o coração dele pertencia a Michigan, onde vivia sua família.

– O vovô já está chegando? – perguntou o menino brincando com a barba de Riley.

– Só mais tarde – respondeu ele, pondo a mão na nuca do filho. – Vovô e vovó vão jantar com a gente.

Dizer que os seus pais iriam se encontrar com eles para jantar era algo que Riley nunca achou que fosse acontecer. Não foi nada fácil, mas Riley tinha suado a camisa para garantir que a Moore’s Motors funcionasse como um motor bem lubrificado. Dezoito meses antes, Riley tinha se tornado oficialmente o proprietário da empresa, e estava adorando cada segundo do trabalho. A cada venda, a cada ocasião em que Riley demonstrava sua competência, Park ia se aproximando mais dele. Agora, era possível dizer com toda a confiança que pai e filho tinham uma relação sólida e que as últimas feridas que existiam entre os dois já haviam sarado. Era fantástico voltar a comemorar o Natal e os aniversários em família, principalmente agora que Riley tinha descoberto que essas festas eram muito mais divertidas quando havia uma criança por perto. Ele tinha até certa tendência a exagerar com as decorações, mas, graças a Deus, Lexie deixava o garotinho que existia dentro de Riley curtir essa coisa de pendurar meias e guirlandas na lareira.

Riley deu um beijo na cabeça do filho e riu.

Na verdade, aquela história era bem maluca... Se alguém tivesse dito a Riley, três anos antes, que a sua vida ia tomar esse rumo, ele teria rido na cara da pessoa. Suspirou quando o dedo de Noah percorreu o traçado da tatuagem que tinha no ombro. Era um hábito que o menino tinha criado, repetindo sempre quando estava mais cansado. Praticamente toda noite, o garotinho pegava no sono no colo do pai, passando um dedo pela sua barba e, com outro, acompanhando as curvas das tatuagens que ele tinha no corpo. Esses momentos eram os melhores...

Os mais preciosos de todos, para Riley.

Noah ergueu a cabeça e olhou para o banco de que estavam se aproximando.

– Posso tomar mais sorvete?

Riley fez um instante de silêncio.

– Espere aí! Você já tomou sorvete? Sem mim?

O garoto fez que não com a cabeça.

– Foi a mamãe que tomou. Ela me deu um pouco.

Ele mostrou as mãos sujas de chocolate, como prova do que dizia.

– A mamãe tomou sorvete, é? – Riley riu. – Não duvido nada. Ela anda gostando muito de sorvete ultimamente, não é mesmo?

– Quem anda gostando de sorvete?

Os olhos de Riley se desviaram de Noah e se voltaram para Lexie, que estava sentada no seu banco favorito, com um pote de sorvete em uma das mãos e uma colher na outra. Com aquele vestido comprido branco, sem alças, quase transparente de tão fino, ela estava mais linda do que nunca. O verão estava sendo bem quente em Traverse City.

– Você – disse Riley, sorrindo e pondo Noah no chão ao lado dela.

– Estavam falando de mim, é? – perguntou ela, se dirigindo ao filho num tom carinhoso de reclamação.

O menino riu, dando de ombros. Lexie fez cócegas em Noah, e ele riu ainda mais. Olhando para os dois, Riley sentiu um aperto familiar no coração.

Meu Deus! Ainda era duro lembrar que poderia ter perdido tudo aquilo...

Tentava não pensar muito no passado, mas de vez em quando as lembranças lhe vinham à mente. Riley podia passar o resto da vida agradecendo a toda e qualquer divindade que fosse capaz de imaginar, além de prometer que sempre faria por merecer o que tinha conseguido.

Depois de roubar duas colheradas caprichadas do sorvete de Lexie, Noah voltou correndo para a água. Riley se sentou ao lado dela. Passou um dos braços pelos ombros da mulher e pôs a outra mão sobre a sua barriga, lindamente redonda. Era uma sensação fantástica saber que havia uma nova vida crescendo ali dentro... Uma nova vida, e dessa vez Riley ia acompanhar cada passo. Descobrir que Noah existia tinha sido uma experiência incrível, embora também assustadora, mas, agora, Riley se sentia mais preparado. Estava se saindo muito bem brincando de papai. E, sinceramente, adorava cada minuto desse papel.

Claro que ajudava muito o fato de Lexie ser uma parceira, uma amiga e uma mãe maravilhosas. Riley fez um carinho na barriga crescida e Lexie murmurou, com o rosto enfiado no seu pescoço. Ele sorriu ao olhar a própria mão com o nome “Noah” tatuado no pulso.

– Está tudo bem? – perguntou Riley, quando viu Lexie passar a mão na barriga e estremecer.

– Estou ótima – respondeu ela, beijando o queixo dele. – É só o bebê apertando a minha bexiga.

– É mesmo?

Lexie fez que sim com a cabeça, e Riley aproveitou a oportunidade para lhe dar um beijo intenso.

E foi exatamente como da primeira vez: fogos de artifício, calor e esplendor.

Ele se afastou um pouco, a fim de olhar para ela.

– Você é linda!

– Você também é lindo.

Ela sorriu e estendeu uma colher cheia de sorvete, que ele enfiou na boca.

– Nossa, você conseguiu misturar todos os sabores da sorveteria aqui ou ficou faltando algum?

Ela cutucou as costelas dele.

– Deixa de ser bobo! Eu gosto assim. E a sua filha também.

Riley riu e beijou o cabelo de Lexie. Puxou-a para mais perto e se recostou no banco, olhando para a água, onde o filho deles pulava, cantava e ria sob o sol quente.

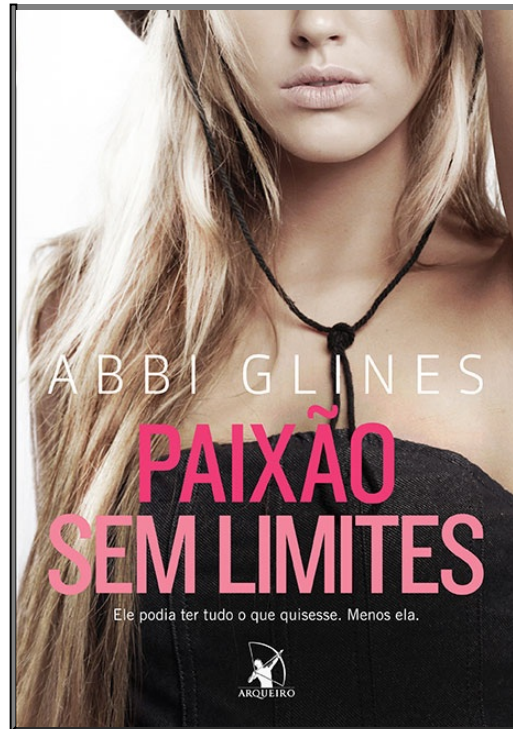
AGRADECIMENTOS

Este livro foi uma viagem! E nada disso teria sido possível sem uma equipe incrível para me apoiar. Micki e Louise e a Simon & Schuster, além de Kate e Jo, da Headline Eternal: tenho uma dívida eterna com vocês. Obrigada por todo o trabalho e toda a paciência que tiveram.

Agradeço especialmente a Lorella, a agente mais fantástica que alguém poderia desejar. Obrigada pela compreensão, pelo estímulo e pela confiança que deposita em mim e nas minhas palavras. Graças a você, não sou apenas uma escritora melhor, mas uma pessoa melhor. Pronta para a próxima aventura!

Agradeço à minha família – amo vocês –, aos meus amigos – o apoio de vocês é incrível – e a todos que algum dia resolveram ler um dos meus livros. Isso é o mundo inteirinho para mim.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA ARQUEIRO



Paixão sem limites
Abbi Glines

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postíça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil

exemplares como publicação independente – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



Estranha perfeição
Abbi Glines

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Nesse cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despreziosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

SOBRE A AUTORA

SOPHIE JACKSON é uma professora do noroeste da Inglaterra que adora ler e assistir a filmes, além de ser assumidamente fã de quadrinhos. Ela gosta de se exercitar, mas só porque adora comer e beber vinho. A série Desejo Proibido já foi vendida para diversos países, como Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Itália e Turquia.

www.sophiejacksonauthor.com

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)